

QUEÇA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIGÃO



Gr. Pl.  
M. L. L.

bell

ASTARAS

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

---

# AS FARPAS

---

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

---

NOVA SÉRIE

---

TOMO II

---

Janeiro — 1876

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

---

1876

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

## SUMARIO

A abertura das camaras e o *Systema que felizmente nos rege*. O sr. conselheiro Arrobas considerado como theoria politica. O discurso da corôa. Lincoln, o general Grant e El-rei. A bengala do dr. Thomaz de Carvalho. Projectos de discursos. — *Carta de guia de João Fernandes nos usos e costumes das altas condições sociaes*. Plano d'este guia: Dedicatoria. A casa de João Fernandes. O horario de João Fernandes. As suas ideias. Os seus ditos. As suas maneiras. A mulher de João Fernandes. A lei da *toilette*. As rendas, a physionomia a vaidade e sua hygiene. A dignidade senhoril e as celebidades de rua. A popularidade ao alcance de João Fernandes. Os meios de corrupção de que elle dispõe. O marquez de Sá da Bandeira. — O barão do Rio Zereze. — A princeza Rattazzi.

Se o publico n'este momento não tem mais nada que fazer — e se tem que o diga! — chamamos a sua attenção e o seu microscopio para

a infinita pequenez d'esta engraçada coisinha:  
 — *O systema que felizmente nos rege.*

\*

O publico imagina talvez que é governado por um rei constitucional com um ministerio e duas camaras, segundo as decisões da maioria do parlamento eleito pelo povo. O publico está perfeitamente enganado.

O que effectivamente ha com relação ao governo é o seguinte :

Como os partidos militantes, que aspiram ao poder ou que o exercem, são tres em cada legislatura, os votos da camara acham-se por tal modo fraccionados, que nenhum dos referidos partidos póde ter jámais a maioria absoluta.

Como por outro lado esses tres partidos teem todos os mesmos principios e as mesmas ideias, nasce naturalmente em cada sessão legislativa um quarto partido que desempata a questão pessoal de se saber qual dos tres partidos em lucta deve trazer atraz de si os srs. correios de secretaria com as respectivas pastas.

Um cavalheiro, tendo á sua disposição quinze votos conformes, decide da direcção que deve to-

mar em cada manhã o trote dos ginetes dos srs. correios.

Os vinte votos eclecticos, fluctuantes, de que esse cavalheiro dispõe, postos já para a direita, já para a esquerda da camara, determinam a sorte dos ministerios e das opposições e decidem em derradeira instancia dos destinos publicos.

\*

Façam ideia que o chefe do partido desempatante é na camara dos deputados o sr. conselheiro Arrobas.

Supponham a camara constituida, com o seu presidente e os seus secretarios; o ministerio de frente; os tres partidos militantes collocados nos seus logares, com a palavra pedida, as cabeças cheias de opposição e de caspa, o olho avido, a mão ganchosa levantada para o poder, o copo d'agua ao lado.

Em tal camara o governo — qualquer que elle seja — está em crise. É preciso que o quarto partido desempate.

Então uma porta abre-se e o sr. conselheiro Arrobas apparece. Anciedade geral! commoção profunda! Uma palavra, um gesto, um sorriso de s. ex.<sup>a</sup> vae decidir a situação. S. ex.<sup>a</sup>

adeanta-se imprescrutavel e solemne; as suas botas rangem, a camara palpita. Cada um dos tres partidos procura captivar, seduzir, chamar a si o grande homem que passa. Sorriem-lhe, piscam-lhe o olho, accenam-lhe, mostram-se-lhe pastilhas, abrem-se-lhe as caixas do rapé. Elle, imperturbavel, prosegue até ás cadeiras do partido governamental. A opposição conserva porém uma derradeira esperança: que elle se não sente, que elle reconsidere, que elle volte! S. ex.<sup>a</sup> então pára. S. ex.<sup>a</sup> pousa o chapéu. — Ó ceus! se irá sentar-se! se não irá sentar-se! — A parte posterior do corpo de s. ex.<sup>a</sup> parece fazer um movimento descendente. S. ex.<sup>a</sup> apartou as abas da sua sobrecasaca mettendo uma debaixo de cada braço... O corpo de s. ex.<sup>a</sup> parece obdecer á acção do grande peso de seu appellido que repentinamente lhe descesse pela columna vertebral desde a nuca até o osso sacro! Evidentemente s. ex.<sup>a</sup> não póde com esse peso! s. ex.<sup>a</sup> agacha-se! os joelhos de s. ex.<sup>a</sup> dobram! as suas calças estesilham e sobem! os canos das botas de s. ex.<sup>a</sup> começam a apparecer, e são côr de café! Finalmente o sr. conselheiro está sentado. O sr. conselheiro sentou-se ao lado do governo. A situação está salva.

Se s. ex.<sup>a</sup> se houvesse sentado do lado oposto, o ministerio erguer-se-hia dos seus logares e iria ao paço levar a sua demissão a el-rei, em quanto o sr. Arrobas apontaria, com o seu dedo soberano, com o seu fura-bolos magestático, as pessoas por s. ex.<sup>a</sup> destinadas a formar o novo gabinete.

\*

De modo que o *systema que felizmente nos rege* não é em resumo outra coisa mais do que o sr. conselheiro Arrobas. A corôa é o sr. conselheiro Arrobas. A carta é o sr. conselheiro Arrobas. O parlamento é o sr. conselheiro Arrobas.

\*

O discurso da corôa ultimamente proferido por el-rei no dia da abertura das camaras e publicado em seguida no *Diario do Governo*, se fosse a legitima expressão do estado das instituições politicas em Portugal o que logicamente deveria conter era o seguinte :

\*

«Digno conselheiro e sr. Arrobas da nação portugueza! Com o mais inefavel jubilo me acho ainda uma vez no vosso seio ao qual



espero que continuareis, como até aqui, a amamentar os santos e tenros principios da ordem e do progresso.

«Ponho nas vossas mãos, digno conselheiro e sr. Arrobas da nação portugueza, a noticia das occorencias mais importantes que se deram emquanto vós abandonastes a publica governação para irdes para Cascaes tomar os vossos banhos de mar.

«Continuam inalteraveis as nossas relações de amizade com as potencias estrangeiras.

«Dei uma commenda ao sultão de Zanzibar e emprestei uma das minhas tipoias ao presidente da republica de Transwal. O sultão accitou a commenda. O presidente não quiz a tipoia e preferiu ao meu real gado as pilecas do cocheiro João Russo, pela razão de que a minha parrelha, destinada a captivar o eterno reconhecimento da Africa Austral, tinha um aguamento que lhe não permittia percorrer as ruas de Lisboa senão levada n'uma padiola. O referido presidente celebrou com o meu ministro dos negocios estrangeiros um tratado de que resultarão enormes vantagens para a provincia de Moçambique, pondo por unica condição que eu lhe não offercesse mais tipoias da minha

real casa, e o cumulasse com a fineza especialissima de o deixar andar pelo meu reino em trens de praça ou simplesmente pelo seu pé. Assim lh'o concedi, com bola de mão, já se vê, para que os effeitos d'esta minha regia munificencia assegurem de uma vez para sempre a prosperidade de Moçambique.

«O meu letigio com a rainha de Inglaterra ácerca da posse de alguns territorios da bahia de Lourenço Marques foi resolvido pela arbitragem do marechal Mac-Mahon de um modo tão favoravel para mim que me parece assaz conveniente que sobre este ponto o digno conselheiro e sr. Arrobas da nação portugueza se permita uma ligeira manifestação de jubilo, discretamente produzida, de sorte que lisongeie o juiz e sendo possivel lisongeie tambem a parte contraria, porque o digno conselheiro e sr. Arrobas da nação portugueza deve comprehender que é bom estar de bem — como lá diz o outro — até com o carrasco !

«Apraz-me summamente annunciar-vos que 50 kilometros de Caminho de ferro do Minho foram abertos á circulação. Estes 50 kilometros estavam votados ha oito annos, o que quer dizer que durante esse tempo temos feito: por

anno 6 kilometros e meio, por dia 17 metros e 45 centimetros, por hora 76 centimetros de caminho de ferro do Minho. Cabe-me considerar que este enorme trabalho do paiz inteiro poderia uma unica familia de operarios desembaraçados tel-o feito com uma perna ás costas no mesmo espaço de tempo. Não posso deixar de considerar tambem que se o anno findo houvesse sido bissexto, como este em que entramos, o paiz poderia hoje contar mais 18 metros de viação accelerada. Não approve porém á divina providencia que assim succedesse! o anno decorrido, digno conselheiro e sr. Arrobas da nação portugueza, não foi bissexto.

«A viação publica deu pretexto para alegres viagens e bons comes-e-bebes, nos quaes não tonei parte, porque, á similhança do rei Bobeche, esse immortal symbolo das monarchias modernas, todos me accusam do que se gasta, e ninguem me convida para o que se come. Seja pelas almas do purgatorio!

«A reforma administrativa, a da instrucção primaria, a do codigo do processo civil continuam no estado de projecto.

«E n'esse estado tão interessante quanto offensivo espero que continuem a licar, graças ao

summo zelo, infatigavel actividade e inexcedivel prudencia de que tão exuberantes e reiteradas provas me haveis dado.

«Espero, digno conselheiro e sr. Arrobos da nação portugueza, que a todos estes assumptos, de tão vital importancia, deis todo o peso que o vosso apellido comportar e bem assim que lhes presteis a esclarecida attenção que todos devemos esperar do character tão sisudo que nos apresentam as vossas notaveis botas de canos côr de café.

«Está aberto o sr. conselheiro Arrobos.»

\*

A resposta da camara ao discurso da corôa, deveria ser a seguinte :

Senhor !

É com uma satisfação illimitada que a camara constata que vossa magestade, fiel ás praxes constitucionaes, á carta fundamental da monarchia e ao respectivo acto addicional, continua a ser habitado pelo sr. conselheiro Arrobos.

«Fallou Vossa Magestade e da sua augusta bocca sahiu para o seio da representação nacional o sr. conselheiro Arrobos.

«A representação nacional tem a honra de

introduzir outra vez em Vossa Magestade o referido sr. conselheiro, a cujo appellido esta camara vae metter patrioticamente os hombros, procurando com unhas e dentes eleva-lo á maior altura a que pódem aspirar as forças do progresso.

«Deus guarde e conserve por longos e felizes annos o precioso sr. conselheiro Arrobas de vossa magestade, como todos havemos mister.»

\*

Uma coisa que não comprehendemos é o acinte de todos os srs. ministros portuguezes em não porem nunca senão a banalidade na bocca de el-rei. Sempre que os srs. ministros fazem fallar o chefe do Estado, sua magestade expressa-se como José Prudhomme. A prerogativa da corôa que suas excellencias os ministros mais se empenham em manter é a que assegura ao monarcha a soberania rhetorica da bagatella, a pompa palavrosa da insignificancia, a emphase da nullidade.

Ha pouco tempo ainda, por occasião da viagem de suas magestades ás provincias, vimos os innumeraveis discursos trocados entre el-rei e as differentes municipalidades que o receberam

em solemnidade. Proferiram-se discursos que encheriam volumes e em toda essa massa enorme de prosa official não ha a revelação de um só principio, de uma unica opinião sensata e util, de character pratico.

Sua magestade el-rei é, de cada vez que discursa, a pessoa encarregada pelos seus ministros de levantar do chão a velha banalidade nacional que percorre ha trinta annos a lama da publicidade aos pontapés de todos que passam, de lavar essa banalidade, de a enxugar, de a lustrar e de a expor ao publico.

\*

Pedimos licença para intercalar aqui, como digressão explicativa da natureza d'este facto oratorio, a historia profundamente philosophica da mais notavel das bengalas do nosso querido amigo o doutor Thomaz de Carvalho.

Esta bengala era de junco pintado de amarello, grossa como um dedo polegar, tendo em uma das extremidades uma virola de cobre, e na outra um castão em forma de martello, de osso de boi, polido, tendo ao pé do junco um anel toscamente lavrado no mesmo osso. Presume-se que esta bengala houvesse sido fabricada,

a titulo de ensaio, por um aprendiz de torneiro da rua do Arsenal e que houvesse custado a quantia de um cruzado no momento da sua obscura entrada na circulação publica. Havia-lhe passado por cima a roda de uma carruagem que macerára e desfibrára o junco dando-lhe o aspecto de uma roca.

A singular propriedade occulta d'esta bengala, a que constituia o seu excepcional merecimento, é que ella era insusceptivel de extraviar-se. Nenhum dos successivos donos por cujas mãos ella passára conseguira nunca perdê-la! Fora em attenção a esta qualidade inapreciavel que o illustre medico Magalhães Coutinho a offerecera um dia, como um testemunho e um symbolo da eternidade da sua estima, ao seu collega e amigo Thomaz de Carvalho.

Para experimentar a bengala, dadiua do seu amigo, o erudito professor fez os mais reiterados esforços para a perder: abandonava-a pelas mais desertas escuridões, como a mãe desnaturada abandona o filho revelador do seu crime; deixava-a subrepticamente pelos cantos mais escusos, nas escadas dos doentes, na sala de espera da Academia, no atrio da Escola de Medicina, no Gremio, á entrada de S. Carlos. No

dia seguinte, um porteiro, um continuo, um criado restituia infallivelmente o objecto abandonado. — A bengala de v. ex.<sup>a</sup>, senhor conselheiro! — O seu junco, ex.<sup>mo</sup> senhor! — Senhor doutor, a roca de v. ex.<sup>a</sup>!

Um dia, regressando de carruagem, de uma conferencia medica fóra de Lisboa, o doutor Thomaz de Carvalho achou-se finalmente sem a bengala; tinha-a verdadeiramente perdido d'essa vez; elle mesmo não sabia onde a deixára ficar. Decorreram dois dias e ninguem restituiu a bengala. O nosso amigo respirou com uma certa independencia feliz, como é proprio do imperfeito coração humano nos primeiros momentos em que elle sente desatada uma intimidade qualquer, por doce que seja, quando a consideravamos indissolúvel e forçada.

Tres ou quatro dias depois, Thomaz de Carvalho, que a esse tempo exercia ainda a clinica, descia em carruagem descoberta para a baixa de Campolide. De repente, n'uma volta de estrada, ergue casualmente os olhos do jornal que ia lendo, e entrevê um objecto que jazia sobre o macadam; manda parar, apeia-se, adeanta-se, nervoso, sobresaltado, com duvida, com esperanza, quasi com medo; aproxima-se, consi-



dera de perto esse objecto, e reconhece a bengala que lhe fôra dada por Magalhães Coutinho.

\*

Ha idéas que são exactamente como a bengala symbolica do nosso amigo. Não que ellas sejam falsas, subversivas, perigosas. Succede-lhes apenas terem exactamente a historia d'aquella bengala: Custaram barato, têm tido um numero indefinido de possuidores, jazeram por horas e dias esquecidos na lama das ruas e das estradas, passaram-lhe por cima as rodas dos trens, as patas dos cavallo, os pés dos caminheiros, estiveram abandonadas ás portas dos theatros, dos gremios, dos clubs, dos estabelecimentos publicos, nos portaes dos predios e nos patamares das escadas particulares. E o seu eterno destino é não se perderem nunca inteiramente, não desaparecerem, não se sumirem de todo. Ha sempre alguem que em cada manhã restitue essas idéas aos individuos que as hão de possuir n'esse dia. Os sujeitos que governam nunca querem em politica outras idéas senão estas para seu uso.

Ninguem lh'as discute, ninguem lh'as contesta, ninguem mesmo lh'as analysa. Ter essas idéas e não ter mais nenhuma é ter achado o

segredo da mais imperturbavel paz e da mais inaccessible serenidade a que póde aspirar a intelligencia.

A idéa governativa passa successivamente das mãos do sr. Fontes para as do sr. Marquez do Avila, para as do sr. Bispo de Vizeu, para as do sr. Anselmo Braamecamp.

Ahi tens a Idéa, diz cada um dos governos que sae a cada um dos governos que entra; custou um cruzado, torneou-a um aprendiz, calcaram-a tres gerações, enlamearam-a, sujaram-a, moeram-a, desfibraram-a, está n'isto que se vê! Não te encostes a ella, não te seguraria, porque está rachada no meio como uma roca. Mas, como roca, nota que tambem não fia porque lhe falta dentro uma rodela de cortiça que a arme. Finalmente não presta para nada a Idéa governativa. Mas tem este relevante privilegio; que ninguem a perde, que ninguem a póde perder. Perde-a tu, se és capaz! Ahi a tens pois: faço-te presente d'ella como um symbolo da nossa fidelidade eterna aos poderes constituidos, á monarchia, á carta e á familia real. Quando deixares de ser governo dá-a ao governo que fôr depois de ti. Se ella te cahir deixa-a cahir, que ella por si mesma te reap-

parecerá. Porque ninguem mais a quer n'este mundo senão nós outros governo. Esteve tres dias com tres noites estendida ao comprido no meio da estrada, em Campolide, e ninguem lhe pegou!

\*

É essa idéa que os ministros emprestam a el-rei para elle se apresentar em publico sempre que tem de fallar aos povos.

Perante a carta e perante as instituições nada mais commodo, nada mais inoffensivo, nada mais prudente, nada mais pacifico! Perante o espirito e perante a intelligencia nada porém mais desgraçado! nada mais lastimoso!

\*

De sorte que da leitura de todos os discursos da corôa proferidos nos ultimos trinta annos suscita-se naturalmente esta idéa philantropica: abrir uma subscripção nacional para dar uma idéa nova a el-rei.

\*

Por occasião de uma festa inaugural effectuada nos Estados-Unidos, o presidente Lincoln encarregado de celebrar a inauguração, informou-se do que lhe cumpria fazer como chefe

do Estado na assembléa reunida para tal solem-  
nidade. Tratava-se de içar uma bandeira ao alto  
de um mastro e de proferir um discurso. Lin-  
coln disse :

«Meus senhores! O acto a que vou proceder  
dá-me a justa imagem do que vós sois e do que  
eu sou. Eu não entrancei esta corda, não aplai-  
nei este mastro, não teçi esta bandeira. Esse  
trabalho fel-o o povo. Eu sou o braço obscuro  
que o povo escolheu para pôr em jogo, segundo  
o seu designio e segundo as suas ordens, os di-  
versos elementos da sua intelligencia e da sua  
actividade. Agradeço-vos, meus senhores, o  
permittirdes á minha humildade esta occasião  
de vos saudar com a veneração e com o respeito  
que se vos devem.»

Seria talvez uma idéa o propôr a el-rei para  
a inauguração das sessões legislativas este mo-  
delo americano, segundo o qual sua magestade  
teria que dizer aos representantes da nação :

«Meus senhores! Chamastes-me para vos içar  
uma bandeira. Mas não tendes mastro, nem ten-  
des corda, nem tendes bandeira. Para que sou eu  
o braço escolhido, se vós não sois a actividade em-  
pregada? Não vos devo nem veneração nem res-  
peito. Adeus, mandriões!»



Quando o presidente Grant fez a sua ultima viagem nos Estados, em todas as povoações percorridas pelo chefe do poder se trocaram discursos com profusão pasmosa. O presidente porém havia previamente feito estudar em todas as estações competentes as questões que mais interessavam cada uma das localidades que elle ia percorrer. Haviam-se tomado as notas mais minuciosas, o presidente ia acompanhado dos homens mais versados nos pontos de administração, de commercio, d'arte ou de industria que importava esclarecer, de tal modo que os discursos proferidos por Grant eram a noticia do grau de solução em que se achava cada um dos problemas affectos ao governo. O chefe do Estado em nome das intelligencias mais altas e mais brilhantes do mundo explicava paternalmente ás povoações mais pequenas e mais humildes: *Plantae* assim, *cultivae* d'esta maneira, *adoptae* tal semente, *exgotae* tal pantano por este systema... *Desbatae* tal floresta por um lado e *acrescentae-a* por outro segundo esta planta... D'aqui para vós outros as seguintes vantagens... etc.

Este seria talvez um modelo adoptavel para os

discursos de sua magestade em viagem pelo seu reino.

No principio esta profunda reforma das praxes consagradas não deixaria de produzir nos espiritos uma grande estranheza.

Imagine-se o momento solenne da chegada de sua magestade a um conselho rural. A municipalidade, burlesca nos seus trajés de gala como um coro de opera comica, adeanta-se com as suas casacas antidiluvianas e com os seus chapéus prehistoricos. O presidente da camara, pedindo venia, começa naturalmente por dizer :

«Senhor ! Cabe a esta camara municipal a subida honra de vir depositar nos degraus do throno de vossa magestade, tão illustre pelas proezas dos antepassados de vossa magestade, como pelas façanhas de vossa magestade mesmo, as chaves d'esta heroica villa...»

Quando os povos boquiabertos imaginam que o presidente da camara endoideceu de repente ao ouvirem-o fallar no degrau do throno quando o rei está no meio do chão, e nas chaves da villa quando a villa não tem chaves nem portas nem muros, faria um saudavel effeito, em vez de sua magestade se mostrar tão mentecapto como o presidente da camara respondendo-lhe

pelos termos postos: «Recebo as chaves d'esta heroica villa cujas proezas não menos que as dos meus antepassados, etc.» — sua magestade dissesse simples e abruptamente:

«Meus senhores! Sei que vos deu o pulgão nas laranjeiras. O vosso agronomo do districto assim o communicou ao meu ministro das obras publicas, mandando-lhe um ramo de laranjeira com o pulgão respectivo. O meu ministro das obras publicas, ignorando o remedio que lhe competia dar a este mal, remetteu o pulgão ao meu ministro do reino; este encarregou a Academia das Sciencias de estudar esta questão por via dos seus ontomologistas e dos seus chimicos. Aqui vos trago n'este frasco o remedio para o pulgão. Ide tratar da vossa vida e das vossas laranjeiras. Adeus, meus senhores.»

Este novo systema de discursar teria grandes vantagens. Em primeiro logar satisfaria uma *necessidade local*, a extincção do pulgão. Depois ensinaria de um modo pratico, exemplificativo e claro, uma coisa que os povos em geral ignoram, isto é: para que serve um agronomo, para que serve um ministerio das obras publicas, para que serve um ministerio do reino e para que serve uma academia. E os povos co-

meçariam talvez a amar e a respeitar essas instituições consagradas á sua felicidade, instituições cuja missão phantastica não tem até agora apparecido aos povos senão envolta nas trevas mais augustas, mais mysteriosas e mais impenetraveis. Além d'isso, perante o discurso proferido, os povos começariam a vêr em el-rei, — em vez de um simples objecto de luxo e de rhetorica, inteiramente alheio aos seus destinos, aos seus interesses e ás suas aspirações, — um ente vivo, affectivo e dedicado. E na volta de sua magestade pela aldeia em que o alludido discurso se houvesse feito, é muito natural que os povos lhe dissessem as primeiras palavras sensatas e carinhosas que sua magestade tem ouvido :

«Senhor! Estamos profundamente obrigados e reconhecidos a vossa magestade, que nós em nosso coração consideramos superior a todos os soberanos que o teem precedido, porque os outros illustraram-se nas guerras derramando o nosso sangue, lançando as nossas mulheres na viuvez e os nossos filhos na orphandade, e vossa magestade prefere immortalisar-se modestamente na gratidão das nossas almas, trazendo-nos um obscuro beneficio: o remedio para o pulgão. Aqui tem vossa magestade um gigo das nossas



laranjas que lhe offerecemos para vossa magestade as comer alegremente, como um digno operario que as mereceu, em companhia da sua mulher e dos seus meninos, aos quaes nós mandamos todos os nossos beijos. Passe vossa magestade muito bem e acredite que assim como nós nos achamos com vossa magestade quando o pulgão nos deu no que era nosso, assim vossa magestade se ha de achar connosco quando o pulgão lhe der no que é seu. Cremos que vossa magestade comprehenderá o verso. E cá ficamos ás ordens.»

\*

Não esperamos porém que estas modestas indicações alcancem jámais a honra de penetrar o espirito publico d'estes reinos, isto é: o sr. conselheiro Arrobas e ilhas adjacentes!

---

Ha uma coisa que está sendo tão vulgar como ter sesões: é contrahir um titulo. Os mesmos condados, que ha pouco tempo ainda tinham um

caracter quasi exclusivamente hereditario, reben-tam hoje no corpo social com a frequencia dos unbeiros e das espinhas carnaes. Para o indivi-duo que se deitou simples João Fernandes e que de repente acordou visconde Fernandes ou conde João, a mudança de condição equivale á mu-dança de paiz. João Fernandes acha-se de um modo subito empenhado nas obrigações e nas responsabilidades do seu novo estado social ex-actamente como poderia achar-se, despejado de um balão, nas ruas de Pekim.

Ha n'esta conjunctura um serviço relevante que prestar a João Fernandes: é dar-lhe um guia. Convidamos a litteratura patria a produzir essa obra de uma importancia capital e de uma necessidade extrema.

Anciosos de sermos uteis a João Fernandes, á sociedade que o recebe, e ao paiz que o deita, temos a honra de offerecer ao escriptor que o quizer preencher o plano do livro urgentemente reclamado pelo paiz, pela sociedade e por João Fernandes.

\*

*Titulo da obra.*— Carta de guia de João Fer-nandes nos usos e nos costumes das altas condi-ções sociaes.

\*

*Dedicatoria.* — A João Fernandes, o que determinou ser grande e que o ha de ser, porque tem meios e manhas para isso, e, querendo trocar os tamancos da sua infancia pelas successivas corôas nobiliarias desde barão até duque, não pede senão que o guiem na maneira de usar as referidas corôas, — problema que o confunde, porque elle não pôde metter na cabeça essas corôas, e não pôde tambem mettel-as nos pés, como fazia outrora aos tamancos, de que se absteve. Para seu governo e satisfação de suas curiosidades, este livro.

\*

*Introducção.* — Demonstre-se a João Fernandes que o espirito de imitação é a primeira das faculdades nas naturezas subalternas como a sua. Que, destinado a viver de imitar os outros, elle deve prohibir-se absolutamente de inventar ou de produzir o que quer que seja, pondo todas as forças do seu ser unica e exclusivamente em procurar modelos bons e em imital-os bem.

Em abono dos triumphos a que pôde levar na sociedade o espirito de imitação convirá citar a

João Fernandes, afim de lhe inculcar confiança e persistencia no emprego dos seus recursos, o celebre romance de Thomaz Love Peacock, cujo heroe, sir Oran Hautton, era apenas um orangotango. Este orangotango, graças á sua grande aptidão imitativa, adquiriu as maneiras do grande mundo, entrou na melhor sociedade ingleza, foi baronet, foi membro do parlamento, admiraram-o os sportmen pela sua grande força e pela sua incomparavel destresa, veneraram-o os sabios pelo seu philosophico mutismo imperturbavel e profundo, amaram-o finalmente as mulheres, e amaram-o muito, porque, sobre a mais alta distincção das maneiras e sobre a mais correcta elegancia da *toilette*, elle tinha no mais subido grau as qualidades que mais promovem o amor: a coragem e a discrição.

Que João Fernandes tenha sempre os olhos fitos em sir Oran Hautton, o seu bello ideal, o seu perenne modelo! Se João Fernandes é homem, que o prove realisando pelo supremo efforço da sua intelligencia este phenomeno culminante do seu victorioso exito no mundo: ser macaco!

João Fernandes é ignorante, é mazorro, é grosseiro. Tem as mãos ordinarias, gordas, pa-

pudas, entumecidas de frieiras. Tem uma unha esmagada. Tem pés chatos e moles, — de pato. Tem um collete de pellucia. Prega o peito da camisa com um alfinete de brilhantes seguro por dentro ao pescoço com um barbante. Refocilla-se nas mesas redondas dos hotéis baratos. Janta de chinelas, cospe no chão, risca o papel do quarto com as cabeças dos phosphoros. Padece um vicio de pronuncia. A sua cabeça tem a fórma aguda, piramidal, dos imbecis e das pinhas. As suas pernas curtas grossas, elephantinas, de refegos adiposos, mettem para dentro nos joelhos e divergem nas articulações do artelho como as dos camelos. É a imagem viva do burlesco revelado pela pelintrice. As mulheres delicadas só consentiriam em apertar-lhe a mão com as pontas de uma tenaz. No portal das casas nobres os creados tratam-o por você, e nos salões de baile os convivas entregam-lhe os pires vasilos em que se serviram os gelados. Pois bem! se João Fernandes tem, com tudo isso, dez ou quinze contos de renda, cinja-se ás prescripções do seu guia e será o primeiro e o mais distincto gentleman do seu tempo.

\*

*Capitulo primeiro. — A casa de João Fernandes.*

Faça-se n'este capitulo comprehender a João Fernandes quanto o aspecto da sua casa póde contribuir para revelar a sua procedencia reles, a sua falta de educação e de gosto, a sua baixa natureza ordinaria, se elle não consagrar a este assumpto os cuidados mais minuciosos e aturados em seguir os altos modelos.

Uma vez conde, por exemplo, leve-se João Fernandes á convicção de que, não tendo nem podendo fingir a nobresa antiga, elle será ridiculo se não encher essa lacuna com todo o prestigio do luxo e da elegancia moderna.

Deem-se-lhe sobre este ponto alguns conselhos.

Inspire-se-lhe o odio figadal ás mobílias de mogno e aos assentos de palhinha, ás casas forradas de papeis doirados, aos creados brejeiros, aos quadros baratos, aos tapetes de baeta estampada, ao *papier-maché*, á porcelana ordinaria, aos candeeiros de petroleo, ás flores de papel, ás rendas de algodão, ás perolas falsas, ao champagne fingido, aos creados alugados, e finalmente : a todos os grandes luxos — de pequenos preços.

Articulem-se-lhe alguns preceitos :

a) As alcatifas de Gobelins, os tapetes persas,

os panos de raz, as armaduras do seculo xv, as chaminés e os armarios da Renascença, os azulejos arabes, os antigos marfins italianos, as pratas da epoca de Benvenuto, as louças antigo Sèvres, antigo Saxe e antigo Berlim, os vidros de Veneza e da Bohemia, os vasos de Pallissy, as faianças Luiz XIV, as sedas da India, as cachemiras da Persia são a base de todo o luxo serio na decoração das casas modernas.

b) Não se comprem quadros senão no basar de Goupil.

c) Toda a peça de mobilia, uma cadeira, um tamborete, um bufete, um armario, um contador, uma moldura, deve assignalar uma epoca historica e conservar o stylo da arte ornamental da epoca a que pertence.

d) Em todo o salão de baile, casa de jantar ou sala de musica em que se achem senhoras decotadas, os creados estão de calção curto, meias de seda e cabello empoadado.

e) Ha tres especies de illuminação interior das casas: os candieiros Carcel com globos côr de opala, as velas de cera para os candelabros de bronze o espramacete branco para os lustres de Veneza e da Bohemia, e o espramacete côr

de perola para os candelabros de Saxe e de antigo Berlim.

Ha ainda os bicos de gaz. Usam-se nas escadas, nas cosinhas, nas cavallariças e nas adegas.

f) Desde que se accende a primeira luz todo o creado de escada acima tira as suas polainas de panno ou de pelle de gamo e fica de meias de seda e sapatos envernizados com fivelas de ouro.

g) Pondere o conde João Fernandes que toda a libré de fantazia é ridicula, porque lembra uma *mise-en-scene* de comedia de sociedade no palco da *Rua dos Condes*. Quem não tem as côres authenticas da sua casa o que pôde fazer com melhor gosto é vestir os seus escudeiros de calção e farda de cazimira preta com botões de ouro, collete direito de piqué branco, meias de seda côr de perola, camisa e gravata de *baptiste*, luvas brancas e sapatos de polimento.

h) Para regular todos os serviços de jantares, de *soirées*, de viagens, que João Fernandes se não esqueça ao tomar posse do seu titulo, de tomar tambem um *maitre d'hôtel*, um mordomo, um secretario, um guarda-roupa, um chefe de cavallariças e sobretudo um cozinheiro parisiense, um *cordón bleu* de primeira classe.



*Capitulo segundo. — Horario de João Fernandes:*

8 horas da manhã: Lave a cabeça e tire a caspa. Escove os dentes e as unhas. Barbeie-se ou faça-se barbear pelo seu creado de quarto. Tome um banho geral. Perfumaria Lubin. Escovas, utensilios de lavatorio, roupa branca fornecida por Poole.

(Poole é o Goupil da *toilette* assim como Goupil é o Poole das Bellas-Artes. Que nem em arte nem em *toilette* João Fernandes se regule jamais pelas suas idéas! Pool e Goupil são os seus polos).

10 horas — audiencia ao *maitre d'hôtel*. Monte a cavallo, jogue as armas, visite a cavalharia e a estufa, ou guie a quatro.

12 horas. — Almoce. Receba o seu secretario, veja a correspondencia, dite as suas cartas e leia a *Revista dos Dois Mundos*, repetindo a leitura de cada fasciculo até receber o fasciculo seguinte. Decore a *Revista dos dois Mundos*.

3 horas. — Saia de carruagem, faça visitas ou compras, estude o bric-à-brac, abstenha-se de namorar e de fumar na rua.

6 horas. — No seu quarto. Dispa-se. Lave a cara e os dentes. Faça-se friccionar pelo seu creado de quarto com uma luva turca embebida em agua e aguardente de Atkinson ou em vinagre de ananaz. Polvilhe o corpo com *veloutine*. Penteie-se. Ate uma gravata branca e enfie uma casaca preta.

7 horas. — Jante. Beba Bordeus, mas faça servir sempre Madeira com a sopa, Chably com o peixe, Rheno com os pasteis, Champagne ao assado, e isto para que os creados não deixem de se inclinar sobre o seu copo nos momentos devidos, para que elles conservem a linha da attenção e do respeito e para que, finalmente, tenham elles mesmos que beber na cosinha sem irem furtar as provisões na copa.

Das 9 horas até recolher. — Passe a noite como quizer comtanto que não entre nunca nos cafés nem appareça no seu club antes da meia noite.

\*

*Capitulo terceiro. — Ideas de João Fernandes.* Desde que saia barão até que chegue a par do reino e a marquez — inclusivè — João Fernandes precisa de tres idéas :

1.º Idéa sobre os destinos das sociedades mo-

dernas. Procure na *Revista dos Dois Mundos* até achar n'este ponto uma idéa que lhe agrade. Mande formular pelo seu secretario essa idéa em termos resumidos e claros, e decore essa formula.

2.º Idéa sobre as formas do governo. Procure *Revista*. Faça formular secretario. Decore formula.

3.º Idéa sobre o movimento litterario e artistico contemporaneo. Vid. *Revista*. Secretario. Formula de cór.

De dois em dois annos reformem-se estas tres idéas com alguma modificação ou com o appendice de alguma particularidade nova.

\*

*Capitulo quarto. — Ditos de João Fernandes.*  
Para crear e manter a sua reputação do homem mais espirituoso do paiz, tenha João Fernandes dois ditos por mez: Um sobre o acontecimento mais notavel, outro sobre o personagem mais celebre.

Para obter estes ditos procure no *Figaro*, na *Vie Parisienne*, no *Punch* e nas comedias de Alexandre Dumas. Faça pelo seu secretario modificar, inverter ou imitar esse dito em uma

phrase nova. Decore essa phrase e diga em sociedade.

\*

*Capitulo quinto.*— *As maneiras de João Fernandes.* Não podendo ter o grande ar desafectado que dá a educação e a raça, procure João Fernandes adquirir o ar correcto.

Seja o mais que possa perpendicular, reservado e frio.

Falle baixo e sem gestos.

Não olhe nunca para si.

Não mexa com a lingua quando tiver a bocca fechada; nunca metta a lingua entre o beijo e os dentes.

Coma de vagar, com os braços cingidos ao corpo, sem os apoiar á mesa.

Não sirva ninguem, porque se poderia atraiçoar não o fazendo bem.

Jante com attenção, saboreando, com uma voluptuosidade discreta e delicada, sem ruido, com o seu corpo em dois angulos rectos, o guardanapo nos joelhos, o peito da camisa em grande evidencia, uma rosa fresca na casaca.

Ao passar do salão para a sala de jantar nunca, nas casas dos outros, se metta a offerecer o braço a quem lh'o não pedir. Affaste-se um pouco,

reservadamente, n'esse momento, metta a sua claque debaixo do braço ou encrave no olho a sua luneta, deixe desfilar os pares e, senão sobrar uma senhora que o sollicite com um olhar, siga atraz do cortejo, pausadamente, cingindo os passos com o tapete para não pisar a cauda do vestido que o preceder.

Na casa de jantar é de urbanidade e de rigor uma rapida vista d'olhos, entendida e apreciadora, ao lustre, ao aspecto geral da mesa, á baixella.

Em seguida procure o prato em que se achar o seu bilhete e passe a jantar sem outra distracção que o perturbe.

Não faça saudes.

Acceite benevolamente a conversação no pé em que os outros a puzerem e colloque, se a opportunidade se offerecer, uma das suas tres idéas ao assado, e um dos seus dois ditos á sobremesa (vid. cap. III e cap. IV).

Depois do jantar, no bilhar ou na sala em que se fume, ficar-lhe-ha bem um ligeiro movimento desleixado a fim de pôr em contraste a sua linha habitualmente correcta. Convirá, por exemplo, que encruze os pés sobre o braço de um fauteuil deixando vér as solas dos seus sapatos de baile lustradas a cera.

Nos bailes procure durante as contradanças os logares devolutos junto das senhoras velhas mais bem educadas, faça-lhes respeitosamente a sua côrte e abasteça-se n'essas sabias praticas incomparavelmente proveitosas, das idéas, dos principios, dos pontos de vista criticos sobre que deve julgar as senhoras e os homens que constituem o elemento elegante.

Fuja sempre da abundancia provinciana dos cumprimentos. Deante de uma senhora junte os pés, incline-se profundamente e diga apenas: — *Minha senhora tenho a honra de a cumprimentar.* Ou: *Tenho a honra de lhe dizer adeus.* Para os homens, um attencioso movimento de hombros, uma cortez inclinação de cabeça, e não diga nada. Tornar difficil a familiaridade é o melhor meio de a fazer estimada e valiosa.

O habito da esgrima dar-lhe-ha a distincção e a firmeza indispensaveis na maneira de andar.

No theatro applauda pouco e a tempo. Não se arrebate, não dê bravos. Apenas aos grandes artistas, no fim de uma cavaletta ou ao terminar de uma comedia, algumas palmas para exhibir os bordados das suas luvas inglezas.

A cavallo adquira no selim a posição determinada pelos grandes mestres da cavallaria mo-

derna, Baucher e o general Daumas. Tenha em mão as duas redeas e enfie todo o pé nos estribos. Não monte senão cavallos de raça inteiramente adestrados e monte-os despretenciosamente, sem o minimo apparatus equestre, sem presilhas e sem esporas, tendo por unico equipamento umas luvas, de pelle de cão ou de castor, e uma bengala.

*Capitulo sexto. — A mulher de João Fernandes.*

Tenha-se em vista n'este capitulo que a mulher de João Fernandes é uma creatura muito mais intelligente do que elle. A estupidez é como um peso que se não sustenta sem uma certa força de musculos. A mulher é um ente extremamente debil para poder ser extremamente boçal.

Tres simples qualidades bastam para tornar qualquer senhora perfeitamente delicada e distincta: a simplicidade, a bondade e a modestia.

A razão porque a mulher da burguezia é geralmente mais mal creada do que a mulher aristocrata é que a burgueza pelas luctas da vida em que se achou empenhada com o seu pae ou

com o seu marido, pela sua intervenção nos negócios, pela sua constante aspiração ao éxito, á fortuna, á riqueza, ao ingresso nas classes superiores, sendo muitas vezes humilhada, repellido, derrotada, creou naturalmente na sua alma o despeito, a amargura, a inveja.

Ainda depois de vencedora, de enriquecida, de nobilitada, no meio feliz da opulencia e da dignidade, a pontinha de fel da antiga luctadora transparece na sua nova pelle e alastra-se na sua personalidade com uma nodoa grosseira.

As fidalgas têm geralmente as maneiras, e têm o fino criterio elegante, porque não endurceram nas experiencias da vida a sua sensibilidade nativa. Viveram sempre no mesmo meio sereno e pacifico, na plena naturalidade do seu ser, sem aspiração a outra coisa, e por isso mesmo sem inveja a outra gente. O *sangue azul* é uma doce expressão, finamente achada, que dá bem o tom d'essa bondade innocente — o *azul do character*, qualidade que, de resto — consolem-se as burguezas — é mais um prestigio de salão do que um prestimo na humanidade.

Quando os maridos succumbem, quando se arruinam, quando empobrecem, as fidalgas caem na apathia, na prostração, no desleixo descon-



solado e esteril. A burguezia em iguaes circumstancias reage, lucta, moireja, economisa, lança-se ao trabalho no encalço da fortuna perdida, espanca com o cabo da vassoura a desolação e a miseria, e é para seu marido a digna companheira benefica e valorosa, culpada talvez de o haver um dia mettido no declive da ruina, mas egualmente capaz de o fazer entrar e de entrar corajosamente com elle no aspero dever.

A falta da simplicidade e a falta da modestia constituem pois o principal dos defeitos que esta carta de guia deve corrigir na mulher de João Fernandes para o fim de lhe dar a alta apparencia aristocratica de uma viscondessa preparada á pressa, artificialmente, como um fructo de estufa. Isto emquanto á expressão das maneiras.

Pelo que diz respeito á distincção da *toilette* eis um processo infallivel para que a senhora João Fernandes chegue rapidamente á perfeição ideal:

Sua excellencia veste-se como habitualmente e sae sosinha para a rua; atravessa o Chiado, o Pote das Almas, a rua do Ouro. Se durante este percurso algum homem ou a seguir ou lhe dirigir um cumprimento galante, sua excellen-

cia chega a sua casa, colloca-se defronte do seu espelho e procede a uma redução inexoravel no apparatus da sua pessoa. Tira do penteado metade dos postiços. Manda resumir á terça parte a altura dos tacões. Reduz igualmente o collarinho, a gravata, a guarnição do vestido, os ornatos do chapéu.

Repetição da experiencia no dia seguinte. Percorre o Chiado, dobra o Pote das Almas, segue a rua do Ouro.

Houve ainda alguém que lhe chamou *interessante*, ou *graciosa* ou *sympathica* ou *bella*?... Volte para casa e continue a reduzir a sua pompa. Leve a um unico dedo de altura os tacões das botinas. Tire do penteado o resto dos postiços. Augmente dois pontos ao tamanho das luvas. Ponha na cabeça um simples feltro liso sem flôres e sem plumas. Escolha um vestido escuro. Vista um paletot de agasalho que tenha as pelles por dentro em vez de as ter por fóra.

É seguro que por este processo, ao cabo de seis ou oito tentativas, feitas com decisão e com valor, os transeuntes do Chiado, do Pote das Almas e da rua do Ouro deixarão inteiramente de lhe dizer qual é a sua opinião a respeito de sua

excellencia. Em compensação muito maior numero de homens começarão a descer dos passeios respeitosaente quando sua excellencia passar. É então que sua excellencia terá chegado á perfeita elegancia no modo de se apresentar na rua.

Em quanto porém na *toilette* de sua excellencia houver algum ponto pelo qual sua excellencia possa no seu aspecto confundir-se com aquillo que não é, sua excellencia — não hesitamos em dizer-lh'o — está deploravelmente enfeitada e não chega a estar vestida.

Chave da critica para as *toilettes* de *soirée*: Quantos vestidos de baile possui sua excellencia? Quinze ou vinte, supponhamos. Exponha a sua collecção no salão da sua modista e ouça os votos que as frequentadoras emittirem. Uns serão tidos por feios, outros por bonitos. Um haverá talvez a respeito do qual não se produza opinião, no qual ninguem tivesse reparado: esse é o que sua excellencia deve escolher, porque é esse o que tem aquella coisa invisivel que é — a modestia e a dignidade.

Perca a senhora João Fernandes o habito exe-

cravel de percorrer todos os dias as ruas, as lojas e as confeitarias.

Evite igualmente estar em todas as primeiras representações, em todos os benefícios, em todas as festas.

Fuja como da peste da triste distincção de vér figurar o seu nome, sob qualquer pretexto que seja, nos noticiarios dos jornaes.

A notoriedade mancha o primor senhoril. Apparecer em toda a parte é para uma senhora cahir em celebridade de rua, é confundir-se com as coisas vulgares, com as taboletas, com os cartazes, com as lythographias, com os leitreiros das esquinas, é dimittir-se, é abdicar para as graves coisas austeras e respeitaveis, para a dignidade da sua casa, para a estima do seu marido, para o respeito dos seus filhos. Os moços de fretes postados ás esquinas das ruas conhecem-a, e dizem: *Lá vem ella!* Os cocheiros da praça sorriem-lhe do alto dos seus coupés. Os caixeiros das lojas de modas offerecem-lhe a mão, ou tocam-lhe com o dedo no hombro, e murmuram uns para os outros: *A nossa elegante...* Os grupos da casa Havaneza e do Baltresqui fallam d'ella como dos gaiatos da esquina do Baldanza, dizem *A Fulana*, como dizem o

*Rei Bamba* ou o *Meio Arratel*. Põem-lhe uma alcunha. Chamam-lhe o *Phosphoro de escada*, se ella é alta; chamam-lhe *A Pilula*, se ella é pequena. E quando ella falta uma tarde, pergunta-se: — *Que diremos que lhe succedesse?* — E responde alguém que se informou: — *Agratou-se-lhe um calo no joanete do pé direito; ou — Nasceu-lhe um leicença debaixo do braço.* E ás duas horas da noite o typographo, que compõe o nome d'ella na lista das pessoas presentes no ultimo baile, exclama enfasiado com um bocejo de tedio... *Cá está o diabo!*

E é d'esta creatura, assim enxovalhada pelos encontrões do publico, com o seu nome encebado como uma carta de taberna, cheia das dedadas e das nodoas que imprimem os contactos da publicidade, que um homem serio ha de dizer: — *É minha mulher!* E que um rapaz digno será obrigado a confessar: — *É minha mãe!*

Que a mulher de João Fernandes procure portanto entreter-se em sua casa, com a sua familia, com o estreito circulo dos seus velhos amigos. Dirija a cultura do seu jardim. Tenha uma estufa e um aquarium. Borde ou desenhe. Nunca nas suas *soirées* intimas deixe de se

occupar em algum trabalho. Nada mais ordinario que o aspecto de uma senhora passando uma noite inteira espreguiçada n'um *fauteuil*, de braços crusados. Um jornalista, contando ha dias no *Diario da Manhã* como passara uma *soirée* em casa de lord Lytton, embaixador inglez em Lisboa e n'este momento governador da India, refere que emquanto Lord Lytton lia uma tragedia inedita de seu pae, o celebre escriptor, Lady Lytton, com duas ou tres das suas amigas em volta da mesa, cosia na sua costura.

Lady João Fernandes não é Lady Lytton, e, não obstante, talvez se offendesse se nós a aconselhassemos a que fie na roca!

Adquira a senhora João Fernandes o habito de lér todos os dias antes de sahir de casa seis ou oito paginas de um bom livro. Depois, dentro da sua carroagem, passeando, nos intervallos da opera no seu camarote em S. Carlos, no baile quando não tiver com quem conversar, pense na sua leitura, procure coordenal-a de memoria com a leitura do dia anterior, faça mentalmente o inventario dos seus conhecimentos sobre o ponto suggerido ou sobre os diferentes factos relacionados com elle. Advertindo

que nada contribue para dar á physionomia o ar insignificante e o ar imbecil do que não pensar em coisa alguma. Um condiscipulo de Goethe perguntou-lhe como elle, com feições grossas e vulgares, tinha conseguido tornar-se bello. Goethe respondeu: Consegui-o pensando em coisas justas. É certo que uma intelligencia occupada em pensamentos elevados transparece nos olhos e espiritualisa a physionomia. O amor proprio, a preocupação de nós mesmos, bestifica o semblante e dá, além d'isso, ás mulheres nervosas uma inquietação especial, conhecida de todos os observadores, á qual poderíamos chamar a *Dansa de S. Tolinho*.

Sentindo-se observada, a menina de exaltado temperamento vaidoso começa por olhar para si, nota que a sua mão tem as veias injectadas e levanta-a e agita-a para a tornar mais pallida. Para disfarçar essa intenção abre e fecha o leque, move-o convulsamente... Logo depois pensa no penteado e compõe a madeixa que traz cahida na testa... Lembra-lhe em seguida o nariz e precisa de se assoar... Immediatamente lhe come a ponta da orelha e sente a urgencia de he ir tocar com o dedo e de bulir no brinco... Parece-lhe então que se está mostrando pertur-

bada e córa... Quer cabir em si e torna a abanar-se com o leque... Diz palavras sem nexos e sem sentido, como de idiota, á pessoa que estiver ao pé d'ella... Mas — coitadinha! — não sabe como ha de pôr as mãos!... Abre e fecha a luneta, applica-a, olha vagamente para um ponto no espaço... Lembra-lhe de repente que lhe convirá essa attitude, que poderá descansar assim um momento... Finge-se interessadissima em considerar no espaço o ponto indefinido... Mas occorre-lhe que se poderia descobrir que ella não olha para nada... Sente que vae córar outra vez... Pegue-se no leque!... Mas não: seria já pegar no leque de mais... É melhor bulir nos berloques da pulseira para ganhar tempo... Uma idéa repentina: — Calçar as luvas!... Bom! que bella idéa! como isto vae levar tempo! Calçal-as, retesal-as, apertar-lhe todos os botões... Oh! mas nota que tinha a pedra do anel voltada para dentro, é o seu anagramma cercado de perolas: que se lhe veja pelo menos o seu anagramma!... E volta para fóra o engaste do anel... E torna a pegar no leque, para tornar a largal-o, para bulir no brinco, para pegar na madeixa, para tirar o relógio, para fingir que vê as horas... Até que tem uma resolução extrema: olha para



o homem que a observava, olha-o fitamente, com humildade, com ternura. «Tu és feio e vulgar, pensa ella, mas tens um olho fino, perscrutador, penetrante; tens um sorriso cheio de sagacidade e de ironia! Percebeste tudo. Descobriste a minha vaidade. Perdôa-me. Olha: prefiro a esta reputação de idiota deixar-te crer que te amo, que foi a tua presença que me perturbou. Rendo-me. Adoro-te: aqui está o que é!»

E a pobre martyr deixa-se namorar como uma doida. Para que? Oh! desgraçado contrasenso! para fingir que tem juizo.

Ter sempre o espirito occupado por um pensamento serio, eis o contraveneno soberano dos falsos gestos, das falsas attitudes e dos desconcertos nervosos originados na vaidade.

A vaidade tem a sua hygiene, tem a sua educação. A vaidade é um bom elemento de sociedade, é— a emulação no estado de innocencia. Governada por um justo criterio é a vaidade que leva a mulher á posse dos principaes recursos que a tornam estimada e querida. É pela vaidade que a mulher adquire o talento da conversação, a arte da *toilette*, os discernimentos artisticos, a delicada escolha dos habitos e das maneiras,

as curiosidades de erudição, os mil meios de ser agradável e beneficente, todos os pequenos dotes finalmente que constituem o mimo de uma personalidade e o encanto da sua convivência.

Não diremos outro tanto do orgulho. Que a senhora João Fernandes eduque a sua vaidade, mas que extinga até o ultimo vestigio a tendencia do seu character para o orgulho! O orgulho é no meio dos sentimentos delicados o grande bicho indomesticavel. A vaidade é sempre inoffensiva; o orgulho morde, arranha, dá couces, e produz uma prole intratavel: a insolencia, a grosseria, a cegueira, o mau modo e o mau genio teimoso, cabeçudo, damnado.

São inadmissiveis as joias falsas e as joias de phantasia, a que os ourives costumam chamar a *alta novidade*. Um brinco, um broche, um collar, um botão de camisa não podem ter senão a fórma de um brinco, de um broche, de um botão de camisa; aproveitar esses pretextos para trazer uma espada, uma rebeca, uma mosca, um molho de chaves, uma fava ou um lagarto é tão ridiculo como seria usar um vestido fingindo um armario ou um chapéu imitando um candieiro.

Nas mesmas joias verdadeiras a agglomeração produz um effeito mercantil de *vitrine*.

Dois ou trez anneis com um rubi estrellado, com uma grande esmeralda ou com uma perola negra circulada de brilhantes, em solidos engastes inglezes, e uma grossa haste macissa de ouro polido vergada em trez ou quatro espiraes em torno do antebraço, bastam para adornar com riqueza uma mulher sensata.

O luxo mais delicado da *toilette* femenina é o das perolas e o das finas rendas.

*Capitulo setimo. — A popularidade ao alcance de João Fernandes. Seus meios de corrupção.*

Ensine-se a João Fernandes que as grandes sympathias e as grandes popularidades indiscutidas se não alcançam na sociedade portugueza senão pelo emprego systematico dos pequenos meios. Nas grandes aquisições do affecto publico, conquistado em globo, é-se constantemente logrado. A cidade inteira nos está reconhecida; vejamos individualmente quaes são os cidadãos

que se nos consideram obrigados: não se encontra nenhum!

Os grandes beneficios pessoaes têm tambem este contra: obrigam á gratidão — peso terrivel que não sustentam senão as grandes e extraordinarias organisações moraes; as naturezas vulgares alijam esse peso, porque não podem com elle.

Em regra geral os grandes favores não se fazem senão aos grandes inimigos de quem pretendemos affastar-nos. Quer João Fernandes metter a muralha da China entre elle e um cavalheiro desagradavel? Dé-lhe um conto de réis, que esse cavalheiro não possa restituir-lhe. Salve-o assim da deshonra, da cadeia. Equivale a ter-lhe puxado as orelhas ou a haver-lhe quebrado uma bengala nas costas. Inflingiu-lhe a eterna humilhação. Ha mil probabilidades contra uma de que o cavalheiro beneficiado nunca mais lhe torne a apparecer.

As affeições verdadeiras, as puras dedicações, as permanentes sollicitudes grangeiam-se com as pequeninas attenções imponderaveis.

Ter o talento especial de semear as corruçõesinhas é possuir o segredo de conquistar o vasto mundo apodrecido.

Eis a lista de alguns meios soberanos e infalíveis postos á disposição de João Fernandes :

Distribuição de bilhetes de visita na mais larga escala pelo Anno Bom e por occasião dos anniversarios natalicios de todas as pessoas das suas relações sem excepção alguma.

Assista a todos os enterros de personagens celebres.

Inscрева-se a perguntar noticias de todos os enfermos illustres.

Faça-se apresentar a todas as pessoas importantes e vá impreterivelmente cumprimental-as no dia immediato ao da apresentação.

Com a mesma prodigalidade com que derrama bilhetes de visita sobre os seus conhecidos, lance phrases, ditos, allusões amaveis sobre todos os extranhos com quem não tenha relações e que, por qualquer modo que seja, se lhe possam tornar hostis. Diga de cada um d'elles em presença das pessoas que possam repetir-lh'o :

— *Não tenho relações com elle, mas estimo-o cordalmente pela activa isempção do seu character, tão digno, tão independente, tão recto, tão etc., etc.*

Ou fingindo não o conhecer :

— *Quem é este sympathico moço a quem acabam de tirar o chapéu?... Ah!... Não o conhecia senão de tradição. Mal sabe elle que ainda hontem foi em minha casa o objecto dos maiores elogios! É admiravel rapaz.*

No dia seguinte esse desconhecido começará a ser um adepto.

Sempre que da mocidade revolucionaria, inquieta, perigosa ás falsas virtudes e ás falsas grandezas, sobresahir um escriptor que se affirme poderosamente com a publicação de um livro ou de um mero artigo verdadeiramente notavel, dirija-se João Fernandes directamente a esse escriptor, apeie-se da sua carruagem para se encontrar com elle, tire o seu chapéu, peça-lhe desculpa de lhe dirigir a palavra sem o conhecer. Mas, tendo-o lido, não pôde furtar-se á obrigação moral de lhe manifestar a admiração sincera, a profunda estima, os sentimentos de respeito que lhe inspira o auctor d'aquelle escripto. E accrescente: «Não lhe direi quem sou. Seria fraudulento arrancar do testemunho dos meus sentimentos mais desinteressados o ensejo de me tornar conhecido de um homem tão eminente. Que importa, de resto, o meu nome obscuro? O

que basta é que v. ex.<sup>a</sup> veja em mim uma parte da grande legião anonyma que o admira e o ama.»

Por mais duro e por mais glacial que seja o temperamento do escriptor cumprimentado, as palavras de João Fernandes hão de impressional-o, commovel-o. O terrivel demolidor inflexivel, o rude plunitivo de bota abaixo pensará de João Fernandes: Foi elle que me disse uma boa palavra affectuosa e benevola, que me deu um instante do alento e da animação de que tanto precisam os trabalhadores despremiados e obscuros. O meu espirito comeu em certo momento o pão d'aquelle homem: a sua individualidade tornou-se-me sagrada.

Ainda depois de publicadas estas linhas, de divulgado o segredo d'esta mola, persistirá a effi-  
cacia da sua força.

A mim proprio que o digo, se um dia me couber a honra de poder ser desagradavel a João Fernandes, que elle não hesite um momento no emprego d'esse forte expediente para me desarmar. Diga-me as mesmas palavras que lhe estou dictando. Conheço o truque, e defender-me-hei; — embora! Vá dizendo sempre! Que mais delicada maneira de captivar-me do que seguir-me

os conselhos? Eu pensarei: O espirito d'este homem comeu o meu pão. Perante a leal e verdadeira hospitalidade é o mesmo que haver eu comido o pão d'elle. É-me egualmente sagrado.

Vá a todos os bailes, a todas as primeiras representações, a todos os basares de caridade, a todas as festas de inauguração, a todos os *Tedeums*, a todos os festejos de datas gloriosas. A notoriedade, essa grande macula n'uma senhora, é o principal relevo da importancia para um homem. Torne-se constantemente lembrado, sugerido, citado. Seja de todas as commissões honorificas, promotoras, iniciadoras; das associações philanthropicas, do Gremio, do Club, do Jockey-Club, do Club Naval, da Sociedade Humanitaria, da Sociedade Protectora dos Animaes, da Sociedade Primeiro de Dezembro, da Associação Promotora das Bellas-Artes. Seja tambem um tanto ou quanto do maior numero de companhias, do maior numero de bancos, do maior numero de emprezas industriaes e fabris. Que os jornaes não deixem um só dia de imprimir o seu nome, sob qualquer dos seus numerosos titulos! Não empregando em tudo isso nem a minima molecula de actividade cerebral, João Fernandes acabará todavia por assombrar o paiz com a



multiplicidade das suas aptidões. Além d'isso dê bailes, dê jantares, dê concertos, inscreva um ou dois cavallos inglezes em todas as corridas. Consideral-o-hão assombroso. Tornar-se-ha indigitado para as responsabilidades mais altas, para os encargos mais difficeis. Em quanto durar o constitucionalismo portuguez será ministro todas as vezes que quizer, em todos os gabinetes eclecticos e de transição. Quando o constitucio-  
nalismo acabar, se o paiz lhe sobreviver, será João Fernandes o individuo mais apontado para presidir á republica. Perseverança e discrição!

Não tenha jornal seu. É mau. Cria inimigos, cria incompatibilidades. Restringe a orbita da influencia pessoal. Lança no caminho das contradicções. Despedaça os methodos, os systemas, os planos mais seriamente concebidos.

Não compre tambem nem subsidie os jornaes dos outros. Comprar um jornal é a mais ridicula das lograções em que póde cahir a innocencia. Para o effeito da doutrina o jornal é uma entidade imponderavel, incoercivel, inorganica. Politicamente ou litterariamente fallando, o jornal é um acto mental reduzido a quatro paginas de impressão. Por mais que o vendam e o reven-

dam, esse acto ha de ficar sempre pertencendo ao individuo que o concebe. Portanto o unico meio de possuir o jornal é comprar o jornalista.

Eis como o jornalista se compra :

Nenhum ajuste, nenhum apparatus de aquisição! Sempre que a delicada operação de comprar o jornalista toma o character ostensivo e claro de um contrato, as partes contratantes desacreditam-se logo, por esse mesmo facto, aos olhos uma da outra, as susceptibilidades encontram-se, melindra-se a delicadeza, surge quasi sempre a revolta. N'esta parte, como em todas as outras de um plano geral de dominação — nunca o esqueça João Fernandes — sempre os pequenos meios! Está n'uma sociedade estreita, pequenina, onde os characteres são como a caça miuda: espantam-a os grandes apparatus cynegeticos, o som das trompas, o latir das matilhas, o galopar dos cavallos, todos os processos da grande alternação. Convém caçar escondido, ir de rastos, de vagarinho, sem fazer bulir as hervas tenras nem estalar as palhas, atravessar a rede, armar os laços, collocar os visgos, pendurar o chamariz, pôr nos alçapões o lambisco, e ir esperar confiadamente, occulto na espessura.

O jornalista que recalitra espavoridamente

deante da grande offerta, vem ingenuamente á pequena dadiua e ata elle mesmo o pé na armadilha da *reciproca sympathia* e da *mutua amizade*.

É certo que nem todos os jornalistas podem, sem derrogação das conveniencias, ser recebidos no salão aristocratico de João Fernandes. Ha-os de cabellos sujos, de dedos queimados pelo cigarro e de collarinhos de papel. Mas assim como o vicio, a convivencia tem escala. Os que não podem ser convidados para um baile convidam-se, mais amigavelmente ainda, para as pequenas visitas matinaes, para o *tête-à-tête*. Diz-se-lhe assim:

— Para que é ingrato comigo?... Sabe quanto me é agradável a sua convivencia, quanto me interessa a sua conversação tão espirituosa, tão artistica... Não lhe direi que venha á noite: não quero de modo algum roubar-o aos seus trabalhos jornalisticos, ás suas locubrações litterarias! Mas appareça de manhã, nos seus momentos d'ocio, do meio dia ás trez. Venha sem cerimonia fumar um charuto, beber comigo o seu bitter, refazer a mão no meu alvo, experimentar umas pistolas que recebi hontem. Espero-o amanhã, sim?

E no dia seguinte não esteja em casa para mais ninguém, e receba-o no seu quarto, em chinela<sup>s</sup> e de *vareuse* de flanela, como um íntimo. Faça-lhe servir por dois creados um sandwich de «foies gras du Perigord» e um copo de Grâves. Abra-lhe a gaveta do contador de sandalo em que estiverem as brevas e offereça-lhe o seu proprio lume. Elogie-o abundantemente, e, sempre que se tratar de qualquer outro escritor, sem dizer mal d'elle — porque João Fernandes não diz mal de ninguém — profira-lhe o nome desdenhosamente, estirando-se no fauteuil, retirando o charuto dos beiços e soprando para o tecto um esguicho de fumo. De resto não lhe peça coisa alguma, senão que volte frequentemente, *sempre sem cerimonia*, como entre rapazes, como entre amigos. Leve o pela escada de serviço e ensine-lhe essa entrada particular dos seus quartos. É inútil que as visitas o encontrem na escada grande.

Não receba nunca senão um jornalista de cada vez. Um só escute-o-ha com respeito, com timidez, com subserviencia; dois juntos — para mostrarem um ao outro que têm espirito —, desfructal-o-hão.

Vel-os a miudo e a um por um é o que importa. O que mais custa não é escrever de al-

guem uma linha desagradavel, não é atraiçoar a amizade, não é faltar ao compromisso, não é morder na mão do bemfeitor; é arranjar a physionomia com que se lhe ha de apparecer de cara a cara no dia em que essa linha se achar publicada.

\*

*Capitulo oitavo. — As viagens de João Fernandes.*

São indispensaveis a João Fernandes, para complemento da sua perfeição, dois mezes de viagem por anno: um, da primavera, em Paris; outro em Londres, na *season*, pelo verão.

Na subtil e espirituosa sociedade franceza, na grave e elegante sociedade britanica, a personalidade de João Fernandes não resistiria por muito tempo ao melindroso contacto da conversação e da convivencia. Mas com uma *toilette* perfeitamente irreprehensivel, renovada tres vezes por dia, para passeio, para visitas, para *soirée*, com um quarto no *Grand Hotel*, um salão e um *dressing-room*, com um *valet de chambre* e um *coupé de maître*, a barba e o cabello bem talhados ao genero da sua physionomia, uma corôa na portinhola da carruagem,

um titulo euphonico e uma grã-cruz para cortar á noite a monotonia do traje de baile, João Fernandes poderá, com uma simples recommendação á embaixada, atravessar os salões officiaes, obter uma ou outra noite logar n'um primeiro camarote dos *Italianos* ou de uma das duas operas de Londres, e beber champagne em *partie fine* com a celebridade do *Demi-monde* a que se dignar de atirar o seu lenço.

Além das altas noções de dandysmo ministradas ao espirito de João Fernandes pelo simples aspecto da moda, da dissipação e do luxo, estas breves excursões na sociedade estrangeira fecundal-o-hão com a erudição anecdotica, a unica especie de erudição que torna um homem verdadeiramente considerado nos salões lusitanos.

Eis o modo de usar a referida erudição :

Na maior parte das salas portuguezas conversa-se pouco, pela razão de que se conversa mal. Temos um genero nacional chamado o *cavaco* que destituiu a conversação. O cavaco é a conversa relaxada, de palito nos dentes e de chichelos. Quando estão senhoras, como o cavaco tem de tirar o palito e os chichelos e de pôr lu-

vas, o cavaco acha-se fóra dos seus commodos habituaes e esmorece. Vae então alguém para o piano e organisa-se a contradança. Como as senhoras andam pouco, como não marcham de dia nos longos e saudaveis passeios ao ar livre, como os homens se não dão aos exercicios musculares, como são em grande maioria sedentarios burocratas ou effeminados ociosos, a dança é bem vinda sempre — para desferrujar as pernas e para sarrotar a conversação em bocadinhos pequenos e faceis.

Ha porém ainda, como excepção, uma ou outra sala em que é preciso fallar, estar na pequena roda, visto e ouvido ao pé, em que é preciso responder, replicar, ter idéas, ter opinião, ter criterio. Estes salões são os escolhos da reputação de João Fernandes, os quaes elle deve ter escrupulosamente apontados na sua carta de navegante. É n'essas passagens perigosas que João Fernandes pôde tirar grande partido da erudição anecdotica. Um pouquinho de tacto da sua parte fará instantaneamente saltar a discussão das idéas e dos principios para a citação dos personagens. Então João Fernandes, que por exemplo ignora completamente o character philosophico e a importancia

historica da missão de Gambetta na politica da França e da Europa, dirá modestamente:

—Estive com elle ainda o mez passado no salão do sr. Thiers, onde se serve chá todas as noites ao mundo official, ao mundo politico, ao mundo litterario. Sobre a mesa do sr. Thiers ha um grande album, onde cada lança em duas linhas o seu pensamento. Fui eu, casualmente, que passei a penna a Gambetta...

Todos perguntarão a João Fernandes o que foi que escreveu Gambetta. João Fernandes tornar-se-ha repentinamente um centro de attentões, trincarará o assumpto aos espiritos, começará a ser olhado com interesse, com respeito, quasi com admiração, pela simples circumstancia de haver uma noite atravessado o salão do sr. Thiers atraz de um benevolo segundo addido de legação.

É — em outro exemplo — de Victor Hugo que se trata. João Fernandes não leu Victor Hugo, ou leu-o sem o criterio applicavel á grande obra tão complexa do seu vasto genio; não tem a minima idéa da evolução litteraria que elle iniciou, do elemento heroico, entusiastico, poetico, eminentemente popular, de que elle é o sytubolo artistico, o represenmetante official,



virtude do ultimo suffragio que lhe deu o mandato imperativo do sentimento, o substabelecimento, na sua palavra e na sua penna, de uma das maiores forças immanentes na grande alma de um povo : a sua aspiração artistica, o seu desinteresse no ideal.

Que tudo isso ignore João Fernandes ! Que importa, se elle estiver habilitado a affirmar simplesmente que o viu ! que esteve com elle ! Sim, srs., João Fernandes esteve em casa de Victor Hugo. Graças ás relações que obteve na legação americana, elle ponde encorporar-se na colonia dos Estados Unidos, o seu *coupé* entrou no cortejo das carruagens que desfilam á porta do grande poeta ; elle subiu, na noite de tantos de tal, a escada do grande homem ; elle pôz um ramalhete de jasmims do Cabo e de cravos vermelhos, junto com um grande cartucho de setim cheio de bonecos e de *bonbons*, nos braços da pequena Jeanne ; elle inclinou-se descrevendo dois respeitosos raios de circulo, um em reverencia a madame Charles Hugo, outro deante do mesmo Hugo, collocando respeitosamente a sua *claque* sobre o coração, ao som da phrase solemne caída da bocca do seu introductor : — O conde Fernandes, um portuguez illustre !

E em sociedade, a mera narração d'este singelo facto abonará mais a importancia intellectual de João Fernandes do que o livro de critica mais subtil, mais lucido e mais erudicto consagrado ao auctor das *Contemplations* e dos *Châtiments*.

As suas intimidades com a celebridade do *Demi-Monde* á qual acima ensinuamos que poderia ser lançado, á descida de Epsom ou do Bois, o fino lenço com as iniciaes coroadas do sultão lusitano, proverá João Fernandes de importantes informações para transmittir ás senhoras de meia-tigela excitadas ás curiosidades mais indiscretas pela preocupação fetichista da moda e do dandysmo.

Quantas benções agradecidas não cairão sobre o espirito tão interessantemente erudito de João Fernandes quando elle explicar baixinho, confidencialmente, no mundo da meia-tigela: que as meias de seda se usam com o anagramma bordado no sitio do artelho; que as luvas de dezeseis botões se não abotoam senão até o decimo botão e que o resto do canhão se traz caído para baixo, negligentemente, sobre o antebraço; que os espartilhos de setim, etc., etc., etc.!

\*

*Capitulo nono. — O filho de João Fernandes.*  
 Mostra-me o teu filho, dir-te-hei as manhas que tens.

Temos visto frequentemente o filho de João Fernandes e offerece-se-nos observar que elle dá uma triste idéa de seus paes.

Até aos cinco ou seis annos, quando tem todas as graças nativas da primeira infancia, vestem-o ridiculamente, de setim e veludo, n'um traje de phantasia que lembra o boneco dos theatrinhos mechanicos adaptados a antigos relogios, nos quaes, ao dar a hora, soava a aria da *Maria Cachucha* e um dançarino apparecia a fazer equilibrios na corda, emquanto á direita um balão subia e á esquerda um beija-flôr empalhado dava bicadas em uma fonte de vidro.

O filho de João Fernandes, de gorrosinho de pluma, cabellos annelados sobre os hombros, costume de puritano, de huguenote ou de pagem de Henrique IV, parece o referido boneco solto no Chiado ou no Passeio Publico. Deveria apparecer acavallo n'um cão de agua e preso por um cordão a um realejo, para o confundirmos pelo menos com um macaco, e perdermos o receio

de que elle seja uma pura curiosidade mecnica a que se acabe a corda antes de chegar a casa.

Aos seis annos começa a ir para a escola, a cheirar ao tabaco de fumo do gallego que o leva pela mão, a andar sujo de tinta de escrever, a arregalar os olhos com o espanto amedrontado de um malfeitor no primeiro degrau do patibulo e a metter o dedo no nariz com uma insistencia morbida caracteristica do primeiro periodo do amollecimento cerebral.

Aos quinze annos fuma cigarros, namora, faz excursões clandestinas ao Dá-Fundo, estaciona no Chiado, rima quadras *A's tranças de Laura*, e escrevinha romances que principiam assim: *Alberto contava a esse tempo dezeseis annos e era o que podemos chamar um lindo moço...*

Logo que estes derradeiros phenomenos se manifestem, que João Fernandes não hesite um momento em inutilisar nas costas de seu filho a sua bengala, passando em seguida a consagrar-lhe uma bengala nova e um trabalho honesto que lhe absorva todo o tempo e todas as faculdades dentro da disciplina austera de um character sisudo.

Emquanto elle fôr pequeno, lembre-se que

os meros principios da caridade nos obrigam a respeitar as creanças como se respeitam os velhos que não têm força para se defenderem e para protestarem, e vista o seu filho simplesmente, com uma blusa e um collarinho liso, grande, redondo, virado sobre os hombros, fazendo consistir o seu luxo em fallar egualmente tres linguas, em trazer o cabello escrupulosamente cortado á escovinha todos os oito dias, em tomar um banho frio todas as manhãs, em cheirar bem como um canario, em estar escovado, lavado e nitido como a propria dignidade, como a innocencia em pessoa.

Ponha-lhe sapatos grossos com largas solas e ensine-o a marchar.

Ensine-o a não ter medo. O medo é a coisa mais estúpida que ha desde que se descobriu que elle não serve absolutamente para nada.

Desenvolva-lhe por todos os modos a força physica e o sentimento da bravura. Ser perfeitamente valoroso é possuir uma especialidade rara. É o mesmo que conhecer uma sciencia a maior que os seus semelhantes, sciencia importantissima — a de os desmandibular com um sóco. A bravura pôde ser em muitos casos um officio glorioso. É sempre um caminho é uma

carreira, e póde substituir optimamente uma posição social.

Costume-o a estas duas coisas capitaes: ser sobrio e levantar-se de madrugada. Superioridade enorme! É ganhar sobre a sua geração o tempo immenso que ella perde a dormir de mais, a digerir difficilmente e a medicar enfermidades gastricas.

Se o dedicar ás grandes carreiras publicas, ás altas posições sociaes, á politica, á dominação, ao governo, ensine-lhe de pequentno a intriga, a astucia, o egoismo, a dblez.

Faça-o forte e matreiro; rijo, mas safado:

Não desprese ninguem para poder utilizar todo o mundo.

Aperte indifferentemente todas as mãos, para a direita e para a esquerda.

Ao passo que fôr subindo, vá successivamente inutilizando o degrau em que pôz o pé, para levar o menor numero de gente atraz de si.

Mostrem-se-lhe os bellos exemplos: o exito dos grandes devassos triumphantes, a ruidosa victoria dos embusteiros e dos covardes, ao lado da humildade obscura dos caracteres irreconciliaveis com a deshonna, com a hypocrisia, vivendo ao seu canto e imaginando-se felizes —

felizes os mesquinhos! os miseraveis! — felizes por viverem no integro dever, na plenitude moral, na profunda affirmação da consciencia!

*Conclusão:* \*

Se João Fernandes seguir á risca as instrucções d'este guia, elle chegará a tudo o que pretender: a todas as honras e a todas as dignidades sociaes; á distincção, á elegancia, ao espirito, á celebridade, ao triumpho, á gloria. Será deputado, ministro, conselheiro de estado, embaixador, par do reino. Será finalmente tudo o que quizer... tudo com excepção d'esta só coisa, a mais difficil de ser:

Um homem de bem!

---

Chegou a Lisboa Madame Rattazzi, sendo recebida ao mesmo tempo com ruido e com reserva.

Os jornalistas todos, aos quaes esta senhora fôra apresentada por intermedio dos srs. Ro-

mero Ortiz e Benigno Martinez, escriptores hispanhoes, acolheram-a com girandolas de noticias locais.

Ora desde que os noticiarios se apoderam assim de uma personalidade, deprimem-a. A vulgarisação em Portugal inflige o suplicio da vulgaridade. Estão de tal modo safados na imprensa os *clichets* do elogio que perderam toda a nitidez das linhas, toda a intenção do contorno. O elogio é um borrão informe, commum para todos os elogiados.

Alastrado sobre um ou sobre outro nome, o mesmo borrão dá indifferentemente a physionomia do sr. Braum Peixoto ou a de Victor Hugo, a de Madame Rattazzi ou a da senhora Cecilia Fernandes.

E tal é a importancia do ruido.

\*

A circumstancia de apparecer em Lisboa e de acceitar a convivencia social uma celebridade distincta produziu na sociedade a reserva.

Os personagens celebres seguem geralmente outra praxe: Chegam, olham, tomam as suas notas e retiram-se sem descalçar as polainas de *touristes*.



Pela sua parte a sociedade de Lisboa manifesta egualmente por todos aquelles que representam uma superioridade qualquer o desdém mais soberano e mais olympico. Os grandes salões de Lisboa são de tal modo difficeis perante a alta distincção e o relevante merito que, a não os conhecermos por outros caracteristicos, deveriamos tel-os pelo *sancta sanctorum* da insignificancia mais selecta e da nullidade mais escriptulosamente escolhida.

Os homens mais preponderantes nas lettras, nas sciencias, no *sport*, no dandysmo, teem sido invariavelmente excluidos dos salões lisbonenses. Lord Byron foi recebido com a distincção especial de duas cacetadas na primeira noite em que entrou em S. Carlos. Os srs. Edgard Quinet, Amadée Hachard, Lord Stanley, Lord Talbot, nunca frequentaram em Lisboa senão os terceiros e os quartos andares de alguns pobres philosophos. O duque de Hamilton esteve ainda ha pouco tempo fundeado no Tejo por alguns dias, sahio uma unica vez do seu *yacht* para vir a terra, mas não passou do Caes das Columnas.

De sorte que, constando repentinamente que uma s enhora notavel, uma princeza, uma escriptora, uma artista, se tinha arrojado a atraves-

sar sem disfarce os perigos que offerecem ao estrangeiro as ruas da baixa, a subir o Chiado e a tomar quartos, sob o seu nome verdadeiro, no hotel de Bragança, occorreu a todos os espiritos que se tratava de uma simples especulação tentada por esta corajosa intrusa, e a maior parte das senhoras imaginaram que a princeza Rattazzi se propunha fazer-lhes chapéus ou vender-lhes perfumaria.

Tal é o perigo de ser clamorosamente victoriado na imprensa entre a Doce Revalescière e os esposos Cecílios Fernandes — dados ao mundo com a funesta missão de enxovalharem ao mesmo tempo a decencia do jornalismo e o gosto nacional da *toilette*!

\*

Não, minhas presadas senhoras e illustres compatriotas: Nós outros artistas collocamo-nos frequentemente aos pés de suas excellencias, não precisamente com o intuito de lhes tomarmos a medida das botinas.

Entendamo-nos.

Nós temos por suas excellencias uma affeição pouco racional, que nos compromette ás vezes; temos aquillo que chamaremos *um fraco*; pela

rasão que suas excellencias representam para nós a parte mais mimosa, a mais delicada, a mais fina, da grande entidade que verdadeiramente amamos, por quem damos a vida, por quem desvelamos as noites, por quem sacrificamos a saúde, a riqueza, os prazeres, a familia, tudo. Essa entidade querida é o que se chama collectivamente — *o leitor*, ou — *a leitora*.

Que, individualmente, a condessa Trez Estrellinhas, que tem um salão, a marquiza Quatro Estrellinhas, que tem uma casa de jantar, ou a duquesa Cinco Estrellinhas, que tem uma coutada, nos receba ou nos exclua do seu cortejo, — eis o que é para nós, artistas, a coisa indifferente do modo mais completamente radical e mais absoluto.

A sociedade portugueza tem ainda, em grande parte, ácerca dos litteratos e dos escriptores uma opinião que hão de dar-nos licença para qualificarmos de — archeologica.

A sociedade portugueza n'este ponto de vista, considera-se ainda em pleno seculo passado, quando as relações sociaes, o trato das salas e dos conventos, a convivencia dos nobres substituia os meios de publicidade a que veiu depois occorrer a imprensa moderna. Boccage,

Garção, Quita, Manuel do Nascimento, Nicolau Tolentino de Almeida não tinham — o leitor. E então, coitadinhos, — dê-se este desconto ao seu baixo servilismo! — precisavam do ouvinte, e iam de porta em porta, de sarau em sarau, de outeiro em outeiro, procurando as parcellas dispersas do seu publico.

A falta do *publico* constituído em *leitor* trazia consigo uma outra calamidade: a necessidade de dar a obra, em vez de a vender. D'ahi a miseria e a fome dos auctores. Recebel-os era uma obra pia e misericordiosa; pôl-os ao canto da mesa e servir-lhes as pernas do Perú, ou mandal-os á copa escorropichar as garrafas e embulhar n'um papel para levar para casa o resto do empadão, era um modo de exercer a fidalguia protegendo a arte.

Hoje que a arte — a arte escripta pelo menos — dispensa este genero de protecção, a sociedade não póde em favor d'ella fazer mais do que dar-se ao ligeiro sacrificio de a lêr; contra ella não pode tambem fazer mais do que deixar de ler. A malignidade social será ridicula desde que se imaginar com peçonha que trasborde d'estes dois limites — ler ou não ler.

Fóra do livro ou do jornal a personagem lit-

teraria desaparece da commensalidade e os escriptores de um e outro sexo teem o simples valor moral que distingue os individuos segundo o grau de cooperação com que cada um d'elles contribue para elevar ou para deprimir o nivel da dignidade por meio dos seus actos, das suas obras ou do seu proceder.

\*

Sob este criterio Madame Rattazzi merece em toda a sociedade civilisada o logar mais distincto. Porque tendo os dotes fundamentais que bastam para assegurar a qualquer mulher uma elevada posição — o nascimento, a educação e o talento, — ella não se contentou simplesmente em possuir esses dotes. Exerceu-os, empregou-os durante toda a sua vida, collaborando assim no aperfeiçoamento humano, servindo a civilisação, honrando o trabalho, afirmando poderosamente a solidariedade e a responsabilidade da intelligencia, base da elevação moral e da dignidade do homem.

Como companheira e consorte do estadista Rattazzi, influuiu activamente com todo o esforço da sagacidade feminina na liberdade e na pacificação da sua patria.

Como artista fez poemas e romances conscienciosamente concebidos e trabalhados, cultivou o desenho e a pintura, a arte dramatica, o jornalismo e a critica.

Como senhora presidiu aos salões mais celebres em França e em Italia, aos mais brilhantes centros do espirito e da conversação, sendo a amiga desinteressada de todos os homens assignalados pelo merecimento das suas obras ou pela aspiração do seu talento.

Como princeza da casa Bonaparte reagiu hostilmente contra a politica da sua familia e teve a distincta honra de ser desterrada do segundo Imperio e conduzida á fronteira de França pela gendarmaria de seu primo co-irmão o imperador Napoleão III.

Como mulher de coração, promoveu e conseguiu a amnistia de Garibaldi. E basta este unico acto da sua vida para lhe affiançar por muito tempo a estima e o reconhecimento da humanidade. Porque a memoria de Garibaldi tem de ficar na historia, e será decerto no futuro uma das mais poeticas legendas da honra, da abnegação e da bravura, legenda a que ficará vinculado pelo laço mais terno e mais sympathico o nome de Maria Letizia Rattazzi, a boa e fiel amiga do heroe.

\*

Segundo as chronicas do *high-life* nacional ha venerandas damas illustres que em toda a sua vida se teem apenas assignalado na historia contemporanea — fazendo annos. Cremos que os façam bem — e tanto mais quanto algumas d'ellas, justamente, os teem feito muitas vezes; — mas, em verdade, confessemos que não será unicamente sobre esse dado biographico que se haja de ir escrever outra vez a *Illiada*!

Ora são exactamente algumas d'essas damas que persistem em não distinguir Madame Rattazzi da sr.<sup>a</sup> Cecilia Fernandes. A imprensa, pela sua parte, tem contribuido muito, já o dissemos, para estabelecer essa confusão.

Folgamos de ratificar sobre este ponto a verdade dos factos.

---

Da ala tão rareada dos poucos homens que representam ainda em Portugal a antiga geração

guerreira desapareceu n'este mez um dos vultos mais assignalados pelos seus feitos de valor militar, — o marquez de Sá da Bandeira.

Na occasião em que se annunciava a morte d'esse estimado cidadão, dois jornalistas da geração nova, filha da paz assegurada pelas instituições constitucionaes, reciprocavam-se nos seus respectivos jornaes os insultos mais pungentes, e quando se cuidava que a contenda se resolveria pelo sangue, os batalhadores da imprensa espadeirados pelo adjectivo infamante, atravessados no ventre pelo nome injurioso, davam por liquidado o ponto d'honra com os ferimentos grammaticaes, e a attenção publica desviava os olhos d'este incidente para vêr passar o feretro do antigo soldado.

\*

Boa occasião, valente velho, boa occasião, realmente, para que pela derradeira vez nos descubramos deante de ti! deante de ti que tinhas uma penna e uma espada, nós outros, que temos unicamente uma penna!

E é pouco — vês tu — é pouco para a dignidade humana, é pouco para a sustentação dos principios, é pouco para a simples affirmacão das ideias — ser unicamente um plumitivo!



É do direito das gentes que todo o tratado se considera nullo desde que n'elle cessa a lettra de ser mantida pela espada. As ideias são como os tratados: pouco vale firmal-as com a nossa tinta quando não somos capazes de confirmal-as com uma gota do nosso sangue.

Os da tua geração crearam uma aristocracia militar. Nós outros, homens da paz e do jornalismo, creamos uma outra aristocracia, menos perigosa no rigoroso sentido d'esta palavra, mas muito mais damninha: a aristocracia plumitante.

Não serias tu, — tu que na defeza da tua ideia perdeste um braço e cabiste no campo com o craneo escalavrado pelas cutiladas, o corpo calcado pelo galope dos esquadrões — não serias tu que te contentasses em defender-te trocando com o inimigo dois golpes de phrase!

Foste valoroso, porque tiveste os teus principios de accordo com os teus interesses, os teus actos de accordo com as tuas convicções.

Nós vivemos na confusão. Como as instituições em que nos achamos não merecem o nosso respeito, a estima pelo que nos cerca foi-se confrangendo successivamente até se achar reduzida ao amor exclusivo do nosso rico corpinho.

O valor, o brio, a coragem, a abnegação, o

despreso da vida são phenomenos procedentes da solidariedade humana. Deixamos de ser solidarios: cahimos no egoismo. Uma ou outra vez consentimos em nos deixar mutilar, comtanto que não seja senão no pundonor, porque o pundonor perde a sensibilidade desde que nas relações publicas dos caracteres se manifesta o despreso.

Na guerra em que tu servistes perdem-se os braços pela paixão partidaria; na intriga em que nós militamos perde-se a faculdade de nos servirmos d'elles pela indifferença social. Mutilação por mutilação. Barbaridade por barbaridade. Lastima por lastima.

Do sangue generoso que tu derramaste procedeu a liberdade em que nós apodrecemos. Precisamos de guerreiros novos que derramem a sua razão para reconstituir a nossa dignidade.

Descansa no emtanto em paz, soldado ingenuo! e que tão leve te seja a terra que libertaste quão inutil lhe tem sido a ella a liberdade que lhe deste!

Falleceu tambem o sr. barão do Rio Zezere, e consta dos jornaes que os commerciantes de Lisboa estão fazendo uma subscrição para levantar um monumento á memoria d'este general. Porqué? Porque a personalidade do barão do Rio Zezere symbolisa o principio da ordem, e os srs. commerciantes, assustados pelo incremento das modernas theorias revolucionarias, acham util tributar, em nome da classe a que pertencem, este publico testemunho da sua consideração como auctoritarios e como conservadores ao finado chefe temporal do seu poderoso partido.

Ha porém um notavel equivoco da parte dos srs. commerciantes, e vem a ser que os srs. commerciantes não constituem na sociedade uma classe conservadora, como elles julgam, mas sim uma classe eminentemente e radicalmente revolucionaria, cujos interesses estão em opposição absoluta com o principio politico de que o sr. barão do Rio Zezere é a expressão armada.

Phenomeno verdadeiramente extraordinario: A classe mais antiga e a mais importante da sociedade portugueza — a classe commercial — ignora completamente a natureza do seu officio

no meio da civilização! Tão profunda é a confusão das idéas! Tão falsas são as bases em que supponmos repousar a nossa organização!

\*

Ha duas coisas diversas que vós confundis, ó burguezes: o vosso egoismo pessoal e o vosso altruismo de classe. Confundis tambem est'ou-tros nomes: a *revolução* e a *bernarda*. E como o vosso ogoismo condemna a bernarda imaginaes possivel que a vossa missão altruista se cumpra sem a revolução.

A revolução porém, caros amigos, a revolução sois vós mesmos. Aproximando os novos productos das novas necessidades sois vós, commerciantes, que tendes operado em Portugal a unica obra revolucionaria que n'elle se tem feito no presente seculo: a reforma dos costumes.

Fostes vós que creando o commercio dos cereaes déstes uma solução nova ao antigo problema das grandes fomes.

Fostes vós que, importando de longinquos climas o café, o chá, o algodão, o petroleo, modificastes radicalmente as condições das sociedades modernas com relação ás sociedades que as precederam.

Fostes vós que, trazendo á sociedade portugueza os estofos inglezes, francezes, allemães, nos libertastes do briche e do burel dos frades e dos capitães-móres.

Cada uma das vossas acquisições, cada passo dado no vosso desenvolvimento tem correspondido a uma revolução na geographia, na geologia, na chimica, na hygiene, na economia, na moral.

Ainda que n'uma ordem subalterna, vós sois uma das ramificações directas da grande arvore da sciencia.

Lançando na circulação, na permutação, no consumo, os productos das artes e das industrias, vós sois um dos mais poderosos instrumentos do progresso, a mais violenta antithese da conservação e do *statu quo*.

Emquanto os governos conservadores fecham os portos, tributam as industrias, fortificam as fronteiras, dilatam as alfandegas, armam o fisco e sustentam os exercitos permanentes, vós, pelo contrario, ides demolindo lentamente, dia a dia, essa obra deshumana, e pela vossa força de classe eminentemente expansiva, lancaes por toda a parte a confraternidade dos interesses communs, o respeito correlativo dos direitos, a

vasta associação universal, a grande encorporação das nacionalidades no dominio da Humanidade.

O finado sr. barão do Rio Zezere exprimia a ordem. Vós, negociantes, commerciantes, mercadores, vós sois pela vossa intima natureza, pela essencia mesma da vossa vida, a negação mais positiva e mais terminante da ordem.

Vós outros, amigos, sois a liberdade.

Sabeis o que quer dizer a liberdade no systema politico? Quer dizer a refutação da violencia dos antigos regimens depredatorios, das velhas fórmas de governo, que pesam ainda miseravelmente sobre as sociedades contemporaneas pela razão unica de que a intelligencia dos povos não alcançou por emquanto a comprehensão dos costumes fundados na liberdade.

Sabeis o que é o governo? O governo é um phenomeno puramente transitorio, é uma função correlativa da ignorancia social.

O triumpho dos conservadores — diz Herbert Spencer, um dos grandes codificadores da sciencia moderna — indica um predominio dos habitos violentos e egoistas; o triumpho dos reformadores prova que os habitos sympathicos e o respeito dos direitos adquiriram o predominio.

Logo que esse predomínio se tornar universal, toda a especie de governo, electivo ou hereditario, procedente do direito divino ou do suffragio popular, desaparecerá como inutil e portanto como impossivel. Tal ha de ser definitivamente, segundo as mais justas previsões da philosophia, o destino futuro da sociedade humana.

O grande movimento revolucionario, filho dos progressos mentaes da humanidade, manifestado hoje por toda a parte e por toda a parte convergindo para a liberdade, é em Portugal mantido principalmente pela classe commercial. E é precisamente esta classe que vae levantar estatuas á manutenção da ordem pelas baionetas, porque é precisamente esta classe a que mais se atemorisa com o progresso da revolução, — da revolução que é ella propria! Caso inaudito, inteiramente novo, completamente inesperado: — Um ente com medo de si mesmo!

Eis sob a formula mais precisa e mais clara o facto que se está dando na classe commercial:

Ella ia indo seu caminho. De repente olha, estremece, vê a sua sombra no muro, reconhece a figura do progresso e apita. A municipal acode e põe um soldado de baioneta calada ao lado da

sombra da classe commercial projectada no muro. Então a classe commercial prosegue tranquilla, confiada, e pensa comsigo :

— Devo a vida a esta baioneta, vou levantar-lhe uma estatua !

Oh! a classe commercial parece querer fingir que se acha idiota ! Não seria outra coisa erigir um monumento em que eternisasse esta inscripção :

Á MEMORIA DO CIDADÃO QUE REPRESENTOU VALOROSAMENTE :

OS PRINCIPIOS DA REPRESSÃO, DA BARREIRA, DA FORÇA ARMADA, DA CENTRALISAÇÃO, DO AUCTORITARISMO, DO MILITARISMO E DO STATU-QUO,

LEVANTA ESTA LAPIDE, EM TESTEMUNHO DE GRATIDÃO E DE ALLIANÇA, A CLASSE QUE SÓ PÓDE VIVER NOS PRINCIPIOS OPPOSTOS AOS DO CIDADÃO REFERIDO, ISTO É :

NA DILATAÇÃO MAXIMA DO CREDITO E DA RECIPROCIDADE DOS INTERESSES, ATRAVEZ DE TODAS AS BARREIRAS, DE TODAS AS AUCTORIDADES, RECEBENDO DA SCIENCIA O SEU PODER E A SUA FORÇA, NÃO TENDO POR GUIA AS BANDEIRAS DOS REGIMENTOS NEM POR VOZ DE ORDEM O RUFAR DOS TAMBORES, MAS SIM OS DESCOBRIMENTOS DA GEOGRAPHIA, DA CHIMICA, DA MECHANICA, DA AGRONOMIA, DA MINERA-



LOGIA, FINALMENTE A VASTA SCIENCIA PROGRESSIVA  
E O LIVRE ESPIRITO UNIVERSAL.

Já uma vez dissemos a nossa opinião acerca da pena de morte na jurisdição militar. Estamos longe da sentimentalidade philantropica dos que desmaiam de horror á ideia da pena ultima.

Entendemos pelo contrario que a sociedade tem direitos que o individuo não pôde ter; que, figurando entre esses direitos o de tirar a liberdade aos homens perigosos á conservação dos seus semelhantes, nós achamos em taes casos menos barbaro o processo da morte que o horror da penitenciaria, que o flagello infernal da clausura por toda a vida.

Figura-se nos que a lei respeitaria talvez mais os direitos da dignidade humana convertendo-se para a repressão do crime nos effeitos fulminantes da congestão e da aneurisma do que tomando por piedade e complacencia o caracter chro-

nico das mais lentas e peniveis enfermidades, encarcerando por toda a vida uma creatura humana, affastando-a de todo o contacto com a natureza, marcando-a com um stygma infamante. e fazendo-a esphacelar-se a pouco e pouco na gangrena, na corrosiva podridão incuravel, no eterno desprezo, e dizendo-lhe meigamente:

«Vê, ó creatura, como eu, lei que te domino, sou magnanima e boa!

«Podia ser para ti a simples morte; prefiro desgastar-te, desfigurar-te, desnaturar-te, roer-te, macerar-te, descoser-te, desfibrar-te, consumir-te.

«Porque eu não sou a morte, sou esta coisa mais doce, mais humana, mais terna, mais affectiva: sou a escrophula, sou o cancro, sou a elephancia.

«O beijo philantropico e amante que eu ponho na tua face de bandido ficar-te-ha como uma ulcera incuravel, que te irá corroendo por toda a vida sob successivos aspectos: primarios, secundarios, terciarios etc.

«Bem vês que te não faço mal, que respeito os teus direitos á vida, que te perdôo!

«Sómente, esse pequenino ponto duro, que é

a marca do meu osculo de bondade e de paz começará desde hoje a lavrar-te, a ramificar-se, a cingir-te, a envolver o teu ser como a hera amiga e poetica envolve o velho tronco abatido.

«Mas consola-te, ó homem, porque no interior de ti mesmo, em tanta miseria, em tamanha lastima, em tão grande horror, estará presente a tua alma, a tua alma inviolavel e divina, a qual, do fundo do cano latrinario em que eu hei-de converter o teu ser, entoará á poesia, á sentimentalidade e á philantropia o hymno da tua gratidão por aquelles que não quizeram separal-a do corpo respectivo.»

Taes são para a nossa consciencia as expressões da lei benigna que substitue pela prisão penitenciaria a pena ultima.

Admittido porém entre os legisladores que a prisão eterna é uma attenuação da sentença capital, o que não comprehenderemos nunca é que o rigor presista no exercito como excepção á lei commum; que um mais eminente perigo ameace a sociedade perante a contravenção da disciplina militar do que perante qualquer outro attentado

às instituições sociaes ; que finalmente seja menos grave para os effeitos penaes matar cada um o seu proprio pae do que matar o cabo de esquadra da sua companhia.

\*

O que teriamos por verdadeiramente inconcebível, se o não vissemos realiado n'um facto legal, votado pelas côrtes e sancionado pelo soberano, é que exista uma sociedade em que a instituição *exercito* — a mais perniciosa, a mais funesta, a mais terminantemente condemnada das velhas instituições sobreviventes nas sociedades actuaes — se cubra com uma legislação especial, que sobrepõe a importancia da disciplina militar — tudo quanto ha mais contingente e mais instavel — ao que ha mais permanente e mais sagrado como instituição humana : a *familia* e a *patria*; ao que ha mais importante e mais vital como disciplina social : a *liberdade* e o *trabalho* !

E todavia é da liberdade na patria e é do trabalho na familia que sae o impulso da grande evolução eterna, emquanto que muito desgraçada será a humanidade se dentro de cem annos os exercitos permanentes, que os senhores conservadores tanto se disvelam em conservar, não ti-

verem desaparecido para sempre do machinismo da civilização!

\*

Do tribunal militar instituído pelo novo código votado na passada sessão legislativa acaba de sair um soldado condemnado á morte. Espera-se a todo o momento a execução da sentença ou a commutação da pena por effeito da prerogativa especial do poder moderador.

N'esta conjunctura o espirito publico acha-se tão alheio aos interesses da disciplina militar que o facto é simplesmente considerado pelo aspecto da sua influencia politica.

Diz-se:

Se fôr homologada a sentença pela sancção real, o soberano desconceitua-se na opinião da Europa, perante a qual a casa de Bragança tinha até hoje um direito á estima dos discursadores e dos humanitarios: o direito que lhe dava a sua reputação de benevolencia e demagnanimidade.

Se a corôa se recusa a sancionar a sentença do tribunal militar, o ministerio que instituiu esse tribunal perde constitucionalmente a confiança do rei e tem de levar ao Paço a sua demissão.

Cae o ministerio ou desconceitua-se o rei? — Eis os termos do problema.

Ha opiniões divergentes. Fazem-se apostas.

As pessoas chamadas *sensatas*, os caracteres chamados *conciliadores*, os ministeriaes de todos os ministerios, os conservadores de todas as suas opiniões,—bem como de todas as opiniões contrarias,—elevam ao ceu os mais ardentes votos para que entre o ser morto e o não ser morto surja um meio termo que congrasse estes dois modos de ser.

Pela sua parte o ceu parece mostrar-se ligeiramente inclinado n'esta occasião, primeiramente a chover, e em seguida a ouvir os votos dos srs. caracteres conciliadores.

Ha então algum meio de ser condemnado e de o não ser ao mesmo tempo?

Ha. Não digam nada a ninguem, por hora, mas ha! Tudo quanto a incomparavel rabula portugueza quizer que seja é, tudo quanto ella quizer que haja ha.

Os srs. vêem isto que está a cahir do ceu?... sabem o que é? Isto é a chuva e é a inspiração da rabula.

Esfreguemos as nossas mãos de consolação, e deixemos cahir, que é para nosso bem que tudo isto cae. Está mesmo um temposinho creador!

Ora verdade seja que, unicamente para que os srs. caracteres conciliadores estejam fazendo preces *ad petendam rabulam* não valia talvez a pena de ter feito um código de justiça militar, de o ter proposto, votado, sancionado, regulamentado, tornado vigente, etc.

Assim o exigia porém a opinião publica — de alguns srs. coroneis.

Ha uns coroneis velhos, magros, de oculos fixos, de nariz roxo e de bigode amarello, usando gravata de clina afivelada atraz, joanetes e calças de presilhas retesadas por um par de suspensorios encruzados ao pé da fivela da gravata, os quaes lhes puxam os cozes até a altura dos hombros.

Estes coroneis, que teem o mau humôra inda mais esticado do que as presilhas, reclamavam em voz de trovão o código militar... — *Para endireitar o galucho!* — berravam elles com o roxo mavorcio dos narizes entenebrecido pelas nuvens da cholera.

A ociosidade havia posto as presilhas d'estes coroneis e os joanetes concumitantes na vereda do vicio.

Elles achavam-se no abysmo insondavel da gula em commissão, com gratificação e forragens.

Nos dominios da amendoa torrada e do camarão cosido elles eram o vivo gorgulho de oculos, a pura traça de esporas e espada á cinta.

O appetite d'elles passava e era como a cavallaria de Murat: limpava o terreno.

Elles porém permaneciam sempre magros de corpo e terriveis de genio. Unicamente o amarello dos seus bigodes carregava-se cada vez mais com um tom esverdinhado e venenoso, a mescla das suas calças ameaçava estalar, e o vermelho dos seus narizes scintillava em reflexos esbrazeados, como as fogueiras dos acampamentos.

Elles continuavam sempre a pedir, do alto das suas gravatas inflexiveis, a morte para os galuchos e o camarão para elles.

\*

Attentando o poder legislativo n'este estado permanente de furor rabido e bellicoso dos srs. coroneis, resolveu acalmal-os com o codigo de justiça militar.

Ahi o tendes pois — o vosso codigo — ó terri-  
veis coroneis! Tendes o monopolio da justiça  
militar! Esperamos agora que não queiraes tam-



hem continuar a ter o monopolio dos piteus estimulantes. Endireitae o galucho a golpes de sentenças marciaes, mas deixae, pelo menos, ao resto da sociedade — o camarão!

\*

— É impossivel a disciplina militar sem a pena de morte! — dizem todos os que desejam a conservação do exercito. E não vêem que é esse o mais decisivo argumento contra a instituição que pretendem conservar! Ella está de tal modo fóra da ordem natural das coisas, tão desligada dos laços communs que prendem a humanidade e a civilisação, que — como todos os phenomenos excrecentes, extranhos ás verdadeiras necessidades sociaes — o exercito tende constantemente a desorganisar-se, a dissolver-se, a deixar de existir! E, contra as tendencias fataes da sua natureza, só é possivel mantel-o e sustental-o — a tiro!

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

---

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

# NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

---

OBRA COMPLETA

12 VOLUMES..... 2:400

---

SUMMARIO

DO 1.º NUMERO

Proemio — Consolação a Santos Nazareth — As ostras —  
Rehabilitação do snr. visconde de Margaride — A rival  
de Brites de Almeida — Egas Moniz — Dous poetas in-  
ditos do Porto — D. João III, o principe perfeito — Sub-  
sidio para a historia de um futuro santo — O livro 5.º da  
Ordenação, titulo 22 — Problema historico a premio —  
Desastre do santo officio no Porto — Rancho do Carqueja.

## DO 2.º NUMERO

Aquella casa triste... (romance) — Solução do problema historico — Dous preconceitos — Lisboa — Ferreira Rangel — As joias de um ministro de D. João v no prego — O oraculo do marquez de Pombal — O principe perfeito — Ave rara — Vergonhas nacionaes — Rancho da Carqueja — Bom humor (resposta ao noticiarista da *Actualidade*) — Declaração.

## DO 3.º NUMERO

Feitiços da guitarra — Em que veias gira o sangue de Camões? — Lisboa — Voltas do mundo — Nova solução do problema historico — Desgraçado Balzac! (*A Actualidade*) — Os 2 Joaquins — Flôres para a sepultura de Ferreira Rangel — Mystério da castanha — Bem vindo! — Os salões, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — Subsídios para a historia da serenissima casa de Bragança.

## DO 4.º NUMERO

O cofre do capitão-mór — O jogador — Inedito do poeta fr. Bernardo de Brito — Lisboa — Litteratura brazileira — *A Actualidade* — A exc.<sup>ma</sup> madrastra d'el-rei D. Luiz I calumniada — Os salões, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — O decepado — Caridade barata e elegante — Profunda reforma nos costumes da via-ferrea portugueza — Formosa e infeliz — Antonio Serrão de Castro.

## DO 5.º NUMERO

Petronilla, Gamarra, Zamperini — Entrada para os salões — Os salões, introdução, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — Ecce iterum *Silva Chrispinus* — Santos-Silva

— Doudo illustre — A catastrophe — Renan — Correcções  
 — Mau exemplo de poetas casados — A casa de Bragança  
*ob ovo* — Um inquisidor portuguez e o principe de Galles  
 — Trilogia da *Actualidade*.

## DO 6.º NUMERO

Subsidios para a historia da serenissima casa de Bragança  
 — Os salões, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella —  
 Manoelinho d'Evora — A morte de D. João — Poetas e  
 prosadores brasileiros — Acerca de Joaquim II — Estupi-  
 do e infame (À *Actualidade*) — Carta ao snr. conselheiro  
 Viale — Quinta essencia de malandrim (À *Actualidade*).

## DO 7.º NUMERO

Os salões, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — Uma  
 viscondessa que não era — Bibliographia — Para a histo-  
 ria de D. João IV — Inedito de Manoel Severim de Faria  
 — O Manoelinho poeta — Um baile dado a Junot, em  
 Lisboa — Que saudade! — Carta a respeito... d'aquella  
 cousa — Nil admirari.

## DO 8.º NUMERO

Os salões, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — Subsidi-  
 os para a historia da serenissima casa de Bragança —  
 O paço real da Ribeira — As cruas entranhas de D. Ma-  
 ria I, a piedosa — D. Maria Caraca Bonaparte — Lixo —  
 Bibliographia — Pobreza academica — Sobre Anselmo —  
 Ao publico.

## DO 9.º NUMERO

Os salões, prefacio, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella  
 — Condemnação de corpo e alma — O doutor Botija — O

palco portuguez em 1815 — Bibliographia (Senna Freitas, Cunha Vianna, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos) — Que segredos são estes ?

DO 10.º NUMERO

Beatriz de Vilhena — Se o poeta Bernardim Ribeiro foi commendador — Resposta de José Anastacio — Prefacio ao sonho do arcebispo — O ultimo carrasco — Curiosidades artisticas — Cantada e carpida — Bibliographia.

DO 11.º NUMERO

O ultimo carrasco, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — O desastroso fim de Goes — A menina perdida — O heros da ilha Terceira — O nariz — João Baptista Gomes — Auto de fé... a rir.

DO 12.º NUMERO

O que eram frades — Quem desterrou José de Seabra da Silva ? — D. João IV e as regateiras — Fielding — Mania e hypocondria — Aos diplomatas descontentes — Bibliographia — O ultimo carrasco, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. visconde de Ouguella — O horror da demencia — Restauração de um documento historico valioso — A dança — Fim.

---

..... Nos ultimos tempos ainda se não fez em Portugal, n'aquelle genero, publicação tão util, tão instructiva. As *Noites de Insomnia* contem, como diz Camillo: «lances de historia patria, contados de modo que o leitor estranha; quadros espanejados da crusta pulverea das chronicas; os

homens taes quaes foram ; os acontecimentos resgatados da abjeção dos historiadores que os pesaram com os olhos postos na balança que abaixou com o peso do estipendio, ao passo que a outra balança subiu acima da lama. E os pedaços de historia — continua o nosso primeiro romancista — assim postos debaixo da luz que nunca os viu, só serão falsos quando não sahirem á praça bem amparados em provas. »

E' pois uma publicação excellente e admiravel : o que os nossos historiadores esconderam ou deixaram de parte, arranca-o Camillo Castello Branco do oceano brumoso, onde jaz, e mostra-o ao leitor, para que elle conheça profundamente as épocas que foram.

É uma publicação mimosa : contém romances pequeninos cheios de suavissima tristeza, de conselhos e exemplos muito proficuos, de uma sã e christã moral.

Que leitura melhor do que esses doze volumes, para passar estas longas noites de inverno, chuvosas e frias ? Ao lêr aquellas paginas, o espirito sente-se bem, e, por vezes, quando se embrenha na floresta romantica de Camillo, sente-se como que transportado a um mundo melhor, a um mundo suavissimo de ouro e azul, onde fluctuam visões subtis e vaporousas como as que povôam os sonhos luminosos do Oriente. Outras vezes ha-de o leitor rir-se, quer espicaçado pelas ironias finas e penetrantes de Camillo, quer lendo aquelles versos a um nariz enorme, como por exemplo :

Pareceis cá baluarte  
dos chinas, bem que o venceis,  
e com Deus vos pareceis,  
porque estaes em toda a parte.

Eras bom n'uma fronteira ;  
que d'essas ventas o vento  
é pelouro mais violento,  
que de bombardas, e roqueira.

Para que el-rei se desvela?  
 Se el-rei quer estar seguro,  
 ponha-vos, nariz, por muro  
 entre este reino, e Castella.

Alguem vos chama infinito;  
 mas eu, que em razão me fundo,  
 as quatro partes do mundo  
 sei que são vosso districto.

Este poema ha-de lê-lo o leitor e rir como nós rimos.

Em resumo: as *Noites de Insomnia* encerram paginas admiraveis de profundeza, de estudo, bellas de mimo, de elegancia, de sentimento. A penna que escreveu aquellas linhas vibra harmonias como as lyras divinas dos antigos trovadores, ora descrentes, como um poema de Musset, ora tristes e melancolicas como um cantico de Ossian.

Embora um pouco tarde, felicito d'aqui, d'entre as quatro paredes do meu quarto, o meu amigo Ernesto Chardron por ter sido o editor de tão apreciavel monumento litterario; e sinceramente lhe agradeço por me haver proporcionado, pela modica quantia de dous mil e quatrocentos reis, leitura tão amena e delectosa, como util e instructiva.

Porto.

Cunha Vianna.

## EDIÇÕES E OBRAS DE FUNDO

AMIGO (O) Piffard, por Paulo de Kock. 1 vol. in-8.º com uma estampa.....	400
AMANTES (Os) da minha amante, por Henrique de Kock. 1 vol. in-8.º com uma estampa.....	400
AMORES (Os) de duas irmãs, por Paulo de Kock. 1 vol. in-8.º com uma estampa.....	450
BANDIDO (O) Giovanni, por Paulo de Kock. 2 vol. in-8.º com quatro estampas.....	900
BARONEZA (A) Blaguiskof, por Paulo de Kock. 1 vol. in-8.º com uma estampa.....	400
BURRO (O) do sr. Martinho, por Paulo de Kock. 1 vol. in-8.º com uma estampa.....	400
CAIXEIRAS (As), por Paulo de Kock. 2 vol. in-8.º com quatro estampas.....	900
CERISSETTA, por Paulo de Kock. 2 vol. in-8.º com quatro estampas.....	900
COMPANHEIROS (Os) das Tuberas, por Paulo de Kock. 2 vol. com 4 estampas.....	900
INSTRUÇÕES (Os), por Paulo de Kock. 2 vol. in-8.º com duas estampas.....	900
CANÇÕES da tarde, por João de Lemos. — I. Ultimos reflexos. — II. Horas vagas de Buarcos. 1 vol. in-12.º....	600
CAPITÃO (O) Phantasina, por Paulo Féval, tradução de J. D. F. Chrispim. 3 vol. in-8.º.....	600
CARIDADE (A) christã, 2.ª parte do <i>Cura d'aldêa</i> , por D. Enrique Perez Eserich, tradução de Antonio Basilio Antunes. 3 vol. com estampas.....	15800
CONDE (O) de S. Luiz, romance original, por D. Thomaz de Mello. 1 vol. in-12.º.....	500
CHRISTIANISMO (O) e o progresso, por D. Antonio da Costa. 1 vol. in-8.º.....	600



CURA d'aldêa, por D. Enrique Perez Escrich, traducção de Antonio Basilio Antunes. 3 vol. com estampas. . . . .	15800
DAMA (A) dos tres espartilhos, por Paulo de Kock. 1 vol. in-8.º com uma estampa. . . . .	400
DICCIONARIO de rimas luso-brazileiro, por Eugenio de Castilho, revisto, augmentado, precedido de um prefacio, e d'um compendio de metrificacão, pelo visconde de Castilho. 1 vol. in-16.º . . . . .	800
DRAMAS (Os) da mocidade pobre, por Julio Roquette. 1 vol. in-4.º . . . . .	280
DRAMAS (Os) de Paris, por Ponson du Terrail. <i>Rocambole</i> . 87 vol. in-32 illustrados. . . . .	95570
DUELLO (Um) nas sombras, ou D. Francisco Manoel de Mello, romance historico, por A. Francisco Barata. 1 vol. in-12. . . . .	500
EDMUNDO e sua prima, uma festa nos arredores de Paris, por Paulo de Kock. 1 vol. com duas estampas. . . . .	500
ENTRE o café e o cognac, por Alberto Pimentel. 1 vol. in-12. . . . .	500
ESCRAVOS (Os) de Paris, por Emilio Gaboriau, traducção de Alfredo Sarmiento. 4 vol. in-8.º . . . . .	24000
ESCRITOS humoristicos em prosa e verso, do fallecido José de Sousa Bandeira, precedidos da biographia e retrato do author. 1 vol. in-8.º . . . . .	500
FAMILIA (A) Albergaria entre 1824 e 1834, romance historico original, por Guiomar Torrezão. 1 vol. in-12 . . . . .	500
FAMILIA (A) Braillard, por Paulo de Kock. 2 vol. in-8.º com quatro estampas. . . . .	900
FEITICEIRA (A) loura, por Xavier de Montépin, traducção de Rodrigues Trigueiros. 2 vol. in-8.º . . . . .	800
FILHA (A) do Emir, romance original, por Carlos Pinto de Almeida. 1 vol. in-12. . . . .	500

OBRAS COMPLETAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

# DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

Contendo o mais essencial da sabedoria humana.

2 grossos volumes, in-4.º, brochados.....	6\$000
Encadernados.....	7\$000

FREI DOMINGOS VIEIRA

# GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

ou

Thesouro da lingua portugueza

Publicação feita sobre o manuscrito original e enriquecida de numerosos exemplos tirados dos classicos de todas as epochas, inteiramente revista e consideravelmente augmentada.

5 grossos volumes, folio.....	25\$000
Encadernados.....	30\$000

LUIZ FIGUIER

# AS GRANDES INVENCÕES ANTIGAS E MODERNAS

NAS SCIENCIAS, INDUSTRIAS E ARTES

Obra ornada com 238 gravuras magnificas, similhantes á da edição franceza.

1 magnifico volume-album, brochado.....	3\$000
Com uma elegante cartougem.....	3\$000

À VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ERNESTO CHARDRON — PORTO

CAÇA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIGÃO



AS FARIAS

R. P.  
M. B.

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

---

# AS FARPAS

---

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

---

NOVA SÉRIE

---

TOMO III

---

Fevereiro — 1876

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

---

1876



Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

## SUMMARY

Lisboa perante a estatística da alfandega municipal. O que Lisboa não come. Resultados da abstinencia no aspecto da população. Influencia do regimo alimenticio na produção do trabalho, na natureza das ideias e na energia moral. Opiniões corroboradas por Quetelet, Buckle, Corvisart, Shimplon, Le Bon, Saint-Hilaire, Michelet. Os frades á luz da physiologia. — A sessão typo na camara dos srs. deputados. O aspecto pacifico e normal da sala. A assembléa. O orador. O publico. O discurso. As opiniões dos jornaes ao outro dia. — Uma livraria brasileira. — O caso do Reverendo Huggs, pregador. S. Paulo, S. Jeronymo, Santo Athanasio e o imperador Decio Pereira de Mello. Chronica elegante das igrejas lisbonenses. O diletantismo catholico. O sr. Patriarcha e Carlos IX. *O sermão ou a morte!* — Ideias parlamentares ácerca da mãe patria. Os gladiadores da syntaxe figurada. Theoria do patriotismo. — Os bailes da corte. A etiqueta. Os convites, os convidados, os holos, o *cotillon*, a valsa, a casaca de um alto personagem. Influencia das monarchias nas maneiras, na *toilette*, na conversação, na elegancia. Os

salões democraticos. — Os empréstimos sobre hypotheca na segunda feira gorda. O carnaval e o Monte Pio. — O duello. — A monarchia hispanhola e a falla do sr. Miguel Maximo.

Porque é que a Estatistica nos não disse ha mais tempo o que sabia? Ter-nos-hia tirado o trabalho de procurar para tantos phenomenos as suas confusas causas methaphysicas. Agora que a Estatistica, a simples Estatistica da Alfandega Municipal se declarou explica-se tudo.

A referida estatistica diz :

Producto em carne limpa das rezes abatidas para consumo da cidade de Lisboa no anno de 1874—1875

De rezes adultas.....	kil.	5.284:495
De rezes adolescentes...	»	140:366
Da especie ovina e caprina	»	156:526
Total .....	kil	<u>5.581:087</u>

\*

Calculada em 300.000 individuos a população fixa e fluctuante de Lisboa, comprehendida

a tripulação dos navios mercantes e de guerra que fazem no Tejo as suas provisões de carne, temos que dos referidos 5.581:087 kilogrammas de carne limpa das rezes da especie bovina, ovina e caprina, adolescentes e adultas, castradas e não castradas, toca a cada habitante, por anno, — 18 kilogrammas.

De sorte que cada habitante de Lisboa recebe no seu estomago, despresadas as fracções millesimas, de carne limpa das rezes da especie bovina, caprina e ovina, adultas e adolescentes, etc., etc., — kilo e meio!

\*

Bem vêem que se explica tudo : cada habitante alimenta-se com kilo e meio de carne — por mez! É inutil acrescentar mais nada, porque suppomos que comprehendem bem :

Ha kilo e meio de carne para trinta dias.

No primeiro dia almoça-se e janta-se o kilo ; no segundo dia almoça-se o meio kilo.

Ficam apenas 28 dias e meio por mez, 342 dias por anno, nos quaes o habitante de Lisboa não tem absolutamente carne de nenhuma especie, nem da bovina, nem da ovina, nem da caprina, nem para almoçar, nem para lunchar, nem para



jantar, nem para ceiar, nem para comer fóra d'horas.

Desde o momento em que isto se precise bem, como acaba de ser feito, com cifras officiaes, autenticas, insuspeitas e infalliveis, Lisboa está definida:

*Cidade com carne para dia e meio por mez.*



Em vinte e oito dias e meio por mez, em trezentos e quarenta e dois dias por anno Lisboa padece esta doença perigosa: A nostalgia da carne.

E querem ideias, querem character, querem musculos, querem força, querem bom senso, querem firmeza, querem vontade, querem opinião!

Ah! querem tudo isso? Dêem-nos carne.

Olhem-me para este habitante... Elle tem o angulo facial agudissimo, — de gallinacio; falta-lhe fronte e falta-lhe queixo; o seu peito é estreito e concavo, as suas pernas estiticas e frageis: é o producto da heriditariedade em successivas gerações definhadas e nostalgicas. Este habitante tem os gostos estreitos: é pelo fato apertado, pelos estofos linos, pelas botas excessivamente curtas,

pelos versos tristes, pelas arias molles, pelos quadros languidos. Ouvi o resultado dos seus estudos, das suas reflexões : o seu cerebro educou-se n'um mundo phantastico ; não tem uma só noção logica, nitida, pratica ; nenhum dos seus esforços o adeanta um passo na vida ; existe ao acaso, sem norma, sem methodo, sem disciplina, não sabe o que é, nem d'onde vem, nem para onde vae, nem o que quer.

Elle vem simplesmente do dia primeiro do mez antecedente e dirige-se lentamente para o dia primeiro do mez seguinte ; elle vem do ultimo jantar de carne, cuja memoria se lhe perde confusamente, ao longe, nas brumas da historia, e adeanta-se para o jantar de carne seguinte occulto nas incertezas do futuro. Atravez de todo o seu trabalho mental, elle lembra-se vagamente de uma coisa,— a carne, a saudade eterna, a permanente melancolia !

Enroupem este habitante n'um fofo casaco asortoadado, de baetão, mettam-lhe no estomago uma boa fatia de lombo assado, despejem-lhe dentro um copo de cerveja preta. Sigam este regimen durante um mez. Ver-se-ha uma transfiguração moral. O homem começará pouco e pouco a discriminar, a discernir, a comparar, a ti-

em cujos individuos encontramos os amigos mais sinceros e mais dedicados. Vou citar-te alguns.



Lecussan Verdier, fundador no seculo passado de uma fabrica de panos na villa de Thomar, empregava as suas horas d'ocio estudando a nossa lingua e os nossos monumentos litterarios, e deixou-nos importantes trabalhos de critica sobre o cancionero chamado *do Collegio dos Nobres* e sobre um poema nacional, *O Hyssope*, de Diniz. Expulso de Portugal depois da invasão de Bonaparte, foi ainda em França o protector e o amigo desvelado de um portuguez illustre, o poeta Filinto Elisio, refugiado em Pariz das perseguições portuguezas da Inquisição e da Intendencia da Policia.

Jacome Ratton, fundador das nossas primeiras fabricas de papel, iniciador de varias fabricações de tecidos, introductor de apparatus hydraulicos, habitava em Lisboa ao tempo do terremoto um grande palacio, dava festas magnificas, recebia em sua casa a melhor sociedade portugueza, contribuindo por tal modo efficaçmente para a democratisação da nossa nobreza. Era o protector e o conselheiro affectuoso e illustrado dos

d'essas costelletas da especie ovina ao almoço, uma da especie bovina ao jantar, e ella desmedrará em sentimentalidade e em cuia tudo quanto ha de adquirir em côr e em sangue; a imagem do poeta Florencio só lhe apparecerá sob o aspecto de *cochemar*, e pôde ser, se acompanhar o regime das costelletas com um tratamento pelos calcareos, que ainda venha um dia a ser mãe, aos quarenta annos.

\*

Mas não se pôde ter tudo: pão e circo, costelletas e ociosidade, desordem e bife !

As classes pobres em Lisboa consagram todas as suas economias no verão aos touros, no inverno aos bailes de mascaras. Além d'isso teem na primavera a feira das Amoreiras, no verão a feira de Belem, no outomno a feira do Campo Grande, no inverno arranjam agora ultimamente os jardins de Whittoyne.

De modo que vem naturalmente a faltar-lhes um pouco de dinheiro e um pouco de tempo para realizar por mais de vez e meia por mez, esta singela e obscura operação cazeira, burgueza, prosaica—todavia essencial—de reunir em volta da mesa, accender o candieiro, desrolhar as

garrafas, distribuir o pão, empunhar o talher e atacar valentemente, em familia, o baluarte nacional da sôpa, vacca e arroz.



Pedimos, meus senhores e minhas senhoras, que reflectam um momento no que lhes vamos dizer.

O homem, producto da dupla influencia da natureza externa sobre elle e d'elle sobre a natureza externa é principalmente dominado para os effeitos do seu temperamento, do seu caracter e da sua intelligencia pela qualidade dos alimentos que assimila.

Sendo a mais importante parte dos nossos elementos anatomicos formada chimicamente de quaternarios azotados, é indispensavel que principios analogos se achem em grande quantidade nos alimentos destinados a reconstituir na nossa economia os principios dos elementos anatomicos que nós successivamente dispendemos. Assim o homem é fatalmente um animal carnivoro. Para ser impunemente herbivoro como o cavallo e o boi seria preciso que o homem dispozesse de um alambique nutritivo especial que elle infelizmente não possui.

O doutor Corvisart observa que na abstinencia todo o animal se torna carnívoro; consome os seus próprios tecidos, sobrecarrega-se-lhe o estomago com um succo gástrico roubado á economia e destinado a combinar-se com os alimentos ausentes. É a autopophagia.

Dada pois a necessidade inilludível que tem o homem de comer carne, vejamos, por meio de dados estatísticos, por que modo actua no individuo a differença da ração que se lhe ministra.

Por occasião da construcção do caminho de ferro de Pariz a Rouen, em 1841, empregaram-se n'essa obra alguns operarios inglezes que trabalhavam juntamente com operarios francezes. Os engenheiros constructores da linha observaram dentro de pouco tempo que dois operarios inglezes trabalhavam tanto como trez operarios francezes. Verificou-se que os inglezes absorviam grandes quantidades de carne e de cerveja, em quanto os francezes se alimentavam quasi exclusivamente de legumes. Os empreiteiros do referido caminho de ferro resolveram então estabelecer um rancho commum e forçar francezes e inglezes a uma ração igual assim constituida:

Carne — 660 grammas ; pão — 750 ; batatas — 1000 ; cerveja — 2000.

Desde que este regimen se instituiu a desigualdade do trabalho desapareceu. Desde essa epoca até hoje esta notavel experiencia tem sido muitas vezes repettida, dando sempre eguaes resultados. Actualmente nenhuma empreza ingleza accita operarios estrangeiros sem os forçar ao regimen alimenticio dos operarios nacionaes.

No segundo anno da campanha da Criméa, quando terminaram as hostilidades regulares, o exercito francez havia perdido por doenças resultantes de uma alimentação insufficiente 20.868 homens sobre um exercito de 130:000, emquanto o exercito inglez perdera apenas 441 homens sobre o total de 50:000. Durante o primeiro anno da campanha, quando soldados francezes e inglezes recebiam uma alimentação igual, a mortalidade nos inglezes era muito superior á dos francezes ! « Viu-se aqui, diz o doutor Shimplon um facto unico na sua especie, um exercito ameaçado de ser destruido pelas doenças passar, quasi sem transição, por effeito dos alimentos, para o estado sanitario mais florescente, e isto sempre nas mesmas circumstancias de guerra, de clima, de estação. »

O typo normal da ração de um homem está provado pelos physiologistas modernos que é o da ração ingleza acima indicada.

Menos de 600 grammas de carne por dia, fóra o pão, os legumes, o vinho ou a cerveja, é insufficiente para a perfeita alimentação de um homem que trabalha.

Em França onde a questão scientifica da alimentação, tão profundamente estudada na Inglaterra e nos Estados Unidos, só ultimamente começou a ser attendida, os regulamentos administrativos prescrevem, ainda assim, que nunca nos lyceus seja inferior a 250 grammas de carne a ração de cada creança com doze ou quinze annos.

O doutor Le Bon, de cujo admiravel livro extrahimos alguns d'estes dados, conclue nos termos seguintes o importante capitulo da alimentação:

«Demonstramos já a influencia do regime alimenticio na saude, na duração da vida, na resistencia ás enfermidades, na producção do trabalho. Não terminaremos sem nos referirmos á influencia da alimentação na energia moral, no character, na producção das ideias. Nos animaes esta influencia tem sido por muitas vezes pro-



vada. Os carnívoros quando são alimentados exclusivamente com vegetaes perdem as qualidades ferozes, que readquirem com a alimentação animal. Aprofundando este assumpto poderíamos demonstrar como os costumes e as idéas dos povos variam segundo a sua alimentação. Sob uma forma talvez paradoxal Liebig emite uma verdade profunda quando diz: «É certo que trez pessoas das quaes uma se satisfez com carne e pão, outra com pão e queijo, e outra com batatas, considerarão sob trez pontos de vista inteiramente differentes a mesma difficuldade que se lhes apresenta. A acção dos differentes alimentos sobre o cerebro e sobre os nervos varia evidentemente segundo os principios particulares que elles contem».

«Os philosophos, que julgam as faculdades independentes da organização dos seres, difficilmente comprehendem estas verdades elementares para os physiologistas; é todavia em explicações d'esta ordem que se acha o segredo de muitos acontecimentos humanos. Nas suas cartas ácerca das substancias alimenticias Geoffroy Saint-Hilaire mostrou quanto um regime excessivamente vegetal enfraquece a intelligencia e deprime a energia moral. «Quantos factos na

vida dos povos, diz elle, a que os historiadores assignalam causas diversas e complexas e cujo segredo está no seio particular da familia! Vêde a Irlanda e vêde a India! A Inglaterra não poderia reinar pacificamente sobre um povo devastado se a batata, quasi só, não ajudasse esse povo a prolongar a sua lamentosa agonia. Cento e quarenta milhões de indios não obedeceriam a alguns milhões de inglezes se se alimentassem como elles. Os Bramanes, como outr'ora Pitagoras, quizeram suavisar os costumes. É certo que o conseguiram, mas enervaram os homens.»

\*

Veja-se como, em Portugal, todos os phenomenos confirmam a profunda lei biologica que os rege:

A estatistica diz-nos que Lisboa quasi não come carne. D'este facto deduz-se inteiramente o estado geral da sociedade em que elle se dá:

O habitante pacifico, tolerante, indolente, molle, incapaz dos serios trabalhos mentaes, incapaz dos fortes exercicios physicos, sem iniciativa, sem perseverança, sem methodo, sem idéas fundamentaes, sem convicções de especie alguma, *sereno mas enervado*;

A população decresce, sendo certo, segundo as admiraveis estatisticas colligidas por Quetelet, que de todos os agentes physicos que affectam o crescimento das classes operarias, o mais activo e o mais universal é a alimentação.

O numero dos casamentos diminue, devendo-se notar, segundo Buckle, que os casamentos estão sempre em relação fixa com o preço do trigo, e provando-se pelas estatisticas feitas em Inglaterra durante cem annos, que o casamento não depende dos sentimentos pessoaes, mas sim do *preço dos alimentos* e da taxa dos salarios.

A arte decae e a litteratura ceva-se n'uma cançada inspiração de segunda mão, quer no theatro, quer na poesia, quer no romance, sem originalidade, sem tradição, sem stylo, sem philosophia, sem idéa, moral. O profundo Michelet justifica a poesia de Malherbe, o patriarcha da banalidade em verso, o metrificador do vacuo, o rimador a pão e agua, pela circumstancia de ser Malherbe o representante litterario de uma geração famelica, de uma sociedade em jejum. E Malherbe é ainda em Portugal um chefe de escola, um mestre de escriptores afamados!

Não sómente Lisboa mas o paiz todo, offe-

rece o que quer que seja do estacionamento indiano de que falla Geoffroy Saint-Hilaire. Quinet observou-o perspicazmente na sua viagem a Portugal. Ha uma riqueza pecuniaria, resultante da emigração, riqueza trazida do Brazil, com a qual se affecta uma especie de actividade economica. Em todas as demais manifestações do progresso, o paiz, em condições normaes de liberdade e de paz não dá um passo .

\*

Ha um facto extremamente expressivo para contraprovar a acção da lei a que nos estamos referindo sobre o desenvolvimento da sociedade portugueza. E' a profunda influencia dos conventos no progresso intellectual do paiz.

Os frades tinham em Portugal a posse exclusiva dos altos estudos e constituíam a classe pensante da nação. Abolidas as ordens religiosas, sem uma poderosa organização do ensino secular que contrabalançasse a perigosa amputação realisada nas forças da sciencia pela extinção dos conventos, a nossa civilização liberal ficou acephala.

Invertendo deploravelmente a ordem por que se devem produzir os aperfeiçoamentos huma-

nos para realisarem uma civilisação harmonica, nós importamos os resultados exóticos da civilisação ingleza e fundamos o nosso progresso politico exactamente no atrophiamiento do nosso progresso intellectual, quando seria ao contrario pelos successivos desenvolvimentos do progresso intellectual que nós deviamos ter lançado as bases de um verdadeiro progresso politico. Não é porém a lastimosa historia das viciadas origens do constitucionalismo portuguez que nós pretendemos recordar n'este momento. O que apenas desejamos notar é o facto indiscutivel da preponderancia intellectual do frade, preponderancia que nenhuma outra classe herdou das extinctas ordens monasticas, e acrescentar que perante a phisiologia a differença fundamental que distinguia os frades de todos os demais portuguezes era a de uma alimentação regular e perfeita.

\*

N'estas circumstancias o governo subsidia a empreza lyrica de S. Carlos! a camara municipal projecta um *boulevard!* e funda um premio para o cavallo vencedor nas corridas de Pedrouços!

Pungente e acerba ironia a um diletantismo

de assorda e de feijão carrapato! a um *sport* de pão de ló e chá com leite!

Ainda se os cavallos, depois de corridos, se comessem assados, nada objectariamos! E bem assim todas as empresas lyricas subsidiadas pelo Estado mereceriam os nossos applausos freneticos e os nossos bravos enthusiasticos, se os tenores, pelo menos, fossem da raça bovina, e se as damas em vez de derramarem na scena *um rio de perolas*, como dizem os poetas lyricos, derramassem bifés sobre as plateias estaticas!

---

Outra revelação curiosa da sobredita Estatica da Alfandega Municipal:

Ao mesmo passo que os habitantes de Lisboa apenas consomem carne dezoito vezes por anno, pelo que pagam ao estado como direitos de consumo por 18 jantares, 276:686\$430 réis

— o corpo diplomatico residente na capital não paga nada e consome elle só, para seu uso, o seguinte:

Banha derretida.....	kil.	34
Carne fumada.....	»	27
Toucinho.....	»	38
Vinho.....	»	1:449
Cevada.....	»	56:137
Palha.....	»	14:688

Para estes é que está a vida!

É verdade que elles sustentam o equilibrio e a paz européa á fina força de gravatas brancas, de colletes decotados e de frescas luvas côr de perola. Mas que beneces que não auferem — os nababos!

Para elles a amante banha derretida! Para elles a bella carne fumada! Para elles a rica pinga por conta do lavrador! Para elles a nutriente cevada! Para elles finalmente 14:688 kilos da bem conhecida palha!

Ah! Luculos!! Ah! Heliogabalos!!!

Temos descripto n'estas paginas algumas sessões tumultuosas, excepcionaes, da camara dos srs. deputados. Antes de hontem, 27 do corrente mez de fevereiro, tivemos occasião de assistir a uma sessão regular, pacifica, normal, o que poderemos chamar a sessão modelo, a sessão typo no parlamento portuguez.

Calumniariamos a camara se, havendo dado a sua linha turbulenta, escandecessemos o seu habitual aspecto, operoso e benefico. Apressamo-nos pois a narrar o que vimos.

\*

Eram tres horas da tarde. Um sujeito trajando um antigo collete de veludo côr de passa semeado de pequeninos troncos de arvore em seda alva-dia, com as duas mãos apoiadas uma sobre a outra ao parapeito da galeria, o queixo fincado sobre as costas da mão, um palito na bocca, tendo ao lado sobre uma cadeira o chapeo com dois lenços, um branco, outro de seda da India, teve a bondade de nos dizer — que se acabava de entrar na ordem do dia.

Cérca de trinta pessoas estacionavam na ga-



leria publica com as attitudes ociosas, vegetativas, de quem do alto de uma ponte está cuspidando n'um rio, ou de quem, inclinado sobre a corrente, pesca á linha.

Na galeria reservada dos jornalistas achavam-se os dois officiaes da guarda, sentados um ao lado do outro, com as suas barretinas pendentes do pulso, as luvas metidas nos copos da espada.

Em outra parte da galeria duas senhoras, acompanhadas de um homem que anediava o chapeo á manga da sobrecasaca, olhavam attentamente.

Na tribuna contigua á do corpo diplomatico estavamos finalmente nós e o sujeito do palito e do collete de veludo salpicado de carvallinhos.

Dispersos nas bancadas da representação nacional viam-se vinte e tres deputados, dos quaes uns escreviam tranquilamente o seu correio; outros conversavam em pequenos grupos; alguns, estirados nos seus *fauteuils*, com os olhos cerrados, as mãos enfiadas nas algibeiras das calças, parecia repousarem.

Na mesa o presidente e os dois secretarios discutiam com um cavalheiro de luvas amarellas.

No banco dos ministros achava-se o governo representado por um dos membros do gabinete, que bocejava.

Junto do fogão o sr. Carlos Bento de pé enfiando os dedos pelas casas da sobrecasaca de um sujeito alto e gordo, de quem se havia apoderado, ora lhe trepava pela abotoadura acima até parecer ir-lhe morder no bico da pera, ora descia pela mesma abotoadura abaixo até chegar ao estomago do seu ouvinte, onde dava alguns piparotes com a ponta do mesmo dedo com que marinhara pelos buracos das botoeiras.

Depois, fallando sempre com uma crescente animação, o sr. Carlos Bento parecia repellir o seu homem e obrigava-o a recuar açoitando-lhe repetidamente o baixo ventre com as costas da mão; em seguida chamava-o a si outra vez, filando-o ás mãos ambas pelos hombros ou pela gola da sobrecasaca.

Ouvindo a falla do sr. Carlos Bento acompanhada de tão expressivos gestos o sujeito que o escutava parecia victima de uma indiscriptivel perplexidade; os seus olhos arregalavam-se cheios de pontos de interrogação de todas as vezes em que os bicos do colla-

rinho do sr. Carlos Bento lhes permitiam poderem abrir-se á eloquencia d'aquella exposição.

Finalmente, parecendo querer fixar bem a attenção do homem no ponto que parecia ser a base fundamental de todo aquelle discurso, o sr. Carlos Bento trepou ainda uma vez pela sobrecasaca do seu ouvinte e montou a cavallo n'elle.

O individuo pareceu então haver comprehendido tudo, e tanto os seus gestos como as contracções da sua physionomia patenteavam que acabava de chegar ao apogeu a sua admiração perante o caso verdadeiramente extraordinario que acabava de lhe ser narrado. Elle denotava por meio da mimica mais explosiva querer exprimir esta phrase: — Com effeito! parece impossivel!

N'esse momento porém o sr. Carlos Bento, apeado, tendo dado um passo atraz, arrojou-se como um ariete sobre a bocca do estomago do seu interlocutor, o qual perante esse gesto supremo em que se confirmava definitivamente tudo o que se lhe havia dito, fugiu por uma porta, de esfusiote, na mais aguda crise do assombro.

O sr. Carlos Bento passou então a atacar um

digno par que estava sentado por baixo da nossa tribuna, começando por chamar a attenção d'elle para o facto que ia expor sentando-se-lhe sobre o chapeo e metendo-lhe um dedo pelo nariz.

No entanto ao longo da coxia que fica em frente da mesa dos tachigraphos o sr. Antonio de Serpa passeava de olhos baixos, escutando em grande concentração um deputado da maioria. Pelo modo como o illustre financeiro cadenceava o passo lançando os bicos dos pés para fora pareceu-nos deprehender que a coisa que o deputado da maioria ia dizendo ao ouvido do discreto ministro era a musica de um menuete.

\*

Foi depois de havermos notado estes e outros incidentes episodicos que viemos a constatar que se achava usando da palavra um orador.

Em frente da mesa, por traz do banco do ministerio, achava-se em pé um sujeito alto, magro, vestido de preto, usando a barba escrupulosamente rapada. Era um ecclesiastico de cerca de trinta e cinco annos de idade. Tinha o rosto excessivamente pallido, quasi macerado, os olhos redondos, pequenos, levemente strabicos como os teem ordinariamente os contemplativos e os

mysticos, Frei Bartholomeu dos Martyres e S. Bernardo. A voz d'este clerigo não chegava até nós. Vimos porém da sua gesticulação que elle tinha nos braços uma idéa querida.

Essa idéa umas vezes acalentava-a elle contra o colo crusando os braços no alto do peito e levantando os olhos ao ceu; outras vezes amamentava-a com carinho, dando-lhe já o seio direito, já o seio esquerdo; depois collocava-a nas palmas das suas longas mãos e parecia offertal-a ora á mesa, ora aos circumstantes. Offertou-a ás senhoras, offertou-a aos dois officiaes da guarda que estavam na tribuna da imprensa, offertou-a ao individuo do collete de velludo aos carvalhinhos que estava ao meu lado, e todos successivamente lhe abaixaram a cabeça reconhecidos.

É difficil descrever todos os gestos por que passou a idéa d'este orador, cuja voz ninguem absolutamente ouvia, nem a camara, nem a mesa, nem a galeria, nem de certo elle proprio! A operação durou tres horas.

Depois de haver acarinhado, amamentado e offertado a idéa de que se achava possuido o orador fel-a passar successivamente por todos os seguintes processos:

Enrolou-a nas mãos. Collocou-a a um lado entre umas luvas e um lapis. Contemplou-a, sorriu-lhe amargamente — oh! bem amargamente! Apontou-a com o dedo. Recuou deante d'ella como se por um momento a regeitasse. Reco-lheu-a outra vez, levantando-a delicadamente de entre as luvas e o lapis, e, segurando-a nas pontas dos dedos, principiou a picar subtilmente com ella, já o ar ambiente, já certos e determinados pontos que lhe serviam de alvo e em que parecia desejar craval-a, taes como o nariz do presidente, os officiaes da guarda, as senhoras que haviam adormecido, e o collete de veludo côr de passa, que se desabotoara.

Fez uma pausa. Apresentou a idéa em globo figurando com as mãos uma esphera. Separou-a em duas porções eguaes, ficando com uma metade em cada mão, e esfarelou-a entre os dedos. Dessiminou-a depois na sala, já para a direita, já para a esquerda, como quem deita milho. Revocou-a, tomando-a por partes, e cingindo a cabeça com as duas mãos, recolheu-a por um momento no cerebro, ouvindo-se-lhe então distinctamente estas palavras, unicas que se lhe perceberam — *senhor presidente!* — e cerrou os olhos.

Reinava na sala quasi deserta o murmurio monotono, ciciado, similhante ao da agua que corre, produzido pelos ss da pronuncia portugueza, som que se ouve nas igrejas quando se resam as missas e em todos os recintos onde se reuñem portuguezes fallando baixo. No logar em que estavamos ouvia-se ainda em um quintal proximo o lento chiar de uma nora. Um raio do sol poente atravessava a sala com uma facha de luz côr de laranja que ia pouco e pouco des-tingindo e esmorecendo. Uma grande mosca asu-lada, cor de aço, que zumbia na galeria em que nos achavamos, tinha-se recolhido. O do collete de veludo, havendo levantado a gola do paletot e coberto a cabeça com o lenço de seda da India, começava a resonar.

O orador, que ninguém ouvira até esse momento, principiava então a não ser tambem visto senão por nós, porque ninguem mais olhava para elle. Continuaremos pois a dar conta do seu notavel discurso.

Descerrando os olhos o orador alongou a vista em torno de si por todos os pontos da sala e verificando que ninguem o via—porque nós mesmos, obedecendo a um impulso de pudor, bai-

xamos os olhos n'essa occasião — passou a mão pela frente, retirou do meio das sobrancelhas a idéa que um momento antes recolhera no cerebro, e continuou a ventilar-a.

Passou-a de uma para a outra mão. Dobrou-a e desdobrou-a no espaço. Suspendeu-a defronte de si e fez-lhe repetidas incisões operadas com o bico do lapis que tivera ao lado. Engoliu-a com meio copo d'agua. Expectou-a com um movimento oratorio de catarrho convicto e profundo. Aparou-a da bocca n'um lenço branco. Assoou-se a ella. Metteu-a dentro da gaveta, tirando para fóra um grande livro — o missal talvez — que abriu sobre a carteira e em que parece que esteve lendo, por que fitava a pagina, seguia as linhas com a ponta do dedo, e de quando em quando virava a folha ou buscava differentes passagens em varios pontos do volume.

Esta leitura durou perto de um quarto de hora, suggerindo-nos a lembrança de que a idéa que preocupava o orador era talvez a de dizer missa e que seria isso o que elle acabara de fazer n'aquelle sagrado in-folio! Vimos porém que, recolhido o livro na carteira, tornou o orador a tirar para fóra a idéa.



D'esta vez repartiu-a em cinco secções distinctas, e, espalmando a mão esquerda como quem mede um palmo diante dos olhos, passou a descabeçar o problema que a si mesmo se proposera dobrando com a mão direita o dedo minimo da mão esquerda. Minutos depois passou ao dedo anellar, depois ao dedo maximo; em seguida ao indicador...

Havia porém dado a hora, e o sr. presidente encerrou a sessão, ficando o illustre orador com o dedo que lhe faltava esclarecer, que era o dedo polegar, reservado para a sessão seguinte.

Os dois officiaes que estavam na tribuna dos escriptores publicos desceram a formar a guarda. O do collete côr de passa aos carvalhinhos, que parecia ser um espectador habitual das sessões, retirou-se tambem, tornando a metter dentro do chapeo o seu lenço da India e exclamando: — Ora graças a Deus que a camara nos apresenta o espectáculo de uma sessão discreta e cordata! Honra lhe seja!

A sala evacuou-se lentamente, e foi cada um para sua casa.

Nós tínhamos a cabeça pesada, o cerebro espesso, uma sensação geral de prostração e de mollesa, a mais profunda inercia moral. Traziámos um só olho aberto com perguiça de abrir o outro. Appetecia-nos enroscarmo-nos n'um tapete molle, como um velho gato, e que nos coçassem a cabeça!

Só depois de alguns *douches* de agua gelada applicada á nuca e á columna vertebral, de um passeio de tres leguas em pleno campo e da audição da symphonia de *Guilherme Tell* e do quarto acto dos *Huguenotes*, que providencialmente se desempenharam hontem em S. Carlos, é que readquirimos a energia das nossas faculdades mentaes completamente adormecidas na camara dos srs. deputados.

\*

Arrebatada e inquieta, a representação nacional dá simplesmente o escandalo; cordata, pacifica e normal, entregue aos trabalhos legislativos, é mais perigosa: dá o amollecimento do cerebro.

\*

Eis o que diziam os jornaes de hontem acerca do discurso que *vimos* antes de hontem, e que

acabamos de reproduzir. Estão informados os leitores do que se passou no parlamento. Queiram escutar o ecco d'esse facto na opinião.

Resumo das opiniões emittidas pelos jornaes da opposição:

«O illustre deputado nosso correligionario, cuja voz foi hontem escutada pela camara com as mais vivas manifestações de interesse, fez um dos mais bellos improvisos que ha muito tempo ouvimos na tribuna portugueza.

«A poderosa voz de sua excellencia, de um timbre tão persuasivo e tão sympathico, a sua figura tão grave e austera acrescentavam o prestigio da sua eloquencia.

«O governo recebeu uma lição tremenda, que lhe ficará de lembrança para muitos annos!

«As carnes do ministerio espirravam sangue sob as varas de Juvenal tão galhardamente brandidas pelo nosso corajoso amigo.

«A mascara hypocrita de uma situação verdadeiramente nefasta á moralidade e á riqueza publica cahiu desafivelada pela mão de ferro do intrepido tribuno.

«Tarde, muito tarde, ou antes nunca, poderá o governo desafrontar-se do stygma com que

hontem o assignalou á reprovação da patria, a palavra fogosa e justamente indignada do illustre liberal nosso presado amigo.

«Sua excellencia foi enthusiasmicamente cumprimentado por todos os srs. deputados, e o publico que enchia a galeria deu inequívocas mostras do apreço com que sempre o escuta.»

\*

Resumo das opiniões emittidas pelos jornaes do governo :

«A opposição soffreu hontem uma das mais monumentaes derrotas de que ha memoria nos fastos do systema parlamentar.

«O orador que n'esta sessão se encarregou de ser ecco das desvairadas opiniões de uma minoria devorada pelas ambições mais descomedidas, foi verdadeiramente infeliz.

«É preciso que bem ruim seja o pleito em que sua excellencia se empenhou para que tão obcecado se mostrasse o seu espirito, que — folgamos de o consignar — é ordinariamente mais penetrante e mais lucido.

«As arguições que sua excellencia tentou arrojear á face do governo recochetaram todas sobre aquelles mesmos que as suggeriram.

« Os protestos unanimes da camara, as visiveis manifestações de desagrado do publico, que assistia a tão deploravel debate, fizeram pagar bem caro ao imprudente orador, o arrojo com que ousou quebrar lanças por uma causa julgada de lia muito no tribunal da opinião publica, e irremediavelmente perdida para todo sempre no conceito dos verdadeiros liberaes.

« Temos a profunda convicção de que s. ex.<sup>a</sup> não voltará tão cedo, se por ventura voltar jámais, a elevar no seio da representação nacional a sua voz desauthorisada desde hontem para o julgamento de todas as questões, ainda as mais rudimentares, da publica administração e da simples moralidade. »

---

Depara-se-nos em um dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro o seguinte assombroso annuncio :

**Livros baratos.** — Mello Moraes, Brazil reino, réis 25000; Arte de amar, 20 réis; Simão de Nantua, 200

réis; Carta de A B C, 40 réis; romances de Camillo e Paulo de Kock, 500 réis; na bem conhecida e afamada livraria de Lemos, onde se vende massa para matar ratos e baratas, em razão de grande abundancia d'estas familias: vende-se tambem graxa cebosa a 200 réis a libra, cebollas, alhos e côcos. Vende-se tambem o lindo romance Therezinha ou a menina dos 800,5000 réis. Rua de S. José, 118.

\*

Ó Lemos! ó afamado livreiro! como tu és especial! Como nós, pelo menos, te achamos especial quando te lemos, Lemos!

O teu estabelecimento commercial não é simplesmente uma loja; é um methodo, é um systema, é um modo novo de comprehender a vida e o mundo, é uma philosophia.

Confessa que a tua loja não te sahiu por uma só vez da cabeça descendo-te por um buraco do nariz, como Minerva da cabeça de Jupiter, armada e fornecida! Não foi assoando-te que a encontraste repentinamente no teu lenço! não foi abrindo a risca ao espelho que ella te veio no pente!

Confessa que a organisaste por partes, deductivamente, passando de um phenomeno ao phenomeno correlativo até te elevares successiva-

mente á constituição perfeita do teu enorme systema.

\*

Emquanto a nós, logicamente, não poderia ter sido senão pela *graxa cebosa a 200 réis a libra*, que tu começaste.

Então, possuida a *graxa cebosa*, o teu immenso espirito percebeu que expressivos pontos de interrogação se elevavam ainda na esphera do sentimento parallelamente á das necessidades practicas da *graxa* e do *cebo*, e achaste a *Arte de amar a vintem*.

Librado na aza do amor, penetraste nos pacíficos dominios do *côco*, transpuzeste o portico augusto em que um requinte de civilização e de voluptuosidade começa a alliar a *cebola* aos refogados e aos sentimentos ternos, até que te achaste, como um velho amigo, nos braços do *alho*, o qual andava por entre os orbes á procura da assorda, de ti e do amor a vintem.

A intima convivencia do *alho* e o encontro, quiçá fortuito, da carta do A B C, a pataco, espartaram-te a fibra litteraria e foi então que chamaste a ti Mello Moraes, Camillo e Paulo de Kock a 500 réis, o qual Paulo te pedimos enca-

recidamente que não confundas — se é que o confundiste já — com o carvão... também de Coque!

E assim foi, ó Lemos, que tu conseguiste enfim dominar o mundo e assombrar os continentes com a posse accumulada de todos os grandes elementos da civilização: a industria, a arte, o sentimento, a litteratura e o côco.

\*

Como porém é impossivel na terra o estado da summa e inteira perfeição, uma coisa ainda te falta...

Mas não! agora reparamos que possues também a *massa de matar ratos!* Era exactamente a isso que nos iamós referir, imaginando ser essa a coisa que não tinhas — mas que precisamente tens: — *a massa de matar ratos...*

Extraordinario pois! phenomenal! infinito!  
Que o Brazil te erga um altar, ahí mesmo na tua loja, no teu templo, ó Lemos! Que n'elle sejas exposto em *lausperenne*, no alto de um throno construido de modo que tenhas á mão o teu raio para as ratazanas, o côco, a graxa ce-bosa, o Kock e o mais que te parecer preciso para tua sustentação e deleite!



Logo que a patria te pague esse tributo de gratidão e de respeito, avisa, que queremos ir ahi pelo primeiro paquete, antes de tudo para te adorar, e em seguida para travarmos relações com o « lindo romance » *Therezinha ou a menina dos 800\$000 réis*. Queremos lê-lo! queremos devoral-o! Que nol-o sirvam quente, apenas chegarmos, o romance d'essa menina e d'esses tantos réis!

D'aqui até então, adeus Lemos! Avê! Avê, e visitas a sua magestade o imperador!

---

O reverendo padre Huggs é um sacerdote cujo unico defeito conhecido é julgar-se no tempo do imperador Decio, o furioso perseguidor da christandade, duzentos annos depois de Christo.

Confundindo o sr. Fontes Pereira de Mello com o temivel imperador romano, o reverendo

Huggs fez como S. Paulo Eremita: fugiu da comunicação dos homens, do Cliado e do *Diario de Noticias*, sacudindo as suas sandalias no Aterro, e, não tendo á mão o deserto da Thebaida, tomou o vapor de Cacilhas, e foi estabelecer na outra banda a sua cabana de anachoreta.

S. Paulo tinha por habitação uma caverna anteriormente habitada por um moedeiro falso do tempo da rainha Cleopatra, tinha a pura fonte christalina brotando do seu rochedo, optimas tamaras para a sua sobremeza, e meio pão, o qual, segundo se lê em S. Jeronymo e em S. Athanasio, era trazido fresco ao santo eremita, em cada manhã, por um corvo.

Por ocasião da visita piedosa de S. Antonio a S. Paulo, o corvo, vendo que havia uma bocca a maior no santo deserto, começou a apresentar-se em cada dia com um pão inteiro suspenso do bico.

S. Paulo vestia uma tunica feita de folhas de palmeira, a qual veiu a ser herdada como reliquia por Santo Antonio no dia em que Paulo expirou, aos 112 annos de idade, havendo comido cerca de vinte e um meio pães, que successivamente lhe haviam sido levados pelo corvo.

Não é de presumir que, além da agua da Fonte

da Pipa, o reverendo Huggs tenha encontrado na outra banda os elementos da vida retirada e contemplativa que S. Paulo gozou na Thebaida. Para o effeito dos alimentos e do vestuario o reverendo Huggs ter-se-ha visto obrigado, talvez, a substituir o corvo por um padeiro e a palmeira por um algibebe, o que todavia não obsta a que elle esteja do mesmo modo livre, como S. Paulo, dos furores de Decio, o tyrano.

Graças á Fonte da Pipa e aos seus respectivos cabos de policia, os dias do eremita Huggs tão serenos e pacificos teem decorrido na outra banda que o illustre sacerdote resolveu atravessar as aguas do Tejo, e vir por meio de praticas na igreja de S. Paulo convidar a acompanhal-o ás doçuras do ermo os christãos da banda de cá que não quizessem prestar a cerviz ao alphange do barbaro imperador Decio Pereira de Mello.

O reverendo Huggs determinou subir pois na semana passada ao pulpito da igreja de S. Paulo e começar a serie das suas praticas tendentes a convencer os christãos dos perigos que elles correm no meio da vida mundanal e bem assim dos santos prazeres que os esperam na paz dos cenobios se elles se resolverem a ir para outra

banda e a entregarem-se á penitencia, ao jejum e ao burro de Cacilhas desviado pelo reverendo Huggs da carreira da Cova da Piedade para a da Terra da Promissão.



Sabe-se quanto os nossos templos modernos estão longe do frio desconforto das primitivas catacumbas, das cryptas e das cavernas sepulchraes em que os primeiros christãos se refugiavam para escaparem á perseguição dos governos para celebrarem as bellas cerimoniaes do culto primitivo e para enterrarem os seus mortos santificados pelo martyrio.

A igreja tem sido verdadeiramente incansavel nos ultimos tempos em attrahir a piedade ou em a conservar por meio das successivas commodidades e dos prestigios espectaculosos.

Ha os orgãos em que por occasião dos santos sacrificios se tocam os trechos sentimentaes de Verdi e de Bellini. As epistolas de S. Paulo e o evangelho de S. Matheus acompanham-se, para recreio dos fieis, com os suspiros de Margarida Gautier e com a romança de Armand Duval. As palavras da confissão casam-se com o cancan da *Bella Helena*, e a hostia consagrada ele-

va-se ao som da aria *Rien n'est sacré pour un sapeur*.

Além d'isso ha os tapetes, ha as jarras da India, ha as almofadas de veludo, os bellos quadros de virgens louras, de sympathicos santos romanescos, como S. Francisco Xavier, de fidalgo perfil e fino bigode, de Nossa Senhora de la Salette representada pelos pintores contemporaneos de pequenina touca encanudada, saia curta e avental guarnecido de *pompons*, como as travessas *soubrettes* de Molière.

Temos as devoções de recreio em comboy expresso a preços reduzidos para Nôtre Dame de Lourdes, milagre e jantar por cinco francos, de carne ou de jejum, vinho à parte.

Ha, mais em moda ainda, recentemente, as piedosas romagens a S. Diniz, que tem uns poucos de corpos, um na igreja de Pariz, um na de Ratisbonne, um julgado authentico por Leão IX, um mandado ter como genuino por Innocencio III, e outros, entre os quaes pretendem alguns archeologos que se achará o do Deus Baccho, chamado Dionisius, de cujo culto christianisado na Gallia proveiu a legenda de S. Diniz.

Os conventos pela sua parte abandonaram tambem a confecção dos milagres e das tradições

maravilhosas e tremendas para empregarem todos os esforços da sua chimica na especialidade dos mais saborosos e estomacões licôres: o dos Benedictinos, o Kermann, a Chartreuse e outros.

A semana santa, destinada a commemorar o lanço mais dramatico e mais sublime da historia de Jesus, converteu-se n'um pretexto de viagens à Andaluzia, ás famosas toiradas em que Sevilla reúne os primeiros espadas e os primeiros *aficionados* ao « boi de morte », e á celebre feira em que o velho *salero* revive um momento, sorrindo sob o veu mourisco, ao vago rufo longinquo de historicos pandeiros. Em Lisboa o mesmo tempo é um abysmo de amendoas, de *bombons fondants*, de *croquettes à la vanille* e de outras doçuras com que a Confeitaria Italiana e os bufetes de Baltresqui celebram a paixão.

Os livros da oração e da missa converteram-se em obras primas de typographia e de cartona-gem de tão altos preços que não permittem que ninguem reze com decencia por menos de duas libras.

As igrejas são, como os clubs, o prazo dado á reunião por cathegorias das differentes classes sociaes.

No Loreto, á missa da 1 hora, reúne-se a burguezia frequentadora do Passeio do Rocio e dos bailes do Club.

A nobreza de *l'ancien régime* vae á Graça, aos Anjos, e ao convento de Santos, onde na penultima sexta feira da Quaresma ha procissão de senhoras, com rifa e chá.

No convento da Encarnação, pelo oitavario do Corpo de Deus, ha egualmente rifa, chá e recepção á noite.

A alta finança tem procurado pôr em moda com as suas novenas Santa Izabel e a Lapa.

A aristocracia official, a nobreza militante, a fina flôr da moda não vae senão aos Inglezinhos e a S. Luiz dos Francezes.

Os devotos escolhem n'estes quatro circulos a missa que convem á sua educação, ao seu nascimento, á sua fortuna e á ordem das relações que cada um deseja cultivar.

Com a religião em tal estado é realmente preciso ser-se bem indifferente aos attractivos do luxo, da elegancia, da moda, da convivencia e da boa companhia para se não ser um firme e fiel catholico!

Ter uma religião facil, elegante, alegre, ao

abrigo de toda a perturbação, mantida pela carta, vigiada pela policia, defendida pela guarda municipal; ter ao mesmo tempo uma porta aberta para a sociedade, para a consideração para a estima publica, para os altos cargos do governo, para as finas festas e para os bellos salões escolhidos, e outra porta aberta para o ceo, para Deus, para a bemaventurança; estar provido de orações e de indulgencias para cada peccado, de sorte que se póde, ao fim de cada anno de vida, receber carta de limpeza para uma eternidade de promissão; ser, graças á confissão, tantas vezes delinquente quantas vezes amnistiado; olhar em volta de si, na humanidade, vér milhares de milhões de almas perdidas per falta de padres, de indulgencias plenarias e de bullas pontificias, e ponderar que o inferno tem muito em que se entreter para queimar competentemente os outros, em quanto nós estivermos, consoladinhos, na commodidade celestial, como assignantes antigos do paraizo, binoculando dos nossos *fauteuils* as tragicas visagens carbonisadas dos barbaros e dos herejes reclinando no fogo eterno! . . . Que mais póde exigir ao mundo e ao ceu, ao tempo e á eternidade, o profundo e immenso egoismo do homem?



O programma do mais humilde e obscuro beato deixa a perder de vista os sonhos mais excessivos em goso de Nero e de Sardanapalo, — uns pobres diabos a quem ali o sineiro das Mercês torcerá uma orelha a troco de um simples *padre nosso!*

O clero porém continua a receiar que todas estas vantagens não cheguem para prebhencher a aspiração dos entes bem formados, e todos os dias continua ainda a acrescentar tanto quanto pôde os interesses e os attractivos do culto.

\*

Assim, quando o reverendo Huggs se apresentou, acolheu-o o mais vivo e sympathico alvoroço. Um enorme exito estava destinado a saudar a sua apparição na igreja de S. Paulo. Elle não tocava orgão de uma maneira sensivelmente arrebatadora; elle não possuia absolutamente para a execução dos sagrados motetos a fina voz preciosa dos antigos mutilados das reaes capellas; elle finalmente não tinha á primeira vista nenhum dos bellos talentos em que se fundam as reputações de sachristia. Todavia a sua origem irlandeza havia-o dotado com a especiali-

dade impagavel da pronuncia dos inglezes de farça, e não poderiam deixar de produzir o mais alegre effeito nas consciencias as suas piedosas applicações do *Amor Londrino* a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos.

Effectivamente, á primeira pratica do reverendo Huggs a igreja de S. Paulo teve uma casa cheia, e nunca a palavra de Deus foi escutada nos templos christãos com mais patente manifestação de alegria. Sómente como um espectador interrompesse a illimitada satisfação do auditorio com uma tosse importuna, um padre portuguez que assistia á pratica descarregou algumas bengaladas no fiel christão constipado. D'aquí tumulto e desordem. Fervem os canelões e os murros, os chapens de sol floreteiam no ar crusando-se em golpes ás cabeças, os homens praguejam, as mulheres gritam, as creanças choram, o reverendo Huggs desce amedrontado do pulpito, e os fieis, que tinham ido ao templo a pedir as unções da fé, acham mais urgente ir pedir tintura de arnica na botica ao lado.

Então a mesa da confraria de S. Paulo protesta contra as praticas do padre Huggs commentadas á bordoadada pela galeria. O sr. Patriar-

cha de Lisboa intervem, e eis o que sua emi-  
nencia resolve :

SENDO O CATHOLICISMO A RELIGIÃO DO ESTADO,  
O SR. CARDEAL PATRIARCHA, AUCTORISANDO A PRÉ-  
GAR O REVERENDO HUGGS, DECLARA QUE, COM A  
INTERVENÇÃO DA FORÇA ARMADA, FARÁ MANTER NA  
IGREJA DE S. PAULO O RESPEITO DEVIDO Á PALA-  
VRA DE DEUS.

\*

O caso do reverendo Huggs não teria grande  
importancia, nem nós o haveríamos referido n'és-  
tas paginas, se elle não houvesse dado origem a  
esta declaração do sr. Patriarcha, publicada na  
maior parte dos jornaes de Lisboa, sem todavia  
haver suscitado nem da parte da imprensa nem  
da parte do parlamento os commentarios que  
merece.

As palavras do sr. Patriarcha passaram des-  
percebidas, certamente porque se não viu que  
ellas encerram a ameaça de um acto de natureza  
inteiramente analogo ao da carnificina de Saint-  
Barthelemy.

Carlos IX dizia : — *A missa ! ou a morte !* —  
O sr. Cardeal Patriarcha diz : — *O sermão ! ou  
a força armada !*

Ha uma leve differença nos vocabulos, mas o sentido juridico das duas phrases é absolutamente o mesmo.

Por mais archaica, por mais obsoleta, por mais absurda que pareça a comminação do sr. Patriarcha, ella é no entanto a consequencia logica da confusão entre o poder espirital e o poder temporal mantida em pleno seculo xix pela carta constitucional da monarchia. As palavras do sr. Patriarcha provam patentemente que dentro da lei portugueza um principe da Igreja está no pleno direito de decretar a Saint-Barthelemy.

O facto é de tal maneira expressivo e flagrante que, se em Portugal houvesse um parlamento dotado de algum simples respeito pelo senso commun, bastaria enunciar as palavras proferidas pelo sr. Cardeal Patriarcha para que pelo voto unanime dos legisladores fosse de uma vez para sempre riscado da carta o artigo sexto.

\*

Emquanto ao clero catholico não comprehendemos qual é definitivamente a sua opinião ácerca da intervenção da força nas relações do homem com Deus. Na Allemanha quando Bismark submette o clero catholico á inteira vontade do

governo do imperio, o clero appella para as garantias espirituaes, distingue os poderes, declara-se fóra da lei civil, e os mais ardentes ultramontanos refugiam-se no principio de Cavour e pedem em brados de justiça a igreja livre no estado livre.

Em Portugal o mesmo clero perfilha a opinião do chanceller do imperio, ri como elle dos inviolaveis direitos da consciencia, e pede a força armada para sustentar um sermão!

O clero, representado nas pessoas dos seus chefes mais augustos e mais conspicuos, não vê que se combate a si proprio e se dilacera a si mesmo!

\*

No meio da crise suscitada pela ameaça do sr. Patriarcha o procedimento sublimemente philosophico do reverendo Huggs é superior a todo o elogio. As suas meditações de eremita haviam-o instigado a vir da outra banda ensinar o caminho do aprisco a algumas ovelhas trasalhadas pelo Aterro. As ovelhas não quizeram ouvi-lo e preferiram furar os olhos umas das outras com as ponteiras dos guarda-soes. O sr. Patriarcha offereceu-se-lhe para mandar degolar pela policia o rebanho inquieto. O bom homem,

que vinha como pastor e não vinha como magarefe, recusou a offerta, e a unica coisa que fez, vendo que lhe saira o gado mosqueiro, foi cumprimental-o de longe, dirigir-se á ponte dos vapores, sacudir o pó dos seus sapatos com o mesmo lenço destinado a receber no pulpito de S. Paulo o catarrho da sua eloquencia, e regressar para Cacilhas.

Se alguma das andorinhas do nosso telhado se quizer encarregar de levar estas linhas á Thebaida do reverendo Huggs, pedimos-lhe que olhe de lá para a janella da nossa agua-furtada, d'onde lhe enviaremos as rossas saudações sympathicas.

---

Para entreterem os seus ocios de legisladores os srs. deputados lançam-se na controversia metaphysica.

Segundo lemos no *Diario das Camaras*, tres

sessões consecutivas se consumiram expondo cada um *o que lhe ia no animo* (stylo da localidade) ácerca do *patriotismo*.

As opiniões divergiam. Uns entendiam que o patriotismo verdadeiro consistia em patentear claramente *ao sr. presidente, á camara e ao paiz* as verdades mais lastimosas. Outros opinavam que as verdades tristes mandava o patriotismo que de nenhum modo se communicassem nem na imprensa nem n'aquelle recinto *ao paiz, á camara e ao sr. presidente*.

Foi n'este formidavel e terrivel embate de tão oppostos ditames que o sr. Thomaz Ribeiro, dizendo por sua parte o que *lhe ia no animo*, salvou a Europa da medonha conflagração que a esperava se o que estava a ir no animo de tão disserto orador se não apressasse a sobrepôr-se ao que tinha ido no animo dos oradores não menos dissertos que o haviam precedido.

Do brilhante improvisado com o qual s. ex.<sup>a</sup>, segundo a phrase de um jornal, «arroxou as faces da opposição», transcreveremos com a devida venia os periodos capitaez.

\*

«O orador :— Sr. presidente, sabe v. ex.<sup>a</sup> o que me estão lembrando os srs. deputados da

oposição que tomaram parte n'este debate? O filho amaldiçoado de Noé, que mostrava as misérias de seu pae a quem quer que passasse pela estrada publica. (*Muitos apoiados.*)

« Eu posso dizer baixinho no seio da minha familia, ou ainda dos meus amigos intimos, as faltas da minha casa; da mesma fórma a respeito do que vae no meu paiz, mas não as digo aos extranhos, que eu exijo que respeitem a minha patria não lhes consentindo impunemente qualquer affronta, quer como homem publico, quer mesmo como particular. (*Apoiados.*) E como hão de os extranhos respeitá-la se eu, seu filho, a não respeitar primeiro? »

« Indigna-me, sr. presidente, ouvir o que tenho ouvido hoje no seio da assembléa nacional. (*Muitos apoiados.*) »

« Oh! sr. presidente, envergonha que uma parte da assembléa nacional se levante contra mim e contra os meus brados patrioticos. (*Muitos apoiados.*) »

« Os illustres deputados não seriam capazes de vir dizer na praça publica os defeitos, embora fossem reaes, de suas mães, de suas mulheres, de suas irmãs ou filhas! Pois a patria é minha mãe e é mãe de todos nós. »



\*

No caso de não incomodarmos excessivamente o sr. presidente, a camara, o paiz e o illustre orador, diremos tambem nós o que *nos vae no animo* ácerca d'esta notavel declaração de principios do illustre orador.

Não entraremos já na questão do patriotismo, porque é isso o que nos interessa menos.

Que os srs. deputados não fossem meros legisladores empyricos, que tivessem a philosophia da historia, que soubessem as sciencias phisicas, que conhecessem as leis naturaes que regulam as acções humanas, que tivessem um systema geral de reorganisação social, que tivessem o sentimento da solidariedade humana e a comprehensão da dignidade e do dever moral, eis o que muito nos interessaria averiguar. Agora o feitio do patriotismo de suas excellencias interessa-nos tanto como o feitio das suas camisolas de flanela.

Do discurso do sr. Thomaz Ribeiro deprehen-de-se porém mais alguma coisa do que o patriotismo de sua excellencia. Extranha revelação, que nos obrigou a transcrevel-o: do discurso do srs. Thomaz Ribeiro deduz-se que sua excellencia é, não só patriota, mas chinez!

Pae da patria, filho da mesma patria, neto de si mesmo, o sr. Thomaz Ribeiro considera questões de familia todas as questões publicas. De sorte que o bem conhecido *muro da vida privada*, tão celebre na policia jornalistica do segundo imperio, pertende sua excellencia prolongal-o em volta do paiz inteiro. Deus misericordioso! . . . Mas é a muralha da China o que sua excellencia quer! É na patria China que sua excellencia se imagina!

Os que descobrem as miserias da patria repugnam-lhe como o filho maldito de Noé. Segundo sua excellencia a verdade é uma nodoa, a historia é um ultrage, a sciencia é uma indiscrição; a contribuição dos annaes estatisticos de cada povo para a massa geral dos factos e das idéas, riqueza commum da humanidade, é — pelo que vae no animo de s. ex.<sup>a</sup> — um acto incivil. Todo o facto anormal deve ser inviolavelmente escondido do publico e principalmente do estrangeiro. Deu-se um roubo nas repartições do Estado? Convirá que immediatamente os srs. deputados o digam na Camara e os *reporters* o comuniquem aos jornaes estrangeiros nos seguintes termos:

«Sr. presidente, ou sr. redactor! um facto

do mais alto civismo e do mais patriótico desinteresse acaba de se descobrir em uma das nossas repartições: o digno e benemerito funcionario, o sr. Fulano de Tal, encontrando por accaso aberto um dos cofres dos dinheiros publicos, apressou-se a aproveitar esse ensejo para metter dentro do referido cofre uma avultada quantia. Lamentamos que a circumstancia de haver o sr. Fulano de Tal passado o pé para a America prive o governo de Sua Magestade Fidelissima de patentear a este insigne patriota todo o reconhecimento de que nos achamos possuidos. Sirvam pelo menos estas palavras para lhe afiançar a nossa gratidão eterna e para estimular todos os nossos funcionarios a seguirem o notavel exemplo de abnegação e de zelo que acaba de lhes ser dado.»

Mas tudo isto, ex.<sup>o</sup> sr., é pura China! O que o sr. Thomaz Ribeiro deseja é inteiramente o que se pratica nos annaes chinezes com os mandarins que prevaricam.

\*

Sómente como em Portugal temos um parlamentarismo, que não existe no celeste imperio, lembrariamos a conveniencia de estabelecer uma

cifra especial para se poder tratar nas camaras sob o veu do mais impenetravel mysterio todas as questões que possam molestar a chinezaria dos principios. Existindo já para uso de todas as pessoas que frequentam a tribuna portugueza *O peculio de oradores*, notavel livro do sr. João Felix, conviria tirar para uso da camara uma edição secreta do referido livro, tendo devidamente numerados todos os raptos da indignação, da lastima e do furor oratorio. Isto simplificaria notavelmente a eloquencia parlamentar e poria as mais acerbas discussões ao abrigo de todo o escandalo.

Aberta a sessão, o sr. presidente e todos os srs. deputados abririam os seus *Peculios*, e o oradôr diria :

—Sr. presidente, refiro-me ao ramal de Caci-lhas *Peculio*, *rapto* n.º 54. Lamento não ver presente o sr. ministro das obras publicas cujo procedimento só posso classificar com o *rapto* 1123 do mesmo *Peculio*.

*Vozes* : — Ordem ! ordem !

*Um deputado da maioria* : — *Rapto* n.º 8144, sr. presidente !

*O sr. Presidente* : — Convido o illustre deputado que tem a palayra a retirar o *rapto* 1123,

se não se quizer collocar sob a acção da censura comprehendida no *rapto* 837.

*O orador* : — É inconcebível, sr. presidente, que um deputado da maioria d'esta camara, o qual *linha 5 do rapto 16*, venha *adverbio 1.º da linha 6.º do citado rapto*; levantar n'esta casa a *linha 14 da pagina 230 do Peculio* ! La fóra responderei ao illastre preopinante quebrando-lhe nas costas o objecto de meu uso a que se refere o dito *Peculio, capitulo Instrumentos contundentes, linha 9.º, vocabulo 3.º*. Tenho dito.

\*

Se o entranhado amor do sr. Thomaz Ribeiro ás coisas chinezas se não contentar ainda com este nosso alvitre, pediremos então que a representação nacional se refaça — inteiramente como os bules — de porcelana; e que, inquiridos ácerca das coisas publicas, os eleitos do povo passem definitivamente a não abrir o bico senão — para deitar chá ! No qual caso nos recomendamos a sua excellencia para que não se esqueça de nos passar uma chavena — e o sr. Barros e Cunha.

\*

Os mais profundos pensadores, cujo austero

exemplo tanto se lucraria em que fosse seguido pelos srs. litteratos portuguezes, os maiores bemfeitores da humanidade, que no seculo passado lançaram pela sciencia as bases da renovação social, da independência e da liberdade do homem, da revolução moderna, o immortal Cuvier: o divino Bichat, um dos maiores engenhos que tem produzido o mundo, Voltaire, o incomparavel amigo do homem, o rei da alegria, o pae da tolerancia, Buffon, Diderot, d'Alembert, eram inteiramente indifferentes ao amor da patria. Duruy, o sabio professor diz d'elles no seu bello curso de historia: « Que importava aos grandes homens que a França perdesse o Canada? Tinham mais que fazer do que inquietar-se com a sorte de uma provincia ou mesmo com a de um imperio. Estudavam a sociedade, julgavam-na mal construida e tentavam reedificá-la. O seu fim era achar o homem e fazer d'elle o cidadão. Para taes obreiros, o que era uma ou outra pedra que se despegasse do velho edificio em ruinas?»

E foi precisamente por se haverem desprendido do estreito amor da patria pelo modo mais cru e mais accentuadamente heretico e sacrilego, foi por abandonarem as emphaticas declamações

campanudas de uma sentimentalidade de frequência á futura rhetorica do sr. Thomaz Ribeiro e do sr. Manoel da Assumpção, que esses pobres diabos asquerosos, esses vermes roedores que o parlamentarismo portuguez rasparia de si como a lepra, que esses filhos amaldiçoados de Noé, que descobriam e ostentavam as miserias de seu pae, fizeram da patria, em que não fallaram muito senão para a sacudir e vexar, a cabeça da civilisação moderna; da sua lingua, clara, positiva e simples, a lingua universal; e do seu immortal espirito mordente, caustico e profundo, a nova lei da humanidade, a confusão dos hypocritas, o terror dos tyrannos, e o dominio do universo.

Credeis amar a patria, vós! Queremos crer tambem que a amaes, que sois verdadeiros, que sois sinceros, porque o que não desejamos por nenhum modo é offender-vos no nosso ideal, na vossa tineta.

Mas, bons amigos, permitti dizervol-o, não amaes como homens, com o forte amor viril, que fecunda e procria. Amaes como simples poetas lyricos, com um platonismo esteril e febricitante. Amaes a patria como amam as mulheres os que lhes fazem odes. Tendes

amor: não basta. Tende filhos, isto é: tende obras; é isso o que justifica e legitima o amor.

O que falta á vossa patria são as idéas, são as [noções claras e precisas das coisas e dos factos, é o criterio nacional que se extingue, é o bom senso portuguez que se dissolve nos vossos versos, nos vossos jornaes, nas vossas sessões parlamentares.

Amaes a patria? Provae-o consagrando-vos a ella, dignamente e prosaicamente, como se consagra á mulher que ama o bom e modesto burguez que a faz esposa, que a faz mãe de filhos, que a faz dona de casa, e que trabalha para ella, no seu escriptorio, no seu armazem, na sua officina, sacrificando os seus prazeres, a sua liberdade e os seus ocios, ao obscuro dever domestico da dignidade e da honra.

Amaes a patria? Pois n'esse caso servi-a, prestae-lhe, sede-lhe uteis!

Dae-lhe os bons livros de sciencia, que alarguem a esphera dos seus dominios mentaes.

Dae-lhe as obras d'arte oppostas aos sentimentalismos enervantes d'alcova e ás imbecilidades lunaticas dos contemplativos da borboleta e da bonina. Dae-lhe a grande arte, que em vez dos desalentos, dos lethargos e da melancholia idio-



ta, suggere e excita as grandes actividades cerebraes, como a *Marseillaise*, como o côro dos *Huguenotes*, como os *poemas* de Madame Ackermann, como os *Contos* de Brat Hart, como os *dramas* de Shakspeare. Se não tendes faculdades tão altas e tão poderosas organizações artisticas, senão podeis dar á patria obras primas vossas, vulgarisae o gosto pelas obras primas dos outros; dae-lhe opiniões sensatas, exemplos desinteressados de applicação e de estudo; diffundi o amor da justiça e o amor da verdade.

Que os estrangeiros affrontem a vossa patria, que os nacionaes a menospresem, que tendes vós com isso? qual é o mal que d'ahi vem á patria ou a vós mesmos? Que extranho furor belicoso vos accomette á simples idea d'essa eventualidade inoffensiva? Deixae em paz as vossas espadas hypotheticas, ó paladinos da banalidade! Vede ao menos contra quem as esgrimis! Lembrae-vos que poderá achar-se por traz das vossas allusões o mais influente dos vossos eleitores, e tremei da imprudencia que commettieis ó jovens temerarios: perderieis dez votos para as eleições futuras!

Poupae o vosso precioso sangue, gladiadores da syntaxe figurada! O que a patria n'este mo-

mento vos pede não é uma velha sarrabulhada, é uma nova organização.

Está adeantada a hora — como vós mesmos dizeis quando vos começa a escacear a prosa. Não dissipeis o vosso tempo indo outra vez á Palestina! lembrae-vos que não descendeis directamente dos cruzados, que, como homens de espirito, sois simplesmente os filhos de Voltaire de Danton.

Não! Nós vol-o pedimos, não vades á Palestina! Ide para vossas casas, burguezes! Burguezes, ide ao vosso jantar! Na Palestina já não ha philisteus, e todavia na rua Augusta continua a haver dobrada com ervilhas. Ide jantar amigos, ide jantar!

E, depois, sede pacificos e sede trabalhadores. Tornae-vos uteis, que é hoje em dia a melhor maneira de vos tornardes grandes.

Sobretudo, evitae a rhetorica e fugi da poesia lyrica. Amae, mas amae sem lyrismo. Porque o lyrismo perverte o amor. É por via da poesia lyrica que muitas mulheres teem perdido o senso moral e o ideal domestico, preferindo em seu pobre criterio corrompido o amor em faceis quadras de maus alexandrinos ao raro amôr em obras obscuras e honestas de dedicação e de trabalho.

Não queiraes applicar á patria a mesma theoria dissolvente do amor applicada já á familia. Acreditaes uma coisa: É possível amar a patria sem todavia a namorar, sem lhe fazer versos e sem lhe fazer ôlho, sem lhe apertar os dedos na *chaine-anglaise*, sem lhe pisar o pé, sem lhe mandar cartas pelo aguadeiro, sem lhe ir fallar á escada, finalmente sem a corromper e sem a desmoralisar, — sem declamações theatraes e sem discursos piegas.

Eia pois, ó lusos! ó fortes e terriveis luzes! ide jantar, ide jantar, que está adeantada a hora!

---

No primeiro baile da côrte dado este anno no palacio da Ajuda, sua magestade el-rei apresentava o morbido symptoma de uma casaca azul de botões amarellos.

O referido estado amarello com botões azues...

Digo: O referido estado azul com botões amarellos de sua magestade deu vivos cuidados a todos os cortezãos, pares do reino e pares dançantes. Pela rasão que: Sendo a casaca de casimira preta forrada de setim obrigatoria em todo o *lady's gentleman-usher*, que rasões poderiam ter levado el-rei a adoptar tumultuariamente, contra todas as praxes estabelecidas, a casaca de côm com botões de metal relaxada do uso das salas á especialidade equestre, á *toilette* de circo olympico? Por que motivo, não sendo o baile nem de mascaras nem de costumes, se achava o soberano vestido de *riding-master*? Iria sua magestade dançar os lanceiros a cavallo?! Iria, no intervallo da valsa e do charope de framboesas, exhibir em pleno salão, entre os espartilhos palpitantes e os pallidos hombros nus, as proesas de um poldro adestrado na alta escola?! Projectaria empunhar um pingalim, postar-se por baixo do lustre e dirigir um volteio hypico, um *steeple chase* da cômte atravez de arcos forrados de papel?!...

Tudo era licito esperar sem maravilha e sem surpresa do symptoma azul com botões amarellos de sua magestade, e o baile todo apresentava o especial aspecto entalado natural em quem

tem atravessada na garganta uma casaca de el-rei.

\*

Eram esperados novecentos convivas e apenas compareceram quatrocentos e tantos. Assim, na provisão dos viveres, houve um enorme saldo em favor da corôa. Montes intactos de bolos sobreexcedentes perpassavam nas bandejas por entre as barretinas boquiabertas suspensas do braço esquerdo dos srs. officiaes do exercito, e as barretinas bocejavam de desdem perante as iguarias que debalde tentavam excitar-lhez a avidez saciada!

Felizmente, o confeitoiro que fornecera os bolos, representante illustre da cidade de Lisboa, assistia ao baile; tomava parte nas reaes quadrilhas; as senhoras cumprimentavam-o pela delicadesa dos seus productos, e quando elle dizia:

— Condessa, faz-me a honra da seguinte contradança?...

Uma fina voz aristocratica, acompanhada de um soberano e complacente sorriso, respondia:

— Com prazer: estão deliciosos os seus bolos d'ovos!

De modo que o confeitiro, captivo de tão amavel acolhimento prometteu desinteressadamente acceitar os fornecimentos que sobejassem.

\*

No segundo baile a concorrência foi maior. Como era segunda feira gorda e os convites haviam sido collectivamente feitos por via de um annuncio no *Diario do Governo*, meio mundo se julgou convidado, e mal chegaram as carroagens da praça para deporem no atrio do palacio da Ajuda os cavalheiros desconhecidos para os quaes o baile da cõrte em Lisboa, como o baile dos cabelleireros em Paris, era uma occasião para *frequentar a sociedade*.

Consta que sua magestade el-rei, dizendo-se-lhe que as carruagens de praça não cessavam de arrojarem sobre o seu real tapete, ao meio das filas das suas alabardas, convidados ignotos, respondera *democraticamente* que fossem recebidas todas as pessoas que se apresentassem, — absolutamente com a mesma ausencia de etiqueta e de escolha que presidia aos antigos bailes dos pretos.

\*

Sua magestade será certamente assaz ma-

gnanimo para nos conferir a permissão de dizer-lhe que n'este caso confundiu extremamente sua magestade o que suppoz ser as *praxes democraticas* com o que é simples e unicamente uma opinião pessoal e um uso exclusivo da côrte da rainha Jacinta.

Nos salões democraticos procede-se de um modo diverso. Infinitamente nos lisonjeia que a honra de havermos entrado algumas vezes em casa dos nossos amigos nos permitta esclarecer n'esta parte a confusa opinião da corôa.

As casas de nós outros não se abrem como a de sua magestade á avidez do primeiro que chega, com uma gravata branca e a commenda de Christo na casaca, a pedir par para uma polka.

Na sociedade democratica — visto que sua magestade ha por bem dignar-se de imital-a — cumpre-nos dizer que se não accendem os lustres, que se não empoam os creados, que se não desenrola o tapete, para ir ao estribo das tipoias acolher todo o pé de boi a quem appetença desenferrujar-se na companhia fina dos melindrosos pés das nossas mulheres. Ellas não calçam os seus escarpins de setim côr de creme para os confiarem aos contactos da valsa requerida, ao

acaso do *cotillon*, por individuos que não conhecem, por um deputado rural que não lava os dentes, por um official da alfandega cujas mãos suam atravez das luvas, ou por um conselheiro gordo, typo suino, que comeu alho ao jantar.

As recepções nos salões democraticos são um titulo de alta consideração e de especial apreço que se não confere por edital a todo aquelle que fór mais de alferes na cathegoria militar ou mais de amanuense na cathegoria civil.

Na sociedade democratica os bailes servem precisamente para demonstrar que, na ordem das differenças que distinguem os homens, ha merecimentos especiaes extranhos ao criterio que estabeleceu as referidas cathegorias; isto é: que se póde possuir um bello titulo nobiliarchico, seis commendas e um par de dragonas, saber-se perfeitamente ou imperfeitamente commandar uma brigada, póde-se representar um circulo, dirigir uma repartição do estado, e ser-se, apesar de tudo, inapto para entrar n'uma sala.

As salas são destinadas a aferir a distincção das maneiras, o gosto da *toilette*, a nobresa do porte, a arte da conversação. Os reis fazem bem em manter na maxima pompa o prestigio d'esta especie de convivencia. A decadencia dos salões



condiz sempre com a decadencia das monarchias. Em França, á creação dos *clubs*, que separaram os homens das senhoras, tornando os costumes muito menos amaveis e muito menos polidos, seguiu-se a primeira republica. Os primeiros indicios da grande revolução foram notados pelos diplomatas e pelos chronistas da epoca na declinação das maneiras e da *toilette*.

Jefferson escrevia de Paris em 1786: Nada mais raro do que encontrar hoje na sociedade alguem que esteja *ce qu'on appelle habillé*.

As senhoras chegavam a apparecer nas reuniões em *robe de chambre*.

O principe de Montbarey conta que ninguem usava condecorações.

Um historiador, Soulavie, refere que começava a ser impossivel distinguir uma duqueza de uma actriz.

Segur, que estremecia de bem fundados receios deante d'este estado de coisas, exclama nas suas memorias: «Os desgraçados não viam que os *frocs* substituindo os amplos e magestosos vestidos da antiga côrte presagiavam uma tendencia geral para a egualdade!»

\*

Portanto, quer como simples particular, quer

como soberano, quer como politico, parece-nos que sua magestade el-rei procede de um modo ligeiramente errado menosprezando a *toilette*, ácerca da qual tão preciosos conselhos lhe teem sido dados pelas *Farpas*; fechando os olhos á etiqueta; organisando finalmente bailes a que vae toda a gente sem distincção das superioridades que dá a educação, a intelligencia ou o character.

Como soberano, este facto é extremamente nocivo a sua magestade e á politica do seu governo, porque enfraquece um dos esteios das monarchias: o culto da alta elegancia, a influencia da cõrte nas modas, nos costumes, nas maneiras, na conversação, na lingua e na arte.

Como particular, como simples cavalheiro, como democrata, sua magestade, dando bailes em que recebe todos aquelles individuos que tomam a liberdade de se considerarem convidados para isso, perde um excellente ensejo para distinguir e para obsequiar os seus verdadeiros amigos e sujeita a sua familia ao desprimor das intimidades de loteria, á sorte do *cotillon*, intimidades que pelo contrario deveriam ser tanto mais difficilmente conferidas quanto mais perfeita é a distincção elegante d'aquelles que as permitem.

Cingir a cintura de uma senhora e dar com ella uma volta de valsa é sempre um privilegio que se não confia á sorte senão nos circulos de homens mais escrupulosamente escolhidos. Quando a senhora é uma rainha, esse privilegio toma o character da mais subida honra e da mais alta recompensa que o merecimento de um homem pôde receber n'uma sala. Faz pena pensar que, segundo o criterio de que o paço deu o exemplo na noite da ultima segunda feira gorda — dia que ficará memoravel nos fastos do dandysmo como o da maior derrota que tem soffrido a elegancia — os titulos a esse privilegio e a essa recompensa sejam, para todo aquelle que se apresente, as côres de uma bandeirola!

\*

E nós — nós pobres plebeus imaginativos e credulos — nós que tanto pensavamos em ir descobrir outra vez a India, não para que nos agraciassem com um titulo de duque — como certamente nos fazem a justiça de acreditar — mas sim para termos o direito de esperar que sua magestade a rainha nos concedesse trez compassos de valsa, da nobre valsa allemã, grave, cadenceada, e leve, a trez tempos, com musica

de Strauss ou de Schuloff, fresca, matinal, vivaz, ligeira, como a cotovia que pousa, cantando, à beira do lago, sobre a relva humida.

E imaginavamo-nos, victoriosos, voltando dos descobrimentos e das conquistas, deixando à porta do paço, em vez de um *coupé* da companhia, trezentos elephantes carregados de pó de brilhantes e o nosso carro de ouro puxado por seis parelhas de reis, uns pretos, outros brancos, todos captivos, tributarios, arrastando algemas.

E nós, então, projectavamos dobrar o nosso joelho, collocar sob os pés de sua magestade a nossa corôa de louros, a nossa espada triumphante humildemente beijada pelos sultões mais orgulhosos e pelas sultanas mais bellas, e como o Cid campeador, galante e valoroso, offerecer á delicada mão que se dignasse de apoiar-se por um momento ao nosso hombro — um reino por cada dedo!

Visto porém que entra no paço quem quer, que dança todo aquelle em que cae a sorte, — não!

Ahi teem um mundo novo: fazemos-lhe presente d'elle!

Ahi teem a India: podem guardal-a com as suas luvas e as suas rendas, n'uma gaveta!

Ahi teem os reis captivos e tributarios; mettam-os n'uma gaiola, com o seu poleiro, e não se esqueçam de lhes mudar todos os dias o suor do povo nos bebedoiros!

Ahi teem a nossa espada invencivel para aparrarem os seus lapis!

Ahi teem o louro da nossa corôa para o seu môlho verde, para os seus escabeches!

Ahi teem tudo, com todos os nossos respeitos, com todas as nossas reverencias!

Sómente, em quanto á valsa, — não!

Muito obrigado, mas não. Estamos compromettidos!

Cedemos a nossa vez a suas altezas os mui illustres principes que deixaram lá em baixo no pateo ao pé do nosso carro de guerra e de triumpho as suas galochas de borracha.

Cedemol-a aos poderosos senhores, infanções e ricos hcmens, que estão com pressa, por que tomaram os seus fiacres á hora.

Cedemol-a áquelle sujeito que além vemos com uma mobilia estofada de vermelho por dentro do peito transparente da camisa. . . Elle arregala para nós e para o throno os seus olhos gulosos, de vitello desmamado. . . Terrivelmente afiladas e bicudas, as orelhas da sua gravata

branca nada pressagiam de bom... Elle coça a cabeça e afiambra a perna... Elle prometteu uma dança de roda aos seus calos, que só debaixo de tal promessa consentiram em caber-lhe, quasi todos, nos botins... Elle adianta-se mesureiro e sollicitante... Elle é o deputado por Bajoica de Riba, e traz luvas — contra vontade d'ellas, mas tral-as! Traz tambem casaca — uma casaca que parece estar a agarrar n'elle pelos sovacos para o pôr em cima dos armarios, mas que emfim consente em o deixar andar pelo chão com a condição de fazer elle alguma força para baixó, condição que elle cumpre segurando-se com as mãos ambas ás algibeiras das calças. Sobre isto, dá-lhe um ar de grande opulencia a mobilia de estofo vermelho que traz no seio por baixo da camisa, e são talvez os sophas da sua sala de visitas em Bajoica! Finalmente, a não ser que estale, parece-nos estar preparado para figurar condignamente nos salões até ás cinco horas da manhã, que é quando os da estalagem abrem a porta para o receber e para tomar o pão.

Tal homem deseja a valsa. Deseja — dizemos?! Não. Exige-a. Exige-a em seu nome, em nome da carta, em nome do systema representativo e em nome de Bajoica.

Que lh'a dêem ! Nós retiramo-nos. Boa noite, meus senhores.

---

Dizem os jornaes e repetimol-o nós — porque é este o facto culminante da chronica do presente mez — que no dia da segunda feira de entrudo subiram as transacções sobre hypothecas no Monte-Pio Geral á quantia de 300 contos de réis !

\*

Quem foi que pediu emprestada esta avultada somma ? Não foram as pobres creaturas imprevidentes do *Demi-Monde*, porque em Lisboa não existe essa especie de classe social ; e a classe que em Lisboa substitue o *Demi-Monde* não tem joias que empenhar no Monte-Pio Geral para dar ceias ou bailes no dia de entrudo, e resume as suas desordens carnavalescas em « pendurar » um falso cachemire e um par de botinas a troco de um dominó e de um meio-grog.

É pois evidente que foram pessoas honestas as que pediram emprestados 300 contos de réis na segunda feira de entrudo.

Foram as mães de familia, foram as esposas, foram as filhas que, no lar domestico, na tranquillidade do dever, combinaram friamente, serenamente, com os seus filhos, com os seus paes, com os seus maridos esta amigavel negociação: pôrem no Monte-Pio a sua velha prata, os antigos talheres de familia, o copo e a argola do guardanapo de um pobre avô cachetico, as joias que representavam lembranças de datas queridas, os presentes do noivado, da primeira commu-nhão, do dia d'annos; e trazer do Monte-Pio, em troca de tudo isto, vinte ou trinta libras.

Para qué? Para saldar uma divida de honra? Para occorrer á cura de uma doença de perigo? Para cumprir um dever qualquer de pontualidade, de dedicação, de amisade? Não; simplesmente para comprar umas luvas de oito botões e uns sapatos de setim, uma gravata branca e umas meias de seda; para pagar o cabelleireiro, a perfumaria e a carruagem d'essa noite para a Ajuda, para a Trindade ou para D. Maria.

E suppondo que cada familia se contentasse com um supprimento de cem mil réis para essas



despezas, foi a 3:000 familias que o Monte-Pio emprestou cem mil réis n'esse dia !

\*

O aspecto de Lisboa, entretanto, nada apresentava de extraordinario ou de anormal na segunda feira de entrudo.

Estiveram abertas as lojas, os estabelecimentos publicos, as repartições do estado.

As senhoras não andavam vestidas de *débardeuses* nem os homens de *pierrots*.

No Chiado ninguem dava cambalhotas nem fazia pés de nariz.

Do chafariz do Carmo não corria champagne.

As torneiras da companhia das aguas não deitavam absyntho nem bitter nem outra alguma bebida espirituosa e inebriante.

No interior dos predios não se ouvia o telintar dos copos, o estallar das rolhas, as canções bacchicas, os *couplets grivois*, o estrepito das orgias.

As casas de pasto da Baixa exhibiam, entre ramos de salsa desbotada e de agriões murchos, o lombo crú, de tres dias, fatigado, livido, macerado, com olheiras, e os velhos frangos assados, esqueleticos, corcundas, pulverulentos, en-

tre cujas asas começavam as aranhas a entretecer socegradamente os seus fios.

As musas abriam á hora do costume as portas da Alfandega e o sr. Eduardo Vidal sahia com a Primavera pelo braço, a dar as ordens na rua da Prata para principiar a reverdecer a alfombra.

Os empregados publicos recolhiam das secretarias com as suas calças rapadas nos joelhos, conversando, sorrindo, quebrando com um certo *chic* especial a cinza dos cigarros com a longa unha do dedo minino, cuidadosamente creada na serena monotonia de vinte annos a manejar systematicamente as pennas, os lacres, as espátulas de marfim lustroso e amarellado, as bonecas da gomma elastica, as raspadeiras e os atilhos das pastas em que se guardam nos archivos os segredos do Estado.

As senhoras, ligeiras, atravessavam as ruas, com os seus embrulhos, olhando de lado para a direcção das carruagens; entravam nas lojas, debruçavam-se nos mostradores, argumentavam com os caixeiros.

O infante sr. D. Augusto, com as suas calças claras, retesadas, com fortes presilhas, os seus olhos d'ave, redondos, fitos, passava

no Rocio, cumprimentando do alto da sella em que as sentava, com um peso de chumbo. Acompanhava-o um official á paisana n'um cavallo baio, gordo, molle, de rabo branco e olhos tambem brancos, um cavallo de regimen emoliente, parecendo alimentado com linhaça. Seguiam S. A. dois creados, com librés agaloadas de prata velha, oxidada, botas cambadas, chapéos saturados de suor até o meio da copa, luvas de algodão, physionomias pallidas, biliosas, deixando sobresahir o escuro da barba, typos de jovens padres ladinos, viciosos e sujos.

O sr. marquez de Avila subia o Chiado, com o seu albornoz encrusado, o seu abafadoiro de pelucia côr de vinho, dando o braço ao sr. Augusto Talone.

Á porta do Magalhães, do Nunes, da Casa Havana, estacionavam os grupos :

O gaiato velho, gordo, com cravos na pelle, o cigarro ao canto da bocca, sem camisa, a quinzena de gola levantada para as orelhas, preza no pescoço com um alfinete, o chapéo d'abas carcomidas, as calças lustrosas e encebadas, as botas enfrestadas, com seteiras, por onde as pontas dos charutos que jazem nos passeios são visas de dentro pelos olhos dos callos.

Os deputados, de pés gordos, curtos, caprinos, joelhos reentrantes, calças ordinarias, camisas de provincia, mal talhadas, — faziam discursos, experimentando a prosa official *in anima vili*, sobre o espirito uns dos outros.

Nos sôphás da Casa Havanesa, por dentro dos vidros, sujeitos pacificos, cambistas, homens de descontar letras, com as suas suissas em fórma de costelletas, dormiam ou liam o movimento da bolsa no *Jornal do Commercio*.

Cocottes hispanholas, estucadas a pós de arroz, com as mãos curtas, de unhas roidas, passavam a pé no macadam, arrastando a cauda dos vestidos pretos, engolphadas nas *colerettes de tulle*, sorrindo aos seus conhecidos, puxando os punhos engommados até os nós dos dedos, exhibindo as breves botinas arqueadas, lisas como seixos, de pellica côr de cobre.

As carruagens de praça, vasia, circulavam, e os cocheiros, de jaleca, chapéo desabado, de borla de seda ao lado, interrogavam das almofadas, levantando o dedo.

Finalmente, Lisboa tinha o seu aspecto ordinario, quotidiano, normal.

\*

E era todavia no meio d'esta regularidade, d'esta legitimidade das coisas, que um numero indeterminado de cidadãos, com o seu embrulho secreto debaixo do braço ou na algibeira da sobrecasaca, entravam no Monte-Pio Geral e levantavam a quantia de 300 contos para gastar n'essa noite!

Não é pois em virtude de uma crise, de uma sobreexcitação, aguda mas passageira, que Lisboa desvaira. Lisboa empenhou-se em 300 contos n'um dia por effeito de um estado chronicó, de uma lesão organica!

Lisboa! pobre Lisboa!

---

Eis um facto perfeitamente extraordinario, sem precedentes, inaudito, absolutamente novo: As actas d'um duello, a denuncia de um acto

criminoso previsto nos codigos, um combate á mão armada, apparecem publicadas em todos os periodicos do paiz, authenticadas com o depoimento e com a *palavra de honra* de quatro testemunhas insuspeitas e idoneas. A justiça não intervem. O attentado fica impune. A indifferença dos poderes consagra publicamente a violação da lei.

\*

Os campeadores saem para batalhar, em combate singular, do seio da representação nacional, do sacrario da legalidade, do berço da jurisprudencia.

São os representantes de dois partidos politicos, de dois campos adversos, como os Horacios e os Curiacios.

A camara toda occasiona, permite, diremos quasi: promove — as justas em campo cerrado.

A camara divorcia-se do direito, calca aos pés todo o trabalho das leis, recua até o principio da força, o antigo principio gothico. A presidencia pede para deante de si a *tavola ronda*. O regimento substitue-se pelo *Amadis de Gaula*. A representação nacional, em plena côrte de amor, com os seus menestreis e os seus trovadores, lança-se ao som das chacaras, dos ban-

dolins e das theorbas, nos velhos braços pendentes e occos das armaduras de Carlos Magno e do rei Arthur.

A discussão e a controversia suspende-se no parlamento e na imprensa, e dois homens de raciocinio e de estudo, dois deputados, dois legisladores, dois futuros ministros, os srs. Thomaz Ribeiro e Marianno de Carvalho partem a combater em Bemfica, seguidos das suas testemunhas, dos seus pagens da lança.

Elles esperam, de frente alta, olhar fito, espada em punho. Os arautos lançam aos quatro ventos os pregões do stylo. Prohibido ás instituições fallar, escarrar, tossir, fazer signaes!

A camara, que preparou o combate, que conduziu os campeões, profere a formula antiga: *Laissez les aller, les bons combattants!*

Então as mãos comprimem nervosamente a empunhadura das espadas; os combatentes, feitas as continencias marciaes ás testemunhas, á camara que ellas representam, e ao paiz que os elegeu a todos, adeantam um passo, caem em guarda, pé firme e leve, olhos fitos. Os ferros cruzam-se, ao estalido secco do gume no gume, e o combate principia.

É o combate da lei contra a lei. Não o com-

bate com a espada da justiça. O combate com os sabres militares da força bruta.

E as instituições portuguezas cruzam os braços, sentam-se desdenhosamente e commodamente em cima dos seus codigos; assistem; approvam! *Laissez les aller, les bons combattants!*

\*

O mais recente factó historico analogo a este que acabamos de presenciar em Portugal no corrente mez de fevereiro, do anno de graça de 1876, deu-se em França no seculo XVI, em 1547, no tempo de Henrique II, dos Guises, da bella Diana de Poitiers. Foi o duello de La Châtaigneraie e de Jarnac.

Então, como hoje, o duello era prohibido, graças aos esforços dos parlamentos e dos reis que proseguiam desde o seculo XIII a grande obra da constituição do direito. Então, como hoje, os dois adverbios representavam dois partidos em lucta. Então, como hoje, transgrediu-se a lei para permittir impunemente o combate. Sabem de certo essa romanesca historia...

Jarnac representava as opiniões e os interesses da velha aristocracia territorial, das provincias. La Châtaigneraie era o valido do rei e per-



sonalisava a dissensão da côrte com a nobresa provinciana.

O duello realisou-se deante do palacio, segundo a antiga moda, em presença dos fidalgos que tinham vindo de longe para assistir, á vista do povo do Pariz attrahido pela originalidade pittoresca do espectáculo.

Jarnac, com dois successivos golpes de espada brandida ás mãos ambas, traçou a perna de La Châtaigneraie, que cahiu moribundo, banhado em sangue. Um enorme trovão d'applausos, dos applausos populares, fez tremer a terra e empallidecer Henrique II.

La Châtaigneraie, despresado pelo rei, o seu antigo amigo, que não quizera mais tornar a vel-o depois de tão miseravel derrota, arrancou n'essa mesma noite as ligaduras que lhe envolviam o coto da perna sacrificada ao esquecimento e á ingratição do soberano, e deixou-se morrer escoado em sangue.

A luxuosa tenda de campanha em que La Châtaigneraie tinha feito servir com a baixella da côrte o banquete destinado a celebrar o seu triumpho foi saqueada pela multidão, devoradas as ignarias, quebradas as garrafas, destampados os barris.

O rei desejoso de desafogar em alguém o despeito e a cólera, lançou a sua cavallaria sobre a grande multidão compacta que enchia o campo e esmagou-a, destroçando-a na ponta das alabardas, com as coronhas dos mosquetes, sob o fio das espadas.

Michelet expõe nos termos seguintes o desfecho d'este caso:

«O povo miúdo de Paris, estudantes e operários, posto que muitos viessem coxos, manetas ou vesgos, sentia uma aspera alegria, trazia consigo um proverbio: — *O golpe de Jarnac* — o qual, dito e repetido por toda a parte renovarã constantemente a derrota porque n'esse dia passou a realza.»

\*

O duello portuguez deixou tambem um dito, destinado talvez um dia a converter-se n'um proverbio — *O golpe do dedo minimo*, o qual marcarã na memoria do povo o mais flagrante caso do desprezo das leis, perpetrado por aquelles que o paiz elegeu para as fazerem e para ensinarem a cumpril-as.

Em uma das ultimas sessões parlamentares acaba a montanha de conceber. Queremos dizer que botou falla em stylo *infimo* o sr. Miguel *Maximo*.

\*

Depois de gemer as sete dores da erudição historica posta em moda pelo sr. Castelar para afogar no prestigio das abundancias oratorias o vexame das deficiencias politicas, o sr. Maximo concluiu *felicitando o brioso exercito hespanhol por haver sellado com a derrota de D. Carlos a lousa do absolutismo*.

\*

Se alguma coisa nos foi dado comprehender no imbroglio apocalyptico com que ao illustre orador approuve expôr á camara a sua theoria da evolução politica, as suas idéas ácerca dos agentes modificadores das sociedades, os seus principios com relação ás fórmas de governo, as interpretações do que é a ordem, a liberdade, o progresso e a civilisação, deduzimos que s. ex.<sup>a</sup> — no tocante pelo menos á coordenação, á conexão e ao regime das suas idéas — é pela anarchia, pela confusão e pela balburdia.

Sua excellencia quer a republica e ao mesmo tempo não quer a republica. Quer ordem e não quer ordem. Quer liberdade e não quer liberdade. Porque, por um lado parece-lhe uma coisa, mas por outro lado — como sua excellencia é muito profundo — parece-lhe exactamente a coisa contraria. De sorte que sua excellencia acha-se no meio da sua philosophia binaria, mal comparado, como o burrinho metaphysico de Buridan entre as duas manjedouras parallelas da antiga escolastica.

Como philosopho ao sr. Maximo não lhe falta senão tomar uma deliberação. Não lhe falta mais nada. Mas essa deliberação elle não a tomará nunca. Porque, deitando os olhos á historia, que é que vê o sr. Maximo?

Vê Cromwel e vê Carlos II, vê o castello feudal e vê a espada de Lafayette, vê o servo da gleba e vê Voltaire, vê a amortisação e vê Beranger, vê Philippe II e vê Felix Piat, vê o doce D. Pedro V e vê o terrivel Lopes dictador, vê Clemente VII e vê Carlos V. Sua excellencia finalmente vê sempre duas coisas; duas coisas que se compensam, duas coisas que se destroem ou duas coisas que se combinam. Uns acontecimentos são acidos, outros são alcalinos,

outros são bases. De sorte que esta trapalhada de chimica, esta duplicação de elementos heterogeneos lança o espirito de sua excellencia na mais aterradora perturbação. O sr. Maximo vê dobrado — atrapalhação dos demonios! Se o sr. Maximo conseguisse vêr singelo, que nitidez na descriminação dos phenomenos! Como elle seria feliz, como seria perfeito, se pudesse vêr singello!...

Mas por que é que não tenta sua excellencia um meio: Porque é que sua excellencia, em vez de relancear os seus dois olhos ás páginas dahistoria, não relancéa um olho só? Porque não fecha o outro? Porque não faz sua excellencia a applicação therapeutica do tapa-olho?

\*

Emquanto ás felicitações enviadas ao exercito hispanhol é que sentimos profundamente não poder de modo algum associar-nos aos sentimentos do sr. Miguel Maximo, porque a tal respeito é que nos não parece que sua excellencia pudesse ter visto na historia dois phenomenos encontrados, mas sim um unico e indivisivel.

Inventados no primeiro seculo da renascença para resolver a crise procedente dos conflictos

do antigo poder feudal e do poder monarchico então reconstituído, os exercitos permanentes teem constantemente servido até hoje para manter os actos das monarchias ou para resistir a esses actos. Ora como o poder dos reis e o seu predominio nos negocios são hoje factos estranhos aos elementos que constituem o progresso, um exercito permanente não é nas sociedades modernas mais do que um estorvo, um instrumento de perturbação.

Na politica da Hispanha moderna um poderoso exercito, sobrevivente a todas as catastrophes, sempre de pé atravez de todas as revoluções, tem sido o fermento da instabilidade e da inquietação permanete e o obstaculo constante e insuperavel para uma reorganisação radical-connexa e definitiva.

Incapaz da cega obediencia, sagrada como um juramento e um voto, que fazia dos antigos exercitos o instrumento fiel e passivo de uma só vontade, o exercito actual, composto de homens modernos tem todas as ambições e todas as incapaciencias que caracterisam o individuo. A passividade, a inacção é incompativel com os temperamentos d'este seculo agitado e nervoso. De modo que, sempre que um forte exercito capaz

de influir no destino de uma sociedade não fôr empregado nos trabalhos da guerra pelo genio incansavel de um soberano bellicoso, a sua actividade irrefreavel exercer-se-ha fatalmente na sublevação e na revolta, porque seria impossivel convencer officiaes moços e instruidos e soldados aguerridos e valentes que o seu destino definitivo tenha de resumir-se a permanecer por toda a vida na cazerna jogando as cartas sobre a pelle dos tambores. Assim é que em Hispanha o militarismo, sempre que não tem servido a vontade dos despotas, tem-se apoderado dos grandes problemas sociaes e tem decidido tumultuariamente pelas bayonetas as mais altas e graves questões do raciocinio e da vontade pacifica de um povo generoso, que espera ha muitos annos o seu momento de apparecer na scena. Tal é a chave da historia de todas as successivas desgraças por que recentemente tem passado a Hispanha:—O militarismo, sempre o militarismo.

O que foi a guerra do pretendente D. Carlos senão uma questão militar: um exercito de acaso, com um chefe de pretexto, procurando desesperadamente converter-se n'um exercito effectivo, vitalicio, com os seus soldos, as suas

patentes, as suas promoções, o seu presente e o seu futuro seguro por um chefe legalizado ?!

Pois qué! Haverá alguém que supponha que o absolutismo tenha sectarios capazes de darem por elle a sua vida, se a ambição militar não converter os cidadãos em soldados ?!

O valor do combate, o espirito militar é por certo uma bella e nobre virtude. Desgraçado do povo que a não tem! Mas desde que um exercito deixa de ser uma força de cidadãos armados que defendem o seu direito e o seu territorio, e passa a ser uma delegação permanente e estipendiada, o valor cessa de ser virtude e é simples officio.

\*

E quer o sr. Maximo que se felicite o exercito *porque elle sellou a lousa do absolutismo!* Nós preferiamos felicitar o absolutismo se elle tivesse tido a habilidade de sellar a lousa do exercito. Pela razão que: sem o exercito, o absolutismo ficaria—como o genio do sr. Maximo sem o parlamentarismo—reduzido a exercer-se exclusivamente—em familia!



OBRAS COMPLETAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

# DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

Contendo o mais essencial da sabedoria humana.

2 grossos volumes, in-4.<sup>o</sup>, brochados..... 6\$000  
Encadernados..... 7\$000

FREI DOMINGOS VIEIRA

# GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

ou

Thesouro da lingua portugueza

Publicação feita sobre o manuscrito original e enriquecida de numerosos exemplos tirados dos classicos de todas as épocas, inteiramente revista e consideravelmente augmentada.

5 grossos volumes, folio..... 25\$000  
Encadernados..... 30\$000

LUIZ FIGUIER

# AS GRANDES INVENÇÕES ANTIGAS E MODERNAS

NAS SCIENCIAS, INDUSTRIAS E ARTES

Obra ornada com 238 gravuras magnificas, similhantes da edição franceza.

1 magnifico volume-album, brochado..... 3\$000  
Com uma elegante cartonagem..... 3\$600

À VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ERNESTO CHARDRON — PORTO

OFÇA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIÇÃO



ASTARIS

C. P. A. 1884

heller

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

---

# AS FARPAS

---

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

---

## NOVA SERIE

---

TOMO IV

---

Março a Abril

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

SE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL,

Rua dos Calafates, 110

---

1876



REVISTA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA

# AS FARRAS

1177 Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

1877

1877

1877

1877

1877

## SUMMARY

**CARTA A JOHN BULL:** Theoria da anglomania em Portugal. Inglezes e francezes. Influencias da viagem de sua alteza o principe de Galles. Os festejos e suas divisões por cantatas. Finge-se uma feitoria ingleza. O tratado de Menthuen. O nosso programma de festa. A revista rural. A leziria, a boiada, a caudelaria, o odre. O perfil de sua alteza. As suas viagens. A India, o Mediterraneo, a Hispanha, o boulevard, os gabinetes de Bignon e do Café Anglais. As ceias e o figado. A febre typhoide. A divisa do principe. Os seus actos? as suas obras? A legenda de Sigurd e Brynhild. Os homens uteis. A civilisação ingleza: o exercito, a marinha, as fabricas, os arsenaes, a politica. O que está por fazer. O trabalho. Parallelo de sua alteza com John Bull. A estima e a indiferença dos povos pelos viajantes illustres. Garibaldi e o infante sr. D. Augusto. As opiniões de sua alteza e as de Robert Hart. O progresso e o plum-pudding. As duas camisas. O burro. A provincia em Lisboa. Suas impressões de viagem, seu regresso. *God save John Bull!* — DOMESTICA FACTA: O

novo professor de suas altezas. A *logica* e a *rhetorica*. O que se deveria ensinar e o que se não ensina aos príncipes. A retorta de Wagner. — Os nossos creados.

## A MR. JOHN BULL

Bom e velho amigo !

Ha mezes que uma flotilha, cujos gastos são pagos por ti, anda passeando sua alteza o Principe de Galles por cima da superficie liquida d'este pequeno spheroido rotatorio em que os príncipes e os mais homens gravitam, com maior ou menor facilidade, uns á custa do seu proprio suor, outros por conta do suor alheio.

Estreitar as relações dos povos e avivar os seus sentimentos benevolos com relação á Inglaterra dizem ser o intuito do teu futuro soberano ao resolver apparecer nos mais real e mais perfeitamente do que sob o cunho das libras sterlingas, unico meio por que até hoje nos tinha sido permittido venerar a effigie dos illustres predecessores de sua alteza.

Visto que assim o deseja o excelso principe, sentemo-nos pois, por um momento, defronte um do outro, amigo John, e conversemos um pouco ácerca das relações que nos unem.

Accende o teu cachimbo, como eu vou accen-

der o meu; recosta-te bem á tua vontade n'essa poltrona; encrusa sobre a mesa, á altura do ôlho, segundo a bôa e sincera moda americana, os teus fortes pés solidamente calçados; e dá-me o prazer de te servir da coisa em que o paiz mais abunda depois do seu vinho: — a sua prosa. Offereço-te a prosa e não te offereço o vinho, porque, em quanto á bebida, tu — coitado! — tens-te já sacrificado muito. Não mais fel! O que vou dar-te agora é unicamente — esponja.

\*

Desde o principio d'este seculo que Portugal padece pelo teu paiz uma especie de cegueira affectuosa, que, até sabbado passado, tem tido sempre nos espiritos um desenvolvimento progressivo.

Nós governamo-nos á ingleza, vestimo-nos á ingleza, alimentamo-nos á ingleza. Mandamos vir de casa de Poole as nossas melhores *toilettes*. Attestamo-nos de chá e de Pale Ale. Lançamo-nos *sport*, no *turf*.

Sacrificamos á anglomania interesses valiosos.

Para montar e para fazer correr cavallos inglezes, objectos de puro luxo no solo e no clima

portuguez, deixamos abastadar e perverter a fina raça dos nossos cavallos de Alter.

Em vez de nos refrigerarmos com as saudáveis bebidas classicas de nossos paes, a *limonada* e a *sangria*, amadorramos os nossos temperamentos com má cerveja ingleza, que nos desenvolve excessivamente a bilis, que nos dá dispepsias e hepatites, e, emquanto nos não ataca algum órgão essencial á vida, nos embrutece lentamente, tornando-nos a lingua grossa e o cerebro espesso.

Principiamos, agora ha dois annos, a importar d'Inglaterra duas outras especies de monstros: — as dançarinas e os jockeys.

Sob o ponto de vista commercial, sob o ponto de vista industrial, sob o ponto de vista moral, o inglez representa o nosso modelo, o nosso guia, a nossa aspiração, o typo ideal da actividade mercantil, da boa fé dos contratos, da lisura e da honra commercial.

\*

Nota porém que tudo isto, como já tive a honra de dizer, é o resultado de uma cegueira irreflectida e não de uma convicção fundada nos factos ou no raciocínio.



Porque, é de saber, my dear, que os portuguezes só conhecem a Grã Bretanha de um modo platonico, excessivamente imperfeito e longinquo.

Emquanto ás nossas idéas, ás nossas opiniões, aos nossos principios, somos educados no espirito francez.

A lingua que melhor conhecemos, depois da nossa, é a lingua franceza. É pelos livros francezes, pelos jornaes francezes, pelas revistas francezas que nós nos educamos, que nos achamos em contacto com o progresso e com a civilisação.

Procederá a nossa anglomania, o nosso fetichismo inglez, da contradicção flagrante que a pratica dos negocios nos fize:se encontrar entre as obras da França e as qualidades pessoaes dos francezes?

De modo algum.

Se o pouco ou muito que valemos pelo nosso aperfeçoamento intellectual o devemos á França, industrialmente fallando é ainda á França que principalmente devemos a collaboração mais valiosa do que temos feito no presente seculo.

A maior parte das industrias que actualmente existem em Portugal foram iniciadas no tempo do marquez de Pombal por familias francezas,

em cujos individuos encontramos os amigos mais sinceros e mais dedicados. Vou citar-te alguns.



Lecussan Verdier, fundador no seculo passado de uma fabrica de panos na villa de Thomar, empregava as suas horas d'ocio estudando a nossa lingua e os nossos monumentos litterarios, e deixou-nos importantes trabalhos de critica sobre o cancionero chamado *do Collegio dos Nobres* e sobre um poema nacional, *O Hyssope*, de Diniz. Expulso de Portugal depois da invasão de Bonaparte, foi ainda em França o protector e o amigo desvelado de um portuguez illustre, o poeta Filinto Elisio, refugiado em Pariz das perseguições portuguezas da Inquisição e da Intendencia da Policia.

Jacome Ratton, fundador das nossas primeiras fabricas de papel, iniciador de varias fabricações de tecidos, introductor de apparelhos hydraulicos, habitava em Lisboa ao tempo do terremoto um grande palacio, dava festas magnificas, recebia em sua casa a melhor sociedade portugueza, contribuindo por tal modo efficaçmente para a democratisação da nossa nobreza. Era o protector e o conselheiro affectuoso e illustrado dos

nossos artistas. Deixou-nos um curioso livro de memorias, que são um subsidio precioso para a historia da sociedade portugueza durante a administração do marquez de Pombal.

Mathevon de Curnieu, egualmente fabricante, era um poeta distincto; grande amigo das letras e dos que as cultivam; profundamente instruido, escrevendo com grande facilidade o portuguez, o latim e o grego.

Orcel foi o fundador da livraria franceza, que ainda hoje existe em Coimbra.

Roland, Simion, Borel, os irmãos Bertrands, constituem outras tantas dymnastias burguezas, as quacs, pelo seu trabalho, pela sua economia, pela sua perseverança, pela sua honra immaculada, pela sua probidade austera, lembram as fortes familias dos mercadores da Renascença que pela sua poderosa affirmação nos costumes crearam a moderna comprehensão do dever, o decoro e a honra do trabalho, e finalmente o advento do novo poder contemporaneo, que se chama a democracia.

\*

Não obstante a eloquencia d'estes factos, a opinião publica em Portugal,— a mais estúpida das coisas publicas que em Portugal existem —

cóntinua a considerar os francezes como um povo de cabelleireiros e de perfumistas, fabricantes de falsas drogas expressamente destinadas a fazerem cahir o cabello aos incautos!

Por outro lado, nada que se compare á nossa credulidade, á nossa boa fé, á nossa estima, ao nosso respeito, á nossa admiração, perante a individualidade ingleza, á qual nenhuns serviços devemos.

O negociante britanico que na praça do Porto comparece a comprar vinho e a vender bacalhau, manteiga ou piugas de algodão, é ali objecto de uma especie de culto. As solas das suas botas, o anel da sua gravata, a frescura do seu collarinho, o trote do seu cavallo, a isolação da sua casa, em que ninguem mais penetra senão elle e a sua familia, são outros tantos titulos ao credito e á veneração geral.

Nos salões de Lisboa o simples aspecto de um sr. segundo tenente da armada ingleza torna-nos extaticos. A sua loira juventude, a risca côr de rosa que lhe separa o craneo em dois hemispherios, o seu olhar parado, sem expressão, de uma banalidade grave, de alto genero, a sua casaca, as suas joias, os seus sapatos deco-tados, as suas meias de seda, o nó da sua gra-

vata branca, o seu cheiro a carvão, o vidro redondo que elle de quando em quando colloca na arcada do olho para nos conceder a honra de nos observar, tudo nos captiva e nos encanta.

Os inglezes porém que temos visto, o mercador com quem trocamos os nossos productos, o gentleman de quem imitamos a nossa *toilette* não bastam para nos dar de ti, bom e prestavel John, do teu espirito, das tuas qualidades, do teu character, da tua intelligencia, da tua missão na moral e na politica uma ideia inteiramente precisa.

A visita de sua alteza o principe de Galles destina-se a dar-nos a justa medida que não tinhamos. Esta visita vem chamar a attenção dos noticiarios para a biographia do homem que acaba de representar em roda do globo a encarnação do espirito inglez. Vem vulgarisar as noções de historia relativas ás nossas duas patrias.

Sob este ponto de vista, John, é inapreciavel o serviço que a estada de sua alteza em Lisboa presta á nossa instrucção popular.

Este povozinho não lê livros e não aprende senão o que se lhe ensina nos pequenos jornaes a um penny. Atravez das noticias que esses jornaes vão dar-nos agora a respeito do principe

de Galles, o paiz receberá pequenas lições de historia extremamente profiquas. Este importante ramo da nossa educação adjudicado, fora da sphaera jornalística, a um *gentleman* illustre, mr. João Felix, é poderosamente reforçado n'este momento pela intervenção nos successos quotidianos de sua alteza o excelso príncipe que nos cabe a honra de hospedar.

\*

Á noticia da visita do herdeiro da corôa ingleza, uma grande commissão de negociantes, uma junta especial de pessoas da côrte presididas por el-rei, e uma delegação do ministerio, começaram a estudar o modo mais expressivo e mais brilhante de festejar o nobre viajante.

Dos trabalhos reunidos d'estas diversas commissões resultou resolver-se dividir a festa por secções numeradas como as cantatas do rei Boche no *Barba Azul*.

1.º Viria de Londres um carpinteiro inglez para fazer palanques.

2.º Viria de Londres um illuminador inglez para pôr luminarias.

3.º Viria de Londres um pirotechnico inglez para deitar foguetes.

4.º Viria de Londres um musico inglez para ensinar as nossas bandas marciaes a tocarem o *God save the queen* e o *God bless the prince of Wales*.

5.º Viria de Londres um copo d'agua inglez para offerecer ao principe o « copo d'agua.»

6.º As commissões envidariam todos os seus esforços para que durante a demora de sua alteza no nosso clima, estivesse nevoeiro.

Outro sim se deliberou:

a) Que houvesse no theatro de S. Carlos um concerto á ingleza.

b) Que se desse um baile no paço, transformando-se o aspecto dos nossos salões luzitanos em salões inglezes, e pintando-se em um grande *paneau* a fachada de um dos palacios de sua alteza o principe.

c) Que no hypodromo de Pedrouços corressem alguns cavallos inglezes montados por jockeys inglezes, segundo a moda ingleza.

Em summa nada mais sabiamente combinado para fazer crer a sua alteza que sua alteza se não acha em um paiz livre, com tradições e costumes proprios, mas sim n'um territorio conquistado, n'uma feitoria ingleza.

Mr. Menthuen quando no tempo de D. Pe-

dro II formulou o celebre tratado de commercio tendente a regular a troca dos nossos vinhos com as mercadorias inglezas, — tratado de que resultou a condemnação do trabalho e o atrophamento de todo o espirito de iniciativa industrial creado pelo conde da Ericeira, — não prepararia melhor o programma dos nossos regosijos publicos.

E, todavia, o paiz sempre vale um pouco mais do que a intelligencia d'aquelles que o governam. Nós poderiamos offerecer á distracção do principe espectáculo um pouco menos servil do que aquelle que lhe demos.

\*

Poderiamos levantar-lhe uma tribuna na vasta leziria de Villa Franca e, em vez de uma ridicula revista militar, dar-lhe ahi, como povo agricola, a mais grandeosa e a mais pittoresca das resvistas ruraes.

Ao norte do grande campo formariamos em linha cem ou duzentos carros de trabalho, cheios de mulheres e de moços do campo, puxados pelos grandes bois de jugos ornados de topes vermelhos, com as largas colleiras de chocalhos.

Ao sul, nas aguas do Tejo, postariamos a col-



lecção tão interessante dos nossos barcos da pesca e da navegação fluvial: os saveiros, os varinos tripulados pelos seus bellos homens de fina raça phenicia, de trajes tão caracteristos e tão pittorescos, as faluas com a vela em cruz e com a vela latina, os cahiques, os pequenos botes de Cacilhas e do Barreiro e as ligeiras muletas do Seixal, que infelizmente tendem a desaparecer da nossa bahia.

Em frente da tribuna do principe fariamos então desfilar algumas das nossas grandes lavouras do Ribatejo, da Gollegã. Á frente de cada uma d'ellas, o respectivo proprietario, com a sua familia, com os seus amigos, vestidos á portugueza, de jaleca e cinta, montando os cavallos de Alter e de Castello-Melhor, ajaezados á Marialva, com o xairel de pelle de cabra, a sella semi-arabe, os estribos de pau.

Seguir-se-hiam os arados, as grades, as charruas puxadas por quatro e seis juntas de bois; as longas boiadas de centenaes de cabeças, as chocas, os cabrestos, os touros; as eguas e os poldros das caudelarias da Extremadura; os rebanhos dos carneiros; as varas dos porcos; as carretas; os trophous das foices, das pás, das enchadas, dos machados, das serras, de

todos os instrumentos da industria dos campos; as altas pyramides de laranjas; os feixes do trigo, do centeio e da cevada; as amostras de cortiça; e finalmente, n'um tropheu especial, o ôdre, o sympathico ôdre, o melhor symbolo da abundancia e da riqueza das nossas terras, as terras do azeite e as terras do vinho. Como o cevado no Cincinnati, o ôdre, John, constitue para nós o brazão territorial.

Como sua alteza gosta dos exercicios do *Sport*, fariamos soltar um touro na leziria, e mostrar-lhe-hiamos os unicos exercicios de agilidade e de destreza em que primamos, em que somos mestres. Sua alteza veria correr á desfilada as eguas do Ribatejo montadas pelos nossos campinos, de barrete phrigic, de calção curto, de collete encarnado. Vêl-os-hia manejar o pampilho de seis metros de altura com a mesma facilidade com que sua alteza empunha o mais leve e o mais pequeno *stick*; vêl-os-hia a todo o galope dos cavallos aprear e montar de um salto, na carreira, com a ligeireza de beduinos; vêl-os-hia picar o touro, cercal-o, torcer-lhe as voltas, evitar-lhe o golpe por todos os rodeios mais sublis da gineta, vencel-o finalmente com a maior pericia, subjugal-o, prendel-o, reconduzil-o á manada.

\*

Assistindo a uma festa d'essa natureza, vendo durante cinco ou seis horas, deante dos seus olhos, o quadro mais accentuado da forte vida popular, dos costumes nacionaes, da actividade portugueza, da paizagem d'esta parte do paiz, sua alteza guardaria d'este povo uma lembrança sympathica, os lineamentos de um perfil expressivamente caracterisco, de que não poderá dar-lhe idéa nem o baile do paço com o seu redemoinho de *parvenus*, de burocratas, de papelisticos; nem a força militar do nosso exercito comparavel ao do principado de Monaco; nem o prestito de carruagens de aluguel que foi ao caminho de ferro; nem a illuminação ingleza do Caes do Sodré; nem o espectaculo de gala no theatro de S. Carlos, com a sua exposição das clavículas da sociedade, dos clarinetes dos irmãos Croner e das amígdalas do tenor Gazul.

Os teus photographos mandariam para os teus jornaes illustrados *clichets* de mais algum effeito. Os teus reporters encheriam as duzentas palavras dos seus telegrammas de cada dia com algumas idéas e alguns factos uteis. Finalmente os vinte mil viajantes que vieram da provincia assistir á recepção do principe, em

vez do desconsolado aspecto de uma pobre cõrte, de que não levarão saudades para as suas terras, teriam na festa rural a que nos referimos a affirmação de si mesmos, do seu prestimo, do seu valor, da sua physionomia nacional.

De sorte, que, velho John, os commentarios da tua imprensa aos festejos com que nós recebemos sua alteza não contribuirão certamente do modo mais efficaz para nos tornarem mais dignos, mais sympathicos, aos teus olhos benignos.

\*

Vejamos agora o que é que para nossa propria instrucção a nossa imprensa nos diz ácerca do illustre principe, objecto de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas preocupações durante oito dias.

\*

Sua alteza o principe de Galles tem trinta e quatro annos de idade. É louro, é forte, é calvo. Taes são os principaes traços da sua biographia.

A vida de sua alteza não tem factos. Tem apenas anedoctas.

Pelo seu nome, pela sua bella barba, pela correcta linha do seu perfil, elle é um bonito

vulto para figurar nos relógios de mesa, mas não, por enquanto, nos capitulos da historia.

O estudo da sua personalidade pertence aos dominios caseiros do romance, da pequena epopeia burgueza em que os Homeros de botequim contam para recreio dos ociosos como os respectivos Achilles se levantam da cama, como enfiam as suas chinelas e a sua *robe de chambre*, como almoçam uma costelleta com duas batatas, como lêem a gazeta, como escovam a gola da sobrecasaca, como tomam um *cab* á hora, como encontram certa senhora, como se casam ou como se não casam com ella, como vão jantar ao restaurante com outra, como vltam para casa apoiando-se sobre a sua bengala, assobiando uma aria, doendo-lhe um calo, sentindo uma picada no ventre, e outras que taes particularidades, extremamente proprias para excitarem a sedenta imaginação dos assignantes dos gabinetes de leitura, mas insufficientes para preencherem os fastos nacionaes de um povo.

A imprensa portugueza tem desenvolvido uma actividade heroica em dilatar pela rhetorica todos os pequenos gestos da vida particular do principe.

Este simples successo — ter ido sua alteza á

India — forneceu assumpto a muitas jardas de prosa. Oh! Bombaim! Ceylão! Calcuttá! Madrastra! Agra! Benares! Os rajahs com os seus turbantes, as suas longas barbas aneladas, as suas preciosas joias! O templo de Elephanta! As extranhas vegetações dos coqueiros! Os aromas e o ouro em pó! A architectura phantasiosa das mesquitas! As frentes pensativas dos theologos immoveis olhando no espaço para o ponto em que fica Meca! Debaixo das enormes palmeiras monumentaes, as filas dos elephants, com os seus pavilhões de purpura e ouro semelhantes ás florescencias dos cactos! Os bazares em que os velhos mercadores encruçados no chão cosem as suas babuchas! As raparigas que voltam da fonte arqueando para cima da cabeça a mão com que seguram a amphora e voltando o rosto com a mesma expressão do olhar que devia ter a Samaritana! Os estandar-tes de gala! Os enormes leques de pennas palpitando no esplendor da luz! As nuvens azues do fumo perfumado! Os idolos cobertos de brilhantes! Os palanquins dos nababos! As campinas do arroz! Os acampamentos paludosos dos bohemios! A liteira damulher nobre, levada por jovens escravos malaios, de olhos de

tigre, reluzentes, febris, esbraseados de amor!

E de cada uma d'estas exclamações um jornalista perito arranca uma pagina.

Depois a imprensa lembra-se que ter ido á India não é tudo. Sua alteza fez mais: sua alteza voltou. E novas exclamações admirativas resurgem...

Oh! a volta! O alegre movimento dos tombadilhos duas horas antes de levantar ferro! Os presentes que se recolhem! As despedidas que se fazem, os protestos que se juram, ao balanço do navio, ao som do helice que principia a jogar! As aguas azues do Mediterraneo em cuja limpidez se desenhavam como pequenas manchas movediças as sombras das aves que emigram cortando o silencioso espaço! As luzes mysteriosas de Malta, que se accendem ao longe, sob a lua recurva como um alfange de opala! O desembarque em Gibraltar, defronte da velha Ceuta, por entre pilhas de balas e festões de flores! O rapido percurso da Andaluzia: Cadix, Sevilha, Cordova, Granada. As architecturas mouriscas, as casas arabes, com o claustro interior, o pateo ajardinado, o poço de marmore ao meio com o balde suspenso da roldana! Os toldos de listas azues ou encarnadas! As jalecas

murillanas dos gitanos! Os amplos chapéos jezuiticos e os ventres convexos de los canonicos! O velho almocreve pulverulento, côr de greda, de lenço atado na cabeça, calção justo, polainas de couro cru, bebendo o copo de Val de Peñas á porta da mesma pousada vetusta em que foi manteado Sancho Pansa! As mulinhas ajaezadas de esparto, guarnições de pello de raposa e borlas escarlates! As torres vermelhas da Alhambra! O granito sombrio do Escorial, da fórma da grelha symbolica, o Versailles sinistro de Filippe II, o monumento da alliança terrivel do catholicismo e da monarchia hispanhola! Madrid com as suas noites cheias de ruido e de luz como um baile de mascaras; as suas tardes no Prado; os novos uniformes e as novas carruagens apparatusas de uma côrte que recomeça! A entrada em Portugal por Badajoz! Os primeiros aspectos da nossa paizagem volcanica, de terra avermelhada, salpicada de pequenos casaes, de rebanhos de ovelhas e de alguns velhos sobreiros de contorções angulosas e duras como carrancas! A chegada á estação de Santa Apollonia, ao som do hymno inglez, entre as bandeiras azues e brancas e as fardas de gala do funcionalismo, do ministerio e da côrte!





Tudo isto, porém, John, tudo isto, largamente desenvolvido e narrado, daria um livro de viagens, daria um dicionario historico, daria um compendio de geographia, mas não podia dar o que nós quizeriamos ter:— a revelação de um character, a historia de um homem, a physionomia de um grande personagem.

A imprensa no seu empenho de nos fazer conhecer profundamente os dotes e as qualidades de sua alteza, descreveu minuciosamente o vapor *Serapis*, o navio transporte de sua alteza, com o seu leito suspenso como um candeeiro de bordo, a sua mobilia de carvalho, as suas almofadas de marroquim alvadio com monogrammas de ouro; a sua baixella; os differentes animaes da sua ménagerie; os cavallos arabes, o tigre de Benguela, o gato bravo, os elephantes, o cão e as vaccas do Hymalaia, os macacos, o leopardo e os differentes exemplares do homem.

Descreveu ainda os vasos de guerra da esquadra ingleza ancorada no Tejo para escoltar o navio do principe; enumerou as bocas de fogo, os marujos, os soldados; computou as enormes despezas da viagem á India.

Consultaram-se antigas biographias de sua alteza. Recordou-se a primeira viagem da sua infancia aos lagos da Escossia, em companhia de sua mãe a rainha Victoria e de seu pae o principe Alberto, que passava nas estalagens, nas estações da mala-posta, perante todas as pesquisas da curiosidade, pelo doutor Grey, um simples medico, viajando modestamente com Mistress Grey e com seu filho o pequeno Eduardo.

Citou-se o casamento do principe com uma bella infanta da Dinamarca.

Fallou-se com reticencias, maliciosas ou discretas, das suas viagens na Europa, da sua estada em Paris, dos perfumados vestigios da sua passagem no *Bois*, nas *baignoires* dos pequenos theatros, nos gabinetes de Bignon e do Café Anglais; das suas prodigalidades de *viveur*; do seu estomago diamantino; do seu figado inacessivel á acção demolidora das grandes ceias e dos successivos banquetes; das suas dividas por mais de uma vez saldadas pela corôa ou pela nação ingleza; dos assobios com que, em certo theatro de Londres, o principe foi uma noite recebido por um publico enfasiado de manter o regimen dispendioso d'este invulneravel Mi-

thridates do boulevard, de entranhas á prova de *foie-gras* e de Champagne Clicot.

Para explicar o subito reviramento da opinião ingleza em favor do principe herdeiro, dizem os jornaes que se deu na historia de sua alteza um facto culminante, destinado a marcar a grande epoca da sua vida: — Sua alteza teve uma febre tifoide.

\*

Ora francamente, John! bom e honrado John! Não é por ter estudado em pequeno um pouco de latim e um pouco de box na universidade de Oxford, por ter aprendido a remar e a traduzir Xenophonte, por ter viajado, por ter crescido, por ter voltado a viajar, por conhecer a fundo a cozinha do segundo Imperio, por ter encontrado na sahida de Longchamp o coupé mysterioso e o ramalhete de cinco luizes de Fanny Lear ou o Daumont e o king-charles de Schneider, não é por comprar em casa de Hancock tão ricas joias como as de lady Dudley ou da ex-imperatriz Eugenia, por ter tantas sobrecasacas quantos os vestidos da rainha Elisabeth, a qual juntou trez mil toilettes no seu guarda-roupa, ou por ter voltado da India em companhia de

animaes de uma convivencia mais ou menos perigosa, havendo finalmente padecido um typho, que um vivente nos poderá convencer, por um modo terminante, de que presta para alguma coisa deante do reconhecimento e da estima dos seus similhantes.

Sua alteza adoptou para as suas armas a antiga divisa — *Eu sirvo* —, de um outro principe de Galles, o celebre *Principe Negro*. Foi depois da batalha de Crecy que o filho de Eduardo III tomou esse mote do velho rei da Bohemia. O Principe Negro tinha então quinze annos, acabava de se bater como um heroe, o rei Eduardo tinha-lhe dito: «És digno desde hoje da corôa que tens de herdar.»

Dizer apenas *eu sirvo* não é bastante, é preciso servir para alguma coisa.

Não quereríamos que sua alteza fundasse sociedades de temperança ou que fosse um exclusivista das dietas vegetaes, como o nosso commum amigo e meu collega Horacio Greeley. Sentiríamos que a boa palavra *flirtation* o fizesse corar ou baixar os olhos. Desejariamos apenas que uma ou outra vez elle se tivesse mostrado, não um homem grande, mas um homem util. Tu sabes, amigo John, como é facil o ser util.

Lembra-te do finado principe Alberto, ao qual se deve um dos factos memoraveis d'este seculo — a primeira exposição de Londres. Era um bom homem apenas, tendo na sociedade o modesto papel de consorte da rainha, e desempenhando-o de tal modo que bastou o seu exemplo de perfeito marido de uma digna mulher, para reacreditar na Inglaterra a fé conjugal, para elevar o nivel dos costumes e para fazer da familia ingleza uma instituição sagrada, objecto do respeito e da consideração da Europa.

Nós outros, meridionaes, comprehendemos imperfeitamente a casta virtude da fidelidade. A capa de José é para nós um symbolo ridiculo como o barrete de algodão branco dos maridos de Gavarni e de Paulo de Kock. Os da tua raça, honrado John, teem nas suas tradições do amor a tragica legenda de Sigurd e Brynhild. Brynhild, a virgem invencivel, apaixonou-se, como a mulher de Putifar, por Sigurd, que tinha degolado Regin, que tinha arrancado e mordido o coração de Fafnir para a libertar a ella, para a entregar a Gunnar, segundo a fé jurada. Por tres noites, no campo, adormeceram juntos, ella, a mulher amante e febril, elle, o amigo dedicado e fiel; mas entre um e outro ficava atra-

vessada a longa espada do inflexível guerreiro, desembainhada, fria, retinta em sangue. Não podendo viver com elle, Brynhild quer morrer ao seu lado, e acabam na mesma fogueira, enlaçadas na mesma chamma, com a espada no meio d'elles, separados na morte como o tinham sido na vida.

Que desastre, John, se tu viesses um dia a desdenhar a virtude no amor, essa purpurina flor ideal, nascida ás baforadas do fogo, sob um orvalho de sangue, no coração palpitante da tua nobre raça!

Fóra da estreita vida domestica, fóra da direcção pessoal dada ao sentimento, são innumerables os modos de fazer bem, qualquer que seja o nosso sentimento, a nossa posição social e a nossa força d'espírito. No teu grande e bello paiz, John, quantos homens dedicados á humanidade! Newton, Shakspeare, Bacon, Adam Smith, Macaulay, Buckle, Thackeray, Carlos Dickens, Lady Morgan, Carlyle, Stuart Mill. E todavia, apesar dos esforços dos teus sabios, dos teus economistas, dos teus reformadores, dos teus immortaes philosophos, dos teus incomparaveis romancistas, dos teus inexciveis poetas, quanta desgraça ainda, quanta perversão,

quanta injustiça, quanta miseria: no teu exercito, onde ha seis mil deserções por anno; na tua marinha, onde homens livres recebem ainda os castigos humilhantes dos antigos escravos; nas tuas tijolarias e nas tuas minas, onde definham sob um trabalho horrivel quarenta mil creanças; nos teus *workhouses*, onde tantas vidas se destroem; nas tuas tabernas, onde a venda do gin e dos licores espirituosos subiu, em dez annos, de nove a quatorze milhões de libras; no teu Strand, finalmente, em Blackwall-railway, nos medonhos bairros vergonhosos de Londres e de Liverpool!

Não mais remotamente que na semana passada os teus profundos estadistas, os teus wighs e tories desbaratavam o seu tempo e as suas faculdades a decidirem esta questão burlesca: com que iniciaes e com que especie de corôa devia de ser marcada a baixella, a roupa branca e o papel de cartas de sua magestade o chefe do Estado.

Ha apenas quinze dias que o serviço do caminho de ferro em toda a extensão de uma das mais importantes linhas era subitamente interrompido, fechavam-se todas as gares, prohibia-se a aproximação do publico, para que sua magestade

o chefe do Estado viajasse invisível, á moda chinesa, obrigando-se os teus *policemen* ao officio da cavallaria tartara no Imperio do Meio.

Desde muito tempo que os teus arsenaes nos estão dando este spectaculo funambulesco: inventar a couraça que resista á bala, para em seguida inventar a bala que fure a couraça, para voltar a reformar a couraça, para tornar a aperfeiçoar a bala; e assim successivamente, interminavelmente, até ao infinito.

Os teus poderosos navios, os teus grandes couraçados, os teus immensos monitores; as tuas baterias fluctuantes, em cujo interior não ha luz nem ar, onde as escadas torcidas e os corredores emaranhados teem as evoluções complicadas de um systema intestinal, acompanhado de um pulmão d'aço sempre em movimento para que lá dentro se não morra pela asphixia, todas essas pesadas massas de ferro pejadas de polvora e de dynamite, immensos apparatus de guerra e de destruição, lembram os antigos monstros anti-diluvianos, os primeiros e os mais medonhos inimigos do homem, resurgidos do fundo dos sepulchros carboniferos para devorarem pelas suas guelas de fogo uma parte enorme do nosso amargurado pão, amigo John, do nosso



pão moído na lenta mó da civilização, amassado nas lagrimas de longos seculos de tenacidade, de dedicação e de sacrificio.

Os monstros pre-historicos venceu-os o homem passado, inventando a arma e descobrindo o fogo. Os monstros modernos, filhos das superstições pavorosas que ainda escravizam os espiritos, ha de subjugal-os o homem futuro creando o supremo poder espiritual e firmando para todo o sempre a paz no simples bom senso humano.

Quanto temos ainda que trabalhar! quanto nos resta ainda que fazer para chegarmos a uma civilização definitiva! N'esta penosa ascensão para o aperfeiçoamento temos todos a tremenda solidariedade da corda com que se prendem pela cinta os que trepam pelos despenhadeiros, pelas escarpas, por cima dos abysmos, debaixo das avalanchas, desde o valle de Chamonix até o alto do Monte Branco.

Nem um só acto, nem um só facto, nem uma só ideia se perde n'esta crusada de todos os povos civilizados para a terra promettida, para a cidade ideal. Tudo quanto hoje somos devemos-l-o ao trabalho d'aquelles que nos precederam. Caminhamos sobre os vestigios dos nossos paes;

é pelas nossas pégadas que se hão de dirigir os passos dos nossos filhos. Todo aquelle que pára, que se recusa a deixar indicado áquelle que o segue o signal que põem na estrada os pregos dos seus sapatos é um perturbador do progresso, é um traidor. Representa um degrau em falso na nova escada de Jacob.

Tu, querido e respeitavel John, tens um dos logares mais eminentes na cathegoria da civilisação, porque na tua ilha rigorosa, aspera, implacavel, as condições do clima, do solo, da heriditariedade, do conflicto vital, te forçam a um trabalho constante, forte, permanente, continuado, sem descanso, sem treguas. A tua corpulencia, o teu organismo, o teu temperamento predestinam-te para o serviço dos Hercules.

Tens as largas espaldas dos atletas e dos gorilhas, o pescoço bovino, o peito amplo como convém ao estojo do mais desenvolvido apparelho respiratorio, os pés largos, as mãos solidas, as fortes mandibulas e os largos dentes scintillantes e firmes dos carnivoros possantes. Comes duas vezes mais e produzes quatro vezes mais trabalho do que o habitante das regiões serenas e temperadas. Não tens tempo para ser imaginativo, gracioso, amavel. Os teus movimentos, o

teu gesto, o teu passo, teem a monotonia cadenciada e rija de uma machina. A tua physionomia dura exprime a força, a resolução tomada, o fito feito. Representas, finalmente, o trabalho na sua mais perfeita e mais genuina expressão humana.

\*

Calcula a falsa ideia que nos daria de ti e da tua patria sua alteza o principe de Galles! Faço-te queixa d'elle, John, porque sua alteza desmente-te na opinião portugueza e na opinião do mundo.

Elle, um simples bom rapaz, um touriste de profissão, um dilettante encartado, um dandy inamovivel, o mais amavel e galante ocioso, a apresentar-nos as tuas cartas credenciaes, as cartas do operario infatigavel, do trabalhador por excellencia, do grande John Bull!

É certo que os principes, pelas condições do seu nascimento, da sua educação, separados do genero humano por um conjuncto de circumstancias que os collocam em divergencia ou em hostilidade com o resto dos homens, tendo a sua razão de ser estreitamente ligada a uma longa serie de velhas instituições decrepitas, que são como a prolongação social do seu proprio orga-

nismo, nas quaes elles não podem tocar sem comprometter os fundamentos da propria existencia, são essencialmente órgãos receptivos, subalternos, de uma acção extremamente limitada. Sua alteza, porém, exagera a sua passividade. Na idade de sua alteza, seu pae havia já organizado perto de Windsor a sua granja modelo, e sua mãe a rainha, estimavel e perfeita *housewiffe*, havia descoberto o remedio para a molestia epidemica de que morriam em Londres os pequenos perús.

As nossas obras, John, são a unica affirmação exterior da nossa vida, são a encarnação da nossa alma, a expressão do nosso ser. Não ter obras é o não-ser.

\*

Assim sua alteza o principe de Galles, no meio do ruido das festas officiaes que o acolheram, encontrou apenas no grande publico um exito de indifferença ou de curiosidade. Produziu a simples impressão das coisas desconhecidas.

Ninguem melhor do que tu, John, sabe qual é a expressão calorosa da estima popular em presença de um personagem illustre. Viste o acolhimento feito a Garibaldi pelo povo de Lon-

dres. Vistel-o arrancado da carruagem pela solicitude carinhosa, maternal, da grande multidão. Vistel-o levado em triumpho sobre os hombros, como um tropheu da bravura, como o idolo victorioso da liberdade, no meio da explosão entusiastica, tremenda, extraordinaria, inaudita, dos vivas, dos bravos, dos hurrahs de um povo inteiro. Sabes o que é a estima.

O anno passado um viajante chegado a Londres pelo caminho de ferro, sahia da estação acompanhado pelo cortejo de quatro homens conduzindo dois bahus. Este viajante dirigiu-se a um hotel, deu o seu nome, tomou um quarto, levaram-lhe para o lavatorio um jarro d'agua quente e duas toalhas, fizeram-lhe a cama, engraxaram-lhe as botas; elle escovou-se e sahio a passear, comprou um chapéu alto em Picadilly, foi n'uma victoria a Hyde-Park, percorreu varias ruas, olhou para um lado, olhou para o outro, viu cahir uma chuva especial, a chuva londrina, escura, espessa, combinada de carvão e de cebo, chapinhando sobre uma lama triste; viu os omnibus e os cabs passando em fila, ao pequeno trote, pelo meio da multidão a pé, que se crusava, apressada, ligeira, preocupada nos seus negocios, levando as calças arregaçadas e

os guarda-chuvas gotejantes. Depois do quê, o dito viajante se dirigiu outra vez á estação do caminho de ferro, seguido dos seus quatro homens e dos dois bahus, e se retirou. O sujeito de quem te fallo era sua alteza o serenissimo infante senhor D. Augusto, da casa reinante de Portugal, unico irmão de sua magestade fidelissima el-rei meu senhor, que Deus guarde. Tu vistel-o, John, vistel-o chegar a Londres, vistel-o estar, vistel-o partir, e, consultando-te bem n'esse momento, tu que tinhas mostrado a Garibaldi o que era a estima, ficaste sabendo pelo que então se passava no interior de ti mesmo o que era a indiferença.

\*

Se a alguma coisa no mundo se póde comparar em intensidade o enthusiasmo que a presença do principe infundiu em nós outros, essa coisa é o interesse que nós outros suscitamos no principe.

Sua alteza não visitou nem um só dos nossos edificios, dos nossos monumentos, das nossas officinas; não procurou conversar com nenhum dos nossos homens notaveis na sciencia, nas artes, na industria. Viu a illuminação das margens

do Tejo; assistiu a um baile da côrte; jantou com sua magestade na Ajuda; almoçou na Pena com o sr. D. Fernando, esteve na esplanada da tribuna do Jockey-Club no hyppodromo de Bellem, fumou ali um charuto, conversou com a senhora duqueza de Sexto, que tinha uma toilette deliciosa, com mademoiselle de Morny, com a seõorita Castro, com sua magestade a rainha,— uma russa, uma franceza, uma hispanhola, uma italiana, e duas ou tres inglezas, do corpo diplomatico ou dos *hyatches* de recreio surtos no Tejo.

Para o jantar dado a bordo do seu navio, sua alteza, além das pessoas da côrte, convidou apenas um negociante, o sr. Francisco Chamiço, mas — circumstancia verdadeiramente curiosa — não o convidou a titulo de membro do corpo commercial, convidou-o sob o pretexto de director dos festejos!

Um outro viajante, Mr. Robert Hart, ao qual se deve a actual interferencia dos governos europeus na politica de Pekin, comprehendeu esta lei suprema das relações internacionaes de todos os povos:— Que entre as influencias contrarias das diversas politicas e dos diversos governos, existe um unico interesse commum, base de

toda a verdadeira alliança, — o interesse commercial. E foi actuando poderosamente sob o espirito mercantil do celeste imperio, que Robert Hart aluiu a secular muralha e trouxe a China a communicar com as nações modernas.

N'este ponto sua alteza acha-se dois seculos atraz de Robert Hart; sua alteza tem ainda a convicção phantastica de que é pela vontade dos reis que se fixam as acções dos povos. Como se eu e tu, John, nós ambos, que somos a força popular e a iniciativa burgueza, tivéssemos de medir a area das nossas mutuas transacções e o quilate das nossas sympathias e dos nossos respectivos interesses, pelo numero de copos de Champagne que as testas coroadas despejam umas sobre as outras, por occasião dos seus banquetes, no momento explosivo dos *speechs*, ao *plum-pudding!*

E não obstante, verás tu que hão de querer ainda que lhes fiquemos obrigados pelas suas *mayonaises*, de que não sabemos o gosto, e pelas suas tubaras, a que não tomamos o cheiro!

Ámanhã ou depois, quando eu te der por um dos teus *pleids* um dos meus gigos de laranjas, estes senhores não deixarão de affirmar nos seus parlamentos e nos seus periodicos que foi pelo



facto providencial de suas excellencias jantarem juntos em certo dia, que tu teceste n'este anno mais duas jardas de panno nos teus theares de Lancashire e que eu metti mais um enxerto no meu pomar de caroço!



Sua alteza retirou-se finalmente levando apenas de Portugal as seguintes coisas :

Duas camisas, de que lhe fez presente um industrial, e um burro, que sua alteza comprou em Cintra.

Em quanto ás camisas, nada posso dizer-te, John. Contra a natural expectativa do cidadão que o obsequiara, sua alteza recusou-se tenazmente a dar lhe o prazer de apparecer em publico trazendo de fóra a mais pequena ponta da dadia. No baile do paço fallou-se com viva curiosidade n'esse delicado presente, o qual, segundo correu de bocca em bocca na primeira quadrilha, era trazido sobre si por sua alteza. A cõrte, porém, o ministerio e a commissão dos festejos resolveram de cõmmun accordo não manifestar ao principe os sentimentos da sociedade, deixando á expontaneidade de sua alteza a lembrança de modificar a sua toilette no sen-

tido de patentear completamente a um paiz alliado e amigo o uso legitimo que sua alteza fazia dos presentes com que esse paiz o brindava.

Alguem propoz que, como suggestão, principiassem a cõrte e os demais convidados a darem o exemplo do acto que se esperava da amabilidade do principe. Mas receou-se que esta manifestação influísse de um modo secundariamente proficuo no prestigio indispensavel às monarchias.

Pelo que diz respeito ao burro, ahí o verás, John. Não é o primeiro que d'aqui vae a Londres. Outros o teem precedido sob diversos pretextos e com mais ou menos subsidios. Este, porém vae á sua custa, á custa dos seus merecimentos. É um bom burro, honesto, digno, independente. Vivia em Cintra debaixo de um trabalho duro, de burro mouro. Muitas vezes amanhecia e anoitecia na praça, cilhado e albardado para a lucta da concorrência vital. Tomava corajosamente o viajante á porta da Lawrence ou no pateo do Victor, levava-o no seu meio trote aos mais pittorescos sitios da serra. Não tem — elle — a superstição tão vulgar das falsas grandezas. É-lhe indifferente que lhe pese sobre

o dorso um príncipe de sangue ou um caixeiro de mercearia. Chega mesmo a preferir o caixeiro, se elle é mais leve. Gosta de manifestar por actos a sua austera theoria da egualdade dos homens perante o couce e perante a cambalhota. Tem as trez grandes qualidades da resistencia: é teimoso, é paciente e é sobrio. Por isso, quando tem uma opinião, sustenta-a. Batem-lhe: soffre as pancadas inflexivel e calado. Cortam-lhe os viveres: passa um dia sem comer, e, mesmo com o freio na bocca, banqueteia-se n'um minuto d'evasiva com um refugo de palha bolorenta ou com um velho cardo.

Profundamente senhor da sua vontade, sabendo leval-a por deante, sem bravatas, sem fingimentos de heroismo, simplesmente, obscuramente, á força de independencia, de convicção e de tenacidade, esse burro — repara bem n'elle, John! — é o amigo intimo e o fiel companheiro do povo peninsular, de Sancho, o pachorrento, de Bertholdinho, o astuto.

No meio da côrte ingleza, ocioso, triste, expatriado, estou bem certo de que ha de philosophar largamente.

— Que diabo me quer esta gente? pensará elle. Estes fidalgos e estas fidalgas não querem

ir em burricada á Peninha nem á Varzea! Elles não teem ôdres de farinha que eu vá buscar ao moinho, nem ceirões de roupa lavada, nem cangalhas de repolhos, nem canastras de patos que eu vá levar á cidade! Elles aqui não trabalham, não negoceiam, não ganham a vida! Divertem-se e querem talvez que eu os divirta! São capazes de imaginar que me fazem entrar nas corridas de Epsom! que me levam a galopar na relva! a saltar as paliçadas que dividem os prados, montado por uma engraçada miss, pequenina e intrepida, de caracoos louros e veu azul! que me forcem a *stepar*, a fazer medidas, a ajoelhar, a bater ás portas! Estão arrançados comigo... Que venham para cá!

E elle então olhará de soslaio, derrubará as orelhas para traz, alongará o focinho, arregaçará o beiço, e firmar-se-ha bem nas duas mãos, estacadas e juntas... Na qual attitude, John, não aconselho a ninguem que lhe toque, nem sua magestade a rainha, cuja pessoa é inviolavel e sagrada, nem sua alteza o principe, nem o grande almirante da esquadra do Canal, nem o lord maire da cidade de Londres! Esse terrivel philosopho não reconhece nenhum dos mais augustos symbolos da superioridade e da força,

nem as côres do glorioso pavilhão britânico, nem a nova corôa imperial de sua magestade a rainha, nem a mui nobre ordem do banho, nem a da jarreteira. As únicas distancias de etiqueta que elle sabe medir — com temivel certeza — são as que medeiam entre as suas patas trazeiras e as bocças dos estomagos illustres que se lhe aproximem.

Além da perna ligeira e do dente rijo, dispõe de uma outra arma: a orelha. A orelha d'elle não morde, não atira, mas tem movimentos poderosamente expressivos, sarcásticos, mephistophelicos, que constituem uma maneira especial de escarnecer e de rir. É na orelha que elle tem localisada a ironia, o profundo argumento dos povos espirituosos, a eterna lição dos reis patuscos.

Se vires ahí esse burro, dá-lhe saudades minhas, vivas saudades do tempo em que o conheci em Cintra, menos celebre, menos illustre, mas mais alegre de certo, e mais feliz.

\*

Os vinte mil viajantes que vieram da provincia assistir aos festejos recolheram igualmente a suas casas, levando o sacco melancholico da

roupa suja e a firme opinião de que nunca foi maior a prosperidade e a riqueza publica.

Que nos falta? diziam elles exactamente no dia em que se lhes tinham acabado as camisas, em que não tinham tido quarto nas estalagens, em que não tinham achado de comer nos restaurantes. — Que nos falta?!

E apesar de parecer, á primeira vista, que lhes faltava tudo, elles accrescentavam com grande jubilo patriótico:

— Não nos falta nada! As inscrições, que são o grande thermometro, estão a 56. As coisas todas são carissimas, que é o signal evidente de que o numerario abunda. E, visto que ninguém pôde comprar nada — que grande fortuna para o commercio! — é porque muito bem se vende tudo. As lojas estão cheias de frescas toilettes de primavera côr de trigo e côr de malva. As ruas do Oiro e do Arsenal, o Chiado, o Rocio, o Caes do Sodré acham-se cobertos de uma bella multidão com lustrosos chapéus altos, de luvas, com as graves sobrecasacas abotoadas, de quem não tem que fazer. A universidade de Coimbra licenceou os seus futuros doutores... *in absentia*. Os operarios abandonaram as suas officinas. Os empregados publicos desertaram

as suas repartições. Os negociantes fecharam os seus escriptorios. Evidentemente ninguem trabalha. De quando em quando as carruagens dos srs. ministros perpassam seguidas dos srs. correios de secretaria, que trotam com a solitudine compativel com o cansaço dos corceis. Precedidas de batedores em grande gala, seguidas da cavallaria, apparecem tambem, descobertas, as carruagens do paço. A rainha sorri benevolmente, envolta nas suas *malines*; sua magestade el-rei faz ao seu deslumbrante povo a distincta amabilidade de olhar para elle como se olha para o sol: atravez de dois vidros pretos. Nos logares fronteiros da caleche os dois penhores dynasticos, vestidos á militar, ostentam ao peito as differentes condecorações ganhas nas fortes luctas com o grande inimigo da infancia estudiosa, — o mui poderoso verbo *sum es fui*. Temos pois a monarchia, base da grande concordia; temos um ministerio, que é o pae e a mãe do regabofe; temos uma artilheria que obrigou o estrangeiro, ao vel-a desfilar defronte do theatro de D. Maria, a assoar-se de commoção; temos a paz, temos o luxo, temos a bella madracice! Finalmente — conclue o provinciano encantado — tão prosperos estamos que,

ou seja por isso, ou seja pela mudança dos comeres, a mim até já me doem as cruces!

\*

Antes porém de cada um ter tempo de chegar a sua casa e de refrigerar o espirito aturdido e o corpo fatigado por meio do repouso demestico e da alfavaca de cobre, a crise commercial estalava como um trovão sobre as praças do Porto e de Lisboa compromettidas pelo jogo de fundos — sabes em quanto, John? — em vinte mil contos.

Esta dissipação produziu uma economia, cuja importancia se deve abater aos vinte mil contos, — a economia da alfavaca de cobre. A simples noticia do desastre financeiro, dando-nos o verdade critério por que tem de se julgar a nossa prosperidade e a nossa riqueza publica, deve ter bastado — penso eu — para refrigerar sufficientemente a provincia.

\*

Tal é, amigo John, a resumida historia da visita de sua alteza o principe de Galles a este pequeno paiz em que a laranjeira florece e em que o sr. Manuel da Assumpção gorgéa!

Nas descripções das festas publicadas nos jer-



naes de Lisboa ha um erro importante, que nao terminarei sem rectificar.

Por occasião da solemne entrada de sua alteza, o real cortejo foi subitamente detido a meio caminho do paço por um successo imprevisito nos programmas. Um dos cavallos das carruagens da casa real parou de repente e recusou-se a proseguir. Cocheiro, sota, trintanarios, bate-dores, policias, soldados da cavallaria municipal, burguezes e suas familias que faziam alas, pessoas de uniformes de gala que vinham no prestito, a corte, sua magestade, tudo estava indignado com o procedimento, tão insolito quão reprehensivel, d'este cavallo. Empregaram-se todos os meios violentos, persuasivos, arditos para o resolver a caminhar, a não desmanchar a pompa, a não interromper a marcha triumphal, a deixar ir e a ajudar a levar o principe para palacio. Deram-lhe chicotadas, bengaladas, pranchadas com os sabres e com os espadins, picaram-o com as baionetas, com os ferrões dos chapéos de sol, com as ponteiros das sombrinhas. Disseram-lhe palavras, fizeram-lhe discursos. Elle era um bello e brioso animal, de fina raça, amplo peito, rijos musculos; o caminho era plano, o trem era leve; elle não tinha um

pello suado. Havia mais tres bons cavallos á ponta da lança e a sotas : não se lhe pedia que puxasse, pedia-se-lhe apenas que se deixasse ir, por complacencia, por obsequio, por formalidade. Elle a tudo resistia, ás pancadas, aos golpes, ás admoestações, aos conselhos. E respondia relinchando, escouceando, mordendo, empinando-se, despedaçando os arnezes. Citaram-lhe a legislação vigente, a carta e o acto addicional, o codigo, a policia correccional. Recitaram-lhe trechos patrioticos dos ultimos discursos do sr. Thomaz Ribeiro, para o animar. Procuraram amedrontal-o, fazel-o fugir, lendo-lhe um artigo da *Nação* ; offerecendo-lhe o habito de S. Thiago ; mostrando-lhe a ultima *toilette* feita pela sr.<sup>a</sup> Cecilia Fernandes ; vendendo-lhe fundos hispanhoes. Tentaram reconciliar o com a monarchia, cuja fava o mantinha, e com o systema constitucional, de que elle fazia parte, puxando ao carro do Estado. Inspiraram-lhe horror á mudança de governo e á forma republicana. Disseram-lhe que era sob o regimen monarchico que elle poderia ser consul, como o cavallo de Caligula. Ao passo que a republica não sabe honrar os formosos cavallos de estado, e prefere-lhes a pesada e espessa raça

*percheronne*, a que trabalha para o povo atrelada aos omnibus e aos arados, nos *tramways* e nas terras de sementeira. Mostraram-lhe como eram solidarios os sceptros e os arreios de luxo; como, caindo a corôa aos reis, lhe cairia a elle o pennacho que tinha na cabeça. Lembraram-lhe que era um funcionario publico, com um talher á meza do orçamento; que não quizesse incorrer na censura de traidor de que teem sido objecto o sr. Latino Coelho e o sr. Marreca! Ponderaram-lhe que desde o momento em que as instituições lhe sarrotam a palha, a obrigação d'elle, como cavalheiro, é achar as instituições optimas. Se a marcha dos negocios publicos lhe desagrada, o seu dever de cavallo de bem, como ainda ha pouco escreveu no *Jornal da Noite* o sr. Ponce Leão, é deitar-se aos pés do monarcha e restituir-lhe a palha que assimilou. Elle porém a nada se movia.

Para que o prestito podesse afinal proseguir, foi preciso desatrellar o cavallo e continuar sem elle.

Para cohonestar este escandalo, disseram todos os jornaes, no dia seguinte, que o cavallo rebelde endoidecera. É isto o que me não parece veridico. Eu vi o cavallo desengatado, passeando

tranquillamente á redea pelo Aterro: tinha a mais perfeita coordenação nos movimentos e a expressão do seu olhar era inteiramente reflectida e sensata. Diga a imprensa o que quizer para nos desculpar com o principe: a verdade é que o cavallo, em pleno uso das suas faculdades, não puxou — porque não quiz.

E é o que eu queria dizer-te, John, por me parecer importante:— que entre os que levaram triumphantemente sua alteza o principe, houve um que protestou.

*Good by.*

---

Acaba de ser nomeado professor de logica e de rhetorica de suas altezas os principes o sr. Joaquim Alves de Sousa, antigo professor de hebraico no lyceu de Coimbra.

\*

O sr. Alves de Sousa é um homem baixo, extremamente cabelludo e metaphysico.

Auctor de um compendio de philosophia nacional e moral, patenteou n'esse livro de viagens em volta do senso commum que possui todos os segredos do zig-zag, toda a sciencia dos rodeios, das curvas, das espiraes, das viravoltas, das fintas, das fugas, dos passes de agilidade e de destreza, do truque, da arremettida, da alça-perna, da cambalhota para deante e para traz, do cambio, do passapé, de todas as habilidades da *savate*, da esgrima e da capoeira, do salto, da cabriola, do pulo, de todas as evasivas finalmente e de todas as deslocações que o juizo humano é susceptivel de realizar em redor de uma questão para o fim de nunca absolutamente a attingir, nem a penetrar nem a resolver.



Sempre que antigamente era preciso fazer na universidade um d'aquelles discursos latinos que tinham obrigação de não exprimir nenhum pensamento, nenhuma idéa, nenhuma opinião, e de roncarem todavia por um determinado espaço de tempo entre um repique tangido nos sinos e o hymno academico flauteado nas charamellas, o sr. Alves de Sousa era chamado como especialista d'estes casos.

O illustre humanista comparecia então com a sua philosophia e o seu lexicon, e começava a operação. Punha deante de si os palavrões ciceronianos, do alto stylo, collocados por sua ordem: primeiro os verbos ao pé dos respectivos adverbios com os seus competentes graus, positivo, comparativo e superlativo; depois os nominativos com todos os seus casos; em seguida os adjectivos com as suas tres partes, masculina, feminina e neutra; etc.

Assim dispostos os elementos constitutivos da oração, o illustre alchimista dos filtros rhetoricos das solemnidades academicas, puxava o *verbo* ao campo do papel almasso applicando-o com os grossos bico da sua penna de peru rangente e sorna. Depois acavallava-lhe o *sujeito* concordante em numero e pessoa e revestido de um *adjectivo* apropriado; arrabichava o *accusativo*, enxalmava os necessarios adverbios, afivelava as proposições, acolchetava as virgulas nos seus respectivos furos, e exonerava o ponto final.

Passava então ao periodo seguinte, e assim proseguia, remunerado pelos interessados com bocetas de ameixas de Santa Clara e com pencas de manjar branco, até haver preechido com o seu bastardinho veneravel o espaço de papel

votado pelos usos universitarios á lugubre convulsão galvanica das linguas mortas.

Tal era junto da universidade a missão scientifica do sr. Alves de Sousa: ingerir pencas de de Santa Clara e doce de Cellas, produzir o latim campanudo, orchestrante, de carrilhão, destinado a petreficar o cerebro dos recipiendarios, no momento de se lhes collocar a borla doutoral, com a mesma solemnidade expressiva com que se baixa o apagador liturgico sobre o cirio pascal.

\*

Um só traço biographico d'este illustre humanista porá em relevo aos olhos do leitor toda a physionomia do homem e toda a philosophia do sabio.

S. ex.\* usa o relógio de algibeira mettido dentro de uma saquinha de camurça. Querendo vêr a hora, saca do bolso o relógio envolto na respectiva *dura mater*, desdá o nó dos atilhos, saca, ensaca, atabafa, puxa os cordões, franze, aperta, enlaça, recolhe.

Tal relógio, tal homem!

Imaginem um sabio ensacado, mergulhado dentro de uma grossa bolsa impermeavel, á prova de fogo e á prova d'agua, impenetravel a

todo o contacto externo, deitando para fóra da bocca do folle que o encerra uma argola pela qual se suspende ao muro. Assim é elle.

Dizem que regula, mas regula unicamente para si. Não se lhe vê mostrador nem ponteiro. Ninguém o póde examinar, conferir, comparar. É inteiramente estranho a quanto se passa fóra da membrana que o envolve. Completamente isolado de todas as sciencias de observação e de experiencia, o sabio existe confinado na sua pelle e na sua philosophia racional e moral.

\*

Os metaphysicos e as aranhas são os unicos entes que podem tirar de si mesmos os recursos da sua existencia. A aranha segrega baba, e faz a sua teia. O sr. Alves de Sousa, dentro de si mesmo, abstrae e segrega entidades e definições.

Este curioso estado de perfeição no abstracto levou-o a fazer uma grammatica latina em que as regras são tiradas dos exemplos e os exemplos são tirados das regras.

As regras grammaticaes de uma lingua morta só pódem ser tomadas dos documentos escriptos que nos deixaram os povos que fallaram essa lingua. Virgilio, Cicero e Horacio concordavam



o adjectivo com o substantivo em genero, numero e caso: logo em latim o adjectivo concorda com o substantivo em genero, numero e caso. Esta é a regra, de que será exemplo um ou mais trechos de Virgilio, de Cicero, de Horacio. O sr. Alves de Sousa não o entendeu assim, e no seu compendio nota-se que sendo a regra feita por elle, por quem imaginam que será feito o exemplo? O exemplo é tambem feito por elle!

Assim a doutrina d'este sabio é ao mesmo tempo o effeito e a causa de si mesma.

Se não estivesse inventada a serpente com a cauda na boca, symbolo egypcio da immobildade, a theoria d'este philosopho occuparia o lugar d'esse symbolo!

\*

É o sr. Joaquim Alves de Sousa que vem ensinar suas altezas os principes — a raciocinar! Os leitores conhecem o mestre, imaginem o que será a lição e o que virá a ser o discipulo.

\*

A logica e a rhetorica são já de si duas disciplinas funestas ao entendimento e que se deveriam prohibir.

A rhetorica, tal como ella se professa, é a sciencia da falsa linguagem.

As leis que dirigem as faculdades intellectuaes no descobrimento da verdade e que constituem o corpo da doutrina chamada a logica, são a coisa mais inutil, a mais dogmatica, a mais pedantesca, a mais esterilizada que se póde ensinar a um menino.

O que se deve ter em vista produzir n'um cerebro que se educa é o phenomeno intellectual, e não a lei puramente hypothetica que regula esse phenomeno.

Descobrir a verdade é uma operação que tem por fim achar uma coisa desconhecida, pela relação coesistente entre ella e as coisas que se conhecem. Ora a sciencia que conduz o espirito n'este processo, unico que existe para descobrir e para demonstrar a verdade, não é a logica; é a mathematica. Pensar é simplesmente relacionar e medir. A mathematica torna effectiva esta faculdade relacionando os movimentos e as linhas, medindo o tempo pelo espaço e o espaço pelo tempo. A logica nada nos ensina para alcançarmos este resultado. A simples regra de tres é um instrumento mil vezes mais poderoso do que todas as regras

juntas de enthumema, epicherema, prosylogismo, sorites e exemplo.

\*

A rhetorica pelo seu lado é a arte da figura na linguagem.

Ora nada mais incorrecto e mais obscuro do que a linguagem figurada. Logo que a arte de escrever se achar devidamente disciplinada, a metaphora será considerada um erro no discurso. A sciencia do stylo não é a rhetorica é a ideologia. Dar pela palavra a nota precisa da idéa é o fim da escripta e da oratoria. Toda a illuminura, toda a imagem, toda a expressão metaphorica denota perguiça cerebral ou inhabilidade artistica. Quanto mais estreito é o campo dos nossos conhecimentos, mais metaphorica é a linguagem com que exprimimos os sentimentos e as idéas que desejamos representar. Quem nos recursos da palavra não possuir mais do que a tecnologia de uma unica sciencia tem de empregar o stylo figurado sempre que se tratar de assumptos relativos ás sciencias que não sabe. Quando eu digo, por exemplo, a *florescencia das idéas*, emprego uma imagem botanica para exprimir um pheno-

meno de physiologia cerebral cujo nome ignoro. O leitor comprehende talvez o que é que eu desejaria dizer-lhe. Comprehende aproximadamente, porque eu lhe disse uma cousa parecida com a minha idéa; rigorosamente porém essa idéa ficou por exprimir.

A rhetorica, com todas os seus tropos, com todas as suas figuras, com todos os seus preceitos de stylo, é a arte de abastardar assim a linguagem, de descentralisar as faculdades, de separar a palavra da idéa, de dissolver o cerebro instituindo nas cabeças, entre o lobulo do pensamento e o lobulo da falla, um escriptorio de contrafacções a exportar para o mundo externo.

\*

A logica e a rhetorica seriam indispensaveis a suas altezas os principes, se o systema «que felizmente nos rege» fosse um systema definitivo e houvesse de ser considerado como o destino humano dos reaes discipulos do sr. Alves de Sousa. N'este caso elles precisariam d'essas duas sciencias. A logica dar-lhes-hia o sophisma governativo. A rhetorica ensinar-lhes-hia o tropo parlamentar. O tropo e o sophisma, agentes correlativos, são os dois poderes compensadores

do equilibrio nas monarchias constitucionaes.

O systema porém que felizmente nos rege é contingente e transitorio.

Por toda a parte na Europa os reis fecham pela manhã as suas malas, recolhem no estojo as suas escovas e as suas navalhas de barba e teem na algibeira das purpuras um passaporte e uma carta de ordem, como todo o viajante prudente, preparado para partir no momento imprevisto de um telegramma que pôde chegar a cada hora.

A educação dos homens destinados a esta existencia tem de ser inteiramente pratica, lucida, expeditiva.

Mais do que nenhum outro contemporaneo um principe precisa de conhecer perfeitamente todos os agentes physicos, chimicos, biologicos e sociologicos que determinam, que modificam ou que perturbam as acções humanas, para vér com clareza, para prever com anticipação, para julgar com certeza os factos isolados e a coordenação evolutiva dos successos.

Precisa de estar inteiramente provido, equipado e armado, para conceber com promptidão, para discriminar com presteza, para resolver logo.

O plano dos vastos estudos encyclopedicos que conveem a um principe deve ser formulado e posto em pratica segundo a mesma norma que tem de governar a sua existencia futura: a formula de Littré — Projectos de quem tem cem annos para os cumprir, obras de quem só tem doze horas para viver.

Não póde dissipar um minuto, não póde malbaratar um momento na applicação, na actividade.

No estudo das sciencias e no estudo dos homens deve seguir a corrente de idéas mais rapida e mais breve — a corrente revolucionaria. Tanto se aprende percorrendo com intelligencia o campo dos dominios conservadores e estudando n'elle a passagem da torrente revolucionaria, como lançando-se com equal intelligencia n'essa torrente e cingindo com ella todas as configurações do continente official. Por qualquer d'estes dois methodos se chega ao mesmo ponto. Pelo segundo vae-se todavia mais depressa, descobrem-se mais largos horisontes, criam-se mais idéas geraes de totalidade, de relação e de conjuncto.

\*

Os preceptores idoneos dos principes, os seus mestres, deveriam pois ser os homens de espirito mais radicalmente scientifico, de criterio mais positivo, da maxima lucidez intellectual, homens de acção, essencialmente modernos, que pela sua conversação, pelas suas idéas, pelos seus habitos de estudo, de observação e de critica succitassem no alumno todas as curiosidades do espirito novo, pondo-o em contacto com todos os problemas, dando-lhe constantemente a nota predominante de todas as soluções.

A evolução das idéas modernas não pôde ser comprehendida por homens de estudos antigos. O periodo intellectual em que hoje estamos, a era dos conhecimentos modernos data de um curtissimo espaço de tempo. Principia no dia em que foi claramente definido o dogma do homem prehistorico.

Desde esse successo, o mais monumental da civilização, desde esse facto culminante na humanidade, cahiu o velho mundo, cahiram todas as theorias vigentes até essa data na historia da nossa especie, na historia das nossas raças, na historia das nossas linguas, na historia das nossas religiões.

Milhares d'annos antes da época em que nós suppunhamos os nossos primeiros paes no paraizo terreal, descobria-se com toda a evidencia de um axioma que tinha apparecido o homem sobre o globo.

O Genesis era uma fabula. Adão era um embusteiro. Ahi estava para o confundir, arrancado da campa pela geologia, o esqueleto de um dos seus avós.

Ao pé do craneo d'esse homem appareciam desenterrados todos os documentos comprovativos das differentes fazes da sua existencia heroica, da sua vida batalhadora, de todas as peripecias, tão profundamente commoventes e tão dramaticas, das suas grandes luctas com as creações collossaes, medonhos esboços primitivos do mundo animal, com os monstros antidiluvianos, as enormidades do grande hyppopotamo, do elephante do sul, do rhinoceroute tichorhinus.

Primeiramente o desgraçado cingido de todos os lados pelas monstruosidades da natureza, esmagado pelas visões disformes de um pesadello horroroso, pensa apenas em deffender-se e inventa o machado de pedra bruta. Depois fabrica a faca de pedra polida. Em seguida a essa attitude defensiva, principia a atacar e inventa



a frecha, domestica o cão, descobre o fogo, constroe a cidade lacustre.

E entre cada um d'estes curtos passos dados na posse do seu dominio sobre o globo, medeiam milliares d'annos, centenares de seculos sem historia, de uma mudez tragica, irreconciliaveis com a felicidade paradisiaca do Eden e com a theoria da queda pelo peccado.

Aniquiladas as antigas bases da comprehensão do universo e do mundo moral, principia um enorme trabalho de reconstituição das idéas e dos sentimentos humanos. Prehencher esse trabalho tem sido a missão da litteratura nos ultimos vinte annos.

Para possuir a exegese d'este movimento novo é essencialmente preciso ser um homem moderno, ter um systema nervoso creado e temperado na ebulição d'esse movimento; possuir a faculdade de se repartir sem se dispersar, ter a philosophia, ter a disciplina, ter os methodos modernos; absorver as idéas por todos os modos, no gabinete, nos livros de toda a especie, na conversação, nas viagens, nos museus, nos laboratorios chimicos, nos theatros anatomicos, nos observatorios, nos jornaes, nas soirées, na opera, na amizade e no proprio amor.

\*

Os mestres e os pedagogos de suas altezas carecem d'esses predicados. O sr. Martens Ferrão é um jurisconsulto; o sr. Viale é um hellenista; dois sedentarios; um, commentador de leis antigas; outro, interpretador de linguas mortas; ambos papistas, sectarios dos dogmas, acceitando a revelação como criterio da verdade e o milagre como demonstração historica.

O sr. Alves de Sousa, que vem agora, é um rhetorico, é um grammatico, é um sophistico, é um magico.

Aguardamos com viva curiozidade zoologica, o fausto momento em que houver de se patentear sobre o throno dos lusos o caro objecto sahido d'esta retorta de Wagner.

---

21 Desde que um poder novo, desconhecido das sociedades antigas, chamado o *poder industrial*,

se estabeleceu no tempo moderno, o trabalho deixou de ser uma função inferior. O operario, que antigamente era o servo, principiou a chamar-se o productor. O serviço tomou a categoria de riqueza. A serie das differentes relações determinadas entre os individuos é um conjuncto de permutações reciprocas, e a lei fundamental que dirige essas relações das classes é a lei dos contratos.

Na gerarchia social a classe eminente, a classe principal é a classe que trabalha, porque é ella a que produz a riqueza da communitade. Logo que o trabalhador consegue pela sua capacidade tornar-se um foco de trabalho superior ás suas forças pessoaes, isto é, logo que a força da sua capacidade principia a ser superior á força do seu braço, o trabalhador alarga a esphera da sua acção e não só trabalha mas faz trabalhar os outros. Adquirida esta faculdade, começa a enriquecer, porque ninguem enriquece pela força que dispende, mas sim pela actividade que cria. Desde este momento o trabalhador torna-se o tronco de classes novas immergentes da classe productiva: a classe que economisa e a classe que herda.

Tal é em resumo a simples lei do trabalho.

Ha porém ainda nas sociedades contemporaneas uma classe anomala, irreductivel ás leis geraes que regulam a distribuição da riqueza, a troca dos productos, as relações economicas dos individuos, uma classe que se não prende aos interesses geraes da communitade, que parece em hostilidade com elles, que reage ao principio harmonico da conveniencia mutua, que tende cada vez mais a indisciplinar-se e a dissolver-se. É a classe dos creados de servir.

De que procede esta perturbação, verdadeira crise, nas tradições e nos costumes domesticos?

Varios jornaes se teem ultimamente occupado d'este importante assumpto, propondo alguns alvitres, taes como a creação de escolas profissionaes de creados, a reorganisação de um registro official de informações, elevação das soldadas, pedido ás familias para que deem exemplos de morigeração e de honestidade, etc. dando assim a entender os jornaes que o mal está na qualidade dos individuos quando elle existe simplesmente na natureza da instituição.

Toda a instituição que tende a corromper-se tende a acabar. Uma classe corrompida é uma classe condemnada. Nada mais insensato do que

avivental-a; o unico remedio é supprimil-a. Este remedio é inutil applical o, é tambem inutil escondel-o. Por mais que façamos ou por mais que deixemos de fazer, o creado de servir desapparecerá fatalmente. Porque? Porque elle está fóra da lei economica que preside á creação das classes contemporaneas.

\*

Antigamente o creado era um servo, depois tornou-se um commensal, uma affinidade domestica, uma especie de parente, um amigo da casa; era um complemento natural da familia no tempo em que a familia conservava ainda a antiga tradição patriarchal; era o companheiro dedicado e fiel, o consorte de todas as amarguras e de todas as felicidades do lar, era o confidente, o conselheiro, o guarda; em viagem era Sancho Pansa, em casa era Telmo Paes.

A vida moderna porém é incompativel com a antiga serenidade domestica, com a doce poesia amavel da familia recolhida e concentrada durante umas poucas de gerações em volta do fogo do seu lar ou debaixo da sombra da sua noqueira.

Actualmente, nas nossas cidades industriaes 9

e burguezas, o homem sae de manhã para os seus negocios; sae á noite para o seu club; uma ou duas vezes por semana janta fóra; aos domingos vae para o campo. A mulher tem as suas visitas de dia, tem á noite o seu camarote em S. Carlos, tem duas ou tres *soirées* por semana nas noites em que não ha espectáculo. Além d'isso lê um romance. Não vae á cosinha senão um quarto de hora por dia, conferir o seu rol. Os meninos vão pela manhã para o collegio e veem para casa á noite estudar e dormir, ou são internos, e apparecem unicamente aos sabados.

Os creados teem em virtude d'esta organização uma existencia inteiramente separada da familia. N'este caso estar separado é sentir-se inferior, e o sentimento da inferioridade é em todo o homem o principio da revolta.

\*

As melhores creadas que se conhecem são as hollandezas, mas que differença entre os nossos costumes e os costumes caseiros da Hollanda!

Um clima humido e frio, um ceu encoberto, um solo de alluvião, anateirado, coberto de prados, tão cheio de rebauhos que, ao passo que

para cada mil habitantes ha em Portugal 249 cabeças de gado, ha na Hollanda para equal numero de habitantes 1:202 rezes.

Estas simples condições de solo, de clima, de alimentação revelam toda a vida hollandeza. A rispidez austral do clima, a monotonia da paisagem, a tristeza do ceu inspiram os habitos de conforto, de aceio, de recolhimento domestico, fazem os temperamentos frios, calculadores, methodicos. A grande população pecuaria, tornando a terra fertil, os alimentos e os vestidos baratos, dá a vida abundante. Nas *soirées* da Hollanda o bilhete de convite indica a hora a que cada um deve retirar-se, — sabia disposição de quem não quer incommodar-se demasiado com a companhia de estranhos. As pessoas recebidas em cada *soirée* não excedem nunca o numero dos talheres que podem caber á meza. Ás 11 horas ceia-se. A dona da casa tira da algibeira as suas chaves e, deante dos seus hospedes, quaesquer que elles sejam, abre os armarios, tira os vinhos, a compota, a nata, a manteiga fresca; o dono da casa desce á adega com os seus filhos e trazem-se as grandes canecas de cerveja espumosa e trasbordante. As creadas, grossas flamengas vermelhas, alegres e robus-

tas, servem o caldo fumegante e os succulentos pratos de cosinha. Creados e amos fazem o serviço em commum. Á hora de antemão indicada cada um se apressa a despedir-se. Á porta, as creadas que se viram á mesa e que fizeram a ceia esperam os convidados que se retiram, seguram os paletots, entregam os chapéus, oferecem charutos n'uma bandeja. Antigo uso obriga n'este momento a gratificar as creadas: meia libra a cada uma, tres ou quatro libras, duas vezes o preço da ceia, — uma verdadeira multa.

O resultado é que prefere cada um ficar em casa e ceiar em familia.

O aceio interior das casas hollandezas é de uma nitidez de que nós outros peninsulares não temos senão a mais remota idéa. Os apartamentos mais importantes são a adega e a cosinha. A adega, em que se empilham as garrafas de bocças laçadas de verde e de vermelho em altos lotes de ferro, os barris da cidra e da cerveja, as conservas de carnes e de peixe, as rimas dos queijos, são ricos arsenaes culinarios. A cosinha lavada, lustrada, polida todas as manhãs, com a sua bateria relusente, a sua louça esmaltada, penetrada do ar livre e da grande



luz, accada como um *boudoir*, com o seu relógio, dois ou três quadros suspensos nos muros, a *etagère* com a collecção das cânecas, de vidro, de porcelana, de faiança, com tampas de estanho lustroso, os vasos de flores por fóra das vidraças, a gaiola pendente do tecto, é uma officina inodora, um laboratório gracioso e tranquillo, convidando ao trabalho, á assiduidade, á applicação, como o interior de um *atelier* ou de uma bibliotheca.

N'este meio a cosinheira, em contacto immediato com a sua ama, quasi companheira e collaboradora d'ella nos trabalhos tão interessantes e tão artisticamente delicados da jardinagem, da botanica e da chimica culinaria, não se cré na posição mesquinha, inferior, degradante, da creada de Lisboa, lançada para o fundo de uma cosinha sem ar e sem luz, servindo ao mesmo tempo de gallinheiro e de carvoeira, infeccionada pela presença do siphão dos despejos, olhando para um estreito saguão lobrego como um cano, no meio dos tachos denegridos e das botijas esbotenadas que constituem os instrumentos do seu trabalho de galé ou de enxovia.

Sem o accio, sem a frescura, sem a graça, sem nenhum dos encantos que dão ao *ménage*

os hábitos caseiros, a compreensão artística do conforto, a ciência da vida doméstica, sem donas de casa finalmente, — porque é para as donas de casa que nós precisamos do ensino profissional que um periodico pede para as cozinheiras, — a creada, a creada ideal, a comensal alegre, activa, honesta, dedicada, contente consigo, solidamente affirmada na sua profissão e no seu destino, é inteiramente impossivel.

Supportando difficilmente a sua posição como uma fatalidade a que procura escapar no primeiro ensejo, a creada portugueza, do fundo da sua humilhação, revolta-se e conspira. Como a vida a enfastia procura ás vezes promover uma crise para dar ao seu problema uma solução. Namora, intriga, enreda, tem um amante, mente, furta, joga na loteria. Precisa quanto antes de arranjar dinheiro para se libertar, para pôr casa, para ter tambem uma creada ella, uma pequena creada, uma engeitada que vá buscar á roda e em quem se vingue, tyranisando-a, espancando-a mesmo de quando em quando.

No emtanto, provisoriamente, precisa de se distrahir, de ir ás feiras de Belem e do Campo Grande aos domingos, de ir aos bailes campes-

três, de vér um baile de mascarar. Porque todas vão aos bailes menos ella, —vão as suas companheiras, vão as suas amigas, vão as suas amas. Ninguém fica em casa senão ella, ella, a gata borralheira! Se descobrisse na familia um pequeno segredo romanesco, uma intrigasinha criminosa, como ella se faria pagar bem a posse d'essa arma! Principia a observar a senhora e os homens que visitam a casa. Começa a desconfiar do medico. Escuta ás portas, espreita pelo buraco das fechaduras. Senão descobre nada, azeda-se, torna-se altiva, petulante, insolente.

Assim, bem vêem, a herilidade é insuportavel e vae-se tornando impossivel. Ora desde que a domesticidade termina, a classe dos creados de servir desaparece. É o seu destino. Desapparece, porque os costumes são improprios para a manter, e ella está fóra das engrenagens que prendem umas ás outras as rodas do systema social.

Desde que o creado deixa de ser o commensal assalariado para servir, passa a ser um simples operario e entra na ordem geral.

As pequenas industrias domesticas serão exercidas não como até aqui por um systema especial e de convenção, mas como todas as outras industrias.

Quero ter um jantar? procedo exactamente como quando quero ter um chapéu: dirijo-me a um operario que m'o faça, e pago-lhe o preço do seu trabalho. Se quero ter o meu candeeiro lustrado, os meus moveis polidos, as minhas botas engraxadas, chamo um operario que me faça a limpeza do meu quarto assim como chamo o operario que me faz a limpeza da minha chaminé.

Os factos provam que é esta a solução final do problema impossivel de resolver d'outro modo.

O *Diario de Noticias* traz quotidianamente quinze ou vinte annuncios de pessoas que pedem creadas e outros tantos de mulheres que se offerecem para trabalhar por jornal, indicando o serviço que se propõem prestar: *mulher a dias para esfregar, mulher a dias para cosinhar, mulher a dias para coser, mulher a dias para engommar.*

Que é isto senão a emancipação do trabalho propondo as bases de novos contractos perfectamente regulares a substituirem as antigas negociações em que se alugava o homem?

Não comprehendemos os lamentos com que alguns jornaes principiaram este mez a com-

mentar este interessante phenomeno, considerando-o sob o aspecto de uma calamidade publica.

Se ha quem cosinhe, se ha quem engomme, se ha quem esfregue, se ha quem cosa, se ha finalmente quem faça todos os trabalhos domesticos que nós outros trabalhadores d'outro genero, negociantes, fabricantes, jornalistas, não podemos ou não sabemos fazer, que inconveniente resulta de não termos creados? Virá um dia a faltar-nos aquelle ente humano, de casaca preta e de gravata branca, que nós escolhemos como um cavallo, de marca ou de mais de marca, direito, bonito, bem sellado nos rins, de pés estreitos, de barrigas de pernas bem feitas, o qual ente passa a noite dormindo vestido, sentado n'uma cadeira, para vir de madrugada, á hora em ponto a que chegamos do nosso club, ajoelhar-se aos nossos pés e puxar-nos reverentemente as nossas botas?

O remedio será aprender cada um a descalçar as botas a si mesmo. O remedio será anularmos pela educação de nós mesmos a multidão das necessidades ficticias que nos cercam e nos tyrannisam.

Sob este ponto de vista a educação portu-

gueza está por principiar a fazer. Dizemo-nos uma sociedade democratica e creamo-nos com habitos de principes. Veja-se a organização deploravel do internato nos nossos collegios! Em Inglaterra, em *Eton College*, estabelecimento de primeira ordem, d'onde teem sahido os homens mais notaveis — como modernamente os srs. d'Israeli, Gladstone, Derby, John Russell — os professores (*scholars*) hospedam em suas casas quinze ou vinte alumnos, que frequentam o collegio tendo o internato em casa dos professores. N'estes magnificos pensionatos não ha creados. Uma simples cosinheira basta para todo o serviço. Cada alumno, ao levantar-se, faz a limpeza do seu quarto, sacode os seus colxões, faz a cama, accende o seu fogo, prepara elle mesmo o seu chá e os dois ovos do almoço, escova o fato, engraxa as botas, cose no collete o botão que lhe cahiu.

Egual organização nos pensionatos dos collegios universitarios de Oxford e de Cambridge.

Os estudantes que cumprem alegremente as disposições d'este programma são os herdeiros dos nomes mais aristocraticos e das maiores fortunas da Europa. Em Lisboa o joven herdeiro de um amanuense com trescentos mil réis

de ordenado, ou de um escripturario com duzentos e quarenta mil réis de vencimento, se uma bella manhã a sua creada se despediu, deixa a cama por fazer e vae de pescoço sujo e sapatos por engraxar, almoçar ao café com o papá.

Todas as donas de pequenas casas, responsáveis pelo custeamento e pela economia de modestos *ménages* se queixam da infidelidade dos creados que fazem as compras, e todavia não ousam comprar ellas proprias. Preferem deixar-se roubar nas verbas mais importantes do seu estreito orçamento ao vexame de se mostrarem tão sensatas como uma infinidade de senhoras que em Paris vão ás Halles e ás lojas de comestiveis, a algumas das quaes ellas deram a celebridade elegante que tem os nomes de Chevet e de Potel et Chabot.

Todos sabem quanto são caros em Lisboa todos os artigos do vestuario, quanto o preço da *toilette* agrava as difficuldades financeiras da maior parte das familias, e não obstante é rarissima a menina que, tendo perdido uma parte da sua mocidade e atrophiado uma porção das suas faculdades a bordar monstros de codornilho com olhos de contas, saiba desenhar um figurino, cor-

tar o modelo de um vestido ou fazer um chapéu. As raras senhoras que possuem esta aptidão escondem-a como um desdouro egual ao de intervir nas compras e de dirigir a cosinha. A tal ponto estamos longe de comprehender que saber cosinhar e saber fazer vestidos é um elemento indispensavel na harmonia da educação de uma mulher, e que é de uma educação perfeitamente harmonica que procede a liberdade e a elevação do espirito!

Lady Morgan, a celebre escriptora ingleza cuja sagacidade critica tem sido por muitos considerada superior á do proprio Taine, fazia todos os seus vestidos, e Madame de Girardin com a mesma fina mão aristocratica com que durante muitos annos escreveu as mais elegantes paginas que a Europa tem lido, fez um dia o jantar em casa de Victôr Hugo.



A *Revista Europea* magnifico periodico italiano, orgão do movimento scientifico na Italia, publicava ha poucos dias a respeito das universidades n'aquelle paiz um artigo profundamente patriotico, que terminava pelos seguintes periodos :

\*

«É ás universidades que cabe a influencia de um governo livre. As universidades são principalmente frequentadas pela burguezia, que nas monarchias constitucionaes occupa a maior parte dos grandes empregos no parlamento e na governação. Das universidades deviam sahir os homens instruidos, os italianos. Ellas produzem no entanto os mesmos fructos de outr'ora estragados pela indisciplina moderna.

«Os professores vivem quasi todos no desalento e na penuria.

«Os fundos sagrados das universidades, que pertencem á sciencia, são em grande parte absorvidos pela burocracia e servem para sustentar uma multidão de empregados secundarios, superfetações inuteis quando não são perigosas.

«Os productos scientificos de vinte e duas

universidades em um povo de vinte e sete milhões de habitantes são irrisorios.

«O servilismo, a escravidão intellectual deante do estrangeiro vae augmentando sempre.

«E a nação, satisfeita, paga!»

Diriamos estar vendo a pintura do que se passa em Portugal, se não se desse uma differença importante, que é: ser feita a accusação em um jornal exclusivamente consagrado aos interesses da sciencia e redigido com profunda erudição do mais alto movimento das idéas modernas. No mesmo numero em que se estampa o artigo a que nos referimos reproduz-se um discurso ácerca da *Physica na philosophia*, proferido pelo professor Mauricio Schiff na abertura dos cursos do Instituto dos Estudos Praticos e de Aperfeiçoamento de Florença.

N'este discurso mostra o auctor como todos os philosophos modernos tendem a encontrar-se n'um dominio commum com os naturalistas e com os physiologistas. Prova que nenhuma deducção *à priori* pôde conduzir á verdade objectiva, e que as theorias até ha pouco havidas por absolutamente independentes precisam hoje de

ir basear-se na observação, havendo já duas universidades, uma na Suissa e outra na Allemanha, que entregaram a professores de physiologia as suas cadeiras de philosophia theorica. Expõe como na propria Allemanha se vae tornando esteril a metaphysica, e como o dogmatismo não é hoje mais que uma petreficação a que só resta o valor historico. Conclue finalmente propondo que, vista a intervenção inevitavel das sciencias naturaes em toda a discussão philosophica, o Instituto de Florença, começando por dar aos alumnos as noções fundamentaes de todos os raciocinios, faça das sciencias naturaes a base dos estudos, o tronco da grande arvore dos conhecimentos humanos, cujos ramos se inclinarão subseqüentemente ás diversas direcções do espirito.

A indole eminentemente revolucionaria, positivista, d'este discurso, a inserção d'elle n'um grande jornal, órgão d'essa doutrina renovadora do criterio e reconstituidora da intelligencia, provam bem exuberantemente que não são portuguezes que operam, e que não é uma das nossas necessidades nacionaes que se discute.

E todavia tão baixo ainda se considera o nivel da instrucção na Italia, que o auctor do ar-

tigo ácerca das reformas universitarias exclama:

«Se algum dia, de que Deus nos preserve, a Italia houver de recair na sua confusão antiga, a responsabilidade e a culpa caberá ao ministerio da Instrucção Publica!»

\*

Em Portugal nem o ministerio de Instrucção Publica existe, nem essa apparencia de responsabilidade temos! E, de cima a baixo, na ordem intellectual e na ordem moral, na politica, na religião, na arte, na critica, as ideias sossobram n'uma confusão inextricavel, resultante da ausencia de um ensino fundamental.

Da analyse dos trabalhos parlamentares durante a ultima legislatura sobresaem um argumento irrespondivel. Uma camara cuja maioria é tirada da parte mais applaudida da mocidade educada na universidade de Coimbra não tem uma só ideia justa, clara, precisa, em que se baseie uma reforma de qualquer natureza que seja. Uma sentimentalidade palavrosa e lamuriante, um optimismo imbecil, uma profunda subviencia e alguns narizes de cera, eis tudo quanto se tem podido arrancar dos cerebros que

o publico tinha obrigação de suppôr mais substanciosamente providos e mais repletos.

A fim de combater esta inanidade official, celebrou-se ultimamente em Lisboa um grande *meeting* composto de pessoas das classes mais illustradas da burguezia, e presidido pelos principaes chefes dos partidos da opposição ao actual ministerio. As resoluções tomadas n'este *meeting* com o fim de obviar a incompetencia parlamentar e de intervir na governação do paiz foram as seguintes: reformar a carta, fazer um manifesto, suscitar outros *meetings*, ou finalmente — para que o digamos n'uma só palavra — commover a opinião no sentido de pôr em crise a viabilidade da situação actual. E eis ahi tudo quanto uma assembleia constituída pelas pessoas mais conspicuas sabe decidir em face do problema da nossa reorganisação: — comminar as tinturas transmutativas do bigode do presidente do conselho, atacar a questão politica como uma questão de comesticos, e pedir para a alta direcção do estado uma troca de pomada.

\*

Quando os governos pela necessidade de conservarem o poder sacrificam o progresso, e

quando as opposições pela ambição de substituírem o governo sacrificam as ideias, a sociedade corre um eminente risco de ficar á mercê do acaso n'um funesto jogo de incompetencias, se um terceiro poder não intervem, sustentando os direitos que tocam á capacidade. Este novo poder intermedio e consultivo, destinado a regular em proveito da civilisação os conflictos dos partidos que governam com os partidos que resistem, deveria ser a imprensa. Mas a imprensa portugueza parece ignorar que é essa a sua alta missão e, em vez de se considerar superior á politica e de a governar em nome da opinião, submete-se aos partidos e deixa-se dominar por elles, acompanhando-os nas suas ambições e servindo-os nos seus erros. De modo que o jornalismo não é o arbitro que decide, não é o juiz que sentença; é apenas o rabula que enreda, o beleguim que cita, o fiel de feitos que conduz os autos.

Na sociedade assim constituida ou assim desorganizada todos os poderes são militantes, todos são executivos, todos são temporaes. Não ha esphera theorica, não ha dominios mentaes, não ha poderes do espirito. Como substancia politica organizada, falta-nos apenas o cerebro

e a espinhal medula. Pertencemos aos invertebrados. Somos um tubo.

Se nós tivéssemos a palavra no *meeting* alludido, diríamos aos cidadãos:

Meus senhores, lembrem-se das palavras de Samuel Smilles: o governo de uma nação não é mais que a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem. Todo o governo que passa adiante de um povo é inevitavelmente trazido para traz; todo o governo que fica atraz de um povo é fatalmente impellido para deante. Assim como a agua encontra o seu nível, assim uma nação encontra nas suas leis e no seu governo as disposições que conveem ao seu character. Um nobre povo será sempre nobremente governado; aos povos ignorantes e corrompidos cabem os governos ignobeis. A liberdade não é sómente o effeito de um desenvolvimento politico; é principalmente o effeito de um desenvolvimento moral, o resultado da energia, da independencia, da acção individual.

É por estas razões que Stuart Mill dizia: O merito de um estado não é no fim de contas senão o merito dos individuos de que elle se compõe.

Ora, a fallar a verdade, meus senhores, os

nossos meritos são de uma natureza bastante subalterna.

Mediocrates litteratos, mediocrates artistas, mediocres sabios, mediocres funcionarios publicos, eis os individuos de que se compõe esta assembleia illustre, na qual se tem fallado quatro horas sem achar nada mais novo do que injuriar os adversarios e pedir a reforma da carta, como se fosse uma carta mais ou menos reformada que houvesse de fazer os cidadãos instruidos e os governos sabios!

A constituição politica, no fim de contas, não é mais que um resultado da constituição social, e esta não se reforma senão pelo concurso inconsciente de todas as vontades, pela applicação particular de cada um para o seu proprio aperfeiçoamento.

Consultando bem as nossas verjadeiras necessidades veremos que o que falta ao nosso bem-estar não é uma reorganisação politica, mas sim uma renovação intellectual, um forte estimulo para o trabalho, para o dever, para a dedicação pelos outros, para a energia, para a satisfaçao da consciencia, para o contentamento e para a alegria do caracter.

O grande mal que todos padecemos é o sce-



pticismo abatido e estéril dos espiritos que perderam as antigas crenças e não entraram ainda nos novos principios e nas grandes convicções.

É d'este estado geral que procedem os unicos partidos que temos: os partidos medios, de conciliações que chegam á immoralidade, de tolerancias, que tocam na corrupção.

É com taes partidos que as sociedades se dissolvem pela indifferença e pela relaxação.

Ora esses partidos somos nós mesmos que os constituimos. Os governos que d'elles emanam são maus por uma necessidade inilludivel de harmonia e de nivelamento geral. Elles são maus governos exactamente pela força da mesma lei em virtude da qual nós somos maus jornalistas, maus litteratos, maus academicos, maus artistas, maus commerciantes, maus industriaes e maus operarios.

Quereis um conselho? Acabae de uma vez para sempre com os vossos *meetings* esterilizadores, banaes e ridiculos, e institui *conferencias*.

Não queiraes ser corpos deliberantes. Conservae-vos na esphera especulativa que convem aos vossos interesses e ás vossas necessidades. Com o vosso beneplacito ou mau grado vosso, a

revolução ha de se realizar pela força das coisas. A vossa interferencia não fará mais do que comprometter os successos. O que tendes que fazer, vós burguezes, que estaes fóra do governo, é simplesmente preparar-vos para o exercer ou para o criticar com mais conhecimento de causa do que aquelles que vos precederam. A corrupção de que vos queixaes nos outros é a prolongação da que existe em vós mesmos. Os maus governos são a escrofula que apparece no peçoço; vós sois o vicio lymphatico escondido na celula. Purificae-vos aprendendo. O destino da vossa geração depende do vosso curativo. Hoje em dia estamos apenas viciados. D'aqui a algum tempo estaremos inteiramente apodrecidos.

Segundo referem os jornaes d'este mez fundou-se em Lisboa um centro do partido republicano portuguez.

Este partido novo tem sobre todos aquelles com quem concorre na politica uma superioridade grande: o seu nome.

Dizer-se abertamente republicano é dar uma soffrivel garantia de que se conservará, por algum tempo pelo menos, fóra da intriga parlamentar e da ambição do governo. Tem ainda um outro titulo á nossa sympathia: não deitou jornal nem publicou manifesto.

Não tendo outros actos pelos quaes possa ser julgado, a imprensa monarchica não tem considerado para combater o novo partido senão os nomes das pessoas de que elle se compõe, e tem-se negado vivamente aos professores, aos engenheiros e aos funcionarios publicos em geral o direito de affirmarem opiniões adversas á fórma do governo vigente.

N'este ponto declaramos que não comprehendemos bem o criterio da imprensa.

Os empregados publicos não nos consta que fossem nomeados para servir a monarchia mas sim para servir o paiz. A sua obrigação de leaes servidores e de bons patriotas é desejarem que o paiz tenha o governo que elles julgam melhor. Os proprios reis, que são funcionarios publicos como quaesquer outros unicamente, talvez, um

pouco mais caros, teem a esse respeito as suas opiniões pessoaes absolutamente livres. O velho rei Leopoldo, da Belgica, era republicano. O imperador Napoleão III affirmou sempre que era socialista. O rei Amadeu, em Hispauha, des-thronou-se a si mesmo. Em Portugal não nos parece que o sr. D. Luiz I tenha razões irresistiveis para amar o constitucionalismo, conhecendo-o como elle o conhece.

Além d'isso o systema representativo tem sido sempre, por toda a parte, considerado como uma fórma de transição entre a condemnação da monarchia absoluta e o advento da soberania popular. Ora é bastante duro obrigar um povo ou uma parte de um povo a conservar-se eternamente fiel a uma instituição interina.

A unica coisa portanto que nos é dado pedir a estes senhores é que tenham a bondade de não emittir as suas opiniões de modo que perturbem a ordem e obriguem a intervir a policia. O que sobretudo lhes supplicamos é que se não martyrisem, que se não destinem a victimas, que não queiram derramar o seu precioso sangue pela *grande causa*, que não vão ter a velha ideia de expirar na barricada, mordendo o cartucho heroico ao som da Marseillaise e do grito supremo

de *Viva a liberdade, a egualdade e a fraternidade!* Em primeiro lugar porque nos faria pena ver morrer de um modo tão triste alguns bons rapazes nossos conhecidos, cheios de talento, e com prestimo para alguma cousa melhor do que acabarem n'uma chacina ingloria e desagradavel. E, depois, porque, ainda mesmo que escapassem, ficariam desacreditados entre as pessoas de bom gosto pelo simples facto de lhes haver passado pelo sentido a ideia emphatica do sacrificio das suas pessoas, expediente usado pela ultima vez em 1848, quando a intervenção da poesia lyrica, da rhetorica e do dilettantismo nos graves negocios da politica poz em moda a puxadeira, a ode, o chapéu á Lamartine e a morte sob a bandeira encarnada em cima de um omnibus atravessado n'uma viella.

Desde 48 até hoje descobriu-se pela terrivel força do simples bom senso que as victimas são completamente inuteis e chegam mesmo, segundo Proudhon, a ser immorales, porque são ellas unicamente que justificam a existencia dos algozes.

Nas questões de raciocinio o sangue é tão esteril como a declamação oratoria. O que convence é unicamente a prova. Em todas as revo-

luções victoriosas ha uma parte que vinga para a posteridade e uma parte que se desconta nas restaurações subsequentes. O que vinga é o fructo da razão ou a força das coisas. O que se desconta n'um retrocesso proporcional é a obra da paixão, do sacrificio, do enthusiasmo partidario.

Se, aproveitando as lições dadas pela historia a todos os revolucionarios, o partido republicano portuguez resolver conservar-se inalteravelmente bom philosopho, elle poderá prestar á civilisação serviços importantes que o paiz deve reconhecer com agradecimento e não com injurias.

Na evolução politica das nações latinas, o advento da republica, dentro de um periodo mais ou menos proximo, pôde desde hoje predizer-se com toda a segurança. Os paizes latinos, a França, a Italia, a Hispanha, Portugal constituem para o effeito das idéas, dos principios, dos costumes uma estreita confederação moral, governada em espirito pelo mais adeantado e pelo mais instruido dos estados federados. O paiz dirigente é a França. É ao seu impulso que obedecem fatalmente em Portugal todos os phenomenos sociologicos: a arte, a litteratura, a poesia, o direito, a politica. Foi da revolução fran-

ceza de 1789 que resultou para nós a queda do antigo regime e das despoticas instituições concomitantes da tyrannia. Foi da poderosa iniciativa da França que sahiu o nosso moderno direito, a nossa liberdade politica, a nossa aspiração liberal, os nossos costumes democraticos e finalmente todas as condições da viabilidade do systema representativo e da monarchia constitucional.

A França acaba agora de dar um passo inteiramente novo na politica moderna : funda a republica *em nome da ordem*, tirando a nova forma democratica de governo, não das convulsões de uma revolta, mas da reflexão, do raciocinio, do estudo, da dedicação patriotica de todos os seus homens mais honrados e mais illustres na philosophia, na sciencia da historia, na moral e na politica ; e o suffragio nacional vota pacificamente o novo systema, não como uma vaga utopia poetica e phantazista, mas como a solução mais consentanea com os costumes e como a garantia mais perfeita da ordem, da paz, da riqueza e da prosperidade publica.

Este facto culminante na historia contemporanea, de uma significação tão profundamente expressiva, não póde ficar perdido nos destinos

da Europa latina, onde nenhuma das soluções dadas pela França aos problemas modernos deixou ainda de produzir, mais ou menos lentamente uma influencia profunda e decisiva nas idéas e nos successos.

A nossa monarchia constitucional, extremamente benevola, nunca perturbou a paz, mas tambem não acrescentou nunca as conquistas da civilisação. Quarenta annos de experiencia teem corrompido quasi todas as instituições: o voto, o parlamentarismo, a imprensa o ensino, a litteratura, o credito, o exercito, a administração districtal, o imposto, a igreja, a lei da desarmotisação, a lei dos concursos, a lei das pautas. Porqué? Porque o espirito publico não estava educado para o novo systema. Não o tinha merecido pelos seus proprios desenvolvimentos. Recebia-o como um presente estrangeiro. Não sabendo usar das liberdades e dos direitos que o novo regime lhe facultava, deixou immobilisar as instituições, o que equivale a desmoralisar e a perverter os principios.

Se durante a monarchia absoluta um forte partido liberal se houvesse encarregado de educar cidadãos para a liberdade, o constitucionalismo não teria talvez recusado na pratica os be-



neficios que nos promettia na mais auspiciosa theoria.

Ora é exactamente para que a republica, quando o seu dia chegar, nos não encontre tão desaperebidos como nos encontrou o regimen constitucional, que é bom o centro republicano portuguez. A sua grande missão, inteiramente scientifica, é preparar os seus correligionarios para que sejam menos duras as calamidades que nos esperam sob o futuro governo exercido por um povo ainda hoje tão ignorante dos seus direitos, dos seus interesses e da sua dignidade como o estava no tempo em que os soldados de D. Pedro IV se batiam pela liberdade, que não sabiam amar, e pela carta, que mal sabiam lèr.

\*

Se todavia — em vez de ensinar pura e unicamente — o centro republicano pretender fazer eleições, fazer politica e — o que é mais que tudo lastimavel — fazer republica, n'esse caso parece-nos que será mais util, mais patriotico e mais sublime, deixar-se d'isso, e ir passear para o Aterro.

*J.*  
53525

# LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

PORTO E BRAGA

EDIÇÕES E OBRAS DE FUNDO

LITTERATURA, ROMANCES, POESIAS, THEATRO  
ETC., ETC.

- Altar** (O) e o theatro, por *Maximiliano Perrin*. 1 volume..... 450
- Amores** (Os) d'Aurora, por *Ponson du Terrail*, continuação do *Ferreiro da abbadia*, traducção de *Gomes de Sousa*. 2 vol. em 12.<sup>o</sup>..... 13000
- Amores** (Os) de D. Juan, extracto do immortal poema de *Lord Byron*, por *João Vieira*. 1 vol..... 400
- Amores** do Diabo, romance por *J. Cazotte*, precedido de sua vida, processo, prophcias e revelações, por *Gérard de Nerval*. Vertido em linguagem por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. em 12.<sup>o</sup>..... 500
- Aprender** na desgraça alheia, por *Benjamin Constant*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 vol..... 400
- Armeiro** (O) de Milão, por *Ponson du Terrail*, traducção. 1 vol. em 12.<sup>o</sup>..... 500
- Baroneza** (A) de la Puebla, romance original, por *M. P. Lobato*. 1 vol..... 500



<b>Calumnia</b> (A), paginas da desgraça, por <i>Enrique Perez Eschrich</i> . 5 vol.....	2\$500
<b>Calvario</b> (O) das mulheres, por <i>M. L. Gagneur</i> . 4 volumes.....	1\$600
<b>Canalhas</b> (Os) de Paris, por <i>Tourpin de Lausay</i> , traducção de <i>Joaquim Xavier Pereira</i> . 1 vol.....	380
<b>Cancioneiro</b> e romanceiro geral portuguez, confecção e estudos, por <i>Theophilo Braga</i> . 4 vol.....	2\$000
<b>Cantos</b> matutinos, por <i>Francisco Gomes d'Amorim</i> . 2. <sup>a</sup> edição. 1 vol.....	800
<b>Capella</b> (A) sextina e o cemiterio de Pisa, por <i>Emilio Castellar</i> , traducção de <i>Bulhão Pato</i> . 1 vol.....	300
<b>Capitão</b> (O) phantasma, por <i>Paulo Féval</i> . 3 vol.	1\$800
<b>Carrasco</b> (O) de Victor Hugo José Alves, romance por <i>Camillo Castello Branco</i> . 1 vol. em 12. <sup>o</sup> .....	500
<b>Caridade</b> (A) anonyma — X Y — por <i>Alberto Pimentel</i> . 1 fol. em 12. <sup>o</sup> .....	100
<b>Caridade</b> (A) christã, segunda parte do Cura d'aldeia, por <i>Enrique Perez Eschrich</i> . 3 vol. em 12. <sup>o</sup> .....	1\$800
<b>Carta</b> do guia de casados, por <i>D. Francisco Manoel</i> , com um curioso prefacio. 1 vol.....	360
<b>Cartas</b> a um sceptico em materia de religião, por <i>D. Jayme Balmes</i> , traducção do hespanhol por <i>A. A. Leal</i> . 1 volume.....	600
<b>Casamentos</b> fidalgos, por <i>Octavio Feuillet</i> , versão de <i>M. Pinheiro Chagas</i> . 1 vol.....	500
<b>Casos</b> tragicos e casos comicos, por <i>A. Varella</i> , contendo o seguinte:	
1. <sup>o</sup> Visão d'amor.	
2. <sup>o</sup> Um arraial nos suburbios de Lisboa.	
3. <sup>o</sup> Consequencias do romanticismo.	
4. <sup>o</sup> Sigue-me, Pietro.	
1 vol. ....	400

- Catacumbas** (As) de Paris, por *Elie Berthet*, traducção de *F. M. Pinto da Silva*. 2 vol..... 13200
- Christianismo** (O) e o Progresso, por *D. Antonio da Costa*. 2.<sup>a</sup> edição. 1 vol..... 600
- Christo** não volta. Resposta ao *Voltareis, ó Christo?*... de *Camillo Castello Branco*, narrativa por *Alberto Pimentel*. 1 vol..... 200
- Collar** (O) do Diabo, por *D. Manuel Fernandez y Gonzalez*. 1.<sup>o</sup> vol..... 500
- Colleção** de documentos sobre as exações, roubos e crueldades, praticadas pelos exercitos prussianos em França, versão do francez. 1 vol. em 8.<sup>o</sup>..... 240
- Como** as mulheres se perdem, romance por *Amédée Achard*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 vol..... 500
- Companheiros** (Os) do thesouro, por *Paulo Féval*, traducção de *J. D. F. Chrispim*. 4 vol..... 25400
- Conde** (O) de S. Luiz, romance original de *D. Thomaz de Mello*. 1 vol..... 500
- Condemnada** (A), drama n'um prologo e tres actos, por *Alberto Estanislau*. 1 vol. em 8.<sup>o</sup>..... 240
- Considerações** sobre a philosophia da historia litteraria portugueza (a proposito d'alguns livros recentes), por *Anthero de Quental*. 1 fol. em 8.<sup>o</sup>..... 200
- Consummado** (O) germanista (vulgò o snr. José Gomes Monteiro) e o mercado das letras portuguezas, analysado por *Joaquim de Vasconcellos*. 1 vol..... 500
- Corda** (A) do enforcado, novo e ultimo episodio de *Rocamboles*, por *Ponson du Terrail*, traducção de *Gualdino de Campos*. 2 vol. em 12.<sup>o</sup>..... 13000
- Corsario** (O) vermelho, por *Ferminore Cooper*. 1 volume..... 600
- Crime** (O), a proposito do assassinato do alferes Brito, por *Guerra Junqueiro*. 1 vol..... 200

- Crime** (O) de Rochetaille, por *Xavier de Montépin*, tradução de *Jayme de Seguiet*. 2 vol. . . . . 800
- Critério** (O), philosophia practica, por *D. Jayme Balme*, tradução de *João Vieira*. 1 vol. . . . . 600
- Cura** d'aldeia, romance por *Enrique Perez Escrich*. 3 vol. com gravuras . . . . . 2\$000
- Curiosidades** bibliographicas:
- I O Cancioneiro geral de *Garcia de Rezende*, com a tradução do prologo da edição de Stuttgart. 1 vol. em 12.º . . . . . 200
- II Ordenações do reino, edições do seculo xvi; additamento ao Cancioneiro geral de *Garcia de Rezende*. 1 vol. em 12.º . . . . . 200
- Defeza** do racionalismo ou analyse da fé, por *Pedro Amorim Vianna*. 1 vol. . . . . 1\$000
- Degredado** (O), romance de *Méry*, tradução de *Alberto Pimentel*. 1 vol. em 12.º . . . . . 500
- De Lisbon** ao Cairo, scenas de viagem, pelo visconde de *Benalcanfôr*, com um esboço biographico, pelo sr. *Pineiro Chagas*. 1 vol. . . . . 600
- Ditos** da freira *D. Joanna da Gama*, conforme a edição quincentista, revistos por *Tito de Noronha*. 1 vol. . . . . 400
- Dramas** (Os) da mocidade pobre, por *Julio Roquette*, tradução de *Pedro Cabral*. 1 vol. . . . . 280
- Dramas** (Os) do novo mundo, por *Gustavo Aimard*, tradução de *Guimarães Fonseca*. 2 vol. . . . . 1\$360
- Dois** mulheres, o habito e a recordação, por *Adolpho Belot*, tradução de *José Corrêa Leite Barbosa Junior*. 1 volume . . . . . 500
- Duello** (Um) nas sombras, romance original de *Antonio Francisco Barata*. 1 vol. . . . . 500
- Duqueza** (A) de Langeais. — A missa do atheu. — Uma

paixão no deserto, por <i>Balzac</i> , traducção de <i>Theophilo Braga</i> . 1 vol. em 12. <sup>o</sup> .....	500
<b>Riqueza</b> (A) de Namour, por <i>Paulo Féval</i> . 2 v. ....	800
<b>Entre o café e o cognac</b> , por <i>Alberto Pimentel</i> . 1 vol. em 8. <sup>o</sup> .....	500
<b>Episodio</b> da guerra civil — <i>A Maria da Fonte</i> , por <i>M. J. C. Mascarenhas</i> . 1 vol.....	500
<b>Episodio</b> (Um) do reinado de D. João v, romance historico. 1 vol.....	500
<b>Escravos</b> (Os) de Paris, por <i>Emilio Gaboriau</i> , traducção de <i>Alfredo Sarmiento</i> . 4 vol. ....	2500
<b>Escriptos</b> humoristicos em prosa e verso do fallecido <i>José de Sousa Bandeira</i> , precedidos da biographia e retrato do author. 1 vol.....	600
<b>Espada</b> (A) d'Alexandre, a respeito da questão do Homem-mulher e mulher-homem. 1 vol.....	240
<b>Espirito</b> do direito civil moderno, direito subsidiario, propriedade, contractos, por <i>Theophilo Braga</i> . 1 fol. em 8. <sup>o</sup> .....	120
<b>Esposa</b> (A) martyr, por <i>Enrique Perez Escrich</i> . 5 volumes.....	2500
<b>Estudos</b> da idade média, contendo: <i>Mythologia iberica: O cyclo de Sam-Graal — Virgilio na idade média — Os contos de fadas — Lenda do Judeu Errante — Lenda do doutor Fausto — Poesia da navegação portugueza — Poesia mystica amorosa: As cartas de uma religiosa portugueza — Os poetas menores — Lucta da introdução do romantismo em Portugal</i> , por <i>Theophilo Braga</i> . 1 vol. em 8. <sup>o</sup> .....	500
<b>Estudos</b> historicos e archeologicos, por <i>I. Vilhena Barbosa</i> . 2 vol. ....	1500
<b>Familia</b> (A) Albergaria, romance historico original de <i>D. Guiomar Torrezão</i> . 1 vol.....	500

- Feitiços** da mulher feia, por *Victor Cherbuliez*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 vol. .... 500
- Ferreiro** (O) da abbadia da Côrte de Deus, por *Pousson du Terrail*, traducção de *Gomes de Souza*. 2 volumes em 12.º ..... 15000
- Fidalgos** (Os) do Coração d'Ouro, romance do seculo xvi, por *Manoel Pereira Lobato*. 4 vol. .... 800
- Filha** (A) do Emir, romance original de *Carlos Pinto de Almeida*. 1 vol. .... 500
- Folhas** verdes, versos dos quinze annos, por *Theophilo Braga*. 2.ª edição, correcta e augmentada. 1 vol. 500
- Fonte** (A) maldita, por *Narciso Alberto de Sousa*. 1 volume ..... 600
- Freira** (A) no subterraneo, romance historico, traduzido por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição. 1 vol. ... 500
- Grande** (A) envenenadora, por *Henrique de Kock*. 3 volumes ..... 15500
- Guerrilheiros** (Os) da morte, romance historico, original de *M. P. Chagas*. 1 vol. .... 500
- Historia** dos coitadinhos celebres de todos os tempos e de todos os paizes, por *Kock* filho. 5 volumes com estampas ..... 25500
- Impressões** da natureza, poesias, por *Augusto Luso da Silva*. 1 vol. .... 500
- Inferno** (O), por *Augusto Callet*, trasladado a portuguez e precedido de uma advertencia, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. .... 500
- Inferno** e paraiso, resposta ao snr. *Camillo Castello Branco*, traductor e prefaciador do Inferno de *Callet*. Author, um egresso da ordem de S. Bento. 1 vol. ... 500
- Intrujões** (Os), por *Paulo de Kock*. 2 vol. .... 900
- José Balsamo** (Compendio da vida e feitos de), chamado o Conde de Cagliostro ou o Judeu Errante, traduzido do

- italiano, por *A. Sanches*, com um prefacio, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. .... 400
- Julia** de Tréceur, por *Octavio Feuillet*, traducção de *Gaspar Borges d'Avellar*. 1 vol. em 12.º ..... 300
- Lição** ao mestre, romance original, por *A. A. Teixeira de Vasconcellos*. 2 vol. .... 1\$200
- Lucrecia Borgia**, memoria de Satanaz, por *D. Manoel Fernandez y Gonzalez*, traducção de *Alfredo Sarmiento*. 2 vol. .... 1\$280
- Manual** d'arboricultura ou tratado theorico e pratico da cultura das arvores fructiferas, por *Alexandre de Sousa Figueiredo*, professor d'agricultura e agronomo do districto de Faro.
- Estão publicadas 4 cadernetas, e ao todo terá 5; o preço da obra completa será de..... 1\$800
- Martyr** (O) do Golgotha, tradições do Oriente, por *Enrique Pérez Escrich*. 2.ª edição. 4 vol. .... 1\$200
- Mata-a** ou ella te matará, ou homem-mulher ou mulher-homem, ou nem homem nem mulher, ou Alexandre bestializado por Emilio ou Emilio bestializado por Alexandre, traducção. 1 vol. em 12.º ..... 200
- Mathilde**, romance original de *D. Anna Amalia Ribeiro de Sá*, com um prologo, por *Pinheiro Chagas*. 1 v. 500
- Memoria** sobre a organização da defeza nacional, por *Luiz Pinto de Mesquita Carvalho*. 1 vol. em 8.º.. 240
- Memorias** de fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará, com uma extensa introdução e notas illustrativas, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. .... 500
- Memorias** de M.<sup>me</sup> de Lafarge, traducção de *Pedro de Amorim Vianna*, com um estudo moral áccrea da authora, escripto pelo traductor. 2 vol. .... 1\$000
- Memorias** d'uma viuva, por *Ponson du Terrail*, vertido em portuguez, por *J. J. da F. Guimarães*. 2 vol. 1\$000



- Memorias** d'um caixeiro, ou um drama da vida commercial, por *A. Belot e J. Dautin*. 1 vol. em 12.<sup>o</sup> 600
- Mil** (As) e uma noites, contos arabicos. 4 vol. .... 15200
- Mosaico** e sylvia de curiosidades historicas, litterarias e biographicas, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. 500
- Municos** (Os) portuguezes, biographia — bibliographia, por *Joaquim de Vasconcellos*. 2 grossos volumes. 25400
- Mysterios** de Londres, por *Francis Frolopp*, traduzidos por *Paulo Féval*. 6 vol. .... 25400
- Nervosos**, lymphaticos e sanguineos, por *Alberto Pimentel*. 1 vol. em 12.<sup>o</sup> ..... 400
- Noites** d'insomnia, revista critica, por *Camillo Castello Branco*. O anno completo de 1874. 12 vol. .... 25400
- No Minho**, por *D. Antonio da Costa*. 1 vol. .... 600
- Obras** poeticas de José Agostinho de Macedo, contendo: A natureza, poema. — A meditação, poema. — Newton, poema. — Viagem extatica ao templo da Sabedoria. — Biographia, por *J. L. Carreira de Mello*, seguidas d'um catalogo alphabetico de todas as suas obras. 1854. 6 vol. em 8.<sup>o</sup> ..... 15440
- Odes** modernas, por *Anthero de Quental*. 2.<sup>a</sup> edição. 1 volume. .... 400
- Olympia**, por *Ernesto Pinto d'Almeida*. 1 vol. ... 400
- Palestras** familiares sobre o protestantismo d'hoje em defeza do catholicismo. 1 vol. .... 200
- Papas** (Os) dos tempos modernos, grandeza e decadencia do papado nos tres ultimos seculos, por *A. Villas-Boas*. 1 vol. em 12.<sup>o</sup> ..... 600
- Paraiso** (O) das mulheres, por *Paulo Féval*, traducção de *Joaquim Xavier Pereira*. 2 vol. .... 15120
- Panseios** e digressões, por *Tito de Noronha*. 1 v. 400
- Phantasias** e escriptores contemporaneos: *Camillo Castello Branco* — *Pinheiro Chagas* — *Thomaz Ribeiro* — *Ju-*

- lio Diniz—Bulhão Pato—D. Thomaz de Mello, pelo visconde de Benalcanfôr. 1 vol..... 500
- Philosophia** fundamental, por D. Jayme Balmes, traducção de João Vieira. 1.º vol..... 500
- Esta obra constará de 4 volumes.
- Phylloxera** (O) vastatrix ou a nova molestia das vinhas, por Diogo de Macedo. 1 vol. em 8.º..... 200
- Physiologia** do matrimonio ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade e infelicidade conjugal, por H. Balzac, traducção de A. da Silva Dias. 2 v. 15000
- Poesias** e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefacção e notas, de Camillo Castello Branco. 1 vol. em 12.º..... 500
- Preconceitos** (Os) de raça, drama original em 5 actos, pelo conde de Rio Pardo. 1 vol..... 500
- Prodigio** (O) nas salas. Manual de prestidigitacção, ornado de numerosas gravuras, o mais curioso e completo que se tem publicado n'este genero, por David de Castro. 1 vol. em 12.º..... 600
- Pupilla** (A) do judeu, por Alberto de la Croze. 1 v. 400
- Quadro** do mundo physico ou excursões através da sciencia, por M. N. Jacquinet, traducção de Antonio Augusto Leal. 1 vol. em 8.º..... 500
- Quadros** e novellas, por Paulo de Kock. 1 vol... 450
- Que** (O) faz a ambicção, romance original por Manoel Maria Rodrigues. 2.ª edição. 1 vol..... 500
- Queda** (A) d'um gigante, romance original, por M. P. Lobato. 1 vol..... 500
- Questão** (A) lazarista, considerações feitas ácerca da mesma, nas quaes figura o clero em geral, o snr. Padre Senna Freitas em particular e o seu adversario Pantaleão das Chagas, analyse da carta d'este senhor, por Um lavrador provinciano. 1 vol..... 100

- Radiações** da noite, novos versos, por *Guilherme d'Azevedo*. 1 vol. . . . . 500
- Rei** (O) do mundo, por *Emilio Souvestre*, traducção de *F. Ferreira da Silva Vieira*. 2 vol. . . . . 960
- Rei** (O) dos bohemios, por *Ponson du Terrail*, traducção de *J. G.* 2 vol. em 12.º . . . . . 15000
- Relação** historica dos feitos dos barcellenses na restauração de 1640, escripta por *Manoel da Rocha Freire*, e reimpressa, conforme a 1.ª edição de 1642, precedida de uma noticia geral da villa de Barcellos, escripta por *Pereira Caldas*. 1 vol. em 8.º . . . . . 800
- Relampagos**, por *Cunha Vianna*, com um prologo, por *João Penha*. 1 vol. . . . . 400
- Revista** critica de litteratura moderna, por uma sociedade de litteratos:
- N.º 1 — A Delfina do mal, por *Thomaz Ribeiro* . . . . . 100
- N.º 2 — Theophilo Braga e o Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, por *Oliveira Martins* . . . . . 150
- N.º 3 — Historia da poesia moderna em Portugal, por *Theophilo Braga* . . . . . 100
- Scenas** da vida de bohemia, romance por *Henry Murger*, traducção de *Gustavo A. Barbosa*. 1 vol. . . . . 600
- Se a mocidade** soubesse! romance, por *A. Varella*. 1 vol. . . . . 300
- Segunda** (A) mocidade do rei Henrique, por *Ponson du Terrail*, traducção de *Xavier Pereira*. 2 vol. . . . . 900
- Senhora** (A) Viscondessa, por *Magalhães Lima*. 1 vol. em 8.º . . . . . 600
- Serões** d'aldeia, por *João de Lemos*. 1 vol. . . . . 600
- Sonho** d'uma noite de S. João. Theatro de Shakespeare, 1.ª tentativa, pelo visconde de Castilho. Drama em 5 actos e em verso. 1 vol. . . . . 600

<b>Tasso</b> , poema dramático em sete cantos, baseado em factos do século xvi, por <i>Candido de Figueiredo</i> . 1 vol. 500	500
<b>Theatro</b> de sala, de <i>Méry</i> , traducção de <i>João de Deus</i> :	
I Amemos o nosso proximo.....	100
II Ser apresentado.....	100
III Ensaio de casamento.....	100
IV A viuva inconsolavel.....	100
<b>Torrentes</b> , por <i>Theophilo Braga</i> . 1 vol.....	500
<b>Tribunal</b> (O) secreto, por <i>Clémence Robert</i> . 2 vol. 15000	15000
<b>Um cabelo!</b> disparate cómico em um acto, por <i>Don Francisco Corona Bustamante</i> , traducção de <i>Antonio Vieira Lopes</i> . 1 vol.....	240
<b>Um livro</b> intimo, fragmentos, por <i>Alfredo Campos</i> . 1 vol.....	200
<b>Vendetta</b> (La), por <i>Balzac</i> , versão livre de <i>Bulhão Pato</i> . 1 vol. em 8.º.....	400
<b>Vergonha</b> (A) que mata, romance, por <i>Amédée Achard</i> , traducção de <i>Lopo de Sousa</i> . 1 vol.....	500
<b>Vermelhos</b> , brancos e azues, por <i>M. P. Chagas</i> . 1 volume.....	500
<b>Versos</b> de <i>Maria Rita Chiappe Cadet</i> , dedicados á exc. <sup>ma</sup> snr. <sup>a</sup> D. Joanna Gil Borgia de Macedo. 1 vol... 15000	15000
<b>Victoria</b> da França, 4 de setembro de 1870, por <i>Guerra Junqueiro</i> . 1 vol. em 12.º.....	100
<b>Victorias</b> (As) dos portuguezes em defeza da sua independencia, escripto anti-iberico, por <i>D. Miguel Sotto-Maior</i> . 1 vol. em 12.º.....	360
<b>Vida</b> d'el-rei D. Affonso vi, escripta no anno de 1684, com um prefacio, por <i>Camillo Castello Branco</i> . 1 vol. 400	400
<b>Vienna</b> e a Exposição, pelo visconde de <i>Benalcanfôr</i> . 1 vol.....	600
<b>Vingança</b> (A) da baroneza, por <i>Ponson du Terrail</i> , traducção de <i>J. Guimarães</i> . 1 vol. em 12.º.....	500

<b>Virtude</b> (A) de Rosina, romance, por <i>Arsenio Houssaye</i> , traduzido por <i>Alberto Pimentel</i> . 1 vol. em 12.º... 400	400
<b>Visão</b> dos tempos. Antiguidade homérica—Harpa de Israel—Rosa mystica. 2.ª edição, 1871, correcta e augmentada, por <i>Theophilo Braga</i> . 1 vol. em 12.º..... 500	500
<b>Visconde</b> (O) de Ouguella, perfil biographico, por <i>Camillo Castello Branco</i> . 1 vol. .... 500	500
<b>Vislumbres</b> , poesias, por <i>David de Castro</i> . 1 vol. em 8.º..... 500	500

## COMMERCIO

<b>Bancos</b> (Os) em Portugal em 1875, por <i>José Joaquim Pinto Coelho</i> . 1 vol. .... 300	300
<b>Estudos</b> sobre a escripturação mercantil, por <i>José Maria d'Almeida Outeiro</i> . 3.ª edição. 1 vol. .... 1\$200	1\$200
<b>Methodo</b> facil de escripturar os livros, por <i>M. Edmond Degrange</i> . 5.ª edição. 1 vol. .... 1\$500	1\$500
<b>Tratado</b> completo de arithmetica pura e applicada ao commercio, aos bancos, ás finanças e á industria, por <i>José Nicolau Raposo Botelho</i> e <i>Antonio da Silva Dias</i> . 1 vol. .... 1\$500	1\$500



ULTIMAS PUBLICAÇÕES

ERNESTO CHARDRON

EDITOR — PORTO

—❦—	
Visconde de Benalcanfor	
DE LISBOA AO CAIRO (scenas de viagem), com um esboço biographico, pelo sr: Pinheiro Chagas, -1 vol. ....	600 reis
David de Castro	
VISLUMBRES, 1 vol. ....	500 .
Lord Byron	
OS AMORES DE D. JUAN, extracto do immortal poema, por João Vieira, 1 vol. ....	400 .
Augusto Luzo da Silva	
IMPRESSÕES DE NATUREZA, 1 vol. ....	500 .
J. de Vilhena Barboza	
ESTUDOS HISTÓRICOS E ARCHEOLÓGICOS, 2 vol. ....	15200 .
Gomes de Amorim	
CANTOS MATUTINOS, 3.ª edição, 1 vol. ....	800 .
Anthero do Quental	
ODES MODERNAS, 2.ª edição, 1 vol. ....	400 .
Jacquinet	
QUADRO DO MUNDO PHYSICO, ou excursões atravez da sciencia, 1 vol. ....	500 .
Balmes	
O CRITERIO, philosophia pratica, 1 vol. ....	600 .
Shakespeare e Castilho	
SONHO DE UMA NOITE DE S. JOÃO, 1 vol. ....	500 .

ESCA de QUETIRO

RAMALHO ORTIGÃO



ASTARIAS

S. P. B.  
M. B. 1874

holog.

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

---

# AS FARPAS

---

CHRONICA MENSAL

DÁ POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

---

## NOVA SERIE

---

TOMO V

---

Maio a Junho

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL,  
Rua dos Calafates, 110

---

1876





COMPRA 196473

~~5352~~

PP  
/ (3)

Ironia, verdadeira liberdade! Es-  
tu que me livras da ambição do  
poder, da escravidão dos partidos,  
da veneração da rotina, do pedan-  
tismo das sciencias, da admiração  
das grandes personagens, das mys-  
tificações da politica, do fanatismo  
dos reformadores, da superstição  
d'este grande universo, e da ado-  
ração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

## SUMMARYO

Os divorcios na Relação de Lisboa, ou a dissolução social. Theoria do namoro e a sua nota pelintra. O amor. O casamento, liga contra a perversão, contra as enfermidades e contra a morte. A responsabilidade da igreja, da litteratura e das tradições sociaes. O adulterio e suas causas. Os desquitos. — O sr. padre João, symbolo da nossa instrucção superior. — A exposição das Bellas-Artes. Por que não temos pintores. A pintura historica, os quadros de interior, a paizagem. As condições da arte. A estatuaria. Uma grande obra. O sr. Soares dos Reis. — O concurso para a adjudicação do theatro de D. Maria. Os theatros do Estado, estabelecimentos condemnados pela hygiene e pela arte. De como o theatro de S. Carlos e o de D. Maria correspondem a um envenenamento da saude publica. O palco, a sala, a *mise-en-scène*. A arte dramatica e a burguezia. Por que não ha em Portugal auctores dramaticos. O talento e os premios officiaes. — O *Diario de Noticias* e a beneficencia publica. Theoria da caridade. A esmola. A philantropia. Os meios de fazer o bem. — Innocencio Francisco da Silva.

O *Diario de Noticias* publicava ha poucos dias as seguintes linhas:

«Desde que está em vigor o código civil teem-se proposto as seguintes acções de divorcio: No anno de 1868, 10,9 intentadas pelas mulheres e 1 pelo marido; em 1869, 21,17 intentadas pelas mulheres e 4 pelos maridos; em 1870, 25,19 intentadas pelas mulheres e 6 pelos maridos; em 1871, 20,14 intentadas pelas mulheres e 6 pelos maridos; em 1872, 30,27, intentadas pelas mulheres e 3 pelos maridos; em 1873, 33,21 intentadas pelas mulheres e 12 pelos maridos; em 1874, 25,16 intentadas pelas mulheres e 9 pelos maridos; em 1875, 18,15 intentadas pelas mulheres e 3 pelos maridos; e no presente anno, até hoje, 5,3 intentadas pelas mulheres e 2 pelos maridos; total 187, ou seja 141 pelas mulheres e 46 pelos maridos.»

Estes numeros referem-se unicamente á Relação de Lisboa.

Nada mais grave do que o caso de que se trata. Cento e oitenta e sete divorcios nos ultimos sete annos denotam uma perturbação progressiva no principio da familia, o que equivale a dizer — na fonte da moral.

De todas as instituições portuguezas a unica definitiva, a unica estatica, a unica inviolavel é

a familia. Se esta tende a dissolver-se, então, meus caros senhores conservadores, nada mais nos resta que conservar. Deante de tal catastrophe, a ironia emudece, porque não tem força sufficientemente subversiva e demolidora. Pedimos para nos substituir — o terremoto.

\*

Para comprehendermos como o divorcio sobrevem é preciso examinarmos como o casamento se contrae. A maioria dos casamentos em Portugal não se effectuam por accordo das familias ou como ordinariamente se diz, *por conveniencia*; tambem se não effectuam *por amor*. O casamento verdadeiramente portuguez é o casamento — *por namoro*.

O que é o namoro?

O namoro é a occupação predilecta, muitas vezes exclusiva, de uma quantidade innumeravel de individuos que, ao abrigo dos costumes e a salvo da policia, praticam por habito, por moda, por dever de dandysmo, em plena impunidade, o attentado mais estúpido, mais grosseiro, mais ordinario, mais pelintra, que um homem de espirito e um homem de bem pôde commetter em detrimento da dignidade, da

honra, do culto e da religião domestica. Este acto consiste em atrahir e fixar n'um passeio, n'um theatro, n'uma igreja, o olhar de uma menina honesta; de a seguir até casa, como se s'gue uma *lorette*, a ella, que vae ao lado de sua mãe, no meio dos seus irmãos mais novos ou pelo braço de seu pae; de lhe dirigir ao outro dia uma declaração de amor por intermedio de um jornal complacente ou de um criado brejeiro; de lhe pedir uma resposta, uma entrevista, um signal *de que lhe não é indifferente*.

A menina, para a qual toda a educação do espirito até ali recebida tem sido uma preparação para esta crise e um annuncio do seu advento, ella, a quem já tardava a experiencia propria de uma d'essas aventuras que constituem o elemento principal dos livros que lhe teem deixado lér, dos romances, dos poemas, das gravuras e das lythographias que tem visto, dos dramas e das operas que tem ouvido, ella, cujas amigas todas namoram, ella, a quem o proprio confessor perguntou já por duas ou tres vezes, em voz baixa, no mysterio sombrio do confissionario, por meio de um circumloquio da cartilha se ella não namorava tambem, ella, finalmente, que foi conduzida e guiada até á

romanesca situação que repentinamente lhe apparece por todas as suggestões e por todas as influencias sociaes, pela litteratura, pela arte, pelos costumes, pela propria religião, — responde a esse homem, responde por uma carta, por um annuncio, por um signal, por um mero olhar agradecido: *que não é indifferente.*

Começa então para os dois a convivencia clandestina dos namorados.

Ella illude a vigilancia carinhosa de sua mãe; evade-se aos reparos severos de seu pae; escreve ás escondidas; levanta-se de noite para apparecer a uma janella; confia o seu segredo a um cocheiro, a um lacaio, a um moço de recados; torna seus cúmplices a sua criada de quarto e os seus pequenos irmãos; inventa subterfugios, expedientes, suppostos convites, fingidas doenças; enreda, atração, mente; vive na hypocrisia, no fingimento; na indignidade; torna-se triste, nostalgica; cretinisa-se no spasma cerebral da ideia fixa. Como ordinariamente a primeira aventura se dá ao sair do collegio, ao completar os estudos elementares, ella em vez de proseguir no desenvolvimento d'esses conhecimentos embrionarios, principia a esquecer successivamente quanto aprendeu. Contrae o

desgosto do trabalho, o tédio dos simples costumes domesticos, o odio á serenidade prosaica da vida burgueza. Deseja as fortes excitações da musica sensual, dos livros prohibidos. Faz-se desvanecida e vaidosa. Tem o fetichismo da *toilette* e a adoração da sua propria pessoa. Chega a acreditar, ás vezes, que é effectivamente *uma rainha, uma deusa*, e que o seu olhar, que ella consulta ao espelho, póde talvez, como *elle* incessantemente lhe repete, *dar a morte ou dar a felicidade paradisiaca e suprema*.

Elle, pela sua parte, escolhe para representar deante d'ella, entre todos os galãs da legião romantica, o papel que lhe parece mais seductor, mais poetico, mais commovente. Como ella o não conhece, como ignora a historia da sua vida real, como o não vê senão de passagem na rua, no theatro, como lhe não falla senão de fugida no intervallo de uma quadrilha, durante uma volta de valsa, elle póde bem apresentar-se-lhe sob o character postico de qualquer personagem litterario. Resolve ser, por exemplo, *Antony, o duque Job, o marquez de Villemer, o sr. de Camors*, e regula as suas opiniões, o seu estylo epistolar, a sua *toilette*, as suas maneiras pelo typo do personagem que adoptou.

Porque, em fim, o que elle pretende é deslumbra-la, commovel-a, seduzil-a! Ora não será confessando-lhe francamente que morre pela perna de carneiro com alho, que tem um fraco pelo queijo saloio, que soffre uma tympanite e um calo de olho de perdiz, que lhe está a sair um dedo do pé por um rasgão da meia, que ganha oito tostões por dia, que errou uma somma no seu escriptorio, que levou uma reprehensão do seu chefe de secretaria, que traz um peito postiço sobre uma camisa suja, não será, em summa, apresentando-se-lhe tal qual é,—pobre diabo, sujo, poltrão, guloso, obscuro, com dividas, com caspa, com joelheiras nas calças, com uma nodoa no collete, com um vicio occulto, com uma doença escondida, com mau halito,— que elle mostrará merecer inteiramente os epithetos que ella lhe dirige: — *meu anjo! meu Deus! meu tudo!*

E é n'este fingimento, n'esta impostura, n'este logro, n'esta baixa idolatria reciproca, de estylo safado, dissolvente, abjecto, nojoso, torpe, alastrado em duas almas, como um pingo de azeite sobre uma superficie de papel de mata-borrão, que esses dois entes desgraçados — que hão de ser um dia marido e mulher — se iniciam para



a grande lucta pratica, para a grave e austera vida domestica !

\*

Quinze dias, oito dias, ás vezes dois dias apenas, de intimidade conjugal, bastam para dar aos dois uma disillusão horrenda.

Não, elle não é o *conde de Camors*, o *marquez de Villemet*, o *duque Job*. Elle é um burguez bom homem, que se levanta ás oito horas, que calça as suas chinelas, que toma as suas medicinas refrigerantes, que faz a barba em camisa de dormir, que quer, ás nove horas em ponto, dois ovos quentes, uma chavena de café com leite e duas fatias de pão torrado com manteiga; que, se lhe derem por qualq̃uer d'estas coisas um *um olhar*, um *longo olhar*, d'aquelles que dois dias antes davam *a vida*, *a felicidade suprema*, grita que prefere café com leite; que não pôde viver de sorrisos e de ternuras; que não é um ente imaginario e chimérico; que o que elle é — (e como tal o devem respeitar e distinguir) — que o que é, verdadeiramente (e então o declara pela primeira vez), é *um burro de trabalho* ! que se massa para sustentar a casa; que precisa de comer ás horas, que quer os

seus ovos quentes e o seu pão molle, justa compensação de tantas fadigas!

Ella comprehende então — ai! demasiado tarde! — que aqueceu no seu seio poetico a vibora envenenada da prosa. Tem um ataque de nervos, rasga o roupão de rendas, á *Margarida Gautier*, que mandara fazer na Aline, que perfumara com um *sachet de opoponax*, com destino á lua de mel. Chorou todo o dia, rasgou cartas de velino côr de perola, perfumadas a *opoponax* como as rendas da sua *robe de chambre*, deitou á pia antigos ramalhetes de flores seccas e amores perfeitos esmagados entre folhas de albuns.

Ao fim da tarde, ao jantar, quando elle chega, está feia — primeira contravenção do dever! Tem os olhos pisados, o cabello despenteado e sujo, está de sapatos achichelados, sem espartilho, sem collarinho, sem *toilette* e sem banho. Elle acha-lhe um aspecto e sente-lhe um cheiro parecidos com o que ha á hora matinal do almoço em algumas casas vigiadas pela policia, e procura abafar no fundo do seu coração o primeiro movimento instinctivo da repulsão e do desprezo.

Foi para isto que elles consumiram um ou dois annos de vida na falsidade e na mentira,

sacrificando o trabalho, compromettendó o futuro, e pervertendo-se um ao outro!

\*

Os que se não casam n'estas condições, os que não baseiam o casamento no namoro, partem de um principio igualmente errado: pretendem fundar no amor a felicidade conjugal.

O amor é um estado essencialmente transitorio. É como uma enfermidade. Tem a sua phase de incubação, o seu periodo agudo, a sua declinação e a sua convalescença. É este um facto reconhecido e ratificado por todos os physiologistas das paixões.

N'um capitulo intitulado *Morte natural da paixão*, o sr. Lotourneau diz: «Depois de termos apaixonadamente desejado um bem ou um prazer, obtemol-o e gosamol-o. Então geralmente a paixão diminue ou morre. Effectivamente a realidade é tão differente do ideal de perfeição, da felicidade gerada na imaginação do apaixonado, que elle desengana-se e cura-se.»

Byron, um experimentado, diz nas suas *Memorias*: «Não póde haver uma vida toda de paixão como não póde haver um tremor de terra permanente ou uma febre eterna.»

Sempre que a paixão não diminue e se extingue, ou se converte n'outra paixão, ou persiste. N'este ultimo caso é o apaixonado que succumbe — pela alienação mental.

O amor, que é uma paixão cerebral, de todas as paixões a mais passageira e a mais ephemera, obedece fatalmente á lei commum citada por Letourneau, confirmada por todos os psychologistas e por todos os observadores.

Ora, se o amor é uma crise, de sua natureza transitoria, é claro que elle não póde constituir o elemento vital de um estado definitivo e permanente como é o casamento.

Os conjuges que esperam manter a felicidade conjugal na chamma viva do puro amor eterno, estão condemnados a receber do tempo um desmentido cruel.

Fundar o casamento no amor é simplesmente não achar no entendimento e não achar no coração a differença que existe entre a concubina e a esposa. Foi seguindo essa errada opinião vulgar que a igreja decretou o celibato ecclesiastico, como condição de *pureza*, — o que levou Proudhon a dizer que, pela comprehensão do casamento a igreja mostra que lhe falta uma coisa: falta-lhe religião; é naturalista.

O amor sensual é unicamente o amor livre. Disciplinado pela união eterna do homem e da mulher, o amor sublima-se, muda de natureza, muda de nome. É a profunda dedicação ideal de alma para alma. Funda-se no respeito. Chama-se — a castidade.

Para o casamento o amor é apenas uma sollicitação physiologica exercida pela natureza sobre o temperamento dos celibatarios. Nada mais.

D'ahi por deante a alliança conjugal mantem-se independente do amor; é-lhe imminantemente superior, dispensa esse alliado subalterno e impuro.

\*

O casamento estabelece-se na razão, no sentimento da dignidade humana, no dever, no direito, na virtude e no proprio interesse. As suas raizes internam-se ao mesmo tempo no que ha de mais elevado e no que ha de mais profundo na alma do homem.

O casamento é a identificação de duas pessoas imperfeitas n'um individuo completo.

A questão da desigualdade dos dois sexos foi julgada com lucidez inexcedivel por Proudhon e por Auguste Comte. A mulher não é igual, nem inferior, nem superior ao homem; é-lhe

equivalente. A formula proudhonniana é a seguinte:— o homem tem 8 em força e 2 em belleza; a mulher tem 8 em belleza e 2 em força. De sorte que o homem vale 8 mais 2; a mulher vale 2 mais 8.

A fraqueza feminil, a fraqueza que inibe a mulher de se *emancipar*, de viver independente do homem, é exactamente o defeito que lhe dá a sua qualidade eminente — o mimo, — qualidade de que o homem carece, e por falta da qual elle tambem não pôde *emancipar-se*, não pôde viver independente.

Só, a mulher acaba pelo descorçoamento e pela fadiga. Só, o homem acaba pelo embrutecimento e pela bestialidade.

O celibato é uma amputação nas forças e nas faculdades mentaes do homem. A intima convivencia da mulher revela na comprehensão do universo e do mundo moral noções que o nosso estudo não pôde descobrir desalliado d'essa collaboração. Ha uma serie de pontos de vista que só podem ser achados pelos dois, e são o resultado especial do *poder conjugal*, poder formado da combinação das faculdades do espirito feminino com as do espirito do homem. Na intelligencia de cada um dos sexos ha um grande nu-

mero de substancias, para assim dizer, amorphas, que precisam de combinar-se com os elementos intellectuaes do outro sexo para terem o que chamariamos em chimica mineralogica a *crystallisação*, a fórma regular, a expressão geometrica. As aptidões do homem reunidas pelo casamento ás aptidões da mulher são como os alcalis e os acidos que, combinados, produzem substancias novas.

Qual é a familia em que a educação da mulher não tenha sido completada pela educação do homem? e em que o homem, por mais eminente que elle seja, não deva lições profundas e serviços relevantes ao espirito de economia, ou aos habitos de ordem, ou á sagacidade scintillante da mulher, que, em certo dia, ou em muitos dias, o salvou com um dito, com uma ideia, com um repente, de uma conjunctura difficil, dando-lhe a solução do problema que elle debalde procurara resolver sosinho?

Vejam-se os testemunhos de Michelet, de Guizot, de Stuart Mill! Veja se o perfeito accordo da theoria de Proudhon com a realidade da sua vida domestica! Veja-se a influencia da familia na organização dos trabalhos litterarios de Victor Hugo, casado desde os vinte annos!

Nos *Ensaio de demographia*, ultimamente apresentados pelo doutor Bertillon á Academia de Medicina de Paris, os resultados da applicação da estatística ao estudo das collectividades humanas demonstra, sobre os grandes numeros da população da França, da Belgica e da Hollanda :

1.º Que nas pessoas solteiras a mortalidade é perto de duas vezes maior que nas pessoas casadas.

2.º Que o augmento de vida para os que se casam entre os vinte e os vinte cinco annos de idade, é de cinco annos a mais do que os solteiros.

3.º Que entre as pessoas solteiras ou viuvas, comparadas com as pessoas casadas, se dão annualmente :

Duas vezes mais casos de alienação mental;

Duas vezes mais attentados contra a propriedade;

Duas vezes mais homicidios e mais violencias contra as pessoas;

Duas vezes mais suicidios.

Estas proporções mantem-se egualmente para os dois sexos e em todas as idades.

Assim temos que, apesar dos enormes traba-



lhos da gestação e das suas consequencias, dos graves accidentes puerperaes, dos cuidados e das fadigas da amamentação, da criação e da educação dos filhos, a vida da mulher casada é muito mais longa que a da mulher solteira.

O homem, apesar do grande excesso de trabalho que contrae por via da responsabilidade da familia, apesar dos innumerados encargos de que se rodeia, apesar do sacrificio da liberdade, do descanso e da riqueza, feito á mulher e aos filhos, apesar das difficuldades economicas da vida multiplicadas pelo casamento, resiste no entanto, mais poderosamente depois de casado do que em solteiro, ao vicio, á tentação criminosa, ao desalento, ao desgosto da vida, á fraqueza e á enfermidade.

O casamento é portanto a mais poderosa alliança que a creatura humana póde contrahir no meio da concorrência social.

É a alliança contra a indisciplina, contra a desordem, contra a dissipação, contra a aberração mental, contra a perversidade, contra o embrutecimento, contra a degradação, contra a fragilidade, contra as doenças do espirito, contra as doenças do corpo, e, finalmente, contra a morte.

É o pacto indissolúvel para a moral, para o bom senso, para a justiça.

\*

Bem vêem que seria subalternisar extremamente o casamento insistir ainda em considerá-lo como a pura satisfação do amor.

Não é uma satisfação o casamento, é um sacrificio, e é precisamente como sacrificio que elle dá á consciencia a sanção moral que constitue a felicidade mais absoluta a que póde aspirar o homem, — a felicidade de merecer a vida para a dedicação, e de merecer a morte como o descanso devido áquelle que cumpriu valorosamente no mundo a obra da boa vontade.

O governo dos Estados Unidos acaba de collectar o celibato. Nunca o imposto assentou em base mais equitativa. O casamento é n'uma sociedade o mais importante serviço prestado á moral e á saude publica. O imposto sobre o celibato tem por fim equiparar, dentro dos limites da intervenção governativa, a contribuição proporcional de cada um para o proveito da comunidade.

Se os dramas e os romances, se os sermões e as praticas, se os cathecismos da moral e os

catecismos da religião, se todos os grandes agentes da nossa educação tivessem contribuído para dar-nos o justo criterio do casamento, o *namoro*, essa grande chaga, desapareceria dos costumes, e o homem aprenderia a honrar o amor, não como um passatempo frívolo ou como um desfarce do desejo, mas como um convite da natureza para a sua afirmação moral na dignidade perfeita, no completo dever, na grande verdade da vida e do destino humano.

\*

Segundo os numeros citados pelo *Diario de Noticias*, entre os queixosos que requerem o divorcio é muito maior o numero das mulheres que o numero dos maridos, — o que prova que a culpa principal da dissolução da familia em Portugal cabe ao homem. Assim é effectivamente. O grande culpado é elle. Umaz vezes como marido, outras vezes como amante, elle é o reu principal nos crimes domesticos.

A mulher portugueza, falsamente educada nos principios estheticos e nos principios religiosos mais dissolventes da energia do character e do senso moral, está tão desarmada para resistir ao adulterio depois de casada como para resistir ao namoro enquanto solteira.

Por outro lado as mesmas condições que a enfraquecem a ella aperfeiçoam o homem no manejo de todas as tacticas, de todas as astucias por meio das quaes se pôde sitiar e combater a virtude.

Seria possível resumir em poucas paginas o *manual do seductor*. É um systema, uma serie de planos completos, em que tudo está previsto como na esgrima: a finta, a resposta, o golpe. Nenhuma das pessoas ignorantes d'essa moderna arte *de ser amado* pôde nem de longe calcular a perfeição dos innumeraveis expedientes de que dispõe um *entendido*. A difficuldade maior no processo de seduzir consiste em descobrir na mulher um defeito capital. Se ella o não tem é invulneravel. Se o tem, applica-se-lhe o processo correspondente ao seu ponto fraco, e ella cae. O processo consiste no emprego assiduo, insistente, continuo, de uma serie de sophismas tendentes a fazer-lhe considerar o amor como a apothese do defeito que se lhe descobriu. Algumas vezes o processo é indirecto. Assim quando o defeito é a vaidade ou a inveja, a côrte de um verdadeiro entendido dirige-se á amiga intima da mulher que se requesta. Quando o culto simulado á que se tomou por *meio* gerou

a humilhação e o despeito na que se tem por *fim*, o seductor offerece em sacrificio á segunda o desprezo da primeira, o desprezo immediato, profundo, eterno, para toda a vida, a troco de uma palavra, que elle espera, ali, aos pés d'ella, como a sua sentença de vida ou de morte.

De cem mulheres vaidosas, noventa e nove proferem essa palavra, que *elle espera, ali, aos pés d'ella*, etc.

E nem uma só comprehenderá, nem na hypothese referida nem em centenaes de outros casos que não temos tempo de indicar, que é victima de um jogo indigno, de um frio calculo premeditado, de uma burla cruel!

No triangulo symbolico da culpa tal é a mulher e tal é o amante! Ella tem os defeitos fataes de uma educação viciada; elle tem a habilidade, o estudo, o talento, a mais lata premeditação do crime.

\*

Veamos agora o marido.

É-lhe tolerado o adulterio, que a sociedade absolve e que o codigo consente, menos nos tres casos previstos no paragrapho 2.º do artigo 1204: escandalo publico, inteiro desamparo da mulher, etc.

Perante os tribunales, perante a sociedade, perante a physiologia, o adulterio masculino sem escandalo, sem abandono, é um facto sem importancia. Não succede porém o mesmo se o considerarmos nos seus resultados sobre a vida domestica e sobre a dignidade da familia.

A primeira consequencia do adulterio do marido é obrigar-o á mentira. A mentira é a prostituição do homem. Quando Stuart Mill pretendeu reorganisar em novas bases as relações do trabalho e do salario na sociedade ingleza, o principal argumento que adduzia contra o regime vigente era que o operario por subserviencia ou por temor ao patrão adquiria o habito de mentir. Este habito, contrahido por uma classe inteira, Stuart Mill considerava-o uma catastrophe para a Inglaterra.

A mentira do marido adultero é muito mais deprimente e muito mais funesta que a do operario assalariado, porque envolve um facto mais grave do que o servilismo, envolve a traição. É uma catastrophe para a dignidade do homem. Dá-lhe a pouco e pouco o desgosto e o desprezo de si mesmo. Avilta-o e relaxa-o.

Além d'isto a sua ligação clandestina inspira-lhe necessidades de dissipação e de desordem ;

torna-o melancolico, desgraçado, como todos os que não teem um rumo serio na vida, como todos os que perderam o elevado sentimento da fidelidade ao principio do dever. A sua tranquillidade domestica conservada por um enorme esforço de falsidade e de hypocrisia, a estima dedicada e sincera da sua mulher, o respeito dos seus filhos, a alegria das suas festas de familia, pesam-lhe como o remorso de um roubo que elle está perpetrando em cada dia, em cada hora.

Além de criminoso, o adúltero sente-se também ridiculo, porque, no fim de contas, por mais que os romancistas e os poetas tenham procurado dramatisar este genero de situações, nada fundamentalmente mais irrisorio do que — um pae de familia apaixonado.

Este conjuncto de circumstancias faz do marido infiel a pessoa de mais detestavel convivencia, e explica o desafogo do despeito de si mesmo por meio das *sevicias e injurias graves*, fundamento legitimo da separação de pessoa e bens alegado pela mulher que se desquita em juizo.

De outras vezes o divorcio é uma simples especulação de interesses. O conjuge pobre, casado por ganancia, promove as causas de

separação legal para forçar o conjuge rico a desquitar-se abandonando-lhe metade dos seus bens, — iniquidade sancionada pelo Codigo Civil.

Deploravel ! immensamente deploravel !

---

Segundo noticiam os jornaes do Porto, foi ali querelado o sr. padre João Antonio Pinto de Resende, director de um collegio, por haver corrigido um alumno de quatorze annos de idade, applicando-lhe algumas bofetadas e — trinta e seis palmatoadas ! O estudante, examinado pelos peritos, foi considerado impossibilitado de se servir dos braços durante quinze dias ; rebentou-lhe o sangue por entre a pelle e as unhas ; deprimiram-se-lhe por tal modo os musculos que ficou com os braços convulsos e incapazes de qualquer esforço.



Só um verdadeiro rancor de clérigo, *odium theologicum*, póde levar um homem a espancar por tal modo uma creança, friamente, systematicamente, por espaço de dez ou quinze minutos, como se se tratasse de cumprir o dever da tortura no tribunal do Santo Officio.

Levantar entre os dedos, no altar da misericordia e do perdão, a hostia consagrada, parece ser a missão e o officio mais leve, não é verdade? Pois bem: não ha nada que torne a mão mais pesada. Um rachador, passando a sua vida a cortar a machado a espessa e dura fibra dos carvalhos seculares, daria no seu pequeno aprendiz uma pancada brutal, mas não repetiria esse golpe trinta e seis vezes, tranquillamente, pacientemente, piedosamente, como quem desfia n'um rosario as Ave-Marias da corôa á Virgem Purissima.

\*

Notamos o acto commettido por este sacerdote, porque elle tem para nós a importancia social de um grande symbolo.

O sr. padre João, talvez sem o pensar, representa, em ponto pequeno, dentro da esphera dinamica do seu braço ecclesiastico, o que é, em ponto grande, a instrucção official portugueza,

que elle se encarrega de propagar por meio da sua ferula.

\*

Paes e mães de familia ! meus senhores e minhas senhoras ! queiram olhar para este pequeno alumno espancado pelo seu mestre em nome das necessidades do ensino secundario do curso dos lyceus ! Tenham a bondade de reparar bem...

Soltou-se-lhe o sangue pisado por entre as unhas e a pelle, tem o cerebro atrophiado, os cabellos hirtos, os olhos pasmados, o passo vacillante, o corpo tremulo, os braços pendentes. Está inapto para tudo por espaço de alguns dias. É preciso, por um tratamento especial, reconstituir-lhe o seu systema nervoso e o seu systema muscular, acarinhá-lo, leval-o docemente á coordenação dos seus movimentos e á connexão das suas ideias, reconciliá-lo com a vida, com o estudo, com o respeito dos mestres, e fazel-o recommear em seguida os trabalhos da sua educação suspensa e compromettida.

Viram bem, attentaram devidamente no espectaculo que apresenta essa pobre creança ao sahir das mãos rigorosas e inhabeis do sr. padre João ?...

Pois abi teem, meus senhores e minhas senho-

ras, expresso por uma imagem corporea, o vivo retrato do que ha de ser, aos vinte annos, o estado intellectual e o estado moral dos seus filhos ao sahirem, não do poder de um simples perceptor da infancia, mas do seio do primeiro dos nossos estabelecimentos de instrucção, da universidade de Coimbra!

Os vossos filhos bachareis formados terão esse mesmo abatimento, essa prostração, esse desanimo. Ter-lhes-ha espirrado d'entre as unhas e a carne, espalmada pela pressão de um implacavel regimen dogmatico, a forte seiva do talento, da mocidade, da energia moral. Estarão atrophiados nos musculos brachiaes e nas circumvoluções do cerebro. Com as suas cartas do bacharelato dobradas na algibeira de uma sobrecasaca de mendigo envergonhado, achar-se-hão perdidos e abandonados na vida, sem direcção, sem norte, sem principios, sem convicções, sem ideias nitidas e praticas, tendo aprendido tudo, menos a pensar, a discernir, a resolver os negocios, a atacar finalmente o grande problema da vida.

Então uns lançar-se-hão na crapula, outros na intriga constitucional a que se convencionou chamar *a nossa politica*, outros no jacobinismo,

na conspiração, na revolta, na mysantropia, e acabarão na alienação mental, no suicidio.

Algun, raro, terá a enorme coragem de recommençar — de recommençar exactamente no ponto em que julgára ter chegado ao fim! Isolar-se-ha no seu gabinete, no meio de novos livros desconhecidos. Reconstruirá por si mesmo, linha a linha, pagina a pagina, as suas noções da natureza, da sociedade, da historia, do sentimento, da religião, do trabalho. Obscuro, esquecido, despremiado, pobre, desvelará as noites no estudo, na concentração de todas as faculdades sobre o fio systematico das suas acquisições mentaes.

E assim conseguirá talvez, ao cabo de alguns annos do trabalho mais improbo e mais persistente, aprender á sua propria custa aquillo que se não tinham lembrado de ensinar-lhe: a ser um homem e um cidadão. Quero dizer: por esses meios therapeuticos e hygienicos elle terá recuperado o sangue perdido sob a ferula official, terá reconstituído uma pouca de substancia cinzenta na massa cephalica, alguma consistencia na espinha desformada e um biceps em cada braço.

Será inteiramente o caso do menino espan-

cado no Porto. Sómente o sr. padre João já não será responsável; e não podereis desaggravar-vos chamando-o aos tribunaes, porque, apezar da habilidade que denota possuir para fazer imbecis, elle ainda não faz doutores. E admira que os não faça! Quem dá tantas palmatoadas juntas, podia bem começar a dar igualmente, de quando em quando, — um grau.

---

A exposição das bellas artes, que acabamos de visitar, prova com a mais expressiva evidencia que, decididamente nenhum de nós pôde repetir o estafado chavão: *Anche io sono pittore!*

Falta-nos, primeiro que tudo, a maneira, o processo, a pratica do *atelier*. Falta-nos depois o estudo da natureza e o estudo da sociedade, aquella parte indispensavel de erudição que dá as ideias geraes, o sentimento da relação,

o ponto de vista, o criterio que domina e systematisa a materia observavel. Falta nos, finalmente, a poderosa influencia que teem sobre as faculdades do artista as faculdades da multidão que o cerca.

Não temos escola, não temos galerias e não temos publico.

O numero dos nossos artistas que teem estudado nas escolas estrangeiras, suppondo que isto bastasse para regenerar a arte, é diminuto, e os estudos de cada um são por falta de tempo imperfeitos. Todas as viagens juntas dos nossos actuaes pintores teem custado ao thesouro menos do que a somma em que importam em um só anno os subsidios pagos pelos diversos governos aos jornaes encarregados de os comprometterem por meio da defesa dos seus actos perante a opinião desinteressada e honesta.

As galerias nacionaes — com excepção da collecção particular do sr. Pedro Daupias — são absolutamente insufficientes para educar o gosto moderno. O proprio atelier, tal como o sabem organizar os pintores de Paris, de Roma ou de Sevilha, não se conhece em Lisboa.

O publico pela sua parte é, em toda a questão d'arte, de uma ignorancia illimitada, assombro-

sa, de tal modo fatal ao estudo e ao gosto, que a base de toda a reforma da nossa educação artistica deveria começar, a nosso ver, por tornar obrigatorio o desenho de figura e de paisagem nos cursos de instrucção secundaria. Os nossos homens mais eminentes nas sciencias e nas letras tem na critica d'arte uma incompetencia que compunge.

Em Lisboa o proprio aspecto da população é a negação mais completa do sentimento da linha e da côr. Chega ao Tejo uma esquadra ingleza e desembarca os seus officiaes e os seus guardamarinhas: basta olhal-os para reconhecer os representantes do paiz da aquarella. Qualquer d'elles pôde ser espesso de fórmis, garrido de côres, exagerado, pretencioso ou ridiculo — como quizerem — mas é sempre pittoresco, porque tem a expressão fortemente accentuada, tem a physionomia, tem a nota caracteristica da sua individualidade.

Nós não temos a linha, não temos a personalidade exterior, não temos a *toilette*, porque nos falta a educação e o amor de classe, a estima e o respeito de nós mesmos; vivemos ao accaso, de expedientes extraordinarios, n'uma especie de interinidade permanente, sem habilitações te-

chnicas, sem especialidade, esperando [mudar de emprego em cada anno e mudar de casa em cada semestre, solicitando, requerendo, intrigando, comprando bilhetes da loteria. Ninguem se considera devidamente fixado no seu destino, contente na sua missão, harmonico na sua vida. Não temos o *typo* do negociante, não temos o *typo* do dandy, não temos o *typo* do soldado, não temos o *typo* do escriptor, não temos o *typo* do operario, não temos *typo* nenhum. Porque em nenhuma coisa somos convictos e correctos. De sorte que a *toilette* e o ar exterior faltam-nos como nos falta a affirmação individual. Assim como, desde o Estado até o ultimo cidadão, ninguem tem o verdadeiro equilibrio da sua receita com a sua despesa, dos seus principios com os seus actos, da sua theoria com a sua existencia, assim tambem n'este fingimento geral, ninguem se atreve a pôr as gravatas correlativas das suas ideias e os colletes correspondentes ás suas opiniões.

D'ahi, o aspecto externo — rebelde á pintura — de uma sociedade incolor.

\*

Os nossos esculptores — reconhece-o toda a



gente e comprova-o mais uma vez a presente exposição — são incomparavelmente superiores aos nossos pintores. Porque?

Porque o esculptor tem muito mais do que qualquer outro artista, a independencia do seu meio, resiste muito mais isolado nos seus proprios recursos. Com um pouco de barro, a sua ideia e um modelo nú, o esculptor está armado para a immortalidade.

O pintor precisa de condições de viabilidade muito mais complexas. Não lhe basta simplesmente achar a fórmula e a expressão de uma figura. Precisa ainda de certo ar, de certa atmosphera, da perspectiva, dos accessorios, de uma multidão de pormenores que constituem o quadro. Nos estudos de interior precisa de ver as cortinas que coam a luz no leito de Desdemona; o raio do sol que se reflete n'um canto do espelho de Manon; a janella que abre sobre o pequeno jardim de Gretchen; o setim das rendas de França com que se ha de vestir Diana, a cortezã, ou Dartagnan, o mosqueteiro; o falcão que terá de pouçar com os seus longos pés descarnados no veludo verde da manga de um pagem de Henrique IV; o morrião e o arcabuz de uma sentinella de Carlos IX; o armario de car-

valho renascença onde guarde a sua biblia, a sua *colletette* e a sua espada um companheiro do principe de Orange; a cadeira de couro esmaltado de azul e ouro a que tem de se apoiar Gil Blaz em casa do arcebispo; o largo talabarte a que ha de suspender-se a *rapière* do capitão Fracasse; a esguia couraça sob a qual tem de bater o coração melancolico de Quichote; as tapessarias da sala de honra e a baixella do banquete a que tem de se convidar a estatua do Commendador ou em que deve surgir o espectro de Banco.

A falta da enorme serie d'esses elementos indispensaveis dá, por exemplo n'esta exposição, o retrato (costume Luiz XIII) do sr. Delfim Guedes, pintado pelo distincto alumno da Academia Portuense de Bellas Artes o sr. Arthur Loureiro. O collarinho do personagem é de um comparsa do zarzuella; as suas luvas imitam a pelle de gamo com um successo tão duvidoso como a autenticidade do veludo de que está vestido o modelo; o feltro e a pluma do chapéu são de uma modicidade de preço incompativel com toda a ideia de pompa. O resultado é que o sr. Delfim Guedes, aliás extremamente semelhante n'este retrato, tem muito menos o ar augusto de subir

ao throno de Clovis do que de descer o Chiado com o bando dos touros, ao som de um zabumba, montado n'um garrano velho, com esparvões! Compare-se com o retrato do sr. Pedro Daupias, costume Philippe II, pintado em Paris por Palma-rolli. Se o sr. Loureiro, consciencioso artista, educado n'um paiz em cuja capital não ha um museu das artes plasticas, não ha um theatro normal, e onde a *mise-en-scene* do unico theatro subsidiado pelo governo tem apenas uma guarda roupa de annunciar touradas, houvesse visto na *Comedie Française* o actor Bressant vestido de Luiz XIII, isso lhe bastaria para aconselhar ao seu modelo a modestia da simples sobrecasaca burgueza.

Para os quadros historicos é indispensavel possuir, além de um profundo sentimento do aspecto exterior dos factos, o ponto de vista philosophico resultante de uma doutrina perfeitamente determinada. O quadro de Meissonier *Mil oitocentos e quatorze* é uma obra de critica parallela ás *Origens dos Bonapartes* de Michelet. É a demolição pelo pincel do artista da funesta legenda napoleonica. Na tela de Meissonier o *grande imperador* já não é a encarnação deslumbrante do genio das batalhas que uma

arte bajuladora e mercenaria, corrompida pelos sobejos das rapinas militares da campanha de Italia, figurou á frente dos granadeiros da guarda, levando em uma das mãos a espada, na outra o pavilhão tricolor, e caminhando a pé para as bocas da artilheria inimiga no celebre combate da Ponte de Lody, ao qual Napoleão nem sequer assistiu! Em *Mil oitocentos e quatorze* Bonaparte é simplesmente o aventureiro derrotado, confundido, humilhado, no meio de generaes que parecem mais aptos para apreciar os proventos pecuniarios das victorias do que a firmeza das almas verdadeiramente heroicas perante a magestade suprema do infortunio.

Para os quadros de paizagem são necessarias as continuadas digressões artisticas, as frequentes viagens, as longas convivencias do campo e a philosophia da natureza. Não basta ir a uma aldeia n'um domingo, sentar-se debaixo de um guarda-sol, e esboçar duas arvores e um bezerro.

A paizagem não significa nada, é uma obra morta, se não nos dá, juntamente com um aspecto da natureza, a impressão do artista que a observou, o sentimento moral acordado pelo phenomeno da visão. O que para mim pessoalmente constitue a superioridade de Corot sobre

todos os paizagistas é que nenhum outro me sus-  
 cita tantas recordações e tantos pensamentos.  
 Troyon é perfeitamente o que eu vi, mas Corot  
 é o que eu *experimentei*. Os seus quadros,  
 apesar dos desprimores technicos de que o pos-  
 sam accusar, são o espelho de alguns dos meus  
 estados de espirito. Figura-se-me que elle viu a  
 paizagem atravez da minha alma e que alguma  
 coisa do meu proprio ser se embebeu no seu  
 pincel. É que effectivamente uma porção do  
 artista que a encheu vive n'essa tella; palpita  
 nas sombras macias com que as arvores aca-  
 rinham esses musgos; respira com devoção e  
 amor a frescura rumorosa d'essas aguas, o per-  
 fume matinal d'esses castanheiros e d'esses fe-  
 nos; participa da alegria das cerejas, das coto-  
 vias, dos lilazes, das abelhas; sente as vagas  
 melancolias sentimentaes do outomno, o extase  
 victorioso da luz do meio dia, e a crise profunda  
 dos fins da tarde, em que a vida diurna se  
 rende á força dos novos entes sombrios, silen-  
 ciosos, innumeraveis, que n'esse momento des-  
 pertam a pouco e pouco para a tragica lucta vi-  
 tal dos obscuros contra os luminosos, de que é  
 theatro a escuridão immensa da noite. E d'essa  
 absorção do artista na natureza viva resulta,

inconscientemente, a grande expressão humana que caracteriza os grandes quadros.

O sentimento que exprime cada um dos pormenores da paizagem não se inventa; é precisamente o sentimento que ali teve o pintor. A ingreme encosta dá-nos a sensação da fadiga, porque elle mesmo a subiu, a pé, com a mochila ás costas, sob o ardor do sol, marcando o numero dos passos com o dos pequenos buracos que deixa o ferrão do seu pau no solo saibrento e duro.

A felicidade abundante das grandes vacas deitadas na pastagem, a casta alegria da casinha branca de janella entre-aberta cingida pela trepadeira verde, a pacificação dos colmos em que pousam as pombas, o consolo dos parreiros que se espanejam nas pôças e das gallinhas que cacarejam ao sol, o fofo repouso da relva, a doce frescura da neblina evaporada dos ribeiros, a hospitalidade da sombra amiga, são no quadro outras tantas expressões de uma impressão pessoal do paizagista.

De modo que não lhe basta saber olhar, tem de saber igualmente sentir, e como a maneira porque se sente depende da maneira por que se se pensa, o paizagista, além de ser artista —

isto é, de possuir a faculdade de dar uma fôrma ao sentimento — precisa ainda de ter ideias, de ser um espirito culto, elevado, superior.

Ora essa elevação intellectual, junta á sensibilidade delicada e susceptivel que procede principalmente da bondade, da pureza, da frescura da alma, depende de um conjuncto de condições moraes e sociaes, que de dia para dia se vão tornando mais raras e mais difíceis na pervertida educação portugueza.

Não, não temos grandes pintores pela mesma razão geral porque não temos grandes stylistas, nem grandes poetas, nem grandes philosophos, nem grandes cidadãos.

\*

Em contrario d'esta theoria podem citar-nos um exemplo singular, o sr. Soares dos Reis. Este artista é uma excepção, que confirma inteiramente a regra geral. Escultor de primeira ordem em qualquer parte da Europa, auctor da mais bella obra d'arte que nos ultimos vinte annos tem apparecido em Portugal, o sr. Soares dos Reis é uma refutação da corrente geral, é uma contestação, é quasi um protesto. N'elle as condições especiaes da vida do homem explicam as qualidades extraordinarias do artista.

O sr. Soares dos Reis vive inteiramente fóra de todas as influencias officiaes, da opinião, da critica, da sociedade dirigente. Adoptou uma fórma da arte que, como já vimos, lhe permite cultivar-se no isolamento da sua officina. Habita uma pequena terra, onde não ha especie alguma de convivencia artistica ou litteraria, quasi uma aldeia, Villa Nova de Gaia. É pobre. É além d'isso um homem perfeitamente digno e honrado, um character simples e modesto, um coração affectuoso e dedicado. Para prover as necessidades da sua familia, para sustentar a sua velha mãe, elle submette-se corajosamente a dirigir uma tenda. O nosso bom e grande amigo Diogo de Macedo contou-nos com o entusiasmo da maior admiração por tanta virtude que lhe tinha comprado arroz e presunto. D'este raro valor, d'esta nobre e corajosa solidão no dever e na responsabilidade domestica, o sr. Soares dos Reis tira o privilegio da sua independencia, da sua isempção, da sua originalidade.

É n'estas condições que elle emprehende executar a estatua que enviou á actual exposição e que tem por assumpto *A arte*.

Imaginemol-o por um momento transplantado do seu fecundo isolamento provinciano para o



meio da sociedade official de Lisboa. Supponhamol-o frequentando o Martinho e o Gremio, a arcada do Terreiro do Paço, a camara dos deputados e o theatro da rua dos Condes; jantando no hotel Universal, comprando cautellas da loteria no Campeão, conversando á porta da Casa Havaneza, lendo os nossos periodicos, ouvindo os nossos oradores, confidenciando com os nossos dilettantes, requerendo do governo um subsidio, um logar de professor, de vogal de um jury, de relator de uma commissão, convivendo com os deputados, privando com os politicos.

Os deputados, os jornalistas, os requerentes, os ministros, os ambiciosos de todas as gerarchias, que constituem a parte dominante da população de Lisboa, os individuos que se absorvem por qualquer modo que seja na politica são como os que se absorvem no jogo: contraem a idéa fixa, o estreito espirito de interesse, o calculo egoista. Tornam-se completamente inaptos não só para comprehenderem mas para se deixarem impressionar pelos grandes espectaculos da natureza e da arte. Atrophia-se-lhes no contacto dos negocios e dos interesses materiaes, na convivencia dos mediocres, dos rhetoricos, dos rabulas, dos especuladores, a fina sensibi-

lidade esthetica, o delicado sentimento desinteressado e poetico das coisas ideaes.

Se em tal meio o sr. Soares dos Reis expusesse o seu intento de fazer a estatua da arte, cada um dos poetas officiaes, seus conhecidos, lhe daria a sua ideia. O sr. Manuel da Assumpção, o sr. Vidal, o sr. Thomaz Ribeiro, entreviriam todos a mulher de longas madeixas, suave perfil grego e estatura de sylphide, sentada sobre o capitel de uma columna destroncada. Em volta d'ella jazeriam os accessorios lyricos e sentimentaes: o calix da amargura e do amor, a corôa das boninas, o album entre-aberto, o esquecido bandolim. Ella, deixando vér a ponta do pé por baixo da fimbria do manto, dedilharia a lyra com os seus dedos de fuso, acabando em bico como os das gravuras de modas. Sobre a sua frente resplandeceria uma estrella, a estrella da predestinação e da gloria; e o seu olhar, ao mesmo tempo languido e profundo, apaixonado e ardente, contemplaria atravez do sidereo azul, nas brumas do crepusculo, a visão do sonho que se lhe revolve na mente.

E por mais que o artista resistisse, a sua figuraria lembraria alguma das mulheres da nossa galeria romantica, a *Hermengarda* do sr. Ale-

xandre Herculano, a *Magdalena* do sr. Pinheiro Chagas, a *Paqueta* do sr. Bulhão Pato, a *Indiana* do sr. Thomaz Ribeiro e até — que o nosso amigo Eça de Queiroz nos perdoe! — a *Carmen* do *Mysterio da estrada de Cintra*.

O sr. Soares dos Reis, é, porém, pelas circunstancias da sua vida, anti-rhetorico, extralitterario. Não podia receber a sua inspiração senão directamente da natureza. As mulheres que elle conhece, as que habitam a sua região, mulheres aliás extremamente bellas, não podiam servir de modelo ao seu assumpto porque padecem a exuberancia da fórma, a immodesta carnção rubenesca, a forte ondulação sensual dos amplos contornos. Restava-lhe fatalmente a creança. Aproveitou o primeiro rapazito que achou na rua. O seu admiravel modelo é simplesmente um pequeno proletario, um legitimo filho da plebe, de Santo André dos Mariolas ou de S. Christovam de Mafamude. Tem sete ou oito annos. Está inteiramente nú. Os seus delicados contornos teem a linha tenra, virginal, de uma innocencia angelica e de uma castidade divina. Conhece-se que foi exclusivamente alimentado a couves e a brôa, os seus tecidos carecem da firmeza muscular que dá o azote, o

seu pequeno ventre tem um desenvolvimento desproporcionado com o dos seus bracinhos delgados e frageis. Está vigorosamente sentado, com o maior arrojo anatomico, n'uma attitude cheia de movimento e de intenção. Collocado quasi de frente, torce-se pela cinta e inclina-se para o lado direito appoiando-se na mão esquerda e traçando sobre um canto da superficie da pedra em que está sentado, por meio de um pedaço de lousa magistralmente empunhado na mão direita, os primeiros lineamentos das suas invenções de desenhista das ruas.

Em toda esta figura admiravel de desenho, de correcção anatomica, de viva e palpitante verdade, nem uma só concessão ao preconcebido, ao convencional. O pé direito levantado do chão e posto todo a descoberto não se parece com nenhuma das extremidades artificialmente presumidas da estatuaría erudita; é um pé vivo, com individualidade, capaz de imprimir na areia humida a pégada expressiva pela qual uma mãe reconhecerá, entre mil vestigiõs indifferentes, a passagem querida do seu filho. As mãos, primorosamente modeladas com um esculpulo cheio de dedicação e de amor, são as verdadeiras mãos democraticas, trabalhadoras e fortes, ainda in-

fantis, mas já com a aspera pelle endurecida e vincada pela experiencia, mãos que engatinharam na lama, esgaravatarem a terra, brincaram com a frialdade da agua, foram gretadas pela neve, mordidas pela poeira, queimadas pelo sol. O cabello curto tem a aspereza hostile das montanhas dos juncos que vegetam á beira dos pantanos.

Tudo quanto ha de superior e de ideal n'esta figura está concentrado na expressão da physionomia em que o auctor encarnou o profundo sentimento da sua alma privilegiada. Esse rosto, animado pela força creadora do artista, ri com a alegria poderosa do genio. Da sua pequena bocca entre-aberta, dos seus fortes labios, dos seus dentes miudinhos sae o fragor guerreiro de uma fanfarra triumphal; no seu olhar heroico fusilam escorvas, relampejam espadas nuas, tremulam pavilhões victoriosos; a chamma interior do talento illumina-lhe com um relampago deslumbrante todas as feições, dilata-se na athmosfera que o cerca, envolve-o como n'uma aureola de luz. Elle representa n'esse momento tudo o que a humanidade pode dar de mais gloriosamente triumphante: elle é David tendo derribado o gigante, é Hercules esmagando a

hydra, é Colombo descobrindo a America. Elle, pobre, nú, fraco, miseravel, achou a arte, a arte que será o seu amor, a sua religião, a sua vida, a sua eternidade! É com o bico d'esse caco, riscando no chão, que elle dominará o mundo, dando á humanidade o supremo thesouro do bello, cumprindo os grandes fins da arte: conciliando os homens, pacificando os fortes, animando os tibios, consolando os tristes, castigando os poderosos, desarmando os exercitos e exterminando os tyrannos.

Esta bella obra exprime um facto consolador, e é que, se em Portugal a sociedade desfaz os artistas, a natureza não se recusa a creal-os.

\*

Prescindimos de analysar os quadros que figuram n'esta exposição, entre os quaes figuram no emtanto algumas obras de artistas de talento.

O mal que esses pintores padecem não provém d'elles, provém, como já indicámos, da sociedade que elles representam. Pretender que elles façam melhor, operando sobre a sua propria obra, é o mesmo que tentar fazer boa uma péra má, operando na propria péra; quando o

que é preciso é — reconstituir o solo em que está plantada a pereira.

---

Quando ultimamente lavrou a noticia de uma commissão nomeada pelo governo para ultimar uma questão pendente com relação ao theatro de D. Maria, suppusemos que o trabalho incumbido a essa commissão era o de ir deitar abaixo o referido theatro; achamos que nunca se utilisára melhor o camartello de crítico do sr. Francisco Palha e a espada de sapor do sr. Luiz de Campos; e applaudimos entusiasticamente a deliberação do governo.

Soubemos, porém, em seguida que o fim da commissão não era arrasar o theatro mas sim adjudical-o a uma empresa dramatica; e ficamos profundamente surprehendidos e pasmados.

O governo resolve e decide pela sua propria

cabeça as questões mais importantes da fazenda, da instrucção publica, da hygiene, dos caminhos de ferro, da politica internacional. Sobrevem de repente um caso imprevisto:—a adjudicação do theatro de D. Maria. Diante de tal difficuldade o governo ata as mãos na cabeça e fica, como o outro que diz, parvoinho.

A base da licitação era a mais completa companhia que o licitante offercesse. Appareceram duas propostas. Uma apresentava uma companhia de *quatorze* artistas, entre os quaes faltavam os tres primeiros actores portuguezes: João Anastacio Rosa, José Carlos dos Santos e Antonio Pedro. A outra companhia constava de *vinte e quatro* artistas, entre os quaes figuravam os tres primeiros actores portuguezes—Rosa, Santos, Antonio Pedro. Uma era mais pequena e peor, outra era maior e mais perfeita. Em tal conjunctura o governo não sabe qual ha de escolher. Reune-se o conselho de ministros e os ministros em conselho hesitam; ouve-se a direcção geral de instrucção publica e a direcção geral vacilla; interroga-se a junta consultiva da mesma instrucção publica e a junta consultiva tremeleia. O ministerio, com todo o seu pessoal technico, com os seus primeiros offi-



ciaes, com os seus corpos consultivos, com as suas seis pastas, com os seus seis coupés da companhia e com os seus seis correios a cavallo, confessa que é incapaz de resolver esta difficuldade extraordinaria e superior ás suas posses: — decidir entre o melhor e o peor qual é o mais conveniente. E, assaltado por esta cruel incerteza, acabrunhado por tão horrorosa duvida, catacego, tremelicante, tropego, lança-se nos braços da opposição e chama o sr. Luiz de Campos.

O sr. Luiz de Campos, presidente do novo gabinete suplementar, resolve espirituosamente atar um bom peso ao pescoço do gabinete ordinario e delibera com os seus ministros, sob a responsabilidade dos outros bem entendido, que o que ha de mais logico a fazer, tratando-se de elegeer entre duas coisas, é optar pela peor.

Em negocios de administração dos theatros temos pois que o ministerio do sr. Fontes Pereira de Mello é como os reis constitucionaes, que apenas reinam. Quem governa é o ministerio do sr. Luiz de Campos.

\*

E todavia a questão theatral é facilíma de resolver, sem duplicar os ministerios, sem abalar,

como acaba de succeder, a imprensa, a critica, os partidos politicos e a opinião publica, que tem mais que fazer,— tudo isto a proposito de uma pura questão de bastidores entre actores e actrizes.

A questão theatral, pelo que diz respeito á interferencia governativa resume-se no seguinte:

O governo tem dois theatros: O theatro de S. Carlos e o theatro de D. Maria.

Estes theatros representam os dois focos de insalubridade mais perfeitamente constatados e garantidos que tem Lisboa. Tanto no edificio de S. Carlos como no de D. Maria a importantissima questão da renovação do ar, tão difficil de tratar na edificação de uma casa de espectaculos pela complicação do problema da acustica com o da ventilação, está completamente por attender. Em noites de enchente, ao segundo intervallo, a sala attesta-se de fumo e de pó. O calor, a difficuldade de respirar, principalmente da segunda ordem para cima, torna-se insupportavel.

O mau cheiro dos canos e do tabaco de fumo, reunindo os seus gazes mephyticos aos da illuminação, da expiração pulmonar e da perspiração cutanea da multidão accumulada n'um espaço insufficiente para a conter, vicia profundamente

a atmosphaera ; produz-se uma enorme combustão de oxygenio ; o ambiente sobrecarrega-se de acido carbonico, de materias animaes, de acido sulphydrico, de gazes ammonicaes, que promovem a irritação das mucoses, os symptomas da asphyxia, a palpitação, a oppressão de todo o apparelho respiratorio, as perturbações da circulação, o refluxo do sangue ao cerebro ou aos pulmões, a frequencia do pulso, uma sensação de vertigem, a séde de ar.

É raro o spectaculo de grande enchente em que um ou mais espectadores se não retirem por não poderem resistir aos effeitos d'esses poderosos agentes morbigenas.

N'aquelles que resistem a uma intimação fulminante os resultados d'essas influencias deleterias accumulam-se successivamente no organismo e ou determinam graves lesões ou desenvolvem rapidamente os germens de enfermidades preexistentes.

Nada mais grave do que a confinação do ar por tal modo viciado nos individuos propensos ás laryngo-bronchites, á ophtalmia, á hemoptyse, á congestão, nos tísicos, nos cardiacos, nos escrofulosos, nos diabeticos, e sobretudo nas mulheres gravidas, para as quaes o medico

Brown-Sequard provou ainda ultimamente que o acido carbonico tinha os mais desastrosos effeitos.

Um hygienista celebre opina que a unica razão porque os habitantes do campo gozam mais saude que os das cidades, apesar da má alimentação e dos excessos de trabalho, é unicamente que nos campos o ar é melhor.

Dois invernos cujas noites se passem habitualmente em S. Carlos ou em D. Maria envelhecem as naturezas feminis, frescas e mimosas, mais profundamente do que cinco ou dez annos de vida em bom ar livre e puro.

Tal é, em resumo, a influencia dos theatros do Estado considerados simplesmente como pontos de reunião da sociedade lisbonense.

\*

Como casas de espectaculos propriamente ditas, como *templos da arte*, segundo alguns lhes chamam, o aspecto dos nossos theatros é ainda mais miseravel e mais lastimoso.

Os palcos teem a velha construcção do seculo passado, inteiramente rebelde á scenographia moderna, á disposição technica dos quadros, aos effeitos scientificos da luz, á collocação das gran-

des telas de paizagem e de architectura; finalmente ás manifestações mais bellas e mais importantes das artes scenicas. O pequeno palco de um café cantante de Londres, onde um quadro de Watteau se reproduz n'uma vasta ampliação deslumbrante de verdade pela sabia disposição dos planos perspectivos e pelas profundas combinações opticas, tem muito mais recursos locaes do que qualquer dos grandes theatros do governo em Portugal.

Para o drama, para a comedia contemporanea a perfeição da *mise-en-scene* não é unicamente um ornato ou um appenso de luxo á obra do escriptor; é um commentario essencial, uma condição insubstituivel, uma parte integrante do desenvolvimento da acção, da affirmação dos caracteres, da essencia da paixão e do drama, da revelação artistica do sentimento e da vida moral.

Por outro lado, na sala, a distribuição dos logares, combinada sob o ponto de vista da sociedade antiga, quando o povo não frequentava o theatro, não fornece senão um numero diminutissimo de logares baratos, de uma incommodidade e de um desconforto anti-democratico, humilhante e indigno. De sorte que, por mais

escolhido que seja o repertório, por maior que seja o favor do publico, as empresas não poderão nunca aspirar ás grandes receitas. O theatro de D. Maria, inteiramente cheio, rende 3605000 réis! Com tal producto pecuniario como querem que a arte mantenha, já não dizemos o seu prestigio, mas simplesmente o seu decoro? Como querem que sejam pagos os artistas dramaticos? Como querem que as actrizes, conservando-se na pura dignidade do estudo e do trabalho, tenham a *toilette* e as joias? Como querem que os galãs appareçam sem joelheiras nas calças e sem nodoas do molho das lulas dos restaurantes baratos no peito das sobrecasacas? Como querem finalmente que o proprio publico se ache nas elevadas condições de espirito de comprehender as delicadezas finas do drama, as intenções subtis da alta comedia, quando o publico está em camarotes forrados de papel enodoado do suor das cabeças, debruçado em parapeitos onde as camisas, as rendas e as luvas se sujam com uma poeira infecta, quando elle respira uma athmosphera de batota ou de enxovia?

O publico inglez aprecia mediocrementemente a delicada comedia dos altos costumes modernos. Uma actriz de Londres fez-se empresaria de um

theatro especial para este genero de espectaculos. É uma pequena sala destinada a poucos espectadores escolhidos. Os fauteuils da plateia são estofados de azul claro e cobertos com uma renda de crochet mudada todas as noites. Á porta dois creados de libré e calção curto desenrolam a ponta do tapete até o estribo de cada carruagem que chega. As senhoras passam por cima da alcatifa polvilhada com areia doirada e aromatica. Em cada camarote alugado, acha-se um programma do espectaculo impresso em um papel de linho cõr de perola, perfumado por Rimel, como um *sachet*, e sobre o parapeito, ao pé do logar superior, junto do programma, está collocado um fresco ramo de flores. Depois da symphonia, executada por um brilhante quarteto de professores distinctos vestidos de casaca preta e gravata branca, quando o pano de bocca se arripia e sobe n'um fru-fru assetinado, quando o palco descoberto exhala sobre a sala um fresco halito de elegancia, de alto conforto artistico e sabio, quando finalmente a comedia principia, o espectador está naturalmente collocado em espirito na corrente dos factos que se lhe vão representar; espera-os, comprehende-os, discrimina-os, em todos os seus pormenores

mais requintados e mais primorosos. Assim é que o publico inglez consente em apreciar a comedia.

Em S. Carlos, onde as vetustas paredes illustradas de desenhos de uma decencia equivocada, os estuques amarellos, os denegridos labores de massa e de cartão do interior da sala, as cortinas desbotadas da tribuna, o forro gorduroso dos camarotes e a mobilia de antiga loja de barbeiro, tudo está impregnado de um nauseabundo cheiro de fumo de cigarros, de gaz extravasado, de suor e de roupa suja, cheiro especial que nunca encontramos senão ali, na Boa-Hora e no Limoeiro; em S. Carlos onde a limpeza da sala é de tal modo garantida que ainda o anno passado um dos nossos amigos se munuiu de uma escova que tinha em poder do porteiro para se fazer escovar — á sahida — a fim de não entrar indecente na carruagem; em S. Carlos, onde a sujidade do monumento obriga já as senhoras a irem de vestidos velhos e afogados, e verão que muito breve começarão a ir de avental; em S. Carlos, onde o scenario, aliás bem pintado pelos srs. Rambois e Cinatti, offerece todavia frequentemente a confusão imbecil de um miranete tartaro, ao lado de uma ruina grega, no



meio de uma paisagem suíça, com entrada por um arco de cathedral; onde o baixo está vestido de druida, o baritono de Luiz XI, o tenor de huguenote e os coristas de toureiros; onde um candieiro de Carcel pousa sobre uma mesa rococó, entre um tamborete romano e uma cadeira Luiz XIII; onde a lua apparece ao fundo á direita, enquanto o luar entra pelo primeiro plano á esquerda; onde a luz e a sombra saem juntas do mesmo foco e se projectam sobre os mesmos lados como duas irmãs gêmeas e inseparaveis; onde finalmente todo o apparatus scenico é a negação mais flagrante do respeito da arte, do estudo e do gosto, como querem que a grave musica, tão sentida, de uma profundidade tão severa e tão ideal como a das partituras de Weber, de Mozart, de Meyerbeer, seja escutada, comprehendida, interpretada?

E, depois, notem que nenhum phenomeno é perdido na evolução geral dos successos sociaes. Cada facto é o resultado de um impulso anterior e a origem de um movimento subsequente.

As pessoas que descançaram á noite durante quatro horas refazendo as suas ideias, as suas opiniões, os seus principios, deante de um espectáculo offensivo do gosto, da arte, do senso

commum, pensam fatalmente e procedem ao outro dia na coherencia mais logica com as impressões cerebraes suscitadas na vespera.

De modo que a moral, o criterio, a opinião dos individuos, fructo natural do meio em que se produzem, são em grande parte a obra de um grande agente invisivel — a hygiene social.

É d'essa influencia da salubridade publica, benefica ou nociva, que resulta para cada sociedade o valor correlativo dos productos da sua collectividade intellectual e moral: a sua arte, a sua litteratura, a sua critica, os seus feitos heroicos e os seus crimes.

Os theatros não são portanto, perante a consideração de um governo illustrado e serio senão uma pura questão de hygiene social.

Os dois theatros que o estado possui em Lisboa estão, sim ou não, nas condições da hygiene? Eis a pergunta que o governo é obrigado a fazer a si mesmo ou aos seus delegados.

A esta pergunta a simples inspecção dos factos responde terminantemente: Não.

Logo o governo, se os mandar abrir nas condições em que elles se acham, commette um crime de burla com os empresarios e de envenenamento com os cidadãos.

O que lhe resta fazer com relação aos theatros de S. Carlos e de D. Maria é demolil-os, deital-os fóra como um licor estragado, desmontal-os como uma machina que não anda, desfazel-os como um navio que afunde. Elles são o que nos paizes civilisados se chama *instituições condemnadas*. Estão sentenciados por todos os poderes que constituem uma civilisação — pela hygiene, pela moral, pela sciencia e pela arte.

\*

Não é absolutamente indispensavel que o governo seja proprietario de theatros. É talvez mesmo util que o não seja. Assim, demolidos os theatros existentes, seria aberto concurso não para uma empresa dramatica nem para uma empresa lyrica, mas para uma empresa edificadora, á qual o governo daria o terreno preciso com a condição de construir o theatro moderno, simples, elegante, facil, á americana; alegre, limpo, fresco, perfeitamente arejado; com um vasto *paraizo* com quinhentos logares asseitados e commodos para o povo; com um palco modelo a que se adaptem todos os machinismos modernos; com um *estaminet* separado do theatro, para os fumistas; com uma sala de espera para

as senhoras; com um *foyer* para os artistas e um *foyer* para o público; pelo plano dos melhores architectos e segundo os melhores modelos existentes nos paizes cultos.

\*

Em quanto á arte o melhor que o governo pôde fazer é ser-lhe completamente indifferente. A arte é como a religião: pertence aos individuos, não pertence aos governos.

A arte — a arte dramatica principalmente — é um producto directo do meio social.

A comedia e o drama são a epopeia moderna da vida burgueza.

Onde ha uma forte burguezia, poderosa, instruida, com tradições, com costumes, com principios, a arte extrae dos interessantes conflictos da vida d'essa burguezia o grande elemento comico ou dramatico.

Quando a burguezia é, como em Portugal, uma classe que está por educar, que pelo lado intellectual e pelo lado moral se pôde mesmo dizer que está por instituir, a arte não pode extrahir dos actos da sua vida senão a pequena chicana de ambições mediocres ou o episodio de uma sentimentalidade sem fé e sem paixão.

D'ahi a falta de dramas originaes.

Em quanto á commissão encarregada de conferir um premio á melhor obra d'arte, nada mais absurdo, nada que mais evidentemente demonstre a completa ausencia de critica no entendimento d'estes senhores.

Qual é ahí a commissão que ha de julgar uma obra superior?

Pois não comprehendem que a mesma circumstancia da superioridade põe a obra fóra do campo da analyse de qualquer commissão?

Que vem a ser uma commissão qualquer, senão — mais ou menos bem feita — uma selecção de mediocres?

E são esses sujeitos — como quer que elles se chamem — que hão de constituir-se em tribunal para sentenciar um espirito superior?!

A obra d'arte não só está acima de todas as commissões imaginaveis mas acima da sociedade inteira.

O trabalho do genio lançado aos dominios da intelligencia humana produz uma evolução nova da critica, a qual muitas vezes leva centenares de annos a percorrer a orbita superior a que a attrahiu o novo astro.

É precisa a confluencia de todos os nossos

espíritos subalternos durante a vida de umas poucas de gerações para se poder ensinar uma sociedade a comprehender um artista.

A obra de Shakspeare, por exemplo, ainda hoje não acabou de se definir. E teem procurado interpretal-a, comprehendel-a, demonstral-a centenaes de artistas, por meio da musica em muitas operas, por meio da pintura em innumeraveis quadros, em infinitos livros por meio das theorias do estylo, por meio da lexicographia, por meio da ideologia, por meio da psychologia. N'esta mesma hora é a physiologia e a pathologia que estão explicando os livros do immorta dramaturgo. Nos Estados Unidos, na Grã Bretanha, em França, estão-se publicando os mais profundos trabalhos de sciencia medica sobre as enfermidades dos personagens shakspeareanos. As alienações mentaes ou as allucinações de Hamlet, de Machet, de Othelo, do rei Lear, são capitulos de profunda observação pathologica revelados pela arte á nova sciencia do cerebro só ultimamente constituida p'los esforços da physiologia experimental. Os personagens romanos do mesmo Shakspeare são igualmente a confirmação dos mais recentes estudos historicos e archeologicos da antiguidade romana.

Imaginem agora por um momento — por um só momento de heresia e de sacrilegio — um Shakspeare moderno collocado deante da commissão encarrugada de adjudicar o premio de 225,5000 réis á melhor obra dramatica que se produzir no anno que vem! N'essa obra quantas revelações sobre as sciencias futuras, que só estarão conhecidas d'aqui a cem ou duzentos annos! O que é que os vogaes do jury dramatico do ministerio do reino e do theatro de D. Maria podem entender de tudo isso?...

Pobres liliputianos, microscopicos no espaço, invisiveis no tempo, que quereis medir com os vossos palmosinhos, o ente colossal, immenso, extra-historico, sobrehumano, que se chama o genio! Attendei a uma coisa: vós todos juntos, acavallo uns nos outros e postos no alto de todas as instituições e de todos os edificios da cidade encastellados em pyramide, e por cima de tudo isso com o vosso dedo grande elevado a toda a altura do vosso braço esticado acima da vossa cabeça, não chegareis a tocar no tornozello de um artista.

E atreveis-vos a offerecer, não a qualquer d'elles — mas ao melhor! — 225,5000 réis. Desembolsa-os o sr. Biester. E ha uma commissão

official que approva em beneficio da arte esta offerta! E ha um governo que a sanciona! E ha um rei constitucional que a referenda!...

Mas se, por acaso, por um extraordinario acaso, uma boa peça effectivamente se fizesse, ó meus ricos senhores!

Se no theatro de D. Maria viesse a produzir-se um Molière, um Corneille, um Schiller, um Calderon, um Goethe, um Victor Hugo! ?...

Quem é ahi o corajoso que lhe irá levar os 225,5000 réis, em libras, em moedas de cinco tostões, embrulhados n'um papel e destinados a premial-o pela obra que é para elle o fructo da mais nobre, da mais elevada, da mais querida aspiração da sua alma, á qual está pronto a sacrificar todo o seu interesse presente e futuro, todo o seu ser, a sua vida inteira?! Quem lhe irá levar os 225,5000 réis? Será o sr. Biester? será o sr. Luiz de Campos? será o sr. Fontes? será sua magestade el-rei? Que enorme imprudencia! Esse artista, laureado pelos srs., mandal-os-ha bugiar a todos. Porque não é dos srs. que elle quer ter a sua condemnação ou o seu premio.

Os senhores teem visto nos theatros, quando olham do palco por um dos buracos que tem o



panno de bocca, um sujeito humilde, sujo, quasi esfarrapado que está na galeria, attento, avido, rindo no meio da sua barba hirsuta, ou limpando as lagrimas da face ao canhão da blusa? Pois esse miseravel, rôto, descamisado, desconhecido, sem nome, sem estudos, sem critica, sem *toilette*, sem nomeação official, vale para um artista mil vezes mais e tem mil vezes mais auctoridade do que todos os governos, todos os jurys e todas as academias. Os senhores, meus caros amigos, mudam de emprego, mudam de terra, passam de moda como as escolas que representam, desaparecem, morrem. Aquelle que lá está em cima, no *gallinheiro*, espreitando, esse é que não muda, que não desaparece, que não morre. Ha dois seculos que elle ahi vae sentar-se, obscuro, ignoto. D'aqui a outros tantos seculos lá o encontrarão ainda. É elle o que premeia e o que condemna definitivamente. Chama-se o povo, chama-se o publico. Elle é que é a historia. Elle é que é a immortalidade.

Vós, — bons homens, insignes burocratas, illustres ministros, grandes reis, — vós, para a arte, sois — coisa nenhuma. E a vossa pretendida protecção ao talento lembra a lenda phantastica

da sombra do eseuideiro limpando a sombra do cavallo com a sombra de 225\$000 réis.

---

O *Diario de Noticias* tem ultimamente preenchido uma parte importante das suas columnas com a relação das esmolas feitas por intermedio d'aquella folha, a qual é indubitavelmente um dos primeiros centros de caridade que tem Lisboa.

Como instituição litteraria e jornalistica nada se nos offerece objectar ao programma do *Diario de Noticias*. Como instituição de beneficencia, ha de permittir esta folha que tomemos a liberdade de lhe dirigir algumas leves considerações.

\*

Primeiro que tudo, a caridade não é uma vir-

tude social. Ha annos que essa palavra foi riscada da lista das boas intenções humanas e substituida pela palavra *Assistencia*, que principiou a ser empregada em França em 1848.

*Assistencia*, segundo então a definiu um dos relatores da Assembleia Nacional, é a *solicitude da sociedade entrando na casa do operario para a tornar mais saudavel, na sua officina para lhe dar ar mais puro e trabalho menos perigoso, facilitando as suas economias, animando a sua previdencia, acudindo-lhe em todos os momentos de inação involuntaria, curando-o nas suas doenças e nas suas enfermidades, dando-lhe o seu apoio para os dias estereis e muitas vezes abandonados da sua infancia ou da sua velhice.*

Assim considerada a *assistencia* tem uma natureza diversa da *caridade*, porque não é unicamente o soccoro, é principalmente a *previdencia*.

A esmola é um auxilio ao pauperismo. Ora com relação ao pauperismo a obrigação das sociedades modernas não é auxilia-o é supprimil-o. Um individuo póde talvez particularmente eximir-se a ajudar a sociedade, obedecendo ao puro sentimentalismo e soccorrendo caridosa

mente o seu semelhante infeliz. Um jornal, com a influencia que o *Diario de Noticias* exerce sobre os sentimentos dos seus leitores, não pôde, sem atrazar o progresso, converter-se n'um vehiculo de mendicidade.

Deante do problema da miseria o dever de todo o jornalista não é acudir ao miseravel é resolver o problema que o envolve ou contribuir para isso na medida das suas forças.

Um sacerdote christão, o reverendo Caird, proferindo ha tempo um sermão sobre a caridade no ultimo congresso para o adeantamento das sciencias sociaes em Glasgow, tomou para thema do seu discurso as palavras do Apostolo: *Accrescentae á vossa fé virtude e conhecimento*. E n'este sermão o ministro de Jesus expoz, sob a sua auctoridade evangelica, que o dever do bemfeitor christão não é esperar que as doenças e os vicios se manifestem para os aliviar, consiste pelo contrario em estudar as condições em que vivem as classes pobres, o seu dispendio em trabalho, a natureza dos seus alimentos, a qualidade da sua habitação, para em seguida activar a diminuição ou a suppressão das doenças e dos crimes.

O reverendo Caird entende que o mais im-

portante dever da religião não é preparar o homem para o outro mundo mas sim tornar o mundo em que estamos melhor, mais sabio e mais feliz.

Se pôde offerecer alguma duvida theologica que seja essa a alta missão social da religião, não offerece duvida de nenhuma especie que é essa pelo menos a sagrada missão irrevogavel da imprensa moderna.

\*

Desde a sua apparição até hoje o *Diario de Noticias* tem distribuido em Lisboa uma forte somma de contos de réis em esmolas. Diminuiu por esse facto a pobreza de Lisboa nos ultimos doze annos? Não. A pobreza, pelo contrario, augmentou.

Se o *Diario de Noticias* distribuir este anno duzentos contos de esmolas, para o anno proximo será duzentas vezes maior o numero dos seus pobres.

No entanto a instrucção obrigatoria foi estabelecida na Prussia em 1819. Doze annos depois as estatisticas mostraram que o pauperismo, como a criminalidade, diminuiu quarenta por cento. O que quer dizer: que a instrucção obri-

gatoria, no curto espaço de doze annos, reduziu os pobres a pouco mais de metade.

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria? Promova por meio dos escriptos dos seus redactores o decreto da instrucção obrigatoria. Faça uma subscrição e funde um premio para aquelle que conseguir provar, com os numeros estatisticos na mão, que a somma dispendida com a instrucção obrigatoria será plenamente compensada com a economia proporcional da beneficencia nos hospitaes, nos recolhimentos, nas enfermarias militares, nos lucros resultantes do augmento do trabalho, na diminuição do custeio das cadeias, e na sustentação dos criminosos.

Em uma cidade ingleza, Salisbury, o numero dos casos de tísica diminuiu na razão de quarenta e nove por cento depois do estabelecimento de um systema perfeito de esgotos.

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria?

Abra uma subscrição cujo producto seja applicado a retribuir o mais perfeito plano da drenagem e da canalisação da cidade. Estude a creação de uma receita equivalente á despeza em que importar a realisação d'esse plano, e faça

presente de tudo á municipalidade de Lisboa.

Um grande hygienista, o doutor Lyon Plaisfair, diz: «Se nós tornassemos a casa do nosso operario honesto tão sadia como a cella do malfeitor, augmentariamos oito annos productivos á vida dos nossos trabalhadores.»

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria? Peça o auxilio dos seus subscriptores para a edificação de novos bairros nos suburbios de Lisboa com *cottages* no genero dos da fundação Peabody, servidos a infimos preços por carreiras de *tramways* ou de um caminho de ferro de via reduzida.

Acha-se hoje demonstrado que a maior parte dos operarios vão embriagar-se nas tabernas, não levados por uma inclinação viciosa, mas sim por um instincto de sociabilidade, e, ao sahir de casa, teem menos o intuito de beber que o de estarem reunidos.

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria? Funde, por meio de uma subscrição especial, o *club operario*, aberto á noite, com uma bibliotheca e um gabinete de leitura.

Nas nossas escolas de instrucção primaria os conhecimentos ministrados ao alumno resumem-se na grammatica, que elle não entende, na doutrina christã, que o Estado lhe não deve ensinar, e n'uma serie de anedoctas desconnexas chamadas um resumo de historia ou de geographia, em que elle apenas aprende alguns nomes e algumas datas inuteis nos usos da vida pratica.

Quer o *Diario de Noticias* completar o ensino elementar primario contribuindo assim efficazmente para coarctar a miseria? Applique as suas subscripções de beneficencia á publicação de pequenos compendios perfeitos de principios de *cosmographia*, das applicações mais geraes da *chimica e da physica* aos usos quotidianos, de *anatomia do corpo humano*, de *hygiene particular*, de *economia domestica*, e dê esses indispensaveis livrinhos a titulo de *brinde aos assignantes* ou venda-os ao preço do custo aos seus milhares de leitores.

Nos ultimos dias santos do corrente mez eramos impossivel percorrer qualquer rua habitada pela classe operaria sem sermos assaltados por um enxame de creanças pedindo esmolas para Santo Antonio, para S. João, para S. Pedro. Es-



tes pequeninos, repellidos, reprehendidos, injuriados algumas vezes, outras vezes castigados pelo tranzeunte, aprendiam assim, brincando, a ser pedinchões, impertinentes, teimosos, a receberem dinheiro do acaso, a humilharem-se indignamente no seu brio e na sua dignidade de pequenos homens e de futuros cidadãos.

Quer o *Diario de Noticias* sustar a miseria cujos embriões se annunciam n'esta degradação da infancia? Exerça a sua auctoridade corrigindo este deploravel uso do povo e convide a policia a considerar como muito mais offensiva da civilisação a mendicidade publica sob o pretexto da cera dos santos do que a mendicidade sob o pretexto da fome do pedinte.

Ha poucos dias ainda uma penhora de que fora victima uma familia infeliz levou o *Diario de Noticias* a apiedar-se de uma desgraçada inquilina vexada pelo exercicio do direito de um proprietario, e levantou em favor dos opprimidos por este caso particular uma subscrição que subiu a 200\$000 réis.

O que porém se nos figura que o alludido periodico deveria fazer n'este caso era combater a lei dos contratos sobre a propriedade, cujas con-

sequencias produzem logicamente e legalmente semelhantes resultados.

Soccorrendo por meio da esmola a familia aggravada pelos effeitos da lei vigente, o *Diario de Noticias* não só não contrariou a existencia do mal, mas aggravou-o muito. E é esse o maior inconveniente da esmola: a esmola sobrecarrega immensamente o peso da iniquidade social. Quantas familias infelizes no caso d'aquella que a subscrição protegeu! Quantos inquilinos penhorados nos ultimos restos da sua pobre fazenda escarnecidos pela excepção odiosa de um a quem uma subscrição tornada publica offerece a prosperidade que se denega a todos os outros?!... De modo que o mesmo facto, que constitue um beneficio para um, representa para duzentos o supplicio de uma exclusão cruel.

✽

Devotando uma grande porção de tempo e de trabalho desinteressado á beneficencia publica, tal como ella é geralmente entendida, o *Diario de Noticias* manifesta as mais honradas e as mais dignas intenções. É uma desgraça que a sua poderosa influencia no espirito do publico

se não aproveite, como elle certamente deseja, para o bem geral. Na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados Unidos, em França a philanthropia abandonou como nociva, desde muitos annos, a pratica da esmola. A verdadeira philanthropia exerce-se fundando as instituições de economia, de previdencia, de instrucção, — unicos meios de elevar o nivel moral do povo e de accrescentar a felicidade social.

Na Allemanha o dinheiro das pessoas caridosas destina-se principalmente aos progressos da instrucção e é em grande parte á philanthropia que a Allemanha deve o desenvolvimento a que tem chegado as suas trinta e seis universidades, as mais completas e as mais admiraveis do mundo.

A philanthropia franceza applica-se mais principalmente ao aperfeiçoamento moral, laborando assim no grave erro de considerar o progresso moral independente do progresso intellectual, quando a moral não é pelo contrario senão uma das conquistas intellectuaes dos espiritos cultos.

Depois da ultima guerra a França procura emendar esse erro, origem de grande parte dos seus desastres, e é importantissimo o movimento da iniciativa particular para esse fim. No

ultimo numero do *Journal des Savants* lemos na lista dos premios distribuidos pela Academia das Sciencias na sessão de 29 de abril ultimo, a enumeração dos seguintes, fundados pela iniciativa de particulares :

O premio Victor Cousin, de 3:000 francos, para uma memoria de *philosophia*.

O premio Odilon Barrot, de 7:500 francos, para a melhor memoria sobre os melhoramentos a intruduzir no processo criminal e no processo civil em França.

O premio Léon Faucher, de 3:000 francos, para o estudo da influencia economica exercida pelos recentes meios e vias de communicação por terra e por mar.

O premio quinquennial fundado pelo fallecido barão Felix de Beaujour, no valor de 5:000 francos, distribuidos todos os cinco annos como premio alternado da melhor obra sobre o estado do pauperismo em França e meios de o remediar, e da melhor memoria que se apresente para o desenvolvimento da agricultura em França.

O premio Stassart, de 3:000 francos, para o melhor estado da razão da diversidade que possa existir nas opiniões e nos sentimentos moraes das diferentes classes sociaes.

O premio Bondin (assumpto de philosophia)  
2:500 francos.

O premio Bischoffsheim, de 5:000 francos,  
para a melhor memoria sobre este ponto: *Do capital e das suas funcções na economia social. Mostrar como o capital se fórma, se amontoa, se reparte, se conserva, e quaes os serviços que elle presta á producção. Investigar e expôr as regras que devem presidir ao emprego do capital, assim como ás riquezas e aos rendimentos que elle concorre para produzir.*

O premio Crouzet, triennial, de 2:000 francos para subsidiar o melhor livro sobre *questões politicas e sobre a questão religiosa.*

Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos o espirito philanthropico tende mais particularmente a resolver de um modo pratico o problema economico. É a esta tendencia que se devem as associações e os congressos para o desenvolvimento dos estudos sociaes e as famosas instituições:

*Da edificação das casas baratas da Philadelphia;*

*Dos 555 clubs populares da Inglaterra;*

*Das casas da fundação Peabody;*

*Dos dormitórios das creanças em New-York;*

*Da cidade operaria do parque Shafterbury ;  
Do familisterio de Guise ; das cités ouvrières  
de Mulhouse, e de outras fundadas na Belgica  
pelos srs. de Andrimont ;*

Das grandes associações de cooperação e de economia dos Estados-Unidos intituladas : *Os filhos do trabalho ; Os defensores da justiça ; Os cavalleiros da honra ; Os soberanos da industria ; Os patronos da agricultura*, cuja primeira loja ou granja foi fundada em 1867, existindo actualmente 20:500, e sendo o numero dos associados de perto de dois milhões ! As vantagens que oferecem estas associações dos agricultores augmentam 50 p. c. de lucro sobre o trabalho da terra. Só no estado da Pensylvania o numero das granjas subiu, dentro de um anno, de 6 a 800.

A cada uma d'essas instituições de economia e de instrucção está ligado o nome de um cidadão illustre, que, dispondo apenas de algum dinheiro e de alguma boa vontade, dotou a humanidade com um immenso beneficio, de acção permanente e eterna na moralisação e na prosperidade do homem.

Possa o *Diario de Noticias* attender a esta

singela exposição e remover a tendencia caritativa dos seus assignantes, da immoralidade da esmoia para a efficacia dos legitimos beneficios, os quaes a sociedade portugueza tem até hoje esperado, constantemente debalde, da iniciativa apathica dos seus homens ricos.

---

O espirito do academico Innocencio Francisco da Silva acaba de immergir na mysteriosa obscuridade infinita, onde a intelligencia do homem surge por um momento, scintilla n'uma palpitacão luminosa, e desaparece para sempre.

A personalidade de Innocencio, do *Innocencio do Diccionario*, como geralmente se lhe chamava, é tão fortemente accentuada que constitue o typo de uma especie, o objecto de um capi-

tulo especial na critica pathologica dos temperamentos litterarios.

Convivemos estreitamente com elle, reunidos por trabalhos communs, durante cinco ou seis annos. Nunca, dentro das condições normaes da honestidade impeccavel e do restricto dever, no meio da grande pacificação que ordinariamente inspiram os habitos do estudo e do trabalho mental, encontramos homem tão fundamentalmente inquieto e desgraçado. Desconhecia completamente o que é a satisfação e o que é a alegria. O seu pobre coração constantemente opprimido gotejava fel.

Porque?

\*

Era um bilioso. Tinha o innatismo acido da mysantropia. Entrou na carreira litteraria. A sua organização era anti-artistica. Faltava-lhe radicalmente a faculdade de animar um assumpto, de lhe insuflar o seu proprio espirito, de o fazer respirar, mover-se, sorrir, chorar, interessar o leitor como um personagem vivo. O seu stylo sécco, de um movimento mechanico, como a oscilação de um pendulo, tinha a correcção fria das coisas inanimadas. A grande maiô-



ria do publico, que deseja encontrar no livro, não o facto reduzido ao stricto signal graphico, mas sim a ideia expressa pela imagem e pela commoção correlativa, nunca leu as obras d'este litterato. Assim, com uma rara aptidão para o trabalho assiduo, affincado, permanente, estudando sempre, sepultando-se nas bibliothecas, lendo exclusivamente livros portuguezes — ao ponto de lhe ser difficil, nos ultimos tempos pelo menos, comprehender os escriptos de qualquer outra lingua, — possuindo inteiramente a bibliographia nacional, uma prodigiosa massa de noticias, de anedoctas, de datas, de factos litterarios, instrucção especialissima mas trabalhosa e profunda, Innocencio Francisco da Silva não teve, apesar d'esse esforço enorme, nem o applauso nem o favor do publico. Para dar á luz a sua obra, o *Diccionario Bibliographico*, precisou de appellar para a intervenção da Academia e para a protecção do Estado.

No entanto escriptores de uma applicação mediocre, de um trabalho comparativamente insignificante, quasi bohemios das letras, appareciam em cada dia, tornavam-se facilmente notados, eram celebrados nos jornaes, eram lidos, faziam-se pagar pelos editores.

Innocencio julgou-se victima de um conluio da critica, da maledicencia, da inveja; considerou o merito, o estudo, o trabalho insultados na sua pessoa, e principiou a odiar a sociedade. Tornou-se mysantropo, irascivel. Lançou-se na polemica, mas teve de retirar nas primeiras investidas porque lhe faltavam os dois principaes dotes dos grandes pamphletarios — a tranquillidade do animo e o fogo do stylo. N'elle estavam essas condições invertidas: tinha a vontade hostile, e a palavra molle. Faltava-lhe a serenidade do operador. No momento da dissecação toldava-se-lhe a vista, pegava no bisturi pelo gume do ferro e castigava o seu adversario dilacerando-se a si mesmo, fazendo jorrar o seu proprio sangue. Tinha pela sciencia um sceptismo systematico, um desprezo de partido. Carecia da ednação philosophica. Não conhecia as leis geraes da connexão dos phenomenos. Ignorava mesmo a importancia da sua especialidade e o papel que ella representava na direcção das ideias. Assim, por exemplo, ninguem possuia mais elementos para a historia do seculo xviii em Portugal. A sua grande memoria estava cheia dos factos mais especiaes da litteratura, dos costumes, dos caracteres, da biographia dos personagens. Um dia

fallava-se das causas que tinham determinado o exilio de Filinto Elisio. Elle explicou :

Filinto tinha ido uma tarde conversar para a janella da casa de pasto, debaixo da Arcada. (E designava o logar da casa e o ponto da janella). Estavam varias pessoas. (Dizia os nomes). Fallou-se da confissão auricular. (Reproduzia o dialogo). Uma phrase imprudente de Filinto fôra denunciada á Inquisição. (Citava o delator e a phrase corpo de delicto). No dia immediato. (Uma quarta feira; 5 horas e tres quartos da manhã; tal dia do mez; anno de 1778). Um official do Santo Officio esperava o seu companheiro para subirem á casa do poeta (Calhariz, um predio de recanto; havia por baixo, e ainda hoje ha, uma tenda). O segundo official demorava-se. O primeiro bateu á porta da tenda e subiu ao primeiro andar onde morava Filinto. Elle veio abrir, em chinelos e camisa de dormir, embrulhado n'um capote de mangas, alvadiço, com cabeções. O official do Santo Officio entrou na sala onde havia uma carteira, e disse ter ordem de examinar alguns papeis. Filinto tem um presentimento da catastrophe, abre humildemente a carteira e pede licença para se vestir. Entra em seguida na alcova, que ficava conti-

gua e tinha sahida para outra escada do predio; o official tinha á vista aquella por onde subira e que julgava unica. Filinto, no mesmo traje em que appareceu, desce rapidamente á rua, sae por uma pequena porta que ainda hoje se conserva no sitio, levantada do chão por um degrau exterior, volta rapidamente á primeira esquina, galga de uma corrida a rua das Chagas, enfia pelas obras de um predio em construcção ao fundo da rua. (Dizia o numero do predio, o nome do individuo a quem pertencia no seculo passado e o do seu proprietario actual). N'esse predio pernoitava um criado. (Aqui o nome do criado e o modo como Filinto o conheceu na Ribeira Velha). O criado esconde o poeta, o qual poucos dias depois embarca em um navio francez, disfarçado em moço de fretes e carregando uma giga de laranjas. (O nome do navio, o do capitão, o preço da passagem).

Identicas minuciosidades ácerca de Bocage, de Tolentino, de Pato Moniz, de Macedo, de Diniz, de Garção, de Quita, de Jeronymo Vaya, de Antonio José, do marquez de Pombal, de Pina Manique.

Innocencio parecia ter vivido intimamente na sociedade do seculo todo. Conhecia todos os seus

productos litterarios mais obscuros e mais ephemeros, os *anagrammas*, os *chronogrammas*, os *eccos*, os *equivocos*, os *poemas lipogrammaticos*, os *labiryntos*, os *acrosticos*, as *serranilhas*, as *lyras*, as *modinhas*, os *lunduns*.

Sabia a chronica minuciosa de todas as academias: da *Arcadia Ulyssiponense*, da *Arcadia*, dos *Dissidentes da Arcadia*, da *Nova Arcadia*, da *Arcadia Ultramarina*, da *Sociedade litteraria*, da *Academia dos Selectos*, dos *Academicos renascidos*, da *Academia dos felizes*...

Além d'isso, conhecia igualmente os concilia-bulos particulares: o botequim das Parras, o *Agulheiro dos sabios* no botequim do Nicola, o cenaculo de Bocage e de André do Quental na Travessa de André Valente, á rua Formosa.

Sabia os nomes, os sobrenomes, os appellidos, a filiação, a naturalidade de todos os litteratos e os seus nomes pastoris, taes como *Ismeno Cisalpino*, *Corydon*, *Dirceu*, *Sylvandro*, *Tirce*, *Minteu*, etc., etc.

Tinha lido todas as collecções, todos os folhetos, todos os pamphletos. Sabia de cór os *Burros*, *A besta esfolada*, o *Anão dos assobios*, a *Gaita de folle*, *A hora de recreio*, a *Tripa Virada*, a *Constante Florinda*, todas as *farças de*

*cordel*, todos os *entremezes*, todos os improvisos poeticos, todos os repentos, todos os bons ditos, todas as anedoctas da epocha nas salas, nos ou-teiros.

E, todavia, a importante historia da sociedade portugueza no seculo passado Innocencio Francisco da Silva não a poderia escrever, porque, conhecendo todos os factos particulares, ignorava todas as leis de que os factos são a função; e dos proprios successos capitaes, que determinam o character do seculo xviii e a sua influencia na historia da humanidade, elle não tinha mais que noticias superficiaes e desconexas. Como não lia senão livros portuguezes não podia confrontar os acontecimentos nacionaes com os successos europeus que, no mesmo seculo de que elle tinha a especialidade, transformavam o mundo: o descobrimento da Oceania; a definição da republica americana; o estabelecimento do constitucionalismo inglez; a criação da economia politica, a apparição de Laplace na Astronomia; a de Franklin e de Galvani na Physica; a de Lavoiser na Chimica; a de Bouffon na Zoologia; a de Linneu na Botanica; a de Bichat na Medicina; a machina de vapor dominada por Watt; o balão aerostatico inventado por Montgolphier;

as descobertas do para-raios, do thermometro Réaumur, da vaccina, etc.

\*

Todo aquelle que entra na carreira litteraria deve ter presente a grande lição que encerra a historia intellectual de Innocencio Francisco da Silva.

Qualquer que seja a especialidade de cada um, ninguem hoje pôde ser indifferente á exegese de toda a evolução humana. Ninguem pôde impunemente prescindir de uma philosophia, ou de um methodo philosophico, pelo menos, para a coordenação de todos os phenomenos physicos e moraes que constituem o systema do nosso universo. Sem esta condição essencial, o desalento vence-nos; a especialidade amesquinha o nosso criterio, torna-nos extranhos á grande solidariedade humana; a controversia, sempre que nos toca, despenha-nos na mysantropia; e falta-nos, finalmente, o doce refugio moral que todo o homem de letras deve ter na elevação da sua alma, dentro do seu proprio ser, contra a calunnia, contra a inveja, contra a rotina, contra a impopularidade e contra a derrota.

Innocencio da Silva foi profundamente desgraçado porque viveu sempre fóra d'esse inilludível preceito.

*Acabou-se o martyrio!* — foi a derradeira palavra, deante da morte, do lastimavel remador extenuado. No mundo intellectual, tal como elle tivera o infortunio de comprehendel-o, o que era de facto a vida senão a condemnação eterna a um remo da grande galera chamada a *Civilisação*, a cujo convez elle não subiu nunca, para ver na amplidão das aguas o sulco escumoso que o seu braço ajudara a abrir; para repousar um momento na infinita magestade da grande natureza; para respirar a brisa balsamica exhalada de ignotos continentes floridos; para olhar ao longe, no horisonte, apontada pelo dedo do gageiro, a suave curva saudosa do porto amigo ?!

Descança em paz, bom velho! e possa o inviolavel repouso do tumulo consolar-te das despremiadas fadigas do teu enorme trabalho!

---



Ha tres dias que Lisboa soffoca sob uma temperatura tropical.

Pelas condições do nosso clima vamo-nos apartando cada vez mais da Europa e mergulhamos gradualmente na Africa.

Infelizmente não dispomos para combater o calor dos modificadores confortaveis que ha, por exemplo, em Marrocos.

Não temos os turbantes brancos.

A nossa *toilette* de passeio reduzida á simples frescura da tanga não seria inteiramente approvada pelos burguezes da baixa.

Não temos as redes de pennas em que dorme o africano.

Por cima das nossas mezas de jantar não oscilla, agitado pela mão de uma escrava etiopica, o benefico pancá.

Não temos as frescas bebidas acciduladas do sertão.

Não temos para nos banharmos as ruidosas cachoeiras cristalinas nem o regato ensombrado pela copa dos aloes, dos tamarinos e das bananeiras.

Hontem e antes de hontem, não houve gélo em Lisboa. Parece que se quebrara um embolo na machina do unico gelador que existe na capital.

No Chiado desde pela manhã até á noite uma poeira subtil e infecta penetra a pelle e a mucose, suja os dentes dos transeuntes, e deposita-se lhes na larynge e no pulmão.

Em nenhum passeio da cidade, em nenhum square, em nenhum jardim é dado ao habitante o refrigerio de olhar para um repucho, de ouvir o doce marulho saudoso de um fio de agua go-tejando.

É absolutamente prohibido olhar para uma flor que não seja de papel, desabrochada na esterilidade das cuias postiças, sob um orvalho da fabrica de vidros da Marinha Grande.

Em toda a area da cidade não ha uma só arvore que não seja de menor idade e que não precise para estender um bracinho de pedir licença ao conselho de familia.

Segundo o programma para a distribuição da ração de agua aos habitantes, na zona alta ninguém pôde lavar a cara senão de dois em dois dias.

Um copo de agua comprado no Rocio custa

tão caro como uma canada de vinho em outros pontos do reino.

Nos ribeiros dos suburbios, para onde se vae passeiar aos domingos, quem quer ter uma garantia absoluta de não molhar os pés passa por baixo das pontes.

\*

Ha uma velha legenda de uma tribu maldita e errante que em toda a parte onde chegava estabelecia a aridez, a devastação e a fome. Esta tribu é o desleixo. Nós descendemos talvez d'ella e herdamos o seu destino.

Se é certo que até um dado ponto é o clima que faz o homem, do ponto em que a civilisação principia por deante, é o homem que faz o clima.

O solo argiloso nos paizes frios rebaixa a temperatura e produz os rheumatismos e os catarros. Nos paizes quentes o solo arenoso produz o excessivo calor, que só é possível modificar cobrindo os terrenos de vegetação. Está hoje conhecido que a *drenagem* sanitifica poderosamente as condições do clima, segundo se provou no Lincolnshire e em Stamford Hill entre Londres e York.

As arvores amainam os ventos, augmentam a humidade athmospherica, estabelecem uma menor differença entre a temperatnra do dia e a da noite, tornam mais suaves e moderadas as chuvas. Sendo, além d'isso, excellentes conductores da electricidade, as arvores subtraem a electricidade da atmosphaera, dispendendo-a no solo e diminuindo assim as trovoadas e os granizos. A superioridade das vantagens hygienicas da cidade de Paris sobre a maior parte das capitaeas europeias procede das plantações dos bosques de Vincennes e de Boulogne, os quaes representam uma superficie de 4:600 hectares de plantações. Tornar a terra productiva não é actuar unicamente sobre a alimentação, é beneficiar as condições hygienicas da respiração. Segundo o doutor Clavé, no seu tractado de *Meteorologia florestal*, as florestas teem sobre o clima a acção chimica, a acção physiologica e a acção mechanica. Nos paizes cientes o primeiro beneficio das florestas é o rebaixamento da temperatura.

Ora Lisboa está situada no meio da aridez. Na parte meridional do paiz, onde são mais urgentes os grandes trabalhos florestaes, ninguem pensa na arborisação do solo. Se nos 4

ou 5 mil kilometros de estradas que existem em Portugal se plantassem oliveiras, não é difficil de provar que o resultado d'essa plantação pagaria inteiramente a despesa das estradas e daria ao Estado por meio da producção do azeite um augmento enorme de riqueza. No entanto não se plantam oliveiras á beira das nossas estradas. Porque? Ninguem o sabe.

Está provado pela direcção scientifica das contrucções em todas as grandes cidades da Europa que a altura das casas não póde, sem prejuizo da ventilação e da salubridade, ser superior á largura da rua. Em Lisboa a altura do predio excede tres ou quatro vezes a largura das ruas. Ha mesmo uma lei do Marquez de Pombal que prohibe a edificação de casas com mais de tres andares. Todavia em Lisboa todos os predios modernos nos bairros mais habitados teem quatro, cinco e seis andares. Porquê? Tambem se não sabe.

\*

Dizem que perto de Pekim teem os imperadores da China um recinto murado, com doze leguas de circuito, onde desde tempos immemoriaes ninguem penetra. Presume-se que n'esse

recinto, onde os criminosos são lançados á braveza do solo e ao furor das feras, os condemnados teem conseguido associar-se e resistir ás fatalidades terriveis que os assoberbam.

Nós outros, gente civilisada, com ministros responsaveis, duas camaras, um exercito, uma universidade, etc., etc., etc., temos sobre a natureza menos acção do que um simples bandido, desarmado, nú e — chinez!

NOVAS PUBLICAÇÕES

ERNESTO CHARDRON

EDITOR — PORTO

Legouvé

HISTORIA MORAL DAS MULHERES, 1 grosso vol. . . . . 800 réis

Eschich

CONTOS: I — *O violino do Diabo*, 1 vol. . . . . 400  
 O AMOR DOS AMORES, 3 vol. . . . . 25000

A sair do preço

OS ANJOS DA TERRA, 1.º vol.

CONTOS: II — *Tal arvore tal fructo*, 1 vol.

Balmès

O CRITERIO, philosophia pratica, 1 vol. . . . . 600  
 CARTAS A UM SCEPTICO, 1 vol. . . . . 600  
 PHILOSOPHIA FUNDAMENTAL, 4 vol. . . . . 25400

João de Lemos

SERÕES D'ALDEIA, 1 vol. . . . . 600

Visconde de Beñalcanfor

DE LISBOA AO CAIRO, 1 vol. . . . . 600

No preço

DO MESMO AUCTOR

Um novo vol. de viagens intitulado: NA ITALIA  
*Roma — Napoles — Pisa — Genova — Monaco*  
*— Nice — Marselha e o sul da França*, 1 vol.

SECA de QUEIROZ

RANALHO ORTEGÃO



ASTARIS

S. Ph.  
H. Koch

hellon



III Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

---

# AS FARPAS

---

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

---

NOVA SERIE

---

TOMO VI

---

Julho a Agosto

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

---

1876



# A INSTRUÇÃO PUBLICA

(CARTA AO SR. MINISTRO DO REINO)

## SUMMARY

O estado mental dos alumnos. Os actuaes programmas. As linguas vivas, a latinidade, o curso de portuguez; a geographia, a historia. Os collegios, sua organisação e sua influencia. Uma geração condemnada. A necessidade da reforma radical do ensino. Plano de reconstituição intellectual. As novas escolas. Os novos edificios. Os novos programmas. O magisterio. As lições de coisas. Os jardins de creanças. O ensino medio ou a educação intellectual do homem. A educação physica. Necessidade da harmonia nos desenvolvimentos physicos, intellectuaes e moraes. A gymnastica. O officio mechanic obrigatorio. A classificação do ensino encyclopedico ou integral. O *elementar*, o *abstracto*, o *concreto*. A exegese moderna. A instrução experimental, positivista. O provimento das cadeiras. A escolha do pessoal. Os *privat-docenden*. De que nos tem servido o exagerado humanismo das educações litterarias? As objecções ao novo systema: o pessoal, o tempo, o

dinheiro, a rotina theologica. A refutação. Resultados dissolventes da anarchia intellectual pelo regime vigente: o individuo, a familia, a patria, o solo, o clima, e trabalho. Comprovação pelos factos. Conclusões.

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. ministro do reino.—Ha um anno que, ácerca da reorganisação do ensino secundario em Portugal, tive a honra de dirigir a v. ex.<sup>a</sup>, por intermedio de um d'estes livros, uma carta em que procurei submetter á consideração de v. ex.<sup>a</sup> a pintura fiel do deploravel estado cerebral dos alumnos que concorriam aos exames finaes do curso dos lyceus.

Esta carta teve o exito das recentes especulações bancarias tentadas no paiz. Quero dizer que ficou sem effeito.

Venho escrever de novo a v. ex.<sup>a</sup>, e prometto não terminar em quanto não houver chegado á ultima pagina do presente volume, que consagro inteiramente, não direi ao *ensino publico*, por que o meu pudor me inhibe de empregar uma tão arrojada methaphora, mas a v. ex.<sup>a</sup>, meu antigo amigo, hoje representante visivel, dentro das repartições do Terreiro do Paço, da risonha chimera que por um abuso da hyperbole se chama a *Instrucção Nacional*.

Examinados e approvados em todas as disci-

plinas do programma, ao cabo de oito ou nove annos de um estudo embrutecedor, deprimente de todas as forças phisicas e de todas as faculdades mentaes, com excepção do exercicio exclusivo da memoria, os alumnos de instrucção secundaria, fóra os elementos da mathematica, o desenho geometrico e as breves noções de phisica, de chimica, de mineralogia, de botanica, de zoologia e de anatomia, que constituem as materias da cadeira de introducção á historia natural, não teem um só dos conhecimentos que formam a educação elementar do homem.

As linguas, que não são propriamente conhecimentos, isto é, que não ministram idéas nem factos e representam unicamente instrumentos de investigação e de estudo, são pessimamente ensinadas, não de um modo pratico mas dogmaticamente, theoreticamente, como se fossem o fim methaphysico de si mesmas e não um puro meio.

A latinidade, que não tem por fim principal senão fazer conhecer ao alumno a litteratura e a civilisação romana, a latinidade, que, sob o ponto de vista linguistico, deveria entrar com o grego, com o sanscrito, com o hebraico e com o arabe

no curso superior das linguas sabias, objecto da phylologia comparada, rouba ao alumno no curso secundario dos lyceus quatro ou cinco annos de uma applicação esteril.

Ao energico e poderoso stylo de Tacito, no qual perpassa um largo folego communicativo de liberdade e de amor da patria, o programma prefere os capitulos oratorios de Tito Livio em que se referem os phenomenos de creanças que nasceram com cabeça de vitello, de bois que fallaram, e outros que taes casos não seguramente os mais adequados para darem aos alumnos o conhecimento de uma grande civilisação extincta. Porque—v. ex.<sup>a</sup> bem o deve comprehender—por mais que um boi discurse e por mais que um menino rumine, nós não ficaremos por esse facto comprehendendo melhor a forte organização da propriedade romana, nem as relações do patriciado e da plebe, nem o genio de Cesar, nem a eloquencia de Cicero, nem a veia de Juvenal.

Tal qual o ensinam, o latim serve-nos apenas para traduzir ás senhoras com quem viajamos as legendas lapidares, e para aproveitar nos usos rhetoricos alguns chavões consagrados como, por exemplo: *Me me adsum!*—*Latet anguis!*—*Ti-meo danaos!*—*Rari nantes!*—*Quos vult perdere*

*Jupiter dementat prius!—Sic itur ad astra!—  
Habent sua fata libelli!— Cedunt arma togae!*

Para estes resultados o estudo do latim poderia eliminar-se, sendo vantajosamente substituído por um simples capítulo — sobre os *latinorios*.

Da coisa chamada *Philosophia racional e moral* direi apenas que deveria prohibir-se, por meio de uma postura, — como as indecências.

O ensino do portuguez, onde a doutrina mais desenvolvida é a oratoria, serve para fazer rhetoricos ou pedantes. É completamente estéril para fazer conhecer as fontes da lingua nacional, a sua tradição, a sua historia, os seus desenvolvimentos sob o ponto de vista critico da philologia moderna.

Para se ajuizar da competencia com que foram escolhidos os textos que teem de servir de lição basta dizer que o programma, citando todos os nomes de auctores dissimulados pelos nossos imperfeitos bosquejos de litteratura patria, omitta o mais portuguez de todos os livros, a unica obra em prosa cujo merito póde ser equiparado á epopeia de Camões, a incomparavel *Historia tragico-maritima*.

Da classe de portuguez, regida conforme o programma official, pôde sair um prégador de aldeia com as habilitações sufficientes para fazer dormir o povo, á sombra, em uma igreja fresca, affastando-o por uma ou duas horas do calor do arraial no dia do orago da parochia. O que não pôde é combater a degeneração e o abastardamento da lingua enxovalhada pelo calão ignobil usado na camara dos srs. deputados, pelo vasconso das traducções dos libretos de Offenbach, e pelos proloquios de cavalharice e de curro que impestam a conversação das salas. Uma coisa bem simples e bem facil, muito menos complicada do que a imitação do stylo de Bernardes ou de Vieira, é exprimir-se cada um na sua conversação ou nos seus escriptos com a simplicidade que convem ás pessoas bem educadas, de modo que se não confunda nem com um corista do theatro da Trindade, nem com um embolador de touros, nem com um troquilha de cavallos, nem — o que ainda é peor genero — com um deputado eloquente. Pois bem: isto apenas — não ter o stylo de um malcreado, — esta coisa tão simples o curso de portuguez não a sabe ensinar.

A geographia, como a leccionam, é uma dis-



ciplina que tem sómente por fim fazer conhecer os nomes dos continentes, dos paizes, dos rios, das montanhas, dos mares, dos estreitos, dos cabos, etc. Na geographia o alumno apenas aprende nomes e definições. Os nomes, decorados sem methodo, sem concatenação logica, esquecem seis mezes depois do exame. As definições não exprimem nenhum dos caracteres scientificos da coisa definida. Exemplo: *Rio é uma corrente d'agua caudalosa e extensa; cabo é uma lingua de terra que se adeanta para o mar.* Ao cabo d'esse estudo essencialissimo, base de toda a sciencia do homem, o estudante não tem a minima idéa de nenhuma das leis phisicas que determinam a configuração do globo e a historia da evolução da terra.

Não se descreve, ex.<sup>mo</sup> sr., o pasmo de todos os alumnos e de quasi todos os mestres de geographia, quando se lhes diz que os differentes aspectos sob os quaes se deve considerar a terra são o subsolo, a superficie, a fauna, a flora e a atmosphaera; que o estudo da geographia se decompõe na geologia e na mineralogia, na orographia e na hydrographia, na botanica e na zoologia, na meteorologia e na climatologia; que do conjuncto d'estas influencias procede a

anthropologia, ou o estudo do homem com relação á especie, á raça, ao clima, aos aspectos da natureza e á producção do solo.

Os geographos nacionaes, consumados segundo o programma do ensino nos nossos lyceus, ignoram quanto ha de mais rudimentar na historia do globo e na razão dos seus aspectos.

A profunda revolução exercida sobre a superficie da terra pelo degelo subsequente ao periodo glaciario, essa base fundamental de todo o estudo geographico, é assumpto que a geographia dos nossos lyceus deixa envolto nas trevas mais impenetraveis e mais augustas. Sabe v. ex.<sup>a</sup>, sr. ministro, qual é a comprehensão que teem do diluvio os nossos jovens geographos? A do capitulo VII do Genesis, ex.<sup>mo</sup> sr. ! A zoologia e a anthropologia baseam-se para elles na legenda da arca, nas chuvas de quarenta dias com quarenta noites, na salvação de todos os animaes, reptis, aves, insectos, quadrupedes, quadromanos, etc., recolhidos a dois e dois, macho e fema, por Noé, aos seiscentos annos de sua idade, dentro da sua arca de tres andares e *rez de chaussée*, com quartos mobilados e mesa redonda para toda a creação animal, desde o hipopotamo marinho até o nosso persevejo.

E é para mantermos estes resultados de crassa ignorancia, de superstição absurda, nos elementos da sciencia fundamental de todos os estudos sociaes, que temos lyceus, uma direcção geral de Instrucção Publica, uma junta consultiva da mesma Instrucção e — quem o acreditará? — duas sociedades de geographia, com os seus presidentes, os seus secretarios, as suas secções academicas, reunindo-se uma vez por semana, fazendo discursos, fazendo officios, lavrando actas, elaborando programmas, gisando viagens em roda do mundo, e não tendo tempo para ir do Terreiro do Paço ao alto das Portas de Santo Antão, onde o facto do diluvio, fonte de todas as noções geographicas, se explica á mocidade portugueza segundo o exposto nos capitulos VII e VIII do primeiro livro de Moisés!

O modo como se aprende historia é ainda mais absurdo, do que o modo como se aprende geographia.

Racionalmente a historia deveria ser o estudo do desenvolvimento do homem atravez dos progressos de que elle é susceptivel: progresso physico, progresso intellectual, progresso moral, progresso economico e progresso politico.

Conhecer, pelo menos, as linhas geraes d'essas differentes evoluções, as suas leis, as suas grandes épocas, os factos memoraveis da civilisação agricola, industrial, commercial, scientifica, litteraria, artistica, os nomes e as biographias dos homens uteis á humanidade em cada um d'esses ramos da actividade, parece que devera ser o fim dos estudos historicos n'um curso de instrucção secundaria. Não é assim.

Os estudos historicos do curso dos lyceus constam de uma serie de anedoctas biographicas, divididas chronologicamente em historia antiga e historia moderna. As anedoctas, mais ou menos authenticas, narradas pelos compendios, referem-se invariavelmente ás successões dynasticas e á biographia dos imperadores, dos reis, dos consules, dos governantes de todo o genero, isto é, dos differentes funambulos que desde a antiguidade romana até os nossos dias, sem especie alguma de acção sobre as forças da humanidade e sobre as suas conquistas intellectuaes, das quaes dependem todos os outros progressos, tiveram apenas a habilidade de se conservarem equilibrados por um certo espaço de dias na corda suspensa que se chama o poder temporal, e representa o episodio mais insigni-

ficante da passagem das gerações no tempo e no espaço.

É diante d'essa longa serie de mandões, de despotas, de tyrannos, de homens inuteis ao progresso, ou perturbadores d'elle, que se fixa a attenção extatica e absorta da mocidade, escondendo-se-lhe systematicamente a noticia dos factos verdadeiramente grandes e dos homens verdadeiramente beneficos. Os estudantes ignoram completamente quem são Euclides, Archimedes, Averroes, Colombo, o Gama, Magalhães, Copernico, Galileu, Giordano Bruno, Luthero, Erasmo, Calvino, Vanini, Kepler, Newton, Leonardo de Vinci, Bernardo Palissy, Skakspeare, Camões, Mozart, Bacon, Bichat, Lavoisier, Galvani, Watt, Napier de Merchiston, Kant, Voltaire, Goethe, Danton, Auguste Comte, Michelet, Proudhon, todos aquelles finalmente que foram na terra os portadores de uma idéa e se immortalisaram dando á humanidade algum dos seus bens — o calculo, a astronomia, a navegação, a liberdade do pensamento, a anatomia, o vapor, a electricidade, o poema, o drama, a opera, a logica, a philosophia, a vaccina, o thear, o prelo, a taboa dos logarithmos, uma ideia justa ou um sentimento grande.

Tudo isto os alumnos ignoram.

Nenhum d'elles se acha apto para indicar com lucidez a correlação das grandes phases historicas, como o imperio romano, a invasão dos barbaros, o feudalismo, a reforma, a renascença, o regimen monarchico e a revolução.

As noções de historia ministradas segundo o programma official do ensino terminam com a idade media. A renascença, berço de todas as modernas instituições sociaes, ficou no tinteiro da commissão legisladora. Para o fim do ensino suppõe-se não existirem factos subsequentes, os mais importantes para o homem actual: a creação da burguezia, o advento do constitucionalismo inglez, a independencia dos Estados Unidos, a Convenção franceza, a queda das antigas monarchias, dos privilegios da nobreza e do clero, a definição dos direitos do homem, etc.

E no entanto, desconhecendo inteiramente as vistas geraes, a comprehensão harmonica do conjunto, todo o alumno de historia tem pretensões vehementes a saber a vida intima de Nero e de toda a sua familia, a de Caligula, do seu cavallo e de todos os seus vicios, bem como os nomes de todos os filhos bastardos dos reis portuguezes e das suas respectivas mães!

Nos lyceus do Estado o estudo das differentes disciplinas e a distribuição d'ellas pelos differentes annos do curso são de tal modo absurdos que os alumnos preferem aos estabelecimentos do governo os collegios particulares, e são estes quasi inteiramente que dirigem a educação da infancia.

Ora a maioria dos collegios particulares, sr. ministro, são a mais torpe e a mais ignobil especulação a que pôde dar logar o interesse de individuos inaptos para qualquer outra profissão, sem as mais leves noções da pedagogia, sem sciencia, sem elevação de character sem principios technicos, sem dedicação, sem senso moral.

Os externos entram ordinariamente ás oito ou nove horas da manhã e saem ás quatro ou quatro e meia da tarde. É tal a desordem n'estas casas chamadas de educação que durante as sete ou oito horas alludidas o collegial tem apenas tempo para dar lição.

Nas salas de estudo os mestres não dirigem os trabalhos. Os exercicios escolares não são convenientemente intermeados com os trabalhos mecanicos ou com a gymnastica. De modo que ás cinco horas da tarde o estudante apparece em casa, desabotoado, sujo, pallido, cheirando a ci-

garro, tendo apenas assistido ás lições. É preciso em casa dirigir-lhe o estudo, obrigar-o a applicar-se de noite. Assim, desde os oito annos até os dezeseite, na idade mais critica da vida, quando o systema muscular se desenvolve, quando se fixa a constituição physica, quando se fórma o caracter, o alumno vive inteiramente amarrado, de dia e de noite, a uma serie de compendios absurdos, em que elle apenas aprende a ser um pedante ou um imbecil.

O methodo dogmatico do ensino faz-lhe perder os habitos mentaes de investigação, de analyse, de reflexão; converte-o em um machinismo de decorar definições, dá-lhe o tédio do trabalho, a desconsideração de si mesmo. A convivencia dos seus companheiros de escola, tão pervertidos como elle, ajuda o rapido desenvolvimento de todas as más qualidades que contrae. Torna-se indolente, grosseiro, vicioso. E se o não poder salvar a influencia ao mesmo tempo doce e austera de uma mãe exemplar, será um cidadão irremissivelmente perdido para a dignidade e para o dever.

Fez-me v. ex.<sup>a</sup>, sr. ministro, a distincta honra de me nomear vogal da commissão de exames



finaes no lyceu de Lisboa. Em desempenho d'este serviço acabo de conviver litterariamente com alguns centos de alumnos. D'estes sabe v. ex.<sup>a</sup> quaes eram os mais habilitados, os mais instruidos, os mais intelligentes? Eram os mais pequenos.

Os que haviam sido educados na familia por mestres particulares ou por preceptoras estrangeiras, conheciam cabalmente as materias em que tinham de ser examinados, tinham a grave compostura de maneiras das creanças bem educadas, as unhas limpas, o cabello penteado, o fato sem nodoas, o sorriso bondoso e ingenuo das frescas boccas innocentes, o olhar attento, intelligente e sagaz. Mostravam pertencer a uma raça espirituosa susceptivel de facil ensino e capaz dos maximos desenvolvimentos intellectuaes. Eram as finas creanças peninsulares na sua franca e genuina expressão, não pervertidas ainda pela immoralidade da escola.

Dos quinze annos por deante o aspecto dos examinandos era inteiramente diverso. Dir-se-hia pertencerem a outra raça, serem o producto de outro meio social. São simplesmente o fructo do collegio portuguez.

Intonsas cabelleiras chejas de caspa, espi-

nhaços sem consistencia, dobradiços e fatigados, physionomias entristecidas, olhos mortos, mucoses descoradas, mãos suadas deixando na lousa dos themas um vestigio humido, toilettes pretenciosas de um dandysmo pelintra, as unhas crescidas dos tocadores de guitarra, o passo arrastado e incerto sem determinação e sem firmeza, a voz velada, a elocução tardia, a tendencia para bulir, a incapacidade de estar sereno e correto, o gesto esbandalhado, as maneiras torpes de quem se bambaleia em despiques de taberna ou em chacotas de cavalharice. — Taes são em resumo os principaes caracteristicos exteriores da influencia dos nossos methodos pedagogicos.

A esse aspecto externo corresponde moralmente a inacção mental, a apathia da curiosidade, o entorpecimento do criterio, a atrophia do senso moral, finalmente a medonha preguiça do cerebro.

E' d'esta grande massa de jovens cidadãos combalidos nos centros nervosos e nas faculdades moraes que saem os ociosos incorrigiveis, os pessimos estudantes dos cursos superiores, os futuros vadios, os jogadores, os funcionarios

relaxos, os clavicularios infieis, os caracteres pusilanimos, os tristes, os nostalgicos, os aborrecidos, os que intrigam, os que trapaceiam, os que furtam, os que no termo de uma existencia de desanimo, de tedio, de vagos rancores, de profundas invejas pelo dinheiro que não teem, pelas obras que não fazem, pelas gravatas que os outros usam e pelo champagne que os outros bebem, chegam ao homicidio, ao suicidio, á crapula, á cadeia ou ao degredo.

O progresso moral de uma sociedade não é mais que um desdobramento do seu progresso intellectual. No tempo d'hoje, em que as velhas crenças religiosas tendem a desaparecer, em que a ordem pelo predominio das classes nobres sobre as classes servis começa a não ser mais que uma vaga tradição, quando é impossivel voltar a uma reorganisação social nas bases do antigo regime aristocratico e theologico, a moral publica depende estreita e indissolavelmente da instrucção publica. Uma sociedade sem estudos serios, graves, positivos, é uma sociedade condemnada a uma dissolução fatal pela falta de convicções, de principios e de aptidões para o trabalho.

Sr. ministro, o estado anarchico da nossa instrucção secundaria não é unicamente um mal irremediavel para alguns milhares de estudantes que annualmente se examinam nos lyceus nacionaes; tal estado comprometteu já duas gerações e afundou este paiz na dissolução immensa.

Nada mais deploravel do que o disequilibrio geral entre o nosso apparente progresso politico e o nosso progresso intellectual!

Ao cabo de quarenta annos de paz sob um regimen liberal, Portugal não aprendeu ainda a gosar nenhum dos beneficios da liberdade. Em uma carta de D. Pedro IV ao marquez de Rezende, escripta do cerco do Porto, o *rei-soldado* dizia-lhe: «A creação portugueza é e tem sido sempre para a vida servil. Este povo está inteiramente apathico. Eu vou constitucionalisal-o contra sua vontade.» Quasi meio seculo depois a educação portugueza continua a ser como então: — para a vida servil.

De cima a baixo, de um cabo ao outro do paiz, apathia geral!

Não ha interesses collectivos, não ha solidariedade moral entre os cidadãos. Este trato de solo iberico, que v. ex.<sup>a</sup> ajuda a governar,

ha muito tempo que deixou de ser uma patria.

A patria significa uma certa communhão de idéas, — e nós não temos idéas; uma religião commum, — e não temos religião; uma litteratura propria e uma unidade artistica, — e não temos nem litteratura nem arte nacional; uma tradição popular, — e as nossas tradições foram absorvidas ou deturpadas pelo classicismo fradesco e academico.

A coisa a que figuradamente se continua a chamar a patria nos instrumentos officiaes é uma pura aggregação territorial em que nós nos achamos uns defronte dos outros, ao acaso, como nas bancadas do carrão que sae do Pelourinho para Oeiras. Cá vamos todos por ahí fóra, importando-nos pouco com a sorte do carro, do cocheiro, dos cavallo. Cada um trata de si, do seu chapéu de sol e do cabaz das suas encommendas. Levem-nos que é o que nós queremos, e para isso pagamos! Que esta gigajoga se não desconjunte e não se esborde por esses caminhos enquanto nós cá estamos dentro, é o unico voto que fervorosamente elevamos aos ceus. Que toda a caranguejola se esbarronde ou se não esbarronde amanhã, quando eu já tiver em casa todos meus ossos e todas as minhas encommendas, eis o que

nenhum cuidado me dá a mim, nem aqui ao meu visinho da direita que resonna, nem ao da esquerda que assobia, nem ao da frente que vae lendo a folha!

A ignorancia geral é tão supina e profunda, que ninguem comprehende sequer a necessidade imprescriptivel de se instruir. Os paes mandam educar os seus filhos unicamente por uma d'estas tres razões:—para os habilitar para um emprego, para satisfazer uma vaidade de salão ou para dar uma satisfação á sociedade da sua rua. Ninguem se educa com o intuito de se completar como homem, de se formar como cidadão.

Portanto, se o governo de que v. ex.<sup>a</sup> faz parte espera que a iniciativa de uma reconstituição intellectual do paiz parta da representação nacional, v. ex.<sup>a</sup> e todos os seus successores no poder esperarão debalde eternamente. E' precisamente necessario, é urgentissimo, que uma lei organica da instrucção publica saia do governo e que elle a faça votar em massa, compactamente, sem discussão, por toda a sua maioria parlamentar.

Para fazer uma lei d'este genero é preciso at-

tender, primeiro que tudo, a que em Portugal, em regra geral, ninguem sabe nada, nem sequer medir a profundidade d'aquillo que ignora. Qualquer que seja a questão que se apresente não ha ninguem que a trate: é indispensavel preparar um individuo que a estude. Preparar estes individuos é a primeira coisa que ao governo compete fazer com respeito á Instrucção Publica — pela seguinte fórma:

1.º Abolir toda a legislação vigente sobre a instrucção primaria, secundaria e superior.

2.º Abrir concurso entre nacionaes e estrangeiros mediante uma elevada gratificação que compense cabalmente um anno de applicação e de estudo á intelligencia mais superior, para os seguintes fins:

a) Programma geral dos estudos primarios, secundarios e superiores em Portugal para o sexo masculino e feminino, segundo os mais recentes principios e methodos iniciados pela Suissa, pelos Estados Unidos e pela Allemanha.

b) Projecto de um edificio para lyceu publico em cada uma das principaes cidades portuguezas, offerecendo a maxima capacidade para o estabelecimento de tantas aulas quantos forem os

grupos de quarenta alumnos no estudo de cada disciplina; salas de estudo, de solfejo, de gymnastica; officinas modelos para a apredizagem obrigatoria de um officio mecanico para cada alumno matriculado nas escolas; jardins crèches ou jardins de creanças como os que se estão usando na Suissa e na Allemanha, onde as creanças de tres a sete annos aprendam praticamente as linguas com mestras estrangeiras e recebam as primeiras lições rudimentares das coisas, sem abrirem livro e conservando-se pelo maior espaço de tempo ao ar livre.

Na confecção dos programmas da instrucção publica em Portugal, aberto para este fim um grande concurso entre os homens mais competentes em similhantes assumptos, ter-se-ha certamente em vista que a divisão logica do ensino é a seguinte:

Na instrucção primaria entra o que ha puramente *elementar* na area de todos os conhecimentos humanos.

Na instrucção secundaria cabe a parte chamada *abstracta* de todas as grandes sciencias que constituem a exegese moderna, segundo a admiravel genealogia de Auguste Comte: a ma-



thematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia e a sociologia.

Na instrução superior tem logar a parte *concreta* das referidas sciencias ou a sua applicação a qualquer dos ramos da actividade intellectual.

Por tal modo deixará o ensino de se fazer absurdamente pelo privilegio de umas disciplinas com detrimento das outras, como actualmente succede. O alumno, depois de obtido o conhecimento das linguas vivas ou os instrumentos de aquisição, começará logo por apoderar-se em globo e experimentalmente dos germens de todas as idéas, cujos desenvolvimentos lhe serão successivamente ministrados até que, desde os cinco ou seis annos aos dezenove ou vinte, elle tenha gradualmete subido ao ultimo grau da grande escala encyclopedica, sem a minima solução de continuidade na marcha permanente do seu espirito para a perfeição.

O rigor scientifico é absolutamente indispensavel na educação experimental e encyclopedica, na educação de todo o homem que não queira occupar na sociedade contemporanea um mísero logar lastimavelmente subalterno.

O proprio operario mecanico, desde que o vapor veio substituir a força muscular, precisa

de ter uma intelligencia esclarecida, cultivada principalmente no estudo da mechanica.

Nas industrias todas, na agricultura, no commercio, sabe-se o papel importante que teem todas as sciencias e principalmente a chimica e a biologia. Quantos descobrimentos se lhes devem! quantos recursos novos não teem ellas aberto á actividade do homem! Quantos beneficios não reservam ainda á applicação e ao estudo!

No proprio exercito que é hoje a sciencia se não a mesma alma do militarismo? Cuidará o sr. Fontes Pereira de Mello que as recentes victorias da Allemanha se devem á excellencia dos seus canhões e das suas espingardas? Não: esse triumpho que assombrou a Europa deve-o a Allemanha aos seus sabios, aos seus philosophos, aos seus incansaveis homens de estudo, á organização exemplarissima dos seus innumeraveis gymnasios e das suas trinta e duas universidades, exemplo de todo o mundo. Um só facto bastará para pôr em relevo o esmero scientifico da educação do exercito temeroso do general Moltke: Na Allemanha nenhum official põe nos hombros as charlateiras de alferes sem ter concluido, alem dos estudos technicos, um curso

completo de *administração comparada* de todos os paizes do mundo. Em Portugal, na propria faculdade em que a administração não é um estudo accessorio mas uma disciplina integrante, isto é, na faculdade de direito da universidade de Coimbra, não ha para os srs. bachareis destinados á carreira administrativa uma cadeira de administração comparada!

Na obra *A sciencia e a patria*, o sr. de Quatrefages diz: A sciencia está hoje em toda a parte; tende a tornar-se a soberana do mundo. Que industria não precisa da mechanica, e que industria quereria hoje parar nos progressos realisados já por esta sciencia? Qual é a que poderá repellir o soccorro da chimica? Que medico digno d'este nome consentiria em prescindir da physiologia, d'essa sciencia complexa, filha da chimica, da physica, da mechanica tanto como da anatomia? Que agricultor esclarecido não comprehende que os problemas da cultura e da producção são essencialmente questões de zoologia, de botanica, de geologia e de chimica? Nem todos os homens podem tornar-se sabios de profissão, mas todos podem e devem ter as sufficientes noções scientificas para comprehender pelo menos a intervenção dos homens espeziaes,

para julgar do momento em que essa intervenção se torna necessaria.

O sr. Hippeau diz no seu bello livro ácerca da *Instrucção publica nos Estados Unidos* que n'aquelle paiz os mais elevados espiritos trabalham hoje para fazer comprehender que dos cinco aos dezoito annos a instrucção publica deve ser dirigida com applicação aos conhecimentos geraes.

Durante essas edades as letras e as sciencias não devem ser objecto de estudos especiaes e aprofundados. Limitando-se a procurar nas letras e nas sciencias uma fonte de ensino e de informações positivas, os mestres, diz o sr. Hippeau, devem antes de tudo pensar em formar homens, cidadãos, egualmente preparados para entrar com distincção nas diversas carreiras que houverem de escolher, mas a que é soberanamente imprudente condemnal-os desde a infancia por meio de um curso especial. As escolas publicas não devem formar nem agricultores, nem mechanicos, nem engenheiros, nem physicos, nem chimicos; essa é a funcção das *escolas especiaes* que hoje tratam de multiplicar e que se organisam por toda a parte nos Estados da União, de uma maneira forte e poderosa, á parte

das escolas existentes. Concebidos n'este espirito, conclue o sr. Hippeau, os programmas das escolas publicas primarias, secundarias e superiores deslindam-se a pouco e pouco das materias que até hoje os sobrecarregavam. É expressamente recommendado no ensino o não tomar de cada ramo dos estudos senão a parte mais essencial, isto è, o que a todos importa conhecer, reservando para as escolas particulares as materias que teem de ser estudadas no ensino especial.

Tal é, resumidamente exposta, a questão do programma e dos fins da instrucção secundaria, ou do ensino medio, n'um paiz sabiamente governado.

É a instrucção secundaria bem dirigida a que constitue o nivel intellectual de um povo. É por meio de um forte ensino medio, commum a todos os cidadãos, qualquer que seja o estado, a profissão ou a gerarchia de cada um, que uma verdadeira democracia se affirma na civilisação e no progresso.

Para acompanhar, para comprehender, para aproveitar em beneficio commum a grande obra intellectual do espirito humano, toda a noção

particular disgregada do grande todo a que se chama em geral a sciencia, é uma noção de pura curiosidade, improficua e inutil. Por isso o programma racional da instrucção secundaria deve abranger, ainda que na parte *unica e exclusivamente abstracta*, todos os dominios da intelligencia do homem: A *mathematica*, ou a sciencia da quantidade, da extensão e do movimento; a *astronomia* ou o estudo das dimensões, dos movimentos e das distancias dos grandes corpos existentes no espaço e que constituem o universo sideral; a *physica* ou o estudo do calor, da luz, da electricidade, do magnetismo e da acustica; a *chimica* ou o conhecimento dos phenomenos de composição e decomposição dos corpos; a *biologia* ou a sciencia dos phenomenos da vida; a *sociologia* ou o systema da vida na communiidade humana.

Em um magnifico artigo publicado no *Journal de Philosophie Positive* pelo sr. Lafargue ácerca da reforma dos programmas da instrucção publica em França, a differença essencial da divisão das sciencias em parte *abstracta* e parte *concreta*, pelo methodo de Auguste Comte,—divisão em que peço licença para insistir porque é ella que constitue os limites em que tem de se res-

tringir o ensino secundario, — é evidenciada n'um exemplo que basta para distinguir aquillo que chamo *abstracto* do que chamo *concreto*.

As palavras de Auguste Comte são as seguintes:

«Cada uma das sciencias fundamentaes que formam o conjunto do saber humano póde e deve decompôr-se em duas partes distinctas : uma, geral, *abstracta*, tem por objecto o descobrimento das leis que regem as diversas classes de phenomenos que se podem conceber; a outra, particular, *concreta*, descriptiva, e que algumas vezes se designa pelo nome de *sciencias naturaes* propriamente ditas, consiste nas applicações d'essas leis á historia effectiva dos differentes seres.»

O exemplo citado pelo sr. Lafargue é este :

A biologia, *sciencia abstracta* fundamental, tem por objecto o estudo das leis geraes da vida applicaveis indistinctamente a todos os seres organisados, tanto animaes como vegetaes. Pelo contrario a botanica e a biologia, *sciencias concretas*, estudam as leis da vida na parte em que ellas se applicam de uma maneira distincta e particular a determinados seres organisados, ou sejam o vegetaes ou sejam os animaes. Estas

duas sciencias são fundadas na primeira, da qual dependem estreitamente. A mesma relação existe entre a chimica, *sciencia abstracta*, que considera todas as combinações possiveis das moleculas entre si e a mineralogia, *sciencia concreta*, que considera algumas apenas d'essas combinações.

Esta divisão e classificação das sciencias, devida a Auguste Comte, adoptada pelo sr. Littré e em geral por todos os philosophos positivistas da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, constitue o unico plano logico da educação encyclopedica indispensavel a todo o homem moderno.

Essa classificação, diz o sr. Lafargue, é, não sómente conforme á hierarchia natural dos phenomenos e ao desenvolvimento historico dos nossos conhecimentos, mas tem ainda a vantagem de apresentar as differentes sciencias pela ordem em que convem que ellas se estudem. Effectivamente cada uma d'essas sciencias depende mais ou menos de todas aquellas que a precedem, e principalmente da que a precede immediatamente, sem que pelo contrario nenhuma d'ellas dependa da sciencia subsequente. É impossivel, por exemplo, estudar convenien-



temente a astronomia sem ter estudado previamente as mathematicas. Do mesmo modo a physica governa a chimica, a chimica a biologia, a biologia a sociologia.

Conhecidas as leis previas que dominam os phenomenos genericos da extensão e do movimento e adquirida a faculdade de reduzir ao signal graphico todas as operações do cerebro com relação a esses phenomenos, obtido esse processo mental, que se chama a mathematica, a primeira das curiosidades do homem, suscitada pelo uso dos sentidos, consiste naturalmente em conhecer as relações que ligam o globo que elle habita com os demais corpos celestes, o sol, a lua, os planetas, as estrellas, os aspectos do firmamento. Por via d'esta sciencia, que é a astronomia, o espirito chega á indagação das leis que regulam as propriedades dos corpos, e entra na physica. Segue-se a investigação do modo como cada um d'esses corpos se compõe, e se decompõe, e estamos na chimica. Chega porém um limite ao estudo da chimica, e é o ponto em que a suprema combinação das moleculas dá o phenomeno da vida, e esta é a entrada da biologia. No cume da escala organica pela qual se classificam os entes vivos

apparece finalmente o homem, o qual, além de viver em communidade como o castor, a abelha e a formiga, apresenta nas manifestações da sua existencia o caracteristico especial de mudanças successivas sujeitas a leis naturaes e produzindo uma evolução indefinida, que se chama o progresso, e que constitue os dominios da sciencia sociologica.

Não ha phenomeno no universo, não ha idéa correlativa a esse phenomeno no espirito do homem que escape ao alcance de uma ou outra d'essas seis sciencias fundamentaes, cujo conjunto forma a educação encyclopedica ou integral, objecto da instrucção secundaria ou do ensino medio. Saber isto é não ingnorar inteiramente coisa alguma. Ignoral-o é não saber nada.

A estes conhecimentos ha que accrescentar como complemento indispensavel da educação o solfejo, o desenho de ornato e, principalmente, o estudo da perspectiva, e a aprendizagem de um officio mecanico.

O desenho e a musica são dois modos essenciaes de exprimir os sentimentos, são na instrucção como duas linguas, as mais importantes depois da lingua nacional, pela razão que são

exactamente as unicas intraduziveis em qual-quer idioma.

De um relatorio official ácerca do estado da educação na Grã Bretanha, publicado em 1861, deduz-se que nas escolas inglezas em que se acha estabelecida a gymnastica, os alumnos que repartem igualmente o seu tempo pelo estudo nas classes e pelos exercicios musculares fazem progressos muito mais rapidos do que os estudantes que se empregam completamente no estudo. O sr. Esquiros, em um artigo publicado na *Revue des Deux Mondes* calcula que as forças produzidas por este systema de diversão equivalem pela producção de trabalho ao augmento de um quinto na população britanica. Um systema perfeito de educação comprehende a cultura de todas as faculdades da nossa natureza physica, intellectual e moral. Todas estas faculdades são solidarias. O desenvolvimento intellectual depende do desenvolvimento physico, assim como o desenvolvimento moral depende do desenvolvimento intellectual.

As forças intellectuaes e moraes desenvolvidas á custa do aperfeiçoamento do corpo produzem os entes monstruosos, a exaltação da sensibilidade, a vivacidade febril dos imaginativos, aptos

às vezes para as concepções artisticas, proprios para as invenções dramaticas, mas absolutamente incapazes para a lucta pratica da vida, para a resolução perspicaz dos negocios.

É do harmonico equilibrio perfeito d'essas tres ordens de faculdades — physicas, intellectuaes e moraes — que procedem os homens verdadeiramente superiores, os grandes homens uteis, os cidadãos prestaveis, unicos absolutamente dignos da gratidão da sociedade e do respeito dos seus similhantes.

Nenhum erro mais fatal ao progresso que o de julgar da competencia e da superioridade de um homem unicamente pelas manifestações artisticas ou litterarias do seu espirito. Um grande poeta, um excellente folhetinista, um romancista de primeira ordem póde ser não obstante, e é ordinariamente, sobretudo em Portugal, um individuo muito menos capaz de resolver com acerto um problema da vida pratica do que um industrial, um commerciante, um puro operario mecanico, creado, endurecido, experimentado na escola das fecundas agitações da realidade.

O dr. Channing, estudando as causas do byronismo, do wertherismo, de outras aberrações physiologicas do cerebro, attribue em grande

parte á falta de exercicio physico o descontentamento prematuro da vida, a tristeza esteril, a inacção, a chlorose moral tão frequente nos litteratos e nos homens de estudo.

Em Portugal os individuos chamados á representação nacional, ao desempenho das altas funcções do estado, á gerencia dos negocios publicos, são de preferencia escolhidos entre as classes litterarias, onde grassam profundamante por falta de uma educação harmonica e completa, as perigosissimas enfermidades moraes de que falla Channing.

É essencial para a solução dos negocios do Estado, para a elevação do nivel tão deprimido das competencias, para os creditos do juizo nacional e do senso commum portuguez, restabelecer n'essas morbidas classes dirigentes o equilibrio das faculdades intellectuaes com as faculdades physicas.

Outro phenomono vulgarissimo na sociedade portugueza é o desdem e o desprezo de que são objecto aquelles que se empregam nas industrias mechanicas. O remedio mais efficaz para este grande mal, que implica na comprehensão geral da justiça e no sentimento da dignidade e da honra, é a aprendizagem obrigatoria de um

officio para os individuos de todas as condições e de todas as gerarchias sociaes.

A adopção da gymnastica e das artes mecanicas na instrucção publica, tem ainda a dupla vantagem de manter a saude e o vigor physico e de corrigir poderosamente a preguiça, a inacção, o abatimento moral, a tendencia dos temperamentos repousados para a perversão e para o vicio, finalmente de sustentar constantemente empregada toda a actividade que o organismo pôde dispende.

Malthus escrevia a seu filho estudante n'um collegio inglez:

«Toda a especie de saber, toda a communhão com a natureza e a arte fortificará o teu espirito; estimarei tambem que o jogo do cricke: possa fazer outro tanto com relação aos teus braços e ás tuas pernas. Gosto de te vér progredir nos exercicios do corpo, e estou persuadido de que a melhor e a mais agradavel parte dos prazeres do espirito é aquella de que se pôde gosar passeando.»

A maior parte dos grandes estadistas inglezes, homens de espirito tão pratico, tão lucido, tão apto para os negocios, conservando maravilhosamente o maximo vigor intellectual nas eda-

des mais adiantadas da vida, devem principalmente esse privilegio a uma justa distribuição do tempo em trabalhos intellectuaes e em proporcionaes exercicios physicos.

Sir Lytton, pae do ultimo ministro inglez em Lisboa, perguntando-se-lhe como alcançava tempo e disposição para escrever os seus bellos romances no meio dos mais pesados encargos da politica e da administração, respondia: « O segredo de trabalhar tanto consiste em trabalhar pouco de cada vez. Nunca estudo mais de tres horas e ás vezes menos por dia. Durante essas horas porém presto ao que faço toda a attenção de que sou capaz.»

Tenho junto de mim um curioso livro do sr. Samuel Smilles, intitulado *Self-Help*, cheio de factos biographicos de homens illustres que deveram aos fortes exercicios mechanicos o segredo do equilibrio das suas faculdades e do vigor do seu espirito.

Newton aprendeu na infancia o officio de carpinteiro, cujo exercicio constituiu sempre para elle o divertimento predilecto de toda a vida, entretendo-se, ainda nos seus ultimos annos, a fazer mezas e armarios com que presenteava os seus amigos.

Smeaton, Watt, Stepheson eram distinctos operarios. Elihut Burritt entendia que nada dispunha melhor para o estudo do que um pesado trabalho physico, e por muitas vezes abandonou elle mesmo as suas occupações litterarias para atar o avental de couro e ir trabalhar á forja, á bigorna ou ao torno de serralheiro.

Lord Palmerston, grande cavalleiro, grande caçador, grande remador, fazia consistir o seu maior orgulho em ser o primeiro athleta do seu tempo.

Lord Brougham tinha a legenda de um Hercules.

Walter Scott, apesar de côxo, possuia um vigor physico extraordinario, e o seu primeiro prazer consistia em montar e adestrar os mais fogosos cavallos selvagens e em fisgar salmões com a pericia e a força do melhor pescador do Twed.

Victor Hugo, em Jersey, apesar dos seus adiantados annos, lavava a sua velhice atirando-se todas as madrugadas de mergulho a um tanque de agua fria exposto ao ar livre e passeava a cavallo na praia galopando regularmente duas horas por dia.

O srs. Thiers e Guisot eram citados entre os



primeiros madrugadores de Paris,—a terra em que menos se dorme.

Proudhon tinha os mais solidos pés de cambeiro e pernas de aço que lhe permittiam andar dez leguas por dia; além d'isso era operario typographo,—como Michelet.

Livingstone completou a sua primeira educação litteraria á custa dos seus salarios parallelos como tecelão em uma fabrica perto de Glasgow. «Lançando os olhos sobre essa vida tão laboriosa, não posso deixar de agradecer a Deus, escreve elle, o ter-me permittido uma similhante existencia; e, se fosse possivel, eu desejaria recommençar a vida nas mesmas condições e passar outra vez pelas differentes phases d'essa rude e fortificante educação.»

Linneu era sapateiro.

Ben Johnson, filho de um pedreiro, foi pedreiro tambem. Beranger era alfaiate. Cooper, sapateiro.

Finalmente, ex.<sup>mo</sup> sr., se eu quizesse enumerar todos os homens notaveis que alliam a capacidade intellectual com os rudes trabalhos mechanicos, tirando do exercicio dos musculos a aptidão da intelligencia e a decisão do trabalho, este livro seria como a nossa indolen-

cia e a nossa preguiça nacional, isto é: — não teria fim.

De que nos tem servido praticamente, effectivamente, aquillo que o Estado até hoje nos tem ensinado com o sacrificio de enormes despesas accumuladas e perdidas?

Desgraçadamente toda a nossa educação intellectual tem sido sempre mais litteraria do que scientifica.

E todavia o archaico humanismo das nossas escolas ainda não conseguiu formar um verdadeiro homem de lettras, um grande escriptor popular!

O ensino publico do presente seculo, assim como a influencia litteraria das academias e dos conventos nos dois seculos precedentes, não fizeram com a sua erudição e a sua rhetorica senão corromper a arte de escrever. O dogmatismo nas theorias do stylo tem-nos levado a exprimir as idéas mais mediocres com as elocuções mais tumidas e mais emphaticas. A grande faculdade superior de emittir a expressão dos sentimentos e das idéas mais elevadas sob a fórma mais clara e mais simples, ainda não foi revelada aos sacerdotes do pensamento.

Qual é o bom livro portuguez que o povo leia e que o povo entenda? Nenhum. Qual é o escriptor cuja influencia tenha educado, moralizado por meio da arte a grande massa popular, como fizeram Cervantes em Hispanha, Skakspeare na Inglaterra, Lessing na Allemanha, Molière e La Fontaine em França? Nenhum. Porque os nossos litteratos, pervertidos pela preocupação rhetorica a que tudo se tem sacrificado, estudam a coordenação das palavras no discurso, mas não sabem estudar as relações das coisas na natureza e as dos sentimentos e das paixões no coração humano. Os proprios *Lusiadas*, uma obra tão patriotica, tão profundamente sentida, tão impregnada do ideal de aventura e de cavallaria que mais commove a alma peninsular, é incomprehensivel ao povo pelas suas maculas de erudição latina e mythologica. De sorte que o povo prefere á leitura do seu grande poema nacional a historia da *Imperatriz Prussina*, da *Bella Mangalona* e de *Bertholdinho*.

Tudo quanto é grande não é popular, tudo quanto é popular não é grande. Esse tem sido invariavelmente na litteratura patria o resultado do dogmatismo escolar, do exagerado huma-

nismo da nossa educação: separar constantemente a arte do puro manancial da inspiração artistica, — a tradição popular.

Construidos os edificios em que teem de ser estabelecidos os nossos lyceus, approvado o programma geral definitivo e harmonico do ensino publico experimental, encyclopedico, integral, restam dois pontos essenciaes que resolver: — os compendios e os professores.

Pelo que diz respeito aos compendios o problema é facil. Em vista do programma geral do ensino, o compendio para cada disciplina não será mais que o desenvolvimento de cada uma das partes do programma, feito com o mesmo intuito e sob o mesmo methodo, passando successivamente do conhecido para o desconhecido, do abstracto para o concreto.

Para a elaboração dos compendios abrir-se-hia concurso como para os programmas. O compendio approvado para cada disciplina seria o compendio unico, obrigatorio em todos os lyceus e em todos os estabelecimentos de educação do paiz, mandado adoptar por espaço de cinco annos. O producto da venda reverteria integral-

mente em favor do auctor e seria a justa remuneração de um grande trabalho, que o paiz recompensaria com a independencia para aquelle que o desempenhasse. Ao fim de cada quinquennio um novo concurso abriria margem aos aperfeiçoamentos que se podessem introduzir no ensino de cada materia. O interesse dos auctores dos primeiros compendios approvados leval-os-hia a vigiar de perto o ensino e a estudar todos os progressos por que successivamente passasse o objecto da sua doutrina para ao fim dos cinco annos poderem concorrer vantajosamente com os que se apresentassem a disputar-lhes o privilegio da adopção.

O grande lucro e a grande concorrencia poriam infallivelmente os nossos livros de ensino ao par da maior altura a que póde elevar-se a competencia intellectual do paiz.

Resta a mais importante questão: a escolha do pessoal.

Nós que aconselhamos o principio do concurso para a edificação dos lyceus, para a elaboração dos programmas e para a adopção dos compendios, regeitamos inteiramente essa forma de selecção para o provimento das cadeiras.

No professorado o concurso tem dois inconvenientes enormes.

O primeiro é admittir um individuo suppostamente competente com exclusão d'outros competentes tambem, ainda que por ventura em grau immediatamente inferior.

Em materia de ensino um paiz avisado não pôde excluir ninguem com a sufficiente capacidade para ensinar. É preciso que, sem excepção de um só, ensinem todas as pessoas que desejarem fazel-o. Ensinar é um direito que o Estado não pôde, sob qualquer pretexto que seja, coarctar a cidadão algum.

O segundo inconveniente do concurso é a impossibilidade de aquilatar com segurança o merito pela qualidade da prova no acto de um só exame. Um sabio modesto, de temperamento nervoso, timido, confinado por muitos annos nos trabalhos do gabinete, sem facilidade de palavra, corre o risco de ser batido n'um exame por um talento mediocre, mas de temperamento arrojado, palavroso, facundo, habituado ás palestras do club e do botequim, e tanto mais ligeiro de argumentos e de palavras quanto mais leve de principios e de idéas.

Para obstar a este duplo inconveniente é pre-

ciso abolir o concurso no professorado, como ultimamente se tem feito em todos os paizes cultos, e adoptar a organização allemã.

Segundo a lei a que a Allemanha deve a superioridade indiscutivel do seu ensino sobre todos os paizes da Europa, todo o cidadão tem direito a requerer do Estado licença para ensinar qualquer disciplina em qualquer estabelecimento de instrucção publica. Despachado o requerimento do supplicante, devidamente instruido com todos os documentos comprovativos da sua competencia, publicados ou ineditos, o corpo cathedratico do estabelecimento perante o qual o candidato requer marca-lhe um ponto, que elle pôde estudar durante tres semanas. Ao fim d'esse tempo o candidato é submettido ao mais rigoroso exame. Approvado n'esse acto, concede-se-lhe a auctorisação pedida ou a *venia docendi*, e o candidato é por esse facto nomeado *privat docenden*, ou professor aggregado. Nas antigas universidades é de rigor que o candidato junte o titulo de formatura na faculdade em que se propõe ensinar e demonstre que, um anno pelo menos desde a data da formatura até á do requerimento para a *venia docendi*, foi por elle empregado com reconhecido proveito na cul-

tura da sciencia. Ao *privat docenden* concede o Estado uma cadeira, um amphitheatro com as respectivas bancadas para elle receber os seus alumnos. Se a doutrina que elle se propõe ensinar existia já no curso do estabelecimento, o professor -aggregado vae sentar-se ao lado do professor cathedratico e ensina conjuntamente com elle. Se é uma nova disciplina a que o aggregado vae leccionar, essa disciplina é desde logo encorporada no curso respectivo e fica fazendo parte integrante d'elle.

O professor aggregado não percebe vencimento algum do cofre do Estado, faz-se pagar pelos alumnos na justa medida da sua capacidade, porque, se elle pede mais do que vale, o alumno abandona-lhe a aula e vae frequentar a do professor da mesma disciplina que funciona no amphitheatro ao lado.

No fim do anno o jury dos exames é tirado á sorte entre cathedraticos e aggregados em todos os estabelecimentos do paiz.

Ignorando quaes são os professores que hão de julgal-o o alumno procura naturalmente o melhor.

Pela sua parte o professor, como todo o seu interesse depende da prova final que der o



alumno, dedica-se-lhe inteiramente, segue-o da aula á sala de estudo, guia-o em todos os seus desenvolvimentos, acompanha-o incessantemente como a expressão viva do seu merito, da sua reputação, da sua fortuna.

Todo o aggregado que durante um anno deixa de leccionar, quer seja por falta de alumnos quer por outro qualquer motivo, cessa por esse facto de ser professor e só póde voltar a occupar a sua cadeira depois de novo exame e de nova auctorisação para o ensino.

Os logares de cathedraicos são providos entre os aggregados, sendo preferidos successivamente aquelles que maior numero de alumnos tenham submettido á approvaçãõ geral de cada anno.

A estas disposições geraes conviria accrescentar ainda as seguintes :

1.<sup>a</sup> Todo o cathedraico actual que durante um anno deixe de ensinar por falta de alumnos perde metade do seu vencimento, cuja importancia, a titulo de gratificação, reverte em favor do aggregado que mais discipulos approvados tenha tido no mesmo anno.

2.<sup>a</sup> Todo o cathedraico que durante tres annos deixe de funcionar por falta de discipulos perde a totalidade do seu vencimento.

3.<sup>a</sup> A direcção da policia interna dos lyceus é feita por dois ou mais aggregados para esse fim nomeados revesadamente por espaço de uma semana cada um.

4.<sup>a</sup> A entrada geral no lyceu, tanto para os alumnos como para todos os professores, é ás oito horas da manhã e a saída ás quatro e meia da tarde. Durante o referido espaço de tempo nenhum alumno pôde retirar-se do edificio.

5.<sup>a</sup> As oito horas e meia que o alumno permanece no edificio serão distribuidas de modo que elle tenha por dia: uma media de tres horas de lição, tres horas de estudo, duas horas de trabalho mechanico (officio obrigatorio) ou de gymnastica (a esgrima, o cricket, a escola de tiro) e quinze minutos para uma refeição que o alumno poderá levar de casa ou que constará de um prato de caldo, um pão e uma fatia de carne fria, que lhe será fornecida pelo preço do custo no bufete do lyceu.

Organisado o ensino dos lyceus nas bases que tenho tido a honra de expor humildemente a v. ex.<sup>a</sup>, todos os bons professores particulares que existem no paiz acudirão a inscrever-se como aggregados nos lyceus das suas respecti-

vas localidades, pela razão de que nenhum estabelecimento particular poderá offerecer-lhes nem as vantagens da promoção a cathedratico, nem a honra de um titulo litterario nem mesmo o interesse pecuniario que o estado póde garantir-lhe, sem que todavia, — note-o v. ex.<sup>a</sup> — o estado dispenda n'este serviço a minima quantia, bastando-lhe apenas possuir um bom edificio sufficientemente espaçoso para poder offerecer uma sala acomodada ao numero, facil de calcular, dos *privat docenden* aggregados a cada estabelecimento. Este numero nunca se poderá exagerar, porque a liberdade da escolha conferida ao publico porá infallivelmente fóra do exercicio por falta de estudantes todos os professores que não forem perfeitamente excellentes.

Este systema de organização tem ainda uma vantagem: é o fiscal de si mesmo e dispensa toda a intervenção do governo. Uma vez instituida, esta organasição estimular-se-ha a si propria, renovar-se-ha constantemente, caminhará successiva e indefinidamente para o seu proprio aperfeiçoamento.

Outra vantagem importantissima: Em pontos

relativos á educação publica não basta sómente calcularmos a instrucção de que o paiz necessita, é preciso egualmente ter em conta a instrucção que o paiz póde dar. É absolutamente inutil que o governo decrete hoje a criação de trezentas cadeiras da sciencia mais importante aos progressos do espirito, se ao mesmo tempo não existirem trezentos professores idoneos para occuparem essas cadeiras. Pelo methodo apontado esse inconveniente desaparece. Não se tornarão a crear cadeiras para professores hypotheticos; os professores á medida que se forem creando é que virão requerer as cadeiras. Assim o ensino estará constantemente a par das mais altas posses intellectuaes do paiz. Tudo aquillo que por um lado se principiar a saber logo por outro lado se principiará a ensinar. A instrucção publica versará então nos seus legitimos polos, a saber: tudo o que o paiz póde ensinar, tudo o que o paiz deve aprender.

Algumas abjecções se levantarão deante de uma lei formulada n'estas bases, não perante a camara porque, como v. ex.<sup>a</sup> sabe, os deputados portuguezes não se occupam d'estas questões de que depende apenas a vida, a independencia, a

dignidade e a honra da patria. Deputados que desde 1859 deixam permanecer em vigor uma velha lei de instrucção, anachronica, absurda, anarchica, imbecil, sem uma queixa, sem um protesto, isto exactamente na epoca em que todos os paizes do mundo forcejam á custa dos maiores sacrificios por conquistarem a sua independencia intellectual, deputados que manifestam similhante indifferença, em plena paz, pela questão mais grave que hoje se agita na Italia, na Suissa, na Russia, na Belgica, na Austria, em toda a America do Norte, e até na propria China, onde ha pouco o gabinete de Pekim apresentou ao imperador regente um projecto de reforma da instrucção sob o ponto de vista scientifico e encyclopedico,—deputados que durante o immenso periodo de 17 annos não tiveram em favor da instrucção uma ideia, uma palavra, um dicto, um simples gesto, estão julgados no conceito dos seus concidadãos e na opinião do mundo. Não teem senso moral, não tem responsabilidade mental. Individualmente estamos convencidos de que suas excellencias são as melhores e as mais respeitaveis pessoas d'este mundo; como corpo colectivo porém o parlamento portuguez não merece de

todo o paiz e de cada particular senão o despreso. Com ser o parlamentarismo a derradeira das expressões intellectuaes, os srs. deputados estão abaixo d'essa mesma expressão. O proprio parlamentarismo é com elles uma ficção constitucional. O que definitivamente nos governa é o *votismo*.

No caso presente v. ex.<sup>a</sup> manda votar, a camara vota, e por esse lado ahí ficará consumada no espaço de occupar e desoccupar uma cadeira, uma reforma radical, um beneficio immenso, que perpetuará o nome de v. ex.<sup>a</sup> como o do cidadão mais util que teve Portugal em todo este seculo.

As abjecções que eu presumo e a que vou procurar responder procederão do grande publico interessado n'este poderoso melhoramento e receoso da exiquibilidade d'elle.

Suppor-se-ha talvez que o ensino retribuido directamente pelos alumnos e não indirectamente pela intervenção do Estado — ao que erradamente se chama *instrucção gratuita* — prejudicará a concorrência aos lyceus.

É um puro engano. O publico não quer a instrucção gratuita, quer a instrucção perfeita.

O numero dos alumnos dos lyceus nacionaes da circumscripção de Lisboa examinados no fim do corrente anno lectivo foi de 192. O numero de examinados que frequentaram os collegios particulares onde o ensino não é gratuito, antes custa em termo medio 25000 réis por mez, foi de 1:920.

Desde que o lyceu seja, como ousou lembrar a v. ex.<sup>a</sup>, uma verdadeira escola modelo, onde o alumno entre ás 8 horas da manhã e não possa retirar-se senão ás 4 1/2 da tarde; onde elle encontre todos os elementos mais perfeitos da educação completa: as lingoas, as sciencias, a musica, a gymnastica, o officio mechanico indispensavel para ensinar a respeitar e a honrar o trabalho, a vigilancia permanente, os melhores professores, as melhores mestras de linguas estrangeiras para as classes infantis, o jardim-escola, etc., nenhuma duvida em que, por um lado cairão successivamente todos os collegios particulares, e por outro lado o publico acudirá em grande massa ao lyceu, onde terá o *ensino gratuito* nas cadeiras dos cathedaticos e o *ensino retribuido*, por quantia ainda assim inferior aos preços dos collegios, nas aulas dirigidas pelos professores aggregados.

Allegar-se-ha ainda a falta de professores completamente habilitados para acudirem de prompto ás exigencias do ensino pelos methodos experimentaes, sob fórmas inteiramente novas e sem tradicções no nosso professorado.

É certo que nos primeiros annos do novo regime escolar o paiz não terá por certo os professores que se desejam e de que elle necessita, mas em breve tempo um pessoal inteiramente novo, creado nas mesmas escolas que tem de dirigir, irá successivamente invadindo as cadeiras occupadas menos ligitimamente. De anno para anno uma renovação successiva no magisterio acabará por elevá-lo á maxima perfeição. Os homens mais competentes, os cidadãos mais qualificados e mais distinctos pelo saber, — eliminado o concurso, assegurado um logar ao merito em qualquer parte e em qualquer occasião que elle appareça, — não deixarão em Portugal, como succede na Allemanha, de ir occupar no magisterio o logar que elle lhes proporciona e lhes destina. E' o que tem acontecido em toda a parte onde tem sido adoptada a organização allemã, como em Paris, por exemplo, onde o systema que proponho elevou rapidamente a escola de medicina á ca-



thegoria de uma das primeiras do mundo.

Um curso tão completo de instrução secundaria parecerá demasiadamente extenso e julgar-se-ha que esta parte dos estudos absorverá o tempo necessario para a applicação aos cursos especiaes ou superiores.

Esta objecção não tem fundamento. Em primeiro lugar o estudo das seis sciencias fundamentaes tomadas na sua parte exclusivamente abstracta está calculado que não demanda, para as intelligencias regulares bem preparadas com a instrução elementar, mais de seis ou sete annos. Começando os estudos secundarios aos doze annos o alumno deverá tel-os concluido, quando mais tarde, ao dezenove. N'essa idade, com a grande aptidão intellectual, com os fortes principios da instrução secundaria, com a abolição da quinta feira, com a redução das ferias a um só mez no anno, raro curso de instrução superior exigirá mais de trez annos de estudo, o que equivale a um total de dez ou onze annos, ou o mesmo tempo que os alumnos actualmente consomem nos estudos preparatorios dos lycens e nos cursos da universidade e das escolas polytechnicas. Com a differença que, pelos programmas existentes o estudante esquece nos cur-

soz superiores as disciplinas aprendidas no curso secundario, ao passo que pelo systema proposto a ultima lição em qualquer especie de estudo especial será uma deducção precisa de todas as lições precedentes até a primeira que lhe foi dada ao entrar pela primeira vez nas escolas.

Esta solida e cerrada concatenação dos conhecimentos, desdobrados uns dos outros por chaves progressivas, forçará o alumno ao varejo constante de todas as noções que possui, ter-lhe-ha constantemente presente, por meio da mais logica repartição e filiação das materias, o inventario total das suas acquisições intellectuaes, e acabará por lhe imprimir no cerebro a profunda logica equivalente á sua maxima dilatação.

Outro reparo será o da ausencia completa das noções religiosas em todo este longo plano de estudos integraes.

A isto respondo perguntando a v. ex.<sup>a</sup> quem é hoje o homem que possui, que cultiva, que crê absolutamente a religião que lhe ensinaram? Inquiram-se a um por um cada individuo; raro se encontrarão dois que professem exactamente em religião os mesmos principios.

Todos se dizem pouco mais ou menos catholicos, mas quantas divergencias radicaes de opinião para opinião nos pormenores de doutrina e de culto! Uns não vão á missa, outros não se confessam, ou não guardam os jejuns, ou não suspendem o trabalho nos dias santificados ou não fazem penitencia; raros acreditam nas indulgencias; mais raros ainda crêem na infalibilidade do papa. E julgam-se catholicos! Como se fosse possível estar no gremio espirital do catholicismo e não crer profundamente no que constitue a essencia d'elle, isto é, a disposição dos concilios presididos pelo Espirito Santo!

Que devemos concluir de todas estas modificações pessoaes a que cada um sujeita a doutrina que professa, senão que a verdadeira religião não é definitivamente mais que a suprema lei moral dos nossos actos e dos nossos pensamentos, lei extrahida da mais ou menos ampla concepção que cada um tem do mundo physico e do mundo moral?

Qual é por tanto o mais seguro meio de dar a um paiz a religião que elle não tem, de reunir o maior grupo d'homens em torno de convicções communs sobre os seus destinos eternos, de

principios identicos sobre o dever e sobre a lei moral ?

Este meio consiste em pôr de parte a theologia, que até hoje não tem produzido senão scição, conflicto e revolta, e generalisar pela maior somma de individuos a mais perfeita e a mais completa concepção do universo, da qual se deduz a religião verdadeira, quero dizer—a suprema regra da vida, a inilludivel e immutavel lei das nossas obras e dos nossos sentimentos perante a solidariedade humana.

Este é o maximo beneficio das fortes educações positivas, que, quando não cheguem a dar á sciencia cultores eximios, dão sempre á sociedade os homens de bem, e formam para a propria religião aos mesmos olhos de Deus, uma cathegoria superior á dos religiosos,—a cathegoria dos justos.

A sancção scientifica importa muito mais profundamente do que a sancção theologica o principio da *expição* e da *recompensa*. Considerar-se um orgão integrante do grande todo humano, comprehender fundamentadamente que todo o attentado contra a sociedade, contra a familia, contra a dignidade pessoal é uma infracção das leis da vida collectiva, é possuir na

consciencia a lei escripta com palavras mais profundas, do que as que se gravaram nas taboas de Jehovah.

Ponha v. ex.<sup>a</sup> a um lado uma boa lição de physiologia sobre a acção irritante dos alimentos excessivamente azotados nos habitantes dos climas quentes; ponha a outro lado a tradição formidavel do Deus de Israel, alumiado pelo clarão dos raios, proscrevendo o toucinho do alto do Sinay; e queira dizer-me depois qual d'esses dois modos de expôr o mesmo principio creou mais adeptos do regimen vegetal nos paizes sujeitos ás inflammações intestinaes e ás affecções escorbüticas!

Outra abjecção, de mais peso apparente, será a elevada despesa em que teem de importar os palacios que é preciso construir, e os premios dos concursos que teem de ser abertos para a elaboração dos programmas.

Se para custear estes encargos, o governo, as municipalidades, o paiz inteiro ficarem empenhados em cem mil contos, ainda assim esta será a mais vantajosa de todas as operações financeiras em que se tenha arriscado o credito publico. Porque dentro de vinte annos serão enor-

mes os juroes d'esse capital, que reverterão ao thesouro em augmento de trabalho, em capacidade para gerir os negocios, em competencia para fundar industrias, em pundonor, em decoro, em moralidade, em aperfeiçoamento nas instituições, em respeito d'ellas, em força finalmente e em verdadeira, profunda e inabalavel prosperidade.

Provado como está pelas estatisticas de todas as grandes civilisações que o numero dos crimes, dos roubos, de todos os attentados á propriedade, dos homicidios e das offensas pessoas, das doencas e de todas as causas de insalubridade que as determinam, estão invariavelmente na razão inversa dos progressos da instrucção, ao capital dispendido na fundação das novas escolas, dos lyceus e das universidades portuguezas, corresponderá uma economia proporcional no custeio da policia, da força publica, das prisões, das penitenciarias, dos hospitaes, das instituições de beneficencia, etc.

As *Farpas*, sr. ministro, abandonam o seu tom habitualmente ironico para dirigirem a v. ex.<sup>a</sup> estas palavras graves, — as mais graves talvez que ellas teem proferido.

É lamentavel que um assumpto de tanta ma-

gnitude como o ensino de um paiz ameaçado de dissolução pela falta de idéas, tenha de ser suggerido a v. ex.<sup>a</sup> e á opinião pela voz incompetente de um pobre artista, *touriste* no sciencia, *dilettante* da philosophia, a banhos na Cruz Quebrada, escrevendo a v. ex.<sup>a</sup> estas linhas sobre uma pasta collocada no joelho, á sombra de um parreiral, sem livros, sem suggestões litterarias, tendo unicamente por companhia, por convivencia e por inspiração um moinho que braceja diligentemente na collina, uma revoada de rolas que imigram cortando o sereno azul com a palpitação do seu vôo pardacento, uma falúa que desliza ao fundo, á beira da praia, com o seu panno latino enfunado pela viração matinal, e no cabo da Trafaria a torre do Bugio, bipartida pela luz em dois tons, um fulvo, outro azulado, scintillando como um esmalte sob a alegria do sol entre a irradiação ardente da areia e os reflexos vaporosos da agua.

Com que doce prazer que eu me entregaria n'este sitio e n'esta disposição de espirito aos trabalhos da phantazia e da arte, abandonando as especulações philosophicas aos que no seio das bibliothecas estão cultivando n'este momento a virtude prolifica da competencia e da auctoridade scientifica!

Mas este é ainda um dos symptomas da nossa ignorancia: — não ha homens especiaes.

Ha dois mezes que a questão do ensino se debate vagamente nos noticiarios dos periodicos e na parte official do *Diario do Governo*. Os professores e os directores de collegios constituiram-se em commissão para propôr uma reforma de programmas. O governo nomeou por sua parte outra commissão para apreciar as propostas da primeira. E d'estas duas commissões successivas, torcidas e retorcidas em varias reuniões, não goteja um só principio de reconstituição solidamente baseado na observação e no conhecimento dos factos! De modo que eu, fazendo passar o paiz pela vergonha de receber da mão do ultimo nos seus folhetinistas as bases de uma reforma do ensino publico, poupo — ainda assim a uma vergonha maior que a de ser eu que o faça: a vergonha de o não fazer ninguem.

Os representantes dos partidos politicos em opposição ao governo reúnem-se na Granja e procuram conglubar-se compactamente n'um unico grupo. Nas bases do programma do partido novo figuram as reformas de todas as coisas, e principalmente d'aquellas cuja reformação é completamente inutil, como por



exemplo: a carta constitucional, a lei eleitoral, a ampliação do suffragio, a organização militar, a diffusão da instrucção primaria, etc. Ácerca da reorganisação geral do ensino, sob a simples fórma — pelo menos — tão vaga, tão hypothetica de *base de programma*, nem uma só palavra!

E no entanto os pavorosos effeitos da crassa, da profunda, da illimitada ignorancia portuguezã alastram-se a pouco e pouco sobre a superficie inteira do paiz, e embebem-o em uma immensa nodoa tremenda de esterilidade, de dissolução, de aniquilamento.

A incapacidade, á semilhança de uma enorme chaga cancerosa, penetra e corroe a sociedade em todas as suas expressões: o individuo, a familia, a raça, a nacionalidade, o proprio solo, o proprio clima.

Nas regiões em que o homem por meio das suas acquisições intellectuaes domina as forças da natureza, elle, plantando a arvore, dissecando o pantano, abrindo o poço, canalizando o rio, fortificando a terra, modifica as condições climatericas e converte a esterilidade mais inhospita no gracioso jardim, no pomar frondoso, na frescura abundante da horta. Em todo o norte da Europa as grandes civilisações se affirma-

ram n'essa forte lucta e n'esse dominio progressivo da natureza pelo braço perseverante do homem.

Em Portugal, especialmente nas provincias mais proximas da capital, a falta de agua por negligencia de exploração dos mananciaes perdidos, a falta deploravel de arborisação, requeimam o solo e relaxam-o á acção dos ventos desencadeados que ameaçam pulverisar-nos completamente.

A um especulador que intentava comprar terras em certa região da França observava um professor: «Não compre em tal sitio: os alumnos que d'ahi veem são fracos e molles; não ha um que sustente a applicação regular e assidua, que bata rijo e certo na bigorna; todo o capital empregado em terra habitada por tal gente, será perdido.»

Este conselho, sr. ministro, encerra um grande criterio. Assim é de facto. Mostra-me o homem, eu te direi qual é o aspecto do terreno. Tal habitante, tal solo.

Diz-se todos os dias, repete-se com uma insistencia tão unanime que parece incrível não encobrir um erro, que Portugal é *um paiz essencialmente agricola*. Esta verdade é das pou-

cas que parece pertencerem ao dominio publico. E não obstante que desprezo infinito o do governo e do publico por todos os interesses agricolas!

É reconhecido e facil de provar com evidencia que dois renques de oliveiras plantadas ao longo das estradas existentes no paiz pagariam com o seu producto em azeite o custeio de todas as estradas actuaes e a construcção de todas as estradas em projecto. Enorme riqueza — desaproveitada! fecundo exemplo dado pelo Estado — perdido! grande fonte de trabalho — secca!

Alguns homens do mais elevado merecimento scientifico, com um desinteresse puramente philosophico, teem dotado o paiz com excellentes livros de agronomia. O sr. Ferreira Lapa, um professor de primeira ordem, o sr. Antonio Augusto de Aguiar, um chimico tão distincto, um vulgarizador tão perfeito, um trabalhador tão dedicado e tão assiduo, que o paiz, além de havel-o escovado rudemente como já tem feito, deveria ir mais longe e expungil-o de todo, porque effectivamente elle põe nodoa na patria, o sr. Batalha Reis, um dos viticultores mais instruidos, tem escripto livros cuja influencia é to-

davia nulla, porque aquelles que os lêem não podem aproveitar-lhes a doutrina e aquelles que podem aproveitar-lhes a doutrina não os lêem, nem os entenderiam se os lessem, por carecerem dos conhecimentos elementares indispensaveis para a comprehensão de qualquer theoria a que sirva de base a sciencia.

Se da classe agricultora, a primeira, a mais importante, a menos instruida, passarmos a outras classes sociaes, qual é aquella que poderá convencer-nos de possuir os conhecimentos indispensaveis á sua ascenção progressiva na evolução das forças sociaes?

Considere-se a nossa imprensa periodica!

Em todo o jornalismo de Lisboa nem um só jornalista. Porque os nossos escriptores de periodicos dividem-se em duas cathogorias: os que se occupam de politica e os que se não occupam de politica. Estes ultimos são meros noticiaristas, ainda assim extremamente imperfeitos porque deixam sem menção ou sem analyse critica os successos mais importantes da sociedade, os que se referem á administração e ao governo. Os que procuram discutir e resolver os proble-

mas politicos são ordinariamente deputados ou candidatos a deputados, e acham-se em todo o caso filiados sempre em um partido governamental ou opposicionista devidamente representado no parlamento. Ora estes differentes partidos parlamentares teem dois intuitos diversos, ambos estranhos aos interesses transcendentales da sciencia social e do progresso que d'ella depende.

O partido governamental procura manter-se no poder, e esse cuidado com as innumerables occupações que lhe são annexas absorve-lhe todo o tempo devido ao estudo das grandes reformas. Por essa razão nenhum dos successivos melhoramentos que teem conquistado as sociedades modernas partiu jamais da iniciativa dos seus governos.

Os partidos de opposição teem missão opposta á do governo mas igualmente dirimente da serenidade philosophica — a missão de aluir ou de conquistar o poder.

Que deveria ser o verdadeiro jornalista no seio de um similhante regimen parlamentar senão o representante do puro poder espirital, incumbido de compensar e guiar no progresso os effeitos do conflicto dos dois poderes temporaes

em constante lucta de interesses partidarios ou pessoas nas duas casas do parlamento?

Como ha de o jornalista desempenhar este elevado encargo, quando elle mesmo está empenhado na pejeja e envolvido na refrega em que tinha de ser o juiz e o arbitro? Justo e integro mediano entre as solicitações da opinião e os actos do governo, entre as aspirações dos individuos e as instituições do Estado, que penhores de justiça, de rectidão, de auctoridade intellectual pôde elle dar ao publico, ao governo, á opinião ou ao Estado? O resultado final é que o governo domina o jornalista, o Estado subsidia-o, e o paiz, sem auctoridades espirituaes e dirigentes, está acephalo.

Nas industrias que não vivem sob a protecção maternal das pautas, da qual resulta para o publico uma riqueza negativa, porque n'esses casos o valor do trabalho nas fabricas é sugado em tresdobro pelo fisco nas alfandegas, nas industrias não protegidas, digo, uma accumulção enorme de pequenos attritos resultantes da falta de um pessoal technico habilitado e competente produz obstaculos invenciveis a uma vasta expansão de actividade, a uma ampla e ex-

peditiva organização de trabalho. Assim nenhuma grande industria nacional corresponde inteiramente na qualidade e na quantidade dos productos á somma das exigencias. Os que satisfazem bem as encommendas não podem satisfazer-as todas. Os que são pontuaes não são perfectos.

Citarei para exemplo um facto recente. Um amigo meu, desejando estabelecer uma fabrica nos suburbios de Lisboa, dirigiu-se ás empresas constructoras e ás officinas de trabalhos em madeira para ter a planta e o orçamento do edificio em que tinham de ser montadas as machinas. Em cada escriptorio, uns poucos de dias para resolver esta questão envolta em inextricaveis difficuldades: Faltavam no momento operarios carpinteiros; havia poucas madeiras apropriadas em deposito; não se conhecia o terreno; não tinham sido vistas as machinas; não era possivel comprometterem-se a dar a obra em praso fixo; ignoravam quaes seriam os preços do transporte do material até o logar em que tinha de ser edificada a fabrica nos suburbios de Lisboa, e por quanto ficaria ahi a mão d'obra; não estavam igualmente habilitados a precisar qual seria o peso e o volume de toda

a obra feita na cidade para sobre esse fundamento se calcular o custo dos transportes da edificação até o sitio da fabrica, etc.

N'esta conjunctura o meu amigo escreve para Paris a um constructor francez, pedindo-lhe uma planta e um orçamento e dando-lhe por base o fim a que se destinavam as machinas e a superficie de solo que ellas deviam abranger. Na volta do correio de Paris, — note v. ex.<sup>a</sup> esta circumstancia: na volta do correio, isto é: no espaço de algumas horas para se formular a resposta, o meu amigo recebeu a planta do edificio em projecto, o desenho da fachada, o orçamento minucioso de toda a obra feita em Paris; a determinação exacta do seu peso e do seu volume; o preço do seu transporte de Paris ao Havre e do Havre a Lisboa; a importancia dos direitos a pagar na alfandega portugueza; o custo da montagem do edificio no logar a que elle se destinava, segundo os salarios francezes; o numero de homens e de dias necessarios para essa tarefa; o praso prefixo em que toda a obra deveria achar-se terminada.

Deve-se advertir que o alludido constructor não estava de braços crusados á espera de que lhe chegasse pelo correio a noticia de uma op<sup>a</sup>



portunidade de ser agradavel ao seu correspondente de Lisboa. Elle estava construindo, entre muitas obras de menor importancia, cinco hospitaes, um grande mercado na Hollanda, e um theatro na Belgica.

Que admiravel pessoal não é preciso achar-se organizado para conseguir esta presteza de resolução e de expediente! A pronta resposta do constructor francez suppõe associados na sua empreza habeis mathematicos aptos para resolver prontamente todos os problemas de meca-nica; architectos de grande aptidão pratica; desenhistas; directores; chefes de officina; mestres e contra-mestres; todas as engrenagens finalmente da grande manufactura constituidas pelo conjuncto de muitos homens instruidos, pontuaes e expeditos.

Uma tão perfeita distribuição e direcção de trabalho é inteiramente impraticavel em Portugal. Porque, qualqu-r que seja a industria, fundada já ou que se determine fundar, é impossivel reunir em torno d'ella o total de intelligencias esclarecidas indispensaveis para a fazer competir com o aperfeiçoamento realisavel n'um paiz de cultura intellectual.

Na classe operaria que desorganisação ! Que perturbação immensa nos principios e nos costumes ! Que flagrante contradição entre as aspirações dos individuos e os meios praticos postos em acção pela classe !

O operario é geralmente republicano, — o que não consideramos absolutamente um mal. A republica é no governo a mais pura expressão da democracia, e, aqui para nós, srs. ministros, devemos confessar que seria preciso que a ineptia do operario estivesse abaixo de toda a expressão mental para que elle em sua consciencia preferisse ao puro governo do povo pelo povo a interferencia de um rei e de uma aristocracia concomitante, que não teem por elle senão desdem ou desprezo. Não obstante o operario faz parte de uma phylarmonica onde a primeira coisa que aprende é o hymno da carta ! E sempre que se trata de celebrar um anniversario glorioso para o militarismo monarchico não ha enthusiasmo que exceda o seu !

Diz-se socialista militante e affirma-o com uma insistencia que tem chegado a sobresaltar a propriedade e a pôr de sobreaviso a policia. É certo porém que elle ignora inteiramente as modernas

theorias do valor do trabalho e as relações d'elle com o capital.

Não conhece o alcance do principio da associação. Para elle a *Internacional* foi uma expressão do jacobinismo.

A sua educação intellectual puramente abcedaria torna-o uma triste victima das peores leituras. Não tem convicções, não tem principios definidos, e, sempre que tenta enunciar os seus direitos, a linguagem com que os exprime revela um mixto de impotencia, de vaga aspiração revolucionaria, de rhetorica esteril, de sentimentalidade artificial e de erros de grammatica.

Não sabe organizar a vida de familia. Falta-lhe o sentimento do conforto domestico e a comprehensão das affeições delicadas e dos sentimentos ternos.

Dotado de grande habilidade manual, imitando facilmente os melhores modelos, aprendendo os novos processos com rara perspicacia, com talento para o desenho e para as artes plasticas, o operario portuguez, com uma boa escola de artes e officios, com uma viagem aos centros do trabalho mais perfeito, seria susceptivel de tornar-se um artifice complecto. Mas tudo lhe falta: a convivencia illustrada e

digna; a boa leitura de preceitos praticos, lucidos, sobre o trabalho, a economia, a ordem, a perseverança; o bairro alegre e aceado; a casa bem repartida e risonha; todas as condições que tornam o *ménage* facil e attrahente: a renda barata, a boa escola gratuita para os seus filhos; a abundancia d'agua, o banho, o lavadouro; os conhecimentos de economia domestica, a importante arte de arranjar a casa, de cosinhar, de dispor a mobilia, de distribuir os quartos, de manter irreprehensiveis no interior domestico o aceio, a commodidade e a graça; finalmente todas as pequenas circumstancias compositas de cujo conjuncto depende em derradeira expressão a hygiene, a saude, a alegria, a actividade e a moral.

E admiram-se de que elle seja grosseiro, mandrião, guloso, fadista, azedo, invejoso, desordeiro, mau trabalhador, mau marido, mau pae!

Elle é simples e unicamente—ignorante.

Nos chefes de industria, ausencia absoluta de espirito de classe, de amor de profissão.

Uma vez enriquecido, o industrial procura

tornar-se capitalista, homem de negocios, influente politico, commendador, visconde, director de bancos, gerente de companhias.

E considera a fabrica um desdouro, uma *mésalliance*, um ganha-pão subalterno com a vantagem principal de representar em cada eleição um peso de duzentos votos, a troco dos quaes elle procura collocar-se sob a protecção do Estado e sob o favor dos governos.

Que incommensuravel distancia entre este *parvenu* pretencioso e ridiculo, entre este pequeno ambicioso inepto, marido de uma pateta que quer ser baroneza, pae de um imbecil que quer ser marialva, e o industrial inglez, exclusivamente absorto no aperfeiçoamento dos seus productos, no augmento da sua riqueza, sustentando o custeio de admiraveis casas de campo, onde habita a sua familia no meio de jardins magnificos, com carroagens, cavallos, matilhas, vinte creados, todas as perfeições do conforto e do luxo, e vindo todas as manhãs para a sua officina com os seus filhos, vestir a bluzo dos trabalhadores, arregaçar as mangas, dispender uma enorme força muscular em todos os trabalhos mecanicos, commandar as grandes manobras fabris, pôr em marcha a grande nau, do-

minar pela intelligencia a immensa força do vapor, o medonho estrepito das machinas, dando a cada operario o exemplô constante do que pode a applicação progressiva, a energia incansavel, a perseverança eterna! N'essas officinas modelos, em que todas as ideias são transformadas em movimento, não se precisa do favor do estado nem da protecção dos bancos. O industrial é puramente industrial. Não capitalisa, nem acumula. Tanto ganha quanto dispense. Põe em actividade e em circulação a fortuna de um nababo, e é um cervejeiro ou um alfaiate. O principe de Galles vae almoçar com elle e elle não quer ser moço fidalgo. Deu varios milhares de libras aos pobres, e não tem uma grã-cruz. Janta de casaca de baile e de gravata branca, sob lustres de velho Saxe, entre scintillações de diamantes, na mais preciosa mesa rodeada de uma dupla guarnição de creados em grande libré — não de el-rei, mas d'elle — e lancha uma costelleta e uma caneca de cerveja, no meio dos seus contra-mestres, na rotunda da fabrica, em mangas de camisa, suado, sujo de tinta e de carvão, com grossas botas por cima das calças e um bonet de lontra na cabeça. Vive finalmente no trabalho, morre no

trabalho, e não lega aos seus filhos e aos seus netos senão o trabalho.

São homens d'estes os que verdadeiramente amam a industria, os que a servem, os que a formam, os que dentro de poucos annos farão d'ella, não o primeiro, mas o unico poder do mundo.

Na classe commercial é innarravel a obcecção do espirito colectivo. Esta classe enorme, a mais rica, a mais preponderante, não sabe nada ácerca da sua historia, da sua tradição, dos seus fins sociaes e dos seus interesses communs.

Ha pouco tempo ainda — e este só facto poupa-me todo o trabalho de critica — a classe commercial em Lisboa abriu uma subscrição para levantar um monumento ao finado barão do Rio Zezere, — um chefe de policia, um militar, um conservador, um sustentaculo da ordem !

Não viram que esse soldado, commandante das guardas municipaes, representava pela sua personalidade na civilisação a synthese perfeita de todos os principios oppostos ao interesse commercial !

Vehiculo de aproximação entre a criação do producto e a manifestação da necessidade, o

commercio vive essencialmente nos dominios da sciencia, do trabalho, da liberdade mais completa e mais ampla. Tudo quanto constitue a convicção e a força dos partidos conservadores é para o commercio um obstaculo, um empecço, uma hostilidade.

Todas as grandes revoluções modernas,—revoluções economicas, revoluções geographicas, revoluções industriaes, revoluções moraes,—foi o commercio que as operou, foi o commercio que as tornou effectivas. Como? Por todos os modos como se pode revolucionar uma sociedade: pela alimentação, pelo vestuario, pela mobilia, pelos instrumentos do trabalho, pela navegação, pela troca dos serviços, pela troca dos interesses, pelas communicações de civilização.

A esta grande e elevada missão oppõe-se radicalmente toda a politica auctoritaria.

Quem diz *commercio* quer dizer *internacionalidade*, isto é: abolição de barreiras, abolição de alfandegas, abolição do fisco, abolição do militarismo.

A classe commercial empenha-se porem em manter, por todos os seus esforços e por todas as suas influencias, o militarismo, o fisco, a bar-



reira, a alfandega, a politica restrictiva, a coacção, a força bruta!

Como excepção á incompetencia geral tinhamos a boa fé de julgar providas de algumas idéas especiaes as cabeças dos financeiros, dos grandes capitalistas, dos iniciadores e administradores das grandes empresas bancarias.

A historia dos bancos nos ultimos tempos provou que as pessoas que os dirigem nada entendem das obrigações que lhes tocam.

A immensa lista das ultimas fallencias convince-nos igualmente, por outro lado, que os sujeitos que tinhamos geralmente pelos grandes capitalistas eram falsos personagens sem a minima comprehensão das questões relativas á evolução do capital.

O que nas praças estrangeiras se chama um capitalista é um homem especialissimamente educado e instruido; meio commerciante, meio diplomata; lendo pela manhã o *Times*, as grandes revistas inglezas e americanas; convivendo com os ministros estrangeiros; dando jantares e bailes; conhecendo inteiramente a historia contemporanea; tendo a chave dos principaes successos politicos e das suas influencias na cota-

ção dos fundos, no movimento do trabalho, no credito, no valor do dinheiro.

Em Portugal nada d'isso.

Um ex-industrial, um ex-negociante, tendo accumulado as suas economias n'um banco, desfaz-se do armazem e da fabrica, onde durante uma parte da sua vida soubera trabalhar com intelligencia, com proveito e com dignidade; troca todos os seus verdadeiros valores, os instrumentos da sua actividade, a sua riqueza solida, effectiva, por um caderno de cheques, que mette na algibeira da sobrecasaca, e principia a comprar e a vender papeis sujos, parte impressos, parte gravados, parte manuscriptos, sobre carregados de datas, de assignaturas, de sellos, de timbres e de nodoas, a troco d'outros papeis igualmente timbrados, impressos, manuscriptos e sujos.

Nunca mais torna a ver o seu dinheiro, nem em bom metal sonante, fulvo, reluzente, vivo, nem em grossos generos abundantes rolando em grandes fardos do caes para a estiva, para a alfandega, para o armazem, para o caminho de ferro.

Dinheiro e generos, isto é, legitimos valores, condensação e cristallisação de idéas e de forças,

desappareceram-lhe para sempre, e passaram a pertencer áquelles que trabalham por elle.

Elle no entanto considera-se cada vez mais rico com os seus papeis impressos e manuscritos, timbrados e sujos.

Pela manhã, depois de ter lido uma folha em que se lhe relata quem faz annos, quem está doente, quem partiu para as Caldas, quem deu meia libra aos asylos e quem recebeu as facadas que se distribuiram na vespera, consolado o seu espirito com essa refeição historica e litteraria, manda um creado á esquina da rua, — ali onde estão uns sujeitos de chapéu alto com as mãos nas algibeiras conversando á porta de uma pastellaria, — perguntar quaes são os papeis que se compram e quaes os papeis que se vendem n'esse dia. O creado volta e diz-lhe : Vendem-se fundos turcos e compram-se fundos hispanhoes. Elle então, rapido, subtil, piscando o olho, cheio de malicia, de avidez e de profundidade financeira, despeja do cofre os papeis sujos em turco e enthesoura os papeis sujos em castelhano.

Ao fim de alguns mezes ou de alguns annos de sabias especulações d'este genero, esse individuo descobre que não póde pagar a soldada do seu cocheiro e a conta do seu alfaiate — senão

com papeis. Recusa formal do alfaiate e do cocheiro. Crise! Suspensão de pagamentos! Bancos fechados! Rennião de conselho de ministros!

Os jornaes, não tendo nada que dizer, recomendam prudencia. «Muita prudencia, meus senhores! Nós sabiamos tudo, mas — como somos muito discretos e muito profundos — não dissemos nada. A conjunctura é grave. Não queremos aggraval-a com o azedume da polemica. A culpa de tudo isto sabemos nós quem a tem!... Entretanto confiamos na prudencia do povo e na sabedoria do governo.»

Sobre esse ponderoso alvitre da imprensa, o governo decreta a moratoria. A crise desvanecese.

E eis ahi em resumo a historia do capitalista portuguez, da sua influencia e da sua acção no progresso economico da sociedade!

Que significa toda a riqueza nominal de um paiz representada pelas inscripções, pelos coupons, pelas acções dos bancos, pelas notas, pelos titulos de divida publica ou de divida particular, quando por detraz d'essa montanha de papel não existe o trabalho fortemente organizado, que solicite o dinheiro e o torne reprodu-

etivo por meio do poder exclusivo que só tem a industria ? !

Quando essa virtude prolifica, quando essa força geradora da riqueza não existe em Portugal, mas sim na Inglaterra, em França, na America, o destino fatal das nossas libras é revertirem constantemente aos mercados estrangeiros, ao passo que todo o papel que lhes corresponde e as fica representando no paiz, não exprimirá em conclusão definitiva, sob o nome de *capital*, senão impostura, agiotagem ou burla.

A riqueza publica expressa por semelhante modo é uma pura ficção. A verdadeira riqueza de um estado é a grande circulação promovida pelo grande trabalho.

Os ultimos dados fornecidos á demographia pela estatistica criminal dão o testemunho mais flagrante do morbido estado mental da população portugueza, e principalmente da população de Lisboa.

Dentro do breve lapso de um mez os periodicos referem entre muitos suicidios, os seguintes factos :

Uma senhora, Joanna Pereira, *mulher de um*

*medico distincto, tinha por amante, havia nove annos, um pianista chamado Cypriano. O pianista apparece enforcado. São presos como indigitados auctores d'este homicidio, Joanna, esposa de um medico distincto, a qual os jornaes se julgam habilitados para affirmar que tinha um amante havia nove annos; mais um filho d'esta de menor idade; mais um carroceiro.*

Este caso, sr. ministro, exposto com estes pormenores, não vem nos folhetins, não é um capitulo de romance inventado pelos srs. Capendu ou Ponson du Terrail para recreio das meninas sentimentaes e das criadas de servir.

É um facto da sociedade lisbonense passado entre pessoas que os noticiarios conhecem, em alcovas de que elles sabem a historia chronologica com um rigor que permite suspeitar que o officio de empunhar a penna se póde accumular algumas vezes com a distracção de *tenir le chandelier*.

O jury decide o caso de um cidadão cujo ventre fôra surprehendido por uma bala de revolver em uma das mais frequentadas ruas da capital.

Um cavalheiro conhecido, o sr. Guedes de Castro, é accusado de roubar seu sogro o sr. conselheiro Felix Pereira de Magalhães, e é encarcerado por furto nas cadeias do Limoeiro. Referindo este successo os periodicos acrescentam pormenores interessantes. *Os filhos do sr. conselheiro Felix Pereira de Magalhães*, diz uma folha, *teem cinco mães.*

Um filho do sr. barão de Claros, residente em uma quinta nos suburbios de Leiria é envenenado por sua mulher, a qual — sempre no dizer dos jornaes — *era amante de um rapaz*, que está preso juntamente com ella.

O sr. João Felix Pereira, *professor, engenheiro civil e agronomo*, publica uma brochura em que accusa de tentativa de expoliação sua propria filha e uma amiga d'esta que a mesma brochura diz ser filha do sr. general Azevedo.

O sr. duque de Saldanha é roubado em Londres na quantia de trinta e tantos contos de réis por um subdito portuguez, frequentador assiduo dos salões da nossa embaixada. Este roubo é aggravado pelo crime de falsificação.

A senhora marquesa de Vallada, separada judicialmente de seu marido o marquez do mesmo titulo, evade-se para França, em razão de ter, segundo os jornaes, assignado inconscientemente lettras do valor de muitas dezenas de contos de réis, por suggestão cavilosa de alguns cavalheiros que abusaram da confiança que a mesma senhora depositava n'elles como conselheiros dos seus negocios.

Omitto outros casos de natureza analoga aos que acabo de transcrever, para não reduzir estas paginas ás proporções de um cadastro demasiadamente longo. A materia transcripta basta para o meu fim: mostrar a v. ex.<sup>a</sup> que o crime em todas as suas principaes manifestações: violencias contra as pessoas, furto, expoliação, burla, homicidio, falsificação, offensa ao pudor, adulterio, etc., trasborda das camadas mais obscuras da sociedade sobre as classes mais insignes, convertendo nos noticiarios a secção do *high-life* n'um registro do Limoeiro, e as chronicas das salas em fastos de enxovia.

Quando os factos mais expressivos e mais frequentes descarnam esta dissolução social,



quando as fallencias se succedem em cada dia nas praças de Lisboa e Porto, quando os negociantes mais ricos fecham as suas portas para irem uns para a cadeia, outros para o homizio, outrôs para a miseria, quando o credito se acha compromettido para muitos annos, quando o Estado se empenha cada vez mais, quando os particulares se desempenham cada vez menos, quando o nivel moral decae ainda mais do que o nivel economico, um jornal ministerial, conservador, optimista, exclama :

«Apezar de tudo, antes de hontem, domingo, todos os espectaculos publicos foram concorridissimos tanto em Lisboa como no Porto. Os americanos e os vapores de Belem não tiveram um momento de descanso. A concorrência á feira de Belem foi extraordinaria. É a isto provavelmente que os jornaes da opposição chamam o *panico* e a *miseria* provenientes das ultimas fluctuações bancarias!»

Outro periodico acrescenta :

«Os ocios de ante-hontem, domingo, não correram mui pacificos para a população de Lisboa. Só nas áreas da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> divisões se effectuaram 29 capturas. Foi uma boa safra de fianças para a Boa Hora.»

A ingenna confissão d'estes periodicos de boa avença descobre mais um dos defeitos capitaes da educação portugueza: — a dissipação.

A economia e a ordem, essas modestas virtudes, que, praticadas obscuramente na familia, produzem a riqueza collectiva de um grande paiz como a França, são em Portugal desconhecidas.

Temos alguns avaros, temos muitos agiotas, mas homens de verdadeira ordem, que, como diz Swift, tenham o dinheiro na cabeça e não no coração, que equilibrem as suas necessidades com os seus rendimentos, que poupem para o fim de cobrir e de salvaguardar a dignidade e a independencia nas crises do trabalho, na enfermidade ou na invalidez: — homens d'esses não os ha senão no estado de excepção exotica.

Grande calamidade, da qual principalmente procede o descontentamento, a impotencia, e o azedume cada vez mais vulgares na sociedade portugueza!

A economia é a pedra de toque da grande educação pratica, de cada dia, de cada hora, que todo o homem recebe progressivamente de si mesmo. Os habitos de ordem e de economia teem uma enorme força disciplinar que basta de per si só para nos manter na perseverança,

na paciencia, na dignidade, na força moral.

Dirigindo-se um dia aos operarios de Huddersfield, Cobden dizia:

«O mundo tem estado sempre dividido em duas classes de homens: aquelles que poupam, e aquelles que dispendem, os economicos e os prodigos. A construcção de todas as casas, de todas as officinas, de todas as pontes, de todos os navios, bem como a conclusão de todos os grandes trabalhos que teem contribuido para a civilisação e para a felicidade humana, são a obra dos que sabem economisar. Os que não sabem senão dissipar os seus recursos são os eternos escravos. Assim o querem as leis providenciaes. Eu seria um impostor se pretendesse deixar esperar aos individuos de qualquer classe que a sua sorte poderia ser de alguma fórma melhorada permanecendo elles na preguiça, no desleixo e na imprevidencia.»

Preguiça, desleixo, imprevidencia constituem a historia da maioria das existencias em Portugal e principalmente em Lisboa.

A somma dos emprestimos sobre penhores effectuados pelos differentes bancos nos ultimos annos sobe a uma quantia fabulosa e representa a operação principal d'esses estabelecimentos.

Uma parte immensa da propriedade portugueza está hypothecada.

O paiz, assim como o governo que o dirige, vive de expedientes de acaso, de empréstimos successivos ou de supprimentos extraordinarios — que veem do Brasil.

Recapitulando e resumindo:

O estado geral do paiz é profundamente miseravel. Esta miseria depende de tres causas:

Desorganisação social, desorganisação economica, desorganisação moral.

Emquanto á moral já mostrámos que ella é uma dependencia precisa e immediata do progresso intellectual.

A organisação social não é mais do que o resultado collectivo dos esforços de cada cidadão para o bem da commuidade. N'esse ponto tinha razão Stuart Mill quando dizia que o merito de um Estado não é mais do que a somma total do merito de cada individuo.

O trabalho, que importa constituir, pode-se definir nos seguintes termos: — A força da sciencia transformada em movimento da sociedade.

Portanto, concluindo:

O que é que nos falta, nos individuos, na fa-

milia, na patria, em trabalho, em administração e em moral?

Falta-nos — sciencia.

O que os governos teem feito para supprir esta falta é nada.

Temos um exercito de 42 mil homens, que custa 4 a 5 mil contos de réis, e uma instrucção publica que custa apenas 799 contos, sobre um orçamento de 23 mil contos. Nem em toda a parte é esta a proporção. Nos Estados-Unidos, por exemplo, o exercito é unicamente de 26 mil homens, e ha 323 universidades e 60 escolas scientificas, com 3.758 professores e 58:000 estudantes.

Tomando a iniciativa da reforma profunda de que o paiz necessita como de uma reconstituição cerebral, é certo que v. ex.<sup>a</sup> cairá diante da sua proposta e deixará de ser ministro. Qual é porém, se não esse, o destino de todo o ministro — cair? E' o que fatalmente lhe succederá um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo, exm.<sup>o</sup> sr.! Seria pois preferivel viver um dia menos e fazer uma boa obra a viver um dia mais e não ter feito obra nenhuma que a posteridade accete e que a justiça agradeça.

Assignar portarias, nomear commissões, dar

audiencia aos chefes de repartição, jantar com o corpo diplomatico, ir ao Paço, conversar com sua magestade a rainha, reirar-se da sala do throno ás arrecuas deante do olhar magestatico e azul de e'-rei, ter um logar na camara na primeira bancada defronte da presidencia, escutar pacientemente e resignadamente elogios banaes e improperios ôcos, conviver permanentemente com ambiciosos irritados ou com bajuladores servis, com possessos ou com pusilânicos, ter uma falsa existencia de apparatus e de sophisticação, — ser finalmente um ministro da corôa, deve ser bom, não o nego, e comprehendo que agrade.

Mas deixar de ser voluntariamente um grande personagem esteril para ser um modesto cidadão obscuro e prestante acho que ainda saberá melhor.

V. ex.<sup>a</sup>, sr. ministro, tem todos os dotes de espirito e de caracter para ser esse cidadão benemerito. Quem, como v. ex.<sup>a</sup>, soube durante trinta annos empunhar com tanta independencia e tanto denodo uma penna erudicta, de uma clareza e de um vigor proudhonniano, a qual deixou no jornalismo portuguez um traço profundo e indelevel, poderia, perante um assumpto de vida ou de morte para uma geração, como o da

reforma da Instrucção Publica, fazer á civilisa-  
ção e á humanidade um serviço immenso: ab-  
dicar como ministro e secretario de estado dos  
negocios do reino, para voltar a ser, não já na  
orbita especulativa da imprensa mas na esphera  
pratica do governo, por um só dia ao menos,—  
o Sampaio... *da Revolução!*

ESTÁ À VENDA

---

---

EÇA DE QUEIROZ

---

O CRIME

DO

**PADRE AMARO**

---

EDIÇÃO DEFINITIVA

---

UM VOLUME EDIÇÃO NITIDA

1\$000 RÉIS



SECA de QUETRO

RAMALHO ORTIGÃO



AS FARIAS

S. Pa.  
A. Barb.

h. lloc.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

# AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

NOVA SERIE

TOMO VII

Outubro a Novembro

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1876



ronia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

**P. J. PROUDHON.**

## SUMMARY

A questão religiosa em uso de banhos. Uma escola protestante e uma escola catholica. Attitude das consciencias. O prior de Carnachide e o sr. Padre Miranda, ministro protestante. Conflictos. Intervenção das senhoras. Como é que ellas deveriam intervir. A sua missão sob o antigo regimen e a sua nova missão. A religião na mulher e a philosophia no homem, separação espiritual de domicilios e divorcio d'almas. A reconstituição da familia pelo renivelamento intellectual. — As aptidões do sr. conselheiro Nazareth. — O tomo 6.º das *Farpas* no tribunal da critica. As objecções do *Paiz* e da *Evolução*. Resposta. Os methodos das *Farpas* e a philosophia positiva do sr. dr. Zeferino Candido. Divergencias. As nossas theorias da instrucção contraprovadas pelos analysadores competentes. Comte, Lafargue, Pouchet, Savigny, Jacob Grimm. O que chamamos noções elementares. A doutrina positiva. O que nós imaginamos ser. O metaphysismo universitario. Os perigos da nova propaganda. — Um doutor *in absentia* pela Escola medico-cirurgica. — A obra de Offenbach e o seu papel na arte. A noção do pudór. — O marechal Saldanha.

A questão religiosa, essa pobre questão lymphatica, abstemia, de humores frios, alimentada a agua benta, localisou-se durante a epocha dos

banhos no sitio da Ponte de Algés, e aqueceu algum tanto o seu insipido sangue branco com a viração marítima, com os jejuns a marisco e com o largo sol do bom Deus, astro de uma indifferença impia e magnanima por todas as controversias theologicas.

Eis algumas netas sobre a ultima phase balnearia da questão a que nos referimos:

\*

Um ministro protestante, o sr. padre Miranda, que ha poucos annos abjurou o catholicismo, naturalisando-se hispanhol e tomando esposa e bigode na igreja evangelica, fundára na quinta da Piedade, em S. José de Riba-Mar, uma escola cujos alumnos eram não sómente ensinados mas vestidos e calçados gratuitamente pela generosidade do fundador.

Desde que esta noticia chegou, levada em parte pela fama, em parte pelos leiteiros de Carnachide e pelas lavadeiras de Linda-a-Velha, ás aldeias circumvisinhas, uma enorme sêde de saber se manifestou n'aquellas redondezas.

Todos queriam aprender o alphabeto na escola do padre Miranda, pelo menos até á lettra em que a intelligencia do alumno, segundo o

regulamento escolar, penetrava nos dominios dos sapatos novos.

Alguns, esporeados nos ilhaes por uma curiosidade scientifica quasi illimitada, pretendiam embrenhar-se a toda a brida na senda dos conhecimentos humanos até arrancarem do estudo uma das vestimentas cosidas aos serões da escola pela familia do hereje.

O clero do patriarcado comprehendeu então que este systema adoptado por um intruso era prejudicialissimo para as ovelhas pela rasão de não as pôr em bom costume.

No aprisco catholico a ovelha estava habituada a não se approximar do pastor senão para o legitimo fim de ser conscienciosamente tosquiada em nome de Nosso Senhor Jesus Christo. Tosquia pela Paschoa, tosquia pelo Natal, tosquia pelo Advento, tosquia ao nascer, tosquia ao morrer, etc. De sorte que, nada mais tumultuario, nada mais dissolvente das praxes estabelecidas e consagradas do que a subita apparição infernal d'esse pastor clandestino que chamava a si a ovelha não para lhe ir ao pello, mas, pelo contrario, para lhe raspar a tinha, para lhe afagar a cabeça, para lhe servir a fina herva tenra do b-â-bá e a doce cama appetecida dos fortes sa-

patos de bezerro e das frescas bluzas de riscado de linho.

\*

Subiu então ao pulpito o sr. prior de Carnachide, de roquete e stola; persignou-se em latim, fez genuflexão ao Sacramento, assoou-se, tossiu, collocou dois lenços sobre o parapeito da tribuna sagrada, e disse pouco mais ou menos o seguinte:

«Amados irmãos! Na escola da Ponte de Algés está o proprio diabo em pessoa sob a figura de um damnado hereje tentando as creaturas sob o pretexto fementido de as ensinar a ler, escrever e contar. Qual outro flagello mandado por Deus ao povo de Israel, etc., etc... Qual outro, se assim ousou exprimir-me, etc., etc... assim elle, sahido dos seios tenebrosos do mais horrendo peccado, etc., etc. O seu contacto apodrenta, a sua palavra empesta, o seu olhar dissolve. Onde elle respira o inferno chupa e engole... Oh! meus amados ouvintes!... Ah! meus estimados irmãos!... Sabio e illustre auditorio!... Todo aquelle que se approximar do heretico tem a sua alma irremissivelmente perdida... etc., etc.»

Desde esse dia as mulheres de Carnachide

que passavam pela quinta da Piedade entoavam em coro o Bemdito, a ladainha de Todos os Santos, os versos de S. Gregorio, a Magnifica e outras rezas de esconjuros e de penitencia.

No emtanto — profundo resultado da contra-  
posição da eloquencia sagrada e da perspectiva de um fato novo! — os alumnos do padre Miranda augmentavam cada vez mais. A vasta sala da escola era pequena para os conter. A veloz machina Singer de Madame Padre Miranda, mordendo duzentos pontos por minuto, era insufficiente para devorar as costuras de tantos vestuarios.

Debalde o prior de Carnachide puxava do alto da cadeira parochial os ribombos mais temerosos do catarrho oratorio! Debalde estendera elle sobre o pulpito todos os seus tropos e todos os seus lenços da China! «Tudo inutil, escrevia o sollicito cura para a sede do patriarchado, as almas estão no mais agudo estado de rebellião. E todavia tudo quanto a eloquencia do nosso sagrado ministerio, correndo a flux dos meus labics, podia fazer, se tem feito para dissuadir os illusos das tentações refalsadas do inimigo.»

Não! uma coisa havia esquecido ao illustre sacerdote no emprego dos seus meios suasorios:



deixar cahir dos seus labios, não completamente á flux, mas de quando em quando, como pequenas e escolhidas imagens methaphoricas, go-tejando, algumas blusas de riscado e alguns pares de sapatos de bom couro de Salvaterra — com duas solas.

\*

N'estas circumstancias desesperadas, algumas senhoras catholicas, cujos nomes a imprensa publicou, — as senhoras D. Maria Palha, condessa da Torre e condessa de Rio Maior, — deliberaram oppor á escola protestante do padre Miranda em S. José de Riba-Mar uma escola catholica parallela na Ponte de Algés.

Para este fim promoveu-se um basar de prendas, cuja venda se effectuou em Algés e em Paço d'Arcos. Todas as principaes senhoras da sociedade a banhos desde o Dá-Fundo até Cascaes concorreram sollicitamente para esse piedoso mercado, enviando bonitos de toda a especie, bonecos do Wurtemberg, caixas de pastilhas, *sachets*, perfumaria, estatuettas de *biscuit*, pregadeiras de setim cobertas de frioleira e guarnecidas de renda, pufs e almofadas de crochet inglez feitas a lã encarnada e preta com applicações de casimira bordada a sedá verde e côr de ouro, pe-

quenos cabazes de flores, vasos com bigonias e plantas vivas, ornamentaes, de grande folhagem exotica.

Dispuzeram-se estes artigos em étagères forradas de pano patente branco com filetes de fita azul; armaram-se os balcões; collocaram-se os candieiros Carcel, de globos foscos, espargindo uma grande luz suave, côr de opala. Por fora o edificio da escola illuminou-se com lanternas venesianas suspensas de festões de murta; polvilhou-se a estrada de areia encarnada; e veiu a banda de infanteria ã tocar á porta o hymno do Rei, as arias de *Barbe-Bleu* e os cançans de *Belle Helene* e de *Giroflé*.

Por detraz dos balcões as senhoras promotoras do basar e algumas das suas mais intimas amigas, em pé, vestindo as frescas toilettes de praia, de linhos pallidos e chapéus de grossa palha entrançada, porteagudos, guarnecidos de flores silvestres, mechiam nos objectos expostos com as suas finas mãos aristocraticas, de unhas ovaes, relusentes, exhalando um perfume penetrante de «marechale» e fazendo telintar nos seus movimentos de offerta e de venda as medalhas das pulseiras cingidas no ante-braço.

De quando em quando um padre alto, nu-

trido, lymphatico, bem barbeado de fresco, de volta lavada, sobrecasaca comprida, chapéu de baixo do braço, corôa ostentando um nitido e correcto disco asulado, perpassava sorrindo, elogiando em voz baixa, gesticulando modestamente com a sua mão papuda, olhando aavez de uns oculos de aros de ouro.

Em quatro ou cinco noites todos os objectos de que constava o bazar foram comprados pelos banhistas, alguns dos quaes aproveitaram esta feliz oportunidade para estarem uma vez — na alta sociedade.

O bazar produziu alguns centos de mil réis, e foi inaugurada a escola. Estava lançada a luva da fé catholica á invasão protestante. Restava ver se acceptaria o repto o ministro da igreja evangelica.

\*

O sr. padre Miranda foi então d'um tacto que desorientou completamente os seus inimigos.

Reuniu os paes e as mães de todos os alumnos, e disse-lhes :

«Meus senhores e minhas senhoras, a escola catholica da Ponte de Algès convem-lhes mil vezes mais do que a minha. Offerece-lhes sobre-

tudo a vantagem inestimavel de ensinar a doutrina catholica, apostolica, romana aos seus filhos, — o que as minhas opiniões religiosas me impediam a mim de fazer. A minha escola era boa quando em todas estas redondezas não havia outra. Desde hoje ella é, não somente inferior, mas inutil. Portanto fecho-a. Vão para a nova escola fundada por essas senhoras! Vão quanto antes! Vão-se conciliar com a sua igreja e com o seu parcho! vão ensinar a doutrina aos seus filhos! Aceitem as minhas felicitações e as minhas despedidas.»

Como porém nos programmas da nova escola havia tanto mais doutrina para uso da consciencia quanto menos blusas e sapatos para uso da carne, as familias dos alumnos acharam extremamente mediocre a vantagem da mudança e entregaram incondicionalmente os seus filhos ao padre Miranda para que elle mesmo lhes desse o destino que entendesse.

O sr. padre Miranda conduz os seus discipulos em corporação á escola catholica e pede ao professor que os matricule. Duvidas do professor. Aggravo para a direcção superior da aula. Resultado definitivo: a escola catholica não recebe os alumnos de missão protestante!

\*  
 Occorre perguntar uma coisa :

Para que se reuniram em commissão as senhoras da aristocracia a banhos na bahia do Tejo ? Para que se nomeou a commissão ? Para que se organisou o bazar, se colligiram as prendas, se montou a escola da Ponte de Algés, quando os alumnos que esta se propõe doutrinãr são exactamente aquelles que ella exclue da doutrina ? Equivale a querer extinguir o incendio que devora um quarto andar, estabelecendo um systema de soccorros prohibido de passar acima do *rez-de-chaussée*.

Deante d'este desfecho a escola protestante reabriu provavelmente, e, depois do remedio ministrado pelas damas catholicas, acham-se as coisas espirituaes pouco mais ou menos no estado anterior ao remedio proposto.

\*  
 Resta-nos aproveitar este incidente para submeter á apreciação do sr. padre Miranda e das senhoras D. Maria Palha, condessa de Rio Maior e condessa da Torre algumas leves considerações.



Pelo que diz respeito ao sr. padre Miranda :

Não comprehendemos que, procurando justificar os seus actos por meio de uma carta publicada nos jornaes com a historia da sua escola, declare n'esse documento o sr. Miranda :

1.º Que os livros adoptados no seu instituto são os compendios approvados pela junta consultiva da instrucção publica ;

2.º Que a escola é indifferente em materia religiosa e não de propaganda evangelica.

Ora estes dois pontos em que o sr. Miranda fundamenta a sua defeza são exactamente os que determinam a sua condemnação.

Os compendios approvados pela junta consultiva da instrucção publica são os peores livros de ensino e portanto, desde que o sr. Miranda funda uma escola extra-official, o seu principal cuidado deveria ser isolar do contacto dos seus alumnos essas nocivas drogas legaes.

A indifferença religiosa é egualmente inadmissivel n'um sacerdote, cujo dever sagrado é manter e propagar por todos os modos a doutrina que jurou. O Estado em materia de instrucção pode ser athen ; convém mesmo á liberdade das consciencias que o seja. Não se infere a

mesma coisa para um ministro da religião.

A primeira obrigação de um sacerdote é ter a profunda fé que abala as montanhas e que traspassa as rochas; ter o intimo fervor inexpugnável da missão, e da cathechese; sacrificar tudo a esse dever, affirmando o cumprimento d'elle na abnegação e, se for preciso, no martyrio. A reforma tem uma brilhante legião de apóstolos e de martyres, de cuja historia todo o ministro protestantê pode tirar lição e exemplo.

O nosso grande chronista Damião de Goes foi condemnado pela inquisição a apodrecer coberto de chagas, corroido pela lepra no fundo de um carcere, por haver deixado perceber nas suas conversações que um dos espectaculos que mais profundamente o impressionara fora o que havia presenciado na Allemanha vendo Luthero e Menalhton, com os quaes o nosso compatriota tinha relações pessoaes, atravessarem as povoações, a pé, miseraveis, rotos, descalços, pré-gando a nova lei na mesma humildade e sob a mesma perseguição dos primeiros discipulos de Jesus.

Calvino dizia: «Resistamos espiritualmente, salve-se a alma, abandone-se o corpo». E foi assim que os protestantes resistiram, não ha-

vendo supplicio que rendesse a fortaleza das suas almas.

A Alexandre Canus cortaram-lhe a lingua.

O bispo Hooper foi queimado tres vezes.

Henrique Flammeng recusa o perdão que se lhe offerece a troco da declaração de que não era legitimo o seu consorcio, e glorifica com o seu supplicio a viuvez da sua mulher.

O martyrologio de Gilles, de Just Jusberg, de Crispin, de Fox, de Bêze, de Cowbridge, constitue a mais tocante, a mais sublime pagina da historia tremenda da liberdade religiosa.

No supplicio do fogo, o mais vulgar, o que só á sua parte devorou milhares de vidas, o processo geralmente empregado era o que fora inventado em Oxford pelos doutores: o penitente era collocado sobre as brasas, sem chamma, sem fumo, para que se não dêsse a asphyxia; depois voltavam-o para um e para outro lado por meio de um gancho de ferro, até que o hereje, convertido n'um carvão, tendo-lhe estalado o ventre, tendo-lhe escorrido sobre o brazeiro a gordura rechinante dos intestinos, expirara sem se desdizer.

As mulheres eram simplesmente enterradas vivas, para o que as mettiã n'um caixão



aberto seguro por cima com travessões de ferro.

E com a precedencia de semelhantes exemplos pode ainda o sr. padre Miranda exhimir-se á simples propaganda, não com risco da sua vida, da sua fazenda e da sua liberdade, mas tranquillamente, na sua quinta, entre as quatro paredes da sua escola, no meio de aldeões ingenuos e de attentas creanças que nada desejam mais do que ouvir em nome da religião uma boa palavra simples, desinteressada e honesta?!

Se o sr. Miranda não está bem intima e bem profundamente convencido de que é da observancia da sua doutrina que depende a sorte do christianismo, a pureza das relações do homem com Deus e a salvação das almas pela redempção de Jesus Christo, se esta não é a sua convicção mais arreigada e mais firme, para que abjurou? para que desdisse o seu passado? para que lançou o escandalo e a consternação na sua antiga classe, na corporação dos seus companheiros de estudo, dos seus correligionarios, dos seus compatriotas, dos seus amigos? Para que sacrificou tudo quanto um homem de bem pode sacrificar de mais caro: a tradição de seus paes, os seus proprios parentes, a sua propria familia, a sua propria patria?

E' crível, é logico, é humano, é concebível, que a enorme subversão que uma dupla apostasia lança na existencia e no destino todo de um homem, se accete sem o mais alto proposito, sem um profundo fim de justiça e de eternidade?

Quererá convencer-nos o sr. padre Miranda que o sacrificio immenso de todas as suas ligações, de todos os seus principios, de toda a sua solidariedade social em metade da existencia, elle o fez para passar agora a outra metade da vida plantando as suas camelias e regando os seus jasmims na ociosa tranquillidade bucolica, no sentimentalismo inutil da familia, isolado dos seus semelhantes, dos seus irmãos em Jesus Christo, por meio de um tremendo parenthesis fechado de um lado pelo desprezo punidor d'aquelles que abandonou pelo perjurio, e do outro lado pela indifferença desdenhosa d'aquell'outros de quem elle não tem o valor de se approximar inteiramente pela dedicação e pelo sacrificio?

Quererá o sr. padre Miranda deixar-nos persuadir que pode ler serenamente no seu gabinete, no agasalho e no tepido conforto domestico, a sua pequena biblia de formato diamante illuminada por algum anonymo Rembrandt do seculo xvi, com o miudo e paciente cursivo do seu texto mar-

cado com as lagrimas sublimes de uma serie de huguenotes perseguidos e martyrisados, ao passo que o mesmo sr. padre Miranda, ministro de uma religião consagrada por tantas lagrimas d'essas, por tanto sangue vertido, por tanta vida cortada, na Inquisição, em Hispanha, em França, na Flandres, por Carlos ix, por Phillippe iii, pelo duque de Alba, pelos Guizes, por Caraffa, por Loyola, — toma o seu chá descuidadamente, ao fogão, ouvindo ao lado impassivelmente os pequenos papistas reunidos na escola a soletrarem em côro as lições do erro, da superstição e do fanatismo!

Não, nós fazemos ao sr. padre Miranda a justiça de o não acreditar.

Um padre indifferente é uma aberração fatal ao equilibrio das opiniões. A sociedade na sua elaboração philosophica parte do principio que existem ainda religiões com homens sinceros e fervorosos que as sustentam e defendem. Os sacerdotes indifferentes, em qualquer igreja, em qualquer communhã, em qualquer seita que elles existam, compromettem os dados do problema e contribuem, mais perigosamente que todos os atheus reunidos, para materialisar as soluções.

Em quanto ás senhoras que se constituíram em commissão devota para promover a reacção catholica contra os principios hereticos que suppunham existir sob a escola do padre Miranda, cumpre-nos dizer :

Ha no procedimento das sr.<sup>as</sup> D. Maria Palha, condessa de Rio Maior e condessa da Torre um symptoma respeitavel: a manifestação do bom intuito de serem uteis á sociedade de que fazem parte, de intervirem com a força da sua influencia na direcção dos sentimentos e das ideias geraes.

Nada mais legitimo do que esta aspiração, principalmente na presente epoca da civilisação e n que uma barreira formidavel separa inteiramente de toda a afinidade scientifica, de todo o grave interesse philosophico, o contacto espiritual dos dois sexos. No momento actual a differença absoluta de principios, de ideias, de convicções radica por toda a parte entre homens e mulheres o — *divorcio das almas*.

O homem moderno vive na philosophia; a mulher, sua contemporanea, vive na religião; — completa separação de domicilios.

N'este desquite das consciencias o poder do

homem deprime-se por uma especie de mutilação moral; a influencia da mulher subalternisa-se e annulla-se.

No seculo passado, sob o antigo regimen, a mulher tinha na sociedade um dominio poderoso, o dominio das salas. A alta cortezia, a perfeita urbanidade, o fino e subtil espirito de conversação e de galanteria, eram então um elemento essencial na litteratura, na arte, na philosophia. Processos artisticos, theorias de stylo, ideal poetico, systemas philosophicos, ideias politicas eram productos de salão. A sciencia da conversação e das maneiras constituia para as mulheres uma occupação importante e gravissima.

Veja-se uma simples mesura feita por uma senhora n'um circulo de homens de meias cor de perola, fivelas de ouro, calção, collete e casaca de seda, cabello empoado, folhos de ponto de Alençon no bofe da camisa, uma só d'essas medidas em que uma dama do seculo passado dobrava o joelho, abatendo-se perpendicularmente n'um difficil exorço de gymnastica, engolphando-se até meio espartilho na ampla roda do seu vestido *à paniers*, erguendo-se depois, lentamente, immergindo n'um movimento de cysne, cumprimentando vinte homens no espaço

d'esse duplo movimento de descenção e ascenção, com o gesto, com o olhar, com o sorriso, dando precisamente a cada um a quantidade de attenção devida ao merito d'este, ao espirito d'aquelle, ao talento do que se lhe segue, ao nascimento do que lhe fica depois, etc.!

Essa mesura, de que hoje existe apenas a tradição nas memorias de Brathôme e nas chronicas do Trianon, representava dez annos de estudo, de elegancia, de distincção, de cortezia.

Era da convivencia das senhoras, que então presidiam a salões celebres como academias, que Lulli, Rameau e Grétry tiraram a inspiração das suas arias e dos seus motetos; Watteau, Greuze, Coustou e La Tour, o assumpto dos seus quadros, das suas allegorias mythologicas, das suas doces paizagens pastoris, dos seus tenros e vaporosos retratos a pastel, em que as physionomias das lindas mulheres da Regencia, sorriem envoltas n'um pollen semelhante ao que aveluda a alvura dos jasmims e a asa das borboletas. E' ainda pelo espirito de reacção e de resistencia a essa corrente geral que se produz o *Emilio*, de Rousseau, e a philosophia da Encyclopedia.

Em Portugal uma identica organização politica e social determinava eguaes influencias.

Somente na côrte portugueza o espirito freiratico domina o espirito cavalheiresco. As senhoras governavam tambem os costumes, a politica, as ideias, mas governavam atravez das grades dos mosteiros aristocraticos, dispendendo-se em motes nos outeiros, em finos doces nas festas dos oitavarios, originando uma pompa beata, especialmente igrejeira, de novena, de missa pontifical.

Tudo isso desapareceu.

Citamos uma das mesuras de madame du Deffant ou da marquezia de Alorna. Comparemos-lhe um dos cumprimentos de alguma das nossas actuaes mulheres celebres: a senhora D. Amelia Jenny, por exemplo, ou a senhora D. Guiomar Torresão!

Decididamente o imperio da galanteria acabou.

A democratisação da toilette e das maneiras, os habitos do club e do café, a frequencia dos theatros, os fortes trabalhos cerebraes que preoccupam inteiramente o homem moderno, despovoam os salões e obrigam a influencia que as mulheres exerciam n'elles a procurar outra esphera de acção.

Uma propaganda catholica é porém a mais

esteril das occupaões em que as senhoras podem empregar a sua actividade de sentimento e de espirito. Por mais que façam, as senhoras D. Maria Palha, condessa de Rio Maior e condessa da Torre, auxiliadas pelo concurso de todas as suas amigas, não poderão nunca — capacitem-se bem d'isto — augmentar o numero dos catholicos com a acquisição de um só proselyto. Porque em sociedade nenhuma a religião dependeu jamais da vontade das pessoas, mas sim do estado geral das ideias e das necessidades da consciencia em vista da concepção que cada um tem do universo.

No que porém estas senhoras poderiam ter uma influencia poderosa e decisiva era na moral e nos costumes. Com estes fins uma grande sociedade de senhoras prestaria á civilisação portugueza o mais relevante de todos os serviços.

Imagine-se que as sr.<sup>as</sup> D. Maria Palha, condessa de Rio Maior e condessa da Torre, em vez de permittirem que os seus nomes inviolaveis figurassem nos periodicos, de que os transcrevemos, sob um pretexto de sachristia, se utilisavam pelo contrario constituindo-se com todas as suas amigas em alliança defensiva pelo dever, pela honra, pela dignidade, pela justiça.



Começariam restringindo as perscripções dos figurinos, inspirados pelas *cocottes* e lançados na circulação pelas costureiras, á casta simplicidade que o puro bom senso aconselha ás mulheres, honestas. Deixariam por exemplo de usar chumaços nos cabellos e, afirmando o alto principio de que toda a mulher tem obrigação de ser bonita, comporiam os seus penteados pelas bellas cabeças tão graciosas e tão graves das estatuas gregas, ou dos quadros de Raphael e da grande escola italiana. Proscreveriam os tacões Luiz xv, os cintos de phantazia, os leques de phantazia, os broches de phantazia, todo o luxo falso, barato, *dernière nouveauté*.

Modificariam até a maxima modestia a *toilette* de andar na rua.

Ensinariam ás mulheres enriquecidas de novo e ás esposas de empregados a 600,5000 réis que ter mais de dois vestidos por anno é uma dissipação perigosa ou uma insolencia estúpida.

Escolheriam escrupulosamente as suas relações banindo da sua convivencia toda a mulher equívoca, todo o homem maculado por qualquer mancha por mais leve que fosse, na sua probidade, no seu brio, no respeito da sua pessoa.

Finalmente, em quanto á applicação do seu

dinheiro a uma obra util, fundariam o estabelecimento que nos falta, de que depende essencialmente o futuro das nossas mulheres, o papel que ellas teem de representar na sociedade moderna, e a reconstituição dos nossos costumes domesticos: — uma escola superior para o sexo feminino. Não uma escola especial, para fazer parteiras, medicas ou escripturarias, mas um simples curso de sciencias physicas e naturaes com trez cadeiras, uma de physica, outra de chimica, outra de biologia — destinado a habilitar as mulheres dos dezoito aos vinte cinco annos com os principaes elementos indispensaveis para comprehenderem os problemas modernos e para occuparem na familia um logar digno da intimidade intellectual dos seus paes, dos seus irmãos, dos seus filhos e dos seus maridos.

Enquanto essa intimidade se não estabelecer, a familia portugueza caminha para uma dissolução medonha pelo desquite das ideias, pelo divorcio dos espiritos.

Ha senhoras ricas e generosas determinadas a fazer bem? Aqui teem aberta uma porta, e, junto d'ella, o ultimo dos seus creados pronto a apanhar o reposteiro e a annunciar os nomes de suas excellencias á gratidão da humanidade.

A observação de alguns phenomenos que recentemente se teem dado no orbe, levou-nos a reconhecer que o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth é um ser composto de duas substancias distinctas — *corpo* e *intelligencia*.

Considerado sob o aspecto *corpo* o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth não conhece limites. A sua personalidade maravilhosamente extensa excede a esphera da nossa faculdade visual. O incommensuravel conjuncto de todas as suas partes está materialmente fóra do alcance dos nossos instrumentos de experimentação e de analyse.

Confessamo-nos portanto completamente desarmados e desprovidos de todos os fundamentos para emittir qualquer juizo ácerca de s. ex.<sup>a</sup> o corpo do sr. conselheiro.

Por mais altos e por mais elevados que sejam os encargos que a suprema direcção do estado adjudique ao sr. Nazareth emquanto cor-

po, nunca a nossa boca negará que o mesmo corpo esteja inhabilitado para os exercer.

N'este sentido pôde á sua vontade a suprema direcção do Estado fazer do sr. conselheiro Nazareth tudo o que quizer!

Que o *Diario do Governo* diga sem o minimo receio:

*Attendendo ao merecimento e mais partes que concorrem no corpo do conselheiro Antonio José Duarte Nazareth hei por bem nomeal-o para o cargo vitalicio e inamovivel de Pyramides do Egypto.*

Que a mesma folha accrescente logo na mesma pagina e na mesma columna: *Attendendo ao merecimento e mais partes do dito corpo, do meu conselho, hei por bem encarregal-o interinamente da commissão municipal anteriormente exercida junto dos quintos andares pela escada Fernandes.*

Que por despacho da mesma data se accrescente ainda:

*É concedido ao corpo benemerito a que nos reportámos nos despachos retro um achego de dez libras diarias, pagas despezas de viagem, para ir ao centro do globo desempenhar a missão de Eixo da Terra.*

Se porém as simultaneas ou successivas nomeações do que for objecto o sr. Duarte Nazareth recaírem na sua natureza intellectual em vez de versarem sobre a sua natureza corporea, nós permittir-nos-hemos fazer algumas restricções á capacidade indefinida de s. ex.<sup>a</sup>, principalmente nos casos em que s. ex.<sup>a</sup> delibere tornar effectivos os poderes correspondentes a essa capacidade.

Penetrando hontem na tapada da Ajuda, vimos, por exemplo, que o sr. Nazareth organizara um grande viveiro e determinara fazer uma enorme plantação de eucalyptus n'aquelle recinto.

Ora o facto de plantar o eucalyptus em uma tapada real, no seio de uma cidade, envolve uma questão de physica, uma questão de chimica, uma questão de botanica, uma questão de hygiene, uma questão de industria, uma questão de arte.

Tomamos a deliberação de perguntar com o maior acatamento e com a maior submissão se — por meio dos seus titulos escolares, dos seus livros na imprensa, dos seus discursos nas academias, ou por outro qualquer meio, — o sr. conse-

lheiro Nazareth mostrou ser versado em todos ou em alguns pelo menos, dos diversos conhecimentos indispensaveis para habilitar um individuo a plantar eucalyptus n'um parque real? Pela nossa parte, emquanto nos não convencerem do contrario, negamos a competencia do sr. Nazareth pela razão de nos julgarmos na posse dos argumentos precisos para demonstrar a s. ex.<sup>a</sup> que a plantação alludida é sob todos os pontos de vista erronea.

\*

Concluimos pois chamando outra vez a attenção dos philosophos particulares e dos poderes publicos para a importante e essencialissima distincção que é indispensavel fazer-se das duas naturezas que descobrimos concorrerem no ser do sr. conselheiro Nazareth. Pois que, se, por um lado, não temos duvida em concordar que s. ex.<sup>a</sup> possa ser simultanea ou successivamente, por meio de uma disposição legislativa, *Pyramides do Egypto*, *Escada Fernandes* ou *Eixo da terra*, não concordamos de modo algum em que, por outro lado, possa igualmente um decreto com força de lei nomear s. ex.<sup>a</sup> Universidade livre de sciencias physicas e sociaes.

— Que s. ex.<sup>a</sup> dirija as alfandegas, que interve-  
nha na diplomacia, que administre a casa real,  
perfeitamente de accordo! Alfandegas, diploma-  
cia, casa real, são puras formulas de convenção,  
sem realidade fora do systema politico.

Que s. ex.<sup>a</sup> toque na arvore, não! Não, por-  
que a arvore está acima da jurisdicção da Carta  
e do systema correlativo. Pela influencia que  
tem no solo, na atmospherá, na saude publica,  
no prazer dos olhos, a arvore, como agente phy-  
sico, como agente chimico, como agente phy-  
siologico, como agente esthetico, como agente  
moral não pertence aos reis, nem aos governos,  
nem ao systema representativo, nem á Carta,  
nem ao sr. Nazareth; pertence, unica e exclu-  
sivamente, — á sciencia.

---

Decorridos cerca de dois mezes depois que os  
professores por um lado, o governo por outro,  
haviám resolvido definitivamente elaborar uma

reforma do ensino publico, sem todavia publicarem trabalho algum que illucidasse este importante assumpto, as *Farpas* entregando a alguns milhares de leitores — como fizeram no precedente volume — um ensaio de reorganisação das escolas portuguezas, intervinham na direcção das ideias e na formação do criterio sobre este ponto com uma opinião que conviria ter por temeraria e que não se deveria permittir que circulasse antes de ser devidamente contrastada e aferida pela critica.

A imprensa tinha concordado unanimemente em que a reforma da instrucção era uma questão vital.

Não é verdade que a imprensa tinha concordado n'isso? Pois bem: Em toda a *questão vital* o erro é um caso de morte.

Ora queria-nos parecer que a nossa obra — por maior que fosse o orgulho que nos dominasse, por maior que fosse a modestia a que nos submettessemos — não poderia facilmente deixar de merecer uma das seguintes classificações: ou seria inteiramente prestante, ou prestaria apenas para alguma coisa, ou não prestaria de todo para nada.

No primeiro dos referidos casos entendiamos



que a critica deveria apressar-se a sancional-a com a sua approvação, dizendo por exemplo: *Mais um diamante de subido quilate acaba de engastar-se no diadema imperecivel que cinge a fronte do nosso illustre collega o sr. fulano de tal. Queremos dizer que appareceu o 6.º volume das Farpas. Chamamos a attenção dos leitores para o annunciõ que vae na secção respectiva.*

No segundo caso julgavamos que competia á mesma critica descriminar no nosso voto o que era sensato e o que era erroneo, illucidando n'esse sentido a apreciação do publico.

No terceiro caso, finalmente, estavamos persuadidos de que á já referida critica cumpriria condemnar inexoravelmente o nosso trabalho como a droga mais funesta á saude dos espiritos, dizendo: *Mais um palmo de orelha asinina acaba de crescer acima do craneo do detestavel escriptor fulano de tal. Queremos dizer que appareceu o n.º 6 das Farpas. Esperamos que a abominação publica se apresse a tomar assento sobre este folheto.*

Reconhecemos agora, profundamente humilhados, que escapou a todas as nossas previsões a verdadeira attitude que deviamos esperar da imprensa. Com relação ao nosso pequeno livro

a imprensa, na sua grande maioria, não teve opinião nenhuma!

Mas como foi então que ella affirmou com ardor que considerava a *questão vital*?... Houve decerto da parte da imprensa um equívoco. Evidentemente, quando ella chamou *vital* ao assumpto, não era á instrucção que alludia, era talvez aos chocolates do sr. Mathias Lopes.

\*

Dois periodicos apenas — como singular excepção — entenderam que as *Farpas*, consagrando á reconstituição dos estudos em Portugal noventa e seis paginas refutadoras de todo o systema de ensino actual, mereciam uma palavra de attenção. Esses periodicos foram o *Paiz*, folha politica de Lisboa, e a *Evolução*, revista de litteratura, de critica e de vulgarisação scientifica, de Coimbra, aos quaes pedimos licença para analysar rapidamente algumas das objecções de que elles nos tornaram assumpto.

\*

O *Paiz* concordando inteiramente com as nossas opiniões sobre a ignorancia geral e sobre os falsos meios que até hoje tem sido empregados

para organizar o ensino, exprobra ás *Farpas* o desprezo em que ellas teem sempre tido os problemas governativos, contribuindo assim para manter no publico a indifferença politica que a referida folha considera a principal causa da corrupção portugueza.

Ora o desprezo, ou antes o descaso, em que nós temos a questão politica não nos parece que seja, como o *Paiz* inculca, uma contradicção de principios, mas sim, pelo contrario, a consequencia mais logica da doutrina que temos exposto.

Se é certo que um exagerado humanismo, uma excessiva cultura da fórma litteraria e rhetorica tem pervertido a nossa educação intellectual com embargo de todas as sciencias fundamentaes, indispensaveis para o conhecimento do homem e para a comprehensão das leis que regem os seus destinos, se é certo, como nos parece ter demonstrado, que toda a instrucção facultada pelos nossos estabelecimentos publicos e particulares é a negação de todos os elementos de que dependem o nosso progresso physico, o nosso progresso intellectual e o nosso progresso moral; se é certo que uma tão funesta e tão inveterada organisação tem lançado a sociedade portugueza na mais profunda anarchia, na mais com-

pleta dissolução de crenças, de convicções e de principios, destruindo absolutamente a affinidade dos espiritos e a solidariedade dos cidadãos; se é certo que a nossa inactividade cerebral chegou ao miseravel extremo de faltarem as idéas geraes e harmonicas que reunam um pequeno agrupamento de individuos sob um mesmo principio commum na religião, na economia, na politica, na moral e na arte; se é certo que desde quarenta annos não somos mais que um conjunto de tres milhões de egoismos pacificados pela indolencia; se tudo isto é certo,— como julgamos ter provado,— que importancia quer o *Paiz* que liguemos ao systema governativo sob o nosso regimen parlamentar? O *Paiz* bem o deve comprehender. Para a critica desinteressada e sincera, francamente, o facto politico em Portugal serve apenas para demonstrar a incompetencia das maiorias por intermedio de um parlamento summamente estimavel como instrumento de observação, porque é elle que constitue a escala por onde mais facilmente se pôde medir a marcha progressiva da nossa decadencia.

Em um paiz onde a ignorancia é geral o governo, *qualquer que elle seja*, é fatalmente mau,

porque nenhum governo é possível nem acima nem abaixo do nível geral das idéas no meio em que elle existe. Sob o systema representativo esta relação constante da capacidade do governo com a capacidade social é ainda mais estreitamente necessaria que sob outra qualquer fórma politica. Se o governo der um passo adeante ou ficar um passo atraz da aspiração determinada pelo nivelamento medio dos espiritos, uma força invisivel e insuperavel, o voto, ha de impelil-o ou ha de refreal-o até restabelecer o equilibrio de que depende a viabilidade constitucional do poder.

Querem um governo sabio? preparem um povo instruido.

Emquanto o meio social não fôr modificado no sentido de uma maior elevação de sentimentos e de idéas verá o *Paiz* que a acção do governo sobre a civilisação e sobre o progresso será absolutamente a mesma quer o poder se mumifique nas formas do sr. Anselmo Braamcamp, quer se disfarce sob os historicos fluidos transmutativos do sr. Fontes Pereira de Mello.

\*

Na *Evolução* o sr. Zeferino Candido, doutor

em mathematica, lisongeiá-nos com um artigo de dez columnas com o fim principal de indicar o desaccordo de algumas das nossas opiniões com as doutrinas de Auguste Comte.

Não podemos deixar de observar, antes de tudo, ao sr. dr. Zeferino que, comquanto estejamos profuodamente convencidos com miss Martineau de que o unico campo do progresso é hoje o da philosophia positiva, não foi de modo algum uma exposição da doutrina comteana sobre a instrucção publica o que nos propuzemos fazer no precedente volume d'esta chronica.

Posto isto, tocaremos alguns dos reparos e satisfaremos algumas perguntas do sr. dr. Zeferino Candido.

\*

Dissemos que na instrucção primaria *entra o que é puramente elementar na area de todos os conhecimentos humanos*. O sr. dr. Zeferino desdobra este principio dizendo que, segundo o nosso methodo de divisão do ensino, o alumno da instrucção primaria «seria obrigado a aprender *elementarmente* todos os conhecimentos que compõem a mathematica, a physica, a chimica, a biologia, a sciencia social e além d'isso a parte *elementar* de todas as sciencias concretas como,

por exemplo, a mineralogia, a geologia, a agricultura, a medicina, a arte do engenheiro, etc.

N'este ponto cremos que o nosso contendor desejou apenas fazer um jogo de palavras improprio da elevação do seu espirito. Se nós dividimos a sciencia em tres cathogorias, *elementar*, *abstracta* e *concreta*, é claro que quando nos referimos *unicamente* aos conhecimentos que fazem parte da primeira cathogoria, excluimos os que entram na segunda e os que entram na terceira. Se tendo uma dada quantidade de valores e havendo-os dividido em tres series, lhes chamassemos *primeiros*, *segundos* e *terceiros*, mostraria uma ligeira má vontade em desejar perceber-nos aquelle que quando nós dissessemos *os primeiros* imaginasse que nos referiamos aos primeiros dos segundos e aos primeiros dos terceiros. Assim quando dizemos na sciencia a parte *elementar* não temos em vista uma porção determinada de principios com que cada uma das sciencias conhecidas tenha forçosamente que contribuir por meio de um extracto essencial para as materias da instrucção primaria, mas sim nos referimos ao que é em absoluto elementar, isto é, áquellas noções scientificas possuidas com tal grau de evidencia que não pre-

cisem nem de demonstração subsequente para que se provem, nem de conhecimentos anteriores para que se comprehendam.

Quem delimitaria as fronteiras precisas ás tres distinctas cathogorias da instrucção? quem faria o difficil programma do ensino de cada uma d'ellas? Quem redigiria os respectivos compendios? — Estas perguntas que o sr. Zeferino nos dirige são exactamente aquellas que nós aconselhamos o governo a que ponha a concurso retribuindo as respostas com um grande premio.

Exigir que nós preenchamos esta condição, aqui, de repente, e demais a mais de graça, afim de satisfazermos uma curiosidade, aliás muito legitima mas inteiramente pessoal, do sr. dr. Zeferino, parece-nos algum tanto violento.

Procuraremos todavia indicar a s. ex.<sup>a</sup> algumas das noções que consideramos elementares e proprias para os compendios da instrucção primaria :

As cupulas de vidro que se suspendem do tecto por uma corrente sobre as chaminés dos bicos de gaz estão em constante oscillação enquanto o candieiro se conserva acceso. Esta função do calor exercida pelo bico de gaz sobre a cupula que se lhe colloca por cima é a



mesma que o sol exerce sobre o globo da terra. Sómente como o globo não está suspenso de uma corrente, mas sim cingido por uma cinta de fluido invisível que se chama o *ether*, o calor do sol, actuando sobre metade do globo na parte em que é dia, obriga-o a rolar sobre si mesmo para a outra metade em que é noite, e assim successivamente, como rolaria uma bola de bilhar em que se batesse com o taco por um lado e estivesse unida pelo outro a uma cinta elastica posta em circulo sobre a mesa. A bola não só giraria sobre si mesma mas percorreria em redor todo o circuito da fita. O movimento que a acção do calor do sol produz na terra sobre si mesma chama-se a sua *rotação*; o movimento consequente que ella descreve em volta do sol chama-se a *ecliptica*. (Theoria de Frémaux confirmada pelas experiencias do radioscopo.) — Eis uma noção elementar de astronomia.

Quando uma pedra cae na superficie da agua no centro de um lago produz uma serie de ondas circulares que se estendem successivamente do ponto em que cahiu a pedra até á borda da agua. Assim se espalha a luz, quer ella saia de um astro, quer saia de uma vela de cêbo. Só-

mente a velocidade com que a luz se dilata do centro para a circumferencia é tres milhões de vezes maior do que aquella com que caminha a onda circular produzida pela pedra.—Eis uma noção elementar de physica.

O assucar posto em fermentação cessa de ser assucar e principia a ser alcool. Deixa-se uma gota de vinho no fundo de um copo em contacto com o ar. No ar ha um agente chamado o oxigenio, o qual combinando-se com o alcool que existe no vinho *desfaz* o vinho, e *faz* o vinagre. Assim em todas as transformações porque fazamos passar os corpos é absolutamente impossivel desfazer uma coisa sem fazer outra, e tudo quanto se passa na natureza são combinações que se fazem ou combinações que se desfazem.—Eis uma noção elementar de chimica.

Um animal qualquer collocado em uma balança, mostra mudar constantemente de peso, n'um movimento consecutivo como o do ponteiro de um relógio. Ao ser alimentado o animal, o seu peso sobe de repente para immediatamente depois descer, mais rapidamente se o animal trabalha, mais rapidamente ainda se elle sua.

Este facto prova que a nossa organização vital não é mais que um laboratorio em trabalho permanente de destruição e de renovação. Este duplo movimento, que por outros termos se chama a *assimilação* e a *desassimilação* constitue o phenomeno fundamental da vida.—Eis uma noção elemental de biologia.

É confeccionando um corpo methodico e systematico de breves noções do genero das que indicamos que, em nosso entender, se redige um compendio de instrucção primaria.

\*

O nosso illustre critico receia que seja impossivel habilitar professores de instrucção primaria bastante instruidos para ensinarem a parte puramente elemental das seis sciencias fundamentaes — a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia e a sociologia. Não nos parece que isto seja tão excessivamente difficil como a s. ex.<sup>a</sup> se figura.

Explicar, tanto, quanto seja possivel praticamente, pelo systema de Froebel, as noções elementares da astronomia, da physica, da chimica e da biologia é incomparavelmente mais

simples e mais facil do que ensinar a Prosodia do que ensinar a Syntaxe, do que ensinar a Ety-mologia. E não obstante nas escolas primarias ensina-se a Grammatica com todas as suas partes; ensina-se, além d'isso, a geographia; ensina-se a doutrina christã com a metaphysica de todos os sacramentos, com os nomes de todas as virtudes, com a enumeração de todos os peccados; ensina-se ainda a historia e a civilidade; finalmente chega-se a ensinar o *Manual Encyclopedico*, do sr. Emilio Monteverde!

Não ha noção alguma nas sciencias physicas e nas sciencias naturaes tão difficil de explicar a uma creança como esta simples coisa que debalde se lhe procura ensinar ha tantos annos nas nossas escolas — o que é o *substantivo*. De todos os phenomenos do calôr, do movimento, da luz, do som, da electricidade, do tempo, de todos os modificadores physicos, chimicos, biologicos e até sociaes, de tudo quanto mais ou menos directamente pôde affectar os sentidos ou influir positivamente nos factos,— do principio da gravitação na astronomia, da junção ou disjunção das moleculas na physica, da cohesão ou dispersão dos atomos na chimica, da nutrição, do crescimento e da reproducção

na biologia, — é possível dar ás creanças uma idéa lucida. Das partes da oração desafio quem quer que seja a achar uma theoria que illucide perfeitamente a comprehensão rudimentar de um menino.

Aquillo portanto que, segundo o systema que propuzemos, pareceu ao sr. Zeferino uma complicação absurda é apenas uma simplificação logica.

\*

Passando em seguida a examinar as bases sobre as quaes nós desejaríamos que se reorganissasse a instrucção secundaria ou o ensino medio integral ou encyclopedico, o sr. dr. Zeferino dedica-nos os seguintes periodos que pedimos venia para reproduzir integralmente :

\*

«Na instrucção secundaria cabe a parte chamada «abstracta de todas as grandes sciencias que constituem a exegese moderna segundo a admiravel genealogia de A. Comte : a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia e a sociologia.

«Na instrucção superior tem logar a parte concreta das referidas sciencias ou a sua applicação a qualquer dos ramos da actividade intellectual.» (*Farpas* fl. 24 e 25).

Aqui o sr. Ramalho assumiu as proporções de um semi-deus. Fugiu da terra com a sua universalidade scientifica, collocou-se à mão direita de Deus Padre Todo Pode-

roso, e legislou para os bemaventurados espiritos d'aquella celeste mansão!

Desgraçada educação scientifica é esta, colhida nos livros de A. Comte e seus discipulos, se ella leva o homem a taes resultados!

No entender do sr. Ramalho a instrucção secundaria ou ensino medio, que se deve prolongar até aos 18 ou 19 annos, deve ser universal. «É por meio de um forte ensino medio, commum a todos os cidadãos, qualquer que seja o estado, a profissão ou a gerarchia de cada um, que uma verdadeira democracia se afirma na civilisação e no progresso» diz s. ex.<sup>a</sup> a pagina 29.

A. Comte escreveu um curso de philosophia positiva, que é um estudo de todas as sciencias fundamentaes por elle classificadas na segunda lição. O curso de philosophia positiva deve ser, portanto, o livro que se deve collocar na mão de todo o cidadão, qualquer que seja o seu estado, profissão ou gerarchia, quando vae estudar a instrucção secundaria. N'um paiz sabiamente governado, como o sr. Ramalho deseja que seja o nosso, deve o livro de A. Comte ser o livro de estudo de todos os portuguezes, desde o filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus, até ao sr. Ramalho que estuda os problemas mais audaciosos da sciencia para nos dizer tudo isto, para nos dirigir e ensinar d'este modo, para ensinar a commissão que o governo encarregou d'estes estudos, para ensinar um paiz onde a ignorancia é universal, crassa e supina.

O sr. Ramalho teve a idéa magestosa de formar do paiz dos ignorantes, um paiz de sabios, como A. Comte se não cança de chamar aos que seguirem e comprehenderem o seu plano de estudo.

Grande e louvavel patriotismo é este que só podia ser produzido «por um banhista da Cruz Quebrada, escrevendo *sobre o joelho*, á sombra de um parreiral, sem livros, sem suggestões litterarias, inspirado por um *moinho de vento*, ou pelas rolas que imigram, cortando o sereno azul com a palpação do seu vôo.» A confissão justifica o confessado.

Estes problemas, sr. Ramalho Ortigão, não se estudam á sombra dos parreirões, com a inspiração dos moinhos de vento e das aves. Estes problemas estudam-se seriamente nos gabinetes.

Colhidos os dados pela observação, pensam-se e discutem-se as leis a que esses dados se sujeitam, contraprovam-se em seguida essas leis pelo juizo d'outros analysadores, e só depois de maduro pensar, de rigorosa verificação, se entregam ao mundo da publicidade, se expõem á extranha apreciação.

O sr. Ramalho incorre na falta de quem reproduz mais do que produz.

Se pelo seu trabalho proprio, pelo seu bem dirigido pensamento, assimilasse a justa idéa do ensino integral, como hoje elle é recommendado e exposto por todos os apostolos da *Philosophia positiva*, não viria fazer de tão util medida uma exposição falsa, e tão falsa que seria a sua completa condemnação.

Veja o sr. Ramalho com cuidado os artigos escriptos por Paulo Robin na esplendida exposição d'este ensino, publicados nos numeros 5, 7 e 9, da *Revista da philosophia positiva*.

Na exposição que faz Littré no tomo 7.<sup>o</sup> d'esta mesma publicação, de um projecto de reforma apresentado pelo dr. Picot em 1871, tendo por fim a reorganização da ins-

tracção publica na França, verá o sr. Ramalho que o ensino superior que Picot quer seja professado em dez universidades, é distribuido em sete faculdades, contendo as cinco primeiras o estudo das seis sciencias fundamentaes, a sexta comprehendendo uma faculdade de medicina e a setima uma faculdade de direito.

N'esta exposição diz Littré: «Nos paizes mais adiantados, apenas é obrigatorio o conhecimento da leitura e escripta. O sr. Picot quer aproveitar o ensejo da reorganisação para collocar a França não só ao nivel, mas acima das regiões que tem levado mais longe a diffusão popular da instrucção.»

Veja o sr. Ramalho que para tão alto fim o dr. Picot colloca o estudo das seis sciencias fundamentaes na instrucção superior, que é perfeitamente facultativa, ao passo que o sr. Ramalho quer o estudo d'estas sciencias obrigatorio para todos, e o seu estudo unico, completo, na instrucção secundaria!

\*

Permitta-se-nos que principiemos por levantar do texto d'esta exposição uma phrase que consideramos importantissima comquanto pareça extranha á doutrina e relativa unicamente á nossa individualidade. *O sr. R. incorre na falta de quem reproduz mais do que produz.*

Precisamos de declarar desde já, de pronto e cathegoricamente, ao sr. dr. Zeferino, a todos os nossos leitores, ao publico e sobre tudo ao nosso medico, que nunca em nossa vida fizemos



scientemente mais do que *reproduzir* ou quando muito *transformar*.

Produzir, isto é: ter idéas pessoaes, de gestação propria, pela fecundação de nosso proprio óvo operada por nós mesmos, — como Augusto Comte em uma das intercadencias da sua rasão, na crise mystica do seu cerebro, imaginou na «virgem mãe», — ter finalmente uma idéa nova, uma só que seja, é estar por esse simples facto fóra da humanidade, mais ainda: é estar fóra da natureza, e é atacal-a na lei das *uniformidades de successão* que constituem o modo de ser universal.

Em todo o trabalho immenso de codificação e methodisação das sciencias que forma a obra collossal de Augusto Comte, um dos maiores monumentos do espirito humano, tudo é sabido, tudo é velho, com excepção de uma unica parte a *politica positiva*, mas esta parte — *nova* — não é um phenomeno scientifico, é um symptoma pathologico: — o auctor da *politica positiva* tinha enlouquecido.

Emprasamos pois o sr. dr. Zeferino para que nos diga quando foi que as *Farpas* produziram o que quer que fosse!

Porque, se effectivamente *produzimos*, pas-

samos n'esse caso a solicitar da beneficencia publica um collete de força.

Ha novas idéas, ha idéas originaes, ha producção expontanea no nosso cerebro? Se ha, digam-o, porque n'esse caso trocamos immediatamente o caminho da *Typographia Universal* pelo caminho de Rilhafolles.

Se temos idéas nossas — vejam lá bem! — se as temos, deixamos immediatamente de pertencer ao publico; pertencemos ao dr. Craveiro.



Quer vêr agora o leitor paciente em que termos a *falsidade da nossa exposição, a nossa leviandade, a nossa falta de contraprovas pelos juizos de outros analysadores*, etc. se acha confirmada pela escola positivista, em nome da qual *unica e exclusivamente* o sr. dr. Zeferino nos verbera como se isto fosse uma questão de escola e não uma questão de idéas?

A escola positivista não tem por unico definidor geral o sr. dr. Zeferino, possui um órgão official, a *Revue de Philosophie Positive* dirigida pelos srs. Littré e Wirouboff e citada pelo mesmo sr. Zeferino como o codigo fundamental da sua doutrina.

N'esse código, que é ao mesmo tempo a *carta constitucional* e a *carta adorada* de s. ex.<sup>a</sup>, tomo 10, paginas 233 lê-se :

### **Ensino secundario**

É aqui o *coroamento do ensino encyclopedico*. A *somma dos materiaes e das noções concretas amontoadas até aqui* (NA INSTRUÇÃO PRIMARIA) é *sufficiente para permittir ao espirito abranger o conjuncto das sciencias abstractas cuja classificação dei já*. ESTA CLASSIFICAÇÃO ACHA-SE A PAGINAS 226 E 227 EXPOSTA NOS TERMOS SEGUINTE:

<i>Instrumentos de aquisição. . . . .</i>	} leitura } escripta.
<i>Sciencias propriamente ditas. . . . .</i>	} mathematica } astronomia } physica } chimica } biologia } sociologia.

*Tal é a unica classificação verdadeira das sciencias, tal é tambem o unico plano racional de uma educação scientifica integral ou encyclopedica.*



Creemos que o leitor tem comprehendido bem os termos em que pomos a questão.

As palavras que acabamos de transcrever em italico são traduzidas á letra de um extenso artigo em que o sr. Lafargue, collaborador da *Philosophia positiva*, colloca na instrucção secundaria — *a parte abstracta das seis sciencias fundamentais de Auguste Comte*.

O que quer dizer: que a opinião emittida por nós e que o sr. dr. Zeferino classificou de absurda unicamente *por não ter sido contraprovada pelos analysadores competentes*, mestres da philosophia positiva, está precisamente não só contraprovada mas prescripta pelos referidos analysadores e mestres no ultimo trabalho consagrado por elles á revisão dos programmas do ensino publico.

Véem portanto que o que nós trouxemos da praia da Cruz Quebrada, da convivencia das rolas, dos moinhos de vento e da babuge das marés — juntamente com alguns safios que tivemos a fortuna de pescar á linha na rocha do Bico — foi uma theoria authenticamente confirmada, contraprovada e garantida.

O que o sr. dr. Zeferino nos envia do recesso

das bibliothecas d'onde vem, do mysterio dos laboratorios em que tem vivido, do conciliabulo dos decanos universitarios com quem communica, é um puro erro de exposição tão erudito quanto flagrante, — procedente talvez de s. ex.<sup>a</sup> não ter querido ler para a averiguação d'este ponto senão até o tomo 7 da *Philosophia Positiva*.

O tomo 10 tinha chegado em setembro passado á Cruz Quebrada, e era precisamente á mão d'esse tomo que nós nos achavamos — bem como, de quando em quando, á do nosso banheiro — e não á de Deus Padre Todo Poderoso, como o nosso amavel doutor teve a bondade de acreditar que nos suppunhamos.

Se ousassemos imitar o stylo sacerdotal e gemitivo do sr. Zeferino, nós poderíamos exclamar: *Desgraçada educação universitaria é esta colhida clandestinamente nos livros de Auguste Comte e seus discipulos, se ella leva os doutores a taes resultados!*

Em vez de declamações estereis, nós preferimos todavia dizer a sua ex.<sup>a</sup> verdades simples e sinceras.

Quer s. ex.<sup>a</sup> que lhe digamos francamente, em boa amisade, onde é que nos supponos! ?

Supponho-nos na anarchia, na confusão, na indisciplina de idéas, de principios, de leis moraes, em que affundiu a sociedade de que fazemos parte. Achamo-nos por um lado sem as crenças em que se baseava o principio da fé no mundo velho, e por outro sem as convicções scientificas que deviam fortalecer e nobilitar a alma nova. Nós mesmos somos um producto do meio viciado em que estamos, somos uma creatura humilde, e obscura, mas legitima da sociedade a que pertencemos. Sómente, dentro da limitada esphera das nossas forças pessoaes, nós resistimos e protestamos. Resistimos pelo impulso de uma vontade honesta, isolada. Protestamos contra a educação que recebemos; protestamos contra as nossas instituições de ensino que julgamos absolutamente incapazes de crearem homens fortes, instruídos e honestos; protestamos contra a immoralidade progressiva e contra a corrupção crescente que essas instituições alimentam e mantem; protestamos finalmente contra a general indifferença dos espiritos por este estado de coisas, indifferença que ameaça rebaixar-nos até o ponto de poder converter-nos em — um paiz de gaiatos.

Quando alguma vez tocamos com mão inex-

periente alguns problemas difíceis e graves não é porque tenhamos a audacia de presumir resolvê-los como um ente superior e immaculado. O que temos — não por excepcional elevação de espirito mas por alguma rectidão de character — é o principio da simples honestidade que obriga todo o homem a quem o acaso distribuiu uma penna a ir pondo successivamente a sua palavra adiante de cada uma das interrogações que lhe suggere a sua alma.

Se nos temos arrojado a emittir algumas theorias, como, por exemplo, a da arte, a da religião, a da patria, a da familia, a do casamento a do divorcio, a do trabalho, se temos discutido algumas instituições como a imprensa, o theatro, o exercito, a igreja, a corôa, o parlamento, o ensino, etc., se sobre alguns ou muitos, ou todos esses pontos temos divulgado opiniões differentes ou oppostas ás opiniões consagradas, — é com uma profunda convicção de solidariedade e de responsabilidade que o temos feito, não com o intento de que a nossa palavra prevaleça no destino das soluções, mas para que ella atteste em publico a presença de um espirito em dissidencia e em revolta, o qual, em nome de outros espiritos em condições analo-

gas, nada mais pede do que ser esclarecido e guiado.

Quando porém vemos que as mais altas e importantes questões suscitadas pelas *Farpas* ninguém mais as discute nem as illucida na esphera competente, na esphera scientifica, na esphera philosophica, que querem que julguemos se não que essa esphera na sociedade portugueza está arrefecida, deshabitada, e não é mais que um pobre planeta exausto, morto, inutil, perdido nas solidões do espaço?

O sr. dr. Zeferino reprehende a *severidade com que apreciamos a ignorancia do paiz a ponto de nem ao menos encontrarmos quem possa estudar os vicios da nossa instrucção*. Não sabemos se ha quem possa estudar os vicios da nossa instrucção; o que sabemos é que não tem havido quem os estude. E isto não é uma hypothese, é um facto. Quarenta annos de dissolução inveterada e de decadencia progressiva só se explicam por quarenta annos de inepecia demasiadamente provada e perfeitamente manifesta.



Outro ponto que s. ex.<sup>a</sup> controverte é o do principio do concurso, que nós queremos abolido



e que s. ex.<sup>a</sup> deseja que continue em vigor.

N'esta parte ainda é o sr. dr. Zeferino quem se encontra em desaccordo com os livros que cita para nossa lição.

Na *Philosophia Positiva*, tomo 8, paginas 24 a 58, vem um artigo do sr. Georges Pouchet intitulado *O ensino superior das sciencias*, no qual a necessidade de abolir o concurso no interesse do ensino, segundo a organização allemã, necessidade exposta pelas *Farpas*, é mantida pelo auctor como a base de uma reforma urgente no professorado francez.

As curiosas affirmações do sr. Zeferino: *Um sabio que dá inferior prova n'um concurso oral prova «ipso facto» a necessidade de ser excluido do ensino; — Os sábios não são os melhores mestres; — O concurso não exclue senão os inhabéis; — O concurso afasta do ensino a perigosa intervenção das incompetencias; —* tem no artigo referido uma refutação plena em argumentos solidos e em factos precisos.

Frederico Savigny, o insigne mestre de direito romano, o creador da jurisprudencia historica e um dos primeiros professores do mundo, dizia do alto da sua cadeira na universidade de Berlim, segundo se lê na autobiographia do seu

discipulo Jacob Grimm, que o concurso oral era a porta aberta ás mediocridades.

O mesmo Jacob Grimm, o illustre philologo, descobridor da grande lei do deslocamento das consoantes nas linguas indo-germanicas, creador do methodo historico das linguas, professor de litteratura allemã na universidade de Goettingue, tinha uma invencivel difficuldade de exposiçãõ, e era pelo grande e sincero exforço que empregava para se exprimir claramente e pela paixão profunda que consagrava ás verdades do seu methodo que elle conseguia attrahir a attenção dos seus discipulos e fixal-a nos elevados assumptos que o preoccupavam. Na universidade de Coimbra vemos — por o que diz o sr. dr. Zeferino — que Jacob Grimm seria «ipso facto» excluido do ensino.

\*

A lista dos erros commettidos pelo sr. dr. Zeferino na sua allegação em favor do provimento das cadeiras pelo concurso oral termina com estas palavras: «*Homens de reconhecido merito, de subida consideração scientifica escrevem de fórma que ninguem os comprehende, ao passo que outros menos, muito menos instrui-*

*dos, escrevem com clareza e methodo muito superior.»*

Este postulado desautora um positivista e prova simplesmente que o sr. Zeferino ou não sabe o que é um homem de *reconhecido merito e consideração scientifica* (qualificações que só cabem á superioridade intellectual que resulta exactamente da posse de um methodo), ou não sabe o que é escrever com clareza e com methodo, confunde o estylo e o palanfrorio, e não differença as qualidades litterarias que distinguem os grandes livros dos livros mediocres e banaes.



Pelo que diz respeito ao methodo que indicamos para a adopção dos compendios, não podemos tão pouco conformar-nos com o sr. dr. Zeferino em que esse methodo esteja em desacordo por qualquer modo que seja com a instituição dos *privat-docendem*. Os compendios não são mais que um desenvolvimento complementar dos programmas e nada tem commum com o modo como devem ser escolhidos os professores.

Como parte integrante do nosso systema a referencia aos compendios tem ainda a vantagem

de mostrar ao sr. dr. Zeferino que não é pelo *Curso de philosophia positiva*, de Comte, mas sim por livros especiaes expressamente feitos para esse fim que nós desejaríamos que se ensinasse aos alumnos de instrucção secundaria a parte abstracta de cada uma das seis sciencias fundamentaes.

\*

Ha varias outras proposições do sr. dr. Zeferino que provam lamentavelmente quanto o espirito esclarecido de sua ex.<sup>a</sup> está longe da positividade philosophica.

« *O estado* — afirma por exemplo sua ex.<sup>a</sup> — *tem todo o direito e obrigação de intervir nos concursos.*

Parece-nos perigoso positivista o que assim demonstra ignorar as leis mais geraes da doutrina que imagina professar, e tendo lido Comte, Littré, Robin, Wirouboff, Lafargue, todos os eminentes systematisadores, desconhece ainda o principio fundamental em sociologia: — que o Estado se acha constituido metaphysicamente e que a sua intervenção directa e constante no ensino, esmaga a auctoridade espirital da sciencia, corrompe-a nas suas fontes e perverte-a nos seus fins.



Segundo, s. ex.<sup>a</sup>, a *posição social* dos que aprendem é uma circumstancia que importa atender na fixação dos programmas, não convindo sobrecarregar de noções scientificas o *filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus*.

Aqui a intenção pathetica do stylo, menos proprio talvez de um mathematico e de um philosopho moderno que de um velho auctor de novellas pastoris, encobre um outro gravissimo erro de doutrina. Com excepção dos cursos de applicação, a instrucção facultada a um povo — no ensino primario e no ensino medio — não distingue a *condição social* dos individuos e tem unicamente em vista preparar homens com a somma de idéas indispensaveis para serem simplesmente — homens, isto é, para não quebrarem por meio do desequilibrio do seu peso bruto os elos mais altos ou os mais baixos da extensa cadeia da dignidade e da solidariedade social. *O filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus* é alguma coisa um pouco mais definida do que uma paraphrase bucolica: chama-se na industria um *agricultor*, chama-se na politica um *cidadão*, chama-se na familia um

*pae*, e não se chama *um filho das serras* senão na critica philosophica do sr. dr. Zeferino.

Como cidadão, como chefe de familia, como agricultor, esse individuo a quem a prudencia do sr. Zeferino não distribue mais alimento espirital que a cartilha e as quatro especies, precisa no entanto para cultivar o seu campo e para educar os seus filhos, sem perigo para a civilisação, de uma variedade de conhecimentos muito mais vastos do que aquelles de que necessita um cathedratico da faculdade de mathematica na universidade de Coimbra para explicar aos seus alumnos o calculo das funcções indirectas.

✱

O sr. dr. Zeferino diz ainda: «O estado da civilisação em geral e em particular *do paiz para que se legisla* são outras «causas» (?) que modificam a distribuição da instrucção.»

Se o que sua ex.<sup>a</sup> pretende enunciar n'este periodo confuso é — como dedusimos por concordancia com os periodos anteriores — que no modo de distribuir a instrucção se deve attender ao estado da civilisação variavel segundo os paizes para que se legisla — temos de lembrar-lhe que essa delimitação geographica é inadmis-

sível na sciencia e por conseguinte na instrucção.

A Europa, como sua ex.<sup>a</sup> bem sabe pela leitura dos philosophos seus confrades, é uma grande confederação espiritualmente indivisível, com interesses mentaes communs a todos os povos.

A paz e o progresso dependem essencialmente d'essa *unificação intellectual*, que todos os pensadores modernos se esforçam por levar a effeito, e que o sr. dr. Zeferino — um philosopho e um positivista — pede, simplesmente, em nome da philosophia e em nome da positividade, que se disgregue e se delimite com relação a cada estado!

Em nome da sciencia, que o sr. dr. Zeferino cultiva, pedimos-lhe que se resigne a aceitar o principio que as *Farpas* expressaram na unica formula verdadeira: *o que um paiz deve aprender não se restringe por considerações de especie alguma além d'esta: — o que esse paiz póde ensinar.*

\*

As aberrações a que nos temos referido levar-nos-hiam a duvidar que o sr. dr. Zeferino fosse um positivista, a recusar-lhe talvez inteiramente

ramente essa qualificação, se a sua palavra nos não merecesse todo o credito e não fosse sua ex.<sup>a</sup> mesmo quem afirma ser o *apostolo d'essa religião sublime, prégada pelo auctor da Philosophia positiva.*

Resta-nos pois desejar-lhe que o continue a ser por muitos annos e bons, e que a deusa Sabedoria o preserve dos grandes perigos que se nos figuram appensos aos seus trabalhos de evangelisação na senda resvaladiça das symbolicas ladeiras coimbrãs!

Auguste Comte, como sua ex.<sup>a</sup> mui bem sabe, foi um homem duplamente dotado com um grande genio e com uma dispepsia. Do genio resultou a creação da philosophia moderna, que o immortalisou. Da dispepsia resultou uma affecção do cerebro e da espinhal medulla que lhe invadiu as faculdades e o arrancou da sciencia para a sepultura. Deixou duas heranças distinctas: a obra do seu genio e a obra da sua dispepsia. Os discipulos tomaram conta de tudo, repartiram, e ficaram divididos em dois grupos diversos. O primeiro grupo, presidido pelo sr. Littré, recebeu a herança do genio. O segundo grupo, presidido pelos srs. Robinet e Laffite recebeu a herança da dispepsia.



E assim ficaram existindo um por traz do outro dois positivismos differentes.

Ora o que nós vivamente receamos é que o intenso esforço impulsivo que o espirito tem de fazer sobre si mesmo para saltar do methaphysismo universitario para a philosophia positiva leve alguns dos catechumenos conimbricenses a exagerarem o pulo, passando por alto o positivismo scientifico e caindo de chofre no positivismo Laffite. Por tal modo, em vez de procurarem reformar as suas idéas, os seus sentimentos e os seus actos segundo o criterio scientifico, darão comsigo na preocupação da *orthodoxia* e no *cultismo* das formas, e não se affirmarão na reconstituição dos principios senão redigindo *bullas* e *breves* contra os hereticos, e acolytando o sr. Zeferino Candido, *apostolo*, e o sr. Emygdio Garcia, *pontifice*, junto do altar de Madame de Vaux para a celebração das festividades do — Grande Ser.

Acabamos de vêr que uma folha do Porto transcreve nas suas columnas o artigo que o sr. Zeferino Candido nos dedicou na *Evolução*, precedendo a transcripção das seguintes palavras :

\*

É uma resposta ao ultimo numero das *Farpas*, que se occupou da reforma da instrucção publica em Portugal e uma salutar lição á philaucia ultra-pedagogica, com que o seu redactor arremette com todos os assumptos, ainda os mais graves, confiado na insciencia dos conterraneos, cuja ignorancia,—segundo uma phrase de s. ex.<sup>a</sup>, mais sonora que sensata,—elles nem sabem medir.

O artigo do sr. Ramalho foi tão fallado, despertou tanto a admiração dos taes que effectivamente se conservam debaixo da alçada da sobredita phrase, que julgamos até um dever popularisar-lhe a réplica, patenteando assim aos seus admiradores superficiaes até onde é aceitavel a prosa de s. ex.<sup>a</sup>, viva, espirituosa, irrequieta, reveladora de um espirito incapaz de se sujeitar por muito tempo ao estudo, serio, grave, profundo, e mais ainda á solução dos grandes problemas que agitam hoje nas mais renhidas controversias os espiritos dos homens superiores da Europa.

Não é folheando dictionarios de sciencias, cujas bases se ignoram, nem transcrevendo trechos, cuja doutrina na traducção inconsciente se altera e transtorna, nem citan-

do nomes de auctores, cujas obras se conhecem apenas pelos catalogos das livrarias, não é d'essa fórma que se adquire a auctoridade sufficiente com que o illustre redactor das *Farpas* gruda na fachada de todos os estabelecimentos scientificos do paiz este cartaz — *asylo da ignorancia*.

Felizmente, apezar de estarmos longe de nos inculcarmos á Europa, como uma nação medianamente erudita, ainda não vivemos n'uma terra onde o sr. Ramalho se faça aclamar *rei*, pelo facto de ter um olho, —segundo o velho rifão. O artigo seguinte provará a s. ex.<sup>a</sup> que ha tambem em Portugal, quem seja *escoreito* de ambos os olhos.

\*

O periodico a que devemos a distincta honra do referido artigo é *A Lucta*.

---

Na sessão solemne da abertura da escola medico-cirurgica de Lisboa, o director da mesma escola, nosso illustre amigo, o dr. Thomaz de Carvalho, declarou com uma delicadeza amavel

que o *conhecimento da medicina era familiar a sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I.*

\*

Compreende-se a espirituosa intenção *gris-perle* que dictou as palavras do dr. Thomaz de Carvalho. Sendo um dos homens de mais vasta capacidade intellectual que temos conhecido, um verdadeiro encyclopedico no sentido mais moderno d'essa palavra, profundamente versado nas sciencias physicas e sociaes, grande medico, fino litterato, eminente homem de sociedade, investigador infatigavel de todos os desenvolvimentos do espirito, sobra-lhe ainda tempo para ser uma ou duas vezes por anno — para descansar talvez — um cortezão amavel. Assim, cabendo-lhe receber el-rei na escola de medicina por occasião da distribuição dos premios aos alumnos da faculdade, e não podendo n'esse acto offerecer ao soberano, nem um baile, nem um concerto, nem um *vuelta de abajo* da sua charuteira, nem uma camelia da sua varanda, o dr. Thomaz de Carvalho offereceu a sua magestade a unica coisa que se lhe podia offerecer n'aquella casa — um diploma de medico. Como el-rei não recusou nem agradeceu essa offerta,

tomando-a como pura amabilidade no seu discurso de resposta, é claro que aceitou a declaração do director da escola como a legitima sanctão de um verdadeiro diploma, de uma carta, de um novo titulo, legitimamente consagrado, para accrescentar aos que já exornam a augusta pessoa de sua magestade: — Rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, doutor *in absentia* pela escola medico-cirurgica de Lisboa, senhor de Guiné.

\*

A nova cathegoria scientifica de sua magestade vae alargar extraordinariamente a esphera das attribuições da corôa, a força dos seus direitos e a extensão dos seus dominios.

Sua magestade, que até aqui era, segundo a carta, o *poder que modera*, principia a ser de hoje em diante, segundo a escola medico-cirurgica, o *poder que regula*, e além da immensa força que se contem nas balas, sua magestade passa a dispôr da força não menos formidavel que se contem nas pilulas.

\*

Em nome de el-rei, legalmente auctorizado

pelo titulo conferido pela escola de medicina, o governo poderá d'aqui por deante, não só lançar-nos impostos, mas lançar-nos — bichas!

Com o discurso a que nos referimos na algebeira, e com um bom regimento de enfermeiros atraz de si, o poder moderador acha-se legalmente habilitado para penetrar em nome da sciencia no domicilio de cada um de nós, e em nome da mesma sciencia, cortar-nos cirurgicamente uma perna ou fazer-nos um furo na cabeça.

Depois de proferido e de publicado no *Diario* o diploma alludido, este novo poder — scientifico por um lado, irresponsavel por outro — pertence de direito a el-rei. Conferiu-lh'o o tribunal competente. Hão de reconhecer-lh'o forçosamente as côrtes. Ha de ampliar-se proporcionalmente a letra da carta no art. 71.º Onde se diz: — *O poder moderador é a chave de toda a organização politica* — accrescentar-se-ha: — *e bem assim de todas as boticas.*

Os povos reconhecerão com jubilos constitucionaes a nova prerogativa da corôa, e nas suas tribulações, appellando para o direito de petição, implorarão da alta sabedoria de sua magestade — a clemencia e a jalapa.

E a regia munificencia, acudindo ao grito lancinante do seu povo, intervirá com egual amnistia nas prisões do estado e nas prisões do ventre.



Senhor da conquista e navegação da Ethiopia, Arabia e Persia e da pharmacia Durão, sua magestade não poderá deixar de modificar os usos da pragmatica e de exigir dos seus vassallos não só os signaes de submissão e confiança que se devem ao principe mas tambem os que se devem ao medico.

Deveremos de ora ávante assegurar respeitosa e a el-rei não só os nossos sentimentos politicos mas os nossos estados pathologicos. N'esta occasião, por exemplo, se nos dirigissemos ao soberano, diriamos :

«Tenho a honra de beijar submissamente a mão de vossa magestade com a mais profunda dedicação pela excelsa dynastia de vossa magestade — e com uma picada no figado.»

E nas recepções do Paço, nos dias de grande gala e nas noites de baile, nenhum vassallo, nenhuma dama da côrte, nenhum grande do reino, nenhum diplomata, nenhum ministro, nenhum general poderá exhimir-se ao acto de deferencia

de se inclinar na passagem do monarcha e de lhe mostrar a lingua, conservando-a palacianamente de fóra até que o principe se digne, segundo o estado em que a vir, de a mandar recolher ou de lhe applicar bismutho.

\*

Fazemos votos fervorosos aos ceus para que sua magestade se compenetre devidamente dos deveres e das responsabilidades que a sua nova cathegoria lhe impõe, de sorte que memorando o uso benefico da sua competencia medica sobre os destinos do seu povo, a historia diga um dia de tão sabio principe :

*Sua magestade, — por graça de Deus, da Escola Medico Cirurgica e do seu proprio as-sentimento, — Pronto Alivio I!*

---

Emquanto a opera — a mais elevada, a mais completa, a mais perfeita expressão da arte—



não assumir definitivamente o character religioso e sacerdotal que Wagner procura dar-lhe no novo theatro de Beyreuth, emquanto a representação do poema scenico continuar a ser um fim de luxo, de aparato e de prazer, Offenbach cujas operetas uma companhia franceza está actualmente representando em Lisboa, será um insubstituivel artista.

Não eleva os espiritos mas limpa os cerebros.

Não dá a concepção dos grandes ideaes que nobilitam e fortalecem o homem, mas desfaz alegremente n'um couplet, com dois golpes de arco e um compasso de mazurka, os ideaes mesquinhos e falsos que entorpecem o criterio, estropiam a verdade e compromettem a justiça.

Offenbach é um dos grandes sapadores benemeritos aos quaes este seculo deve a demolição immensa que é a sua obra mais definitiva e mais gloriosa.

Quando a batuta do sarcastico maestrino bate um tempo de alegre a uma instituição, essa instituição, condemnada por elle, estremece nos seus velhos alicerces.

Um compasso mais na orchestra, mais um pouco de vermelhão na face dos bôbos, mais um impulso de brocha na tela, mais um rasgo de

penna na phrase, e o que até ahí se considerava pomposo, solemne, immutavel, indiscutivel, eterno, sagrado, divino, desabará ao estrepito das gargalhadas como enormes andaimes de ripes e lixo aluidos entre ôdres que espipam, sopradas hexigas que estoiram e retumbantes zabumbas que esfalfam e rebentam.

Como as legiões invasoras da primeira republica, as operetas de Offenbach teem dado a volta ao mundo, levando no rufo diabolico dos seus pandeiros, no silvo viperino dos seus flautins, nas arcada mephistophelica dos seus violinos e dos seus contrabassos, não a idéa politica, mas a idéa litteraria da emancipação e da liberdade, servidas pela cançoneta e pela caricatura.

Uma das fórmulas da superstição mais difficil de dissipar, apesar de ser porventura a mais funesta ao progresso, é o respeito pelos falsos personagens, pelas falsas pompas, pelos falsos meritos. Offenbach fez este serviço ás idéas: pegou no respeito por uma orelha, trouxe-o ao tablado, á presença do povo; pôl-o em trajos menores; sacudiu-lhe as algibeiras cheias de pontas de cigarros, de phosphoros de pau e de caixas de capsulas secretas; tirou-lhe baralhos

de cartas marcadas de dentro das botas ; desco-seu-lhe das costuras as libras falsas que trazia escondidas ; bateu-lhe na nuca e fez-lhe sair pela boca para cima de um prato um ovo roubado ; no meio da vozeria, da assoada, dos asobios, da troça, dos guinchos, das gargalhadas, dos pulos, cobriu-o de pós, de esguichos de agua, de mascarras de breu e de cortiça queimada ; escarranchou-se-lhe nos hombros ; deu-lhe com os calcanhares nos vasio ; obrigou-o a trotar, a dar cambalhotas, a despedir coices, a cantar de gallo ; envolveu-o n'um *cancan* vertiginoso entre copos quebrados, garrafas vasio e cascas de ostras ; e, terminando este processo, ao cair do panno, agarrou o velho respeito com as pontas de uma tenaz, como um trapo sujo, e deitou-o fóra, — fóra da critica e fóra a discussão.

O rei Bobeche, o general Boun, o barão Grog, a Côrte de Granada e a Côrte de Mantua, a *Grã Duqueza*, são outros tantos golpes incuraveis vibrados aos reis, ás còrtes, á diplomacia, ao militarismo e á sentimentalidade.

Assim, quando chegar o grosso do exercito que vem atraz de Offenbach e que se chama a grande arte serena e a grande sciencia austera, sciencia e arte encontrarão nos territorios bati-

dos pelas alegres escaramuças d'este guerreiro madrugador alguns espaços bons, terra-plenados e enxutos, propicios para acampar, para levantar as tendas e para desdobrar as bandeiras entre gente dedicada e amiga.

Offenbach, pondo em scena o descaro e o cynismo, fez—sem ointentar, sem mesmo o saber, uma obra de moral: foi o collaborador de Proudhon na demolição da enervante litteratura chamada *poetica*. O serviço que a critica philosophica do auctor da *Justiça na revolução e na igreja* fez á hygiene social despedaçando a obra romantica de George Sand, fel-o igualmente, posto que por meios differentes a opereta de Offenbach. Proudhon discutiu e refutou com o methodo de um philosopho e com a indignação de um democrata. Offenbach, sem intuitos philosophicos, com a simples petulancia de um garoto de boulevard, penetrou com o seu bilhete de artista no templo do romantismo, onde estavam todos os santos e santas do calendario lyrico *Rosa e Branca, Lelia, Valentina, Indiana, Carlota, Julia, Corina, Elvira, Stenio, Teverino, Raphael, Jocelyn, o Filho do Seculo, Antony*. Finalmente a legião completa dos canonisados da arte. Todos esses martyres de um e de outro

sexo, todas essas damas franzinas e meigas de vestidos subidos e olhos baixos, todos esses cavalheiros de altivas attitudes, longos cabellos, faces pallidas e olhos pizados, viviam, promiscuamente, na concubinagem, no adulterio, no amor livre, na bohemia galante uns d'elles, outras no ocio do olympto e no luxo das fabulas, todos no desdeni da vida real e da moral burguezia em que se cria o vulgo abjecto das mulheres honestas e dos homens honrados.

Em volta do templo litterario em que se ostentavam estes idolos jaziam n'uma prostração beata e lacrimosa meninas de cuias cheias de caspa e dentes por escovar, desquitadas da agulha e da vassoura por incompatibilidades de genio, com um volume de uma bibliotheca romantica e um masso de cartas de namoro na algibeira rasgada do vestido sujo, — caixeiros que roubavam seus patrões para beberem champagne e fumarem *carvajales* em companhia sentimental, — jovens litteratos de mãos suadas e unhas roidas vivendo do officio de alinhar coisas obscenas em palavras sonoras e em cadencias symetricas, — as senhoras hystericas, — os funcionarios relassos, — finalmente todas as enfermidades moraes, com as enfermidades physicas

correlativas, todas as tristezas, todas as ociosidades, todas as devassidões, toda a miseria e toda a crapula da enorme legião dos sentimentalistas.

Offenbach, a quem este espectáculo da arte e das suas influencias sociaes nem commovia como philosopho nem molestava como humanitario, não discutiu nem protestou. A unica coisa que elle fez como espirituoso artista, chegando á sobremesa do banquete romantico e reconhecendo a especie de companhia em que se achava, foi deitar fóra a mascara de rigor em cada convivencia, desabotoar o *collete*, accender a cigarreta, dar pansadas nos ventres de Antony, de Stenio e de Jocelyn, metter os espargos pelos buracos do nariz de Lelia, despejar o Bordeus por cima da cabeça da Indiana, atirar amigavelmente com as talhadas do puding aos decotes de Julia e de Valentina, e convidar toda a sucia para ir acabar a noite a Mabilie.

Vamos, meus senhores e minhas senhoras! Á vontade! Na arte como na arte! Ande, Antony, você é um patusco; tire par! Jocelyn! olha que te estão a subir á cabeça os camarões que comeste em casa de Bignon; faze exercicio, homem! digere! desenferruja-me es-

sas pernas n'uma valsa com Valentina! Olhem Lelia como chega com o bico do pé á gravata branca de Raphael!

E o publico pasma! De que?... Pois não vê que o cancan de Offenbach é o desfecho mais logico, o mais natural, o mais scientifico da poesia de Lamartine?!

O romantismo de algum modo havia de acabar. Entregue a si mesmo, terminaria liquidado pela tísica, pela chlorose e pelo idiotismo. Com a intervenção offenbachica acaba simplesmente pela orgia, por uma orgia que tem o sentido moral de um enterro. E' o *requiescat in pace* da velha arte. Adeus ó pallidas adúlteras! adens ó desgranhados lunaticos! D'ahi, de dentro das operas de Offenbach, não tornareis a sahir para corromper a saude ás raparigas e para estragar o miolo aos rapazes! D'ahi não sahireis mais para parte nenhuma, a não ser, talvez, para o Carmo. Como elemento d'arte morrestes para todo o sempre. Não deixaes saudades porque não causaste senão damnos. A arte de que provinheis tinha um enorme vicio original: era triste, e bastava isso para a fazer immoral.

A alegria é a saude da alma. Procurar mantel-a e cultival-a é exercer a virtude. Todo

aquelle que entristece está na doença. Todo aquelle que passivamente se entrega a esse estado morbido e vicioso attenta contra a energia da humanidade, offende a natureza, e devemos consideral-o em peccado mortal.

Como todas as demais forças do nosso espirito, como a reflexão e a memoria, a alegria deperece quando se não exercita pelo vigor da vontade. A melancolia é um dos symptomas da preguiça cerebral, medonha enfermidade contagiosa que a arte tem por fim immediato combater e curar, e que sem a arte se poderia converter, como succedeu na idade media, na condemnação de muitas gerações a uma existencia de lagrimas.

Louvados e abençoados sejam pois os artistas cujo contacto espiritual, suscita no homem a sã, a vigorosa, a divina faculdade do riso! Elles são para a humanidade os maiores bemfeitores.

Teem sido tidas por impudicas as obras de Offenbach. Mas precisamos de perguntar: O que é que a sociedade chama impudico na arte?

Parece-nos que um editor tocou ha pouco tempo a verdadeira natureza d'esse caracteristico, publicando uma serie de livros sob esta



designação especial — *bibliotheca para homens*.

Ha livros, ha romances, ha comedias que o pudor social entende que não devem ser conhecidos das mulheres e que todavia não pervertem nem o espirito nem a consciencia do homem.

Que propriedades especiaes são essas que distinguem perante o sentimento da delicadeza publica *os livros d'homem e os livros de mulher*, a comedia para divertimento dos *paes* e a comedia para divertimento das *filhas*, o theatro dos *maridos* e o theatro das *esposas*? Eis um grave ponto que, por mais delicado e mais fragil que pareça, é absolutamente preciso que, no nosso proprio interesse moral, se deslinde com a maior clareza e o maior rigor.

A differença que leva á separação das obras d'arte nas duas cathogorias referidas, bazéa-se no seguinte principio:

Ha em biologia um phenomeno que se chama — no seu verdadeiro nome, que é indispensavel proferir, — *a eleição sexual*.

A este phenomeno capital, de que resulta o que ha mais importante na natureza humana — a raça — estão ligadas todas as noções da grande, da austera, da sublime sciencia da vida: a theo-

ria da dualidade vital, a evolução cellular, a fecundação, a embriogenia, a geração, o nascimento, o atavismo, a reprodução dos característicos da nossa raça ou da nossa familia, a configuração do nosso craneo, o nosso volume cerebral, o nosso temperamento, a orientação mental de cada geração, ou a genese chimica e anatomica das suas commoções, das suas tendencias, das suas ideias, dos seus actos, finalmente todos os interesses relativos ao ser humano.

É em volta d'esse phenomeno biologico primordial — a *eleição sexual* ou a lucta de um dos sexos pela posse do outro — que tem versado todas as obras da arte moderna, todos os romances, todos os dramas, todas as comedias dos ultimos annos.

Ha dois seculos que a phantasia dos artistas não conhece outro elemento de inspiração. O destino da *litteratura de imaginação* tem sido volitar constantemente sobre o *grande facto*, não cessando de o envolver nas allusões poeticas, nas allegorias, nos incidentes remotos que elle pode originar, instituindo-se por este modo uma litteratura hypocrita, irritante, immoralissima, profundamente morbida, destinada a accordar em redor de um phenomeno — o mais profundo da na-

tureza — todas as curiosidades obscenas, todas as perversões imaginaveis, todos os impulsos do temperamento, todos os desfallecimentos do character, creando-se para este jogo ignobil uma linguagem especial, uma technologia sordida, na qual todos os termos castos da anatomia, da physiologia, da pathologia, são substituidos por palavras ôcas, de um sentido methaphysico, tão sonoras e musicas de contextura quanto impuras e abjectas de intenção.

E o facto scientifico que, como dissemos, serve de eixo á grande evolução poetica e litteraria, a poesia e a litteratura não o discutem nunca senão no seu sentido mais figurado e mais trans-lacto. Porque? Porque, revelada a natureza scientifica do phenomeno animal inspirador de toda a obra do sentimentalismo, a poesia lyrica e a prosa romanescas cahiriam para sempre no sepulchro das podridões banaes.

Posto isto, quaes são os livros que a critica-pudôr permite ás mulheres e quaes são aquelles que a mesma critica lhes veda.

Os romances, as comedias, os dramas, as operas, visados e auctorisados para a leitura feminina, são aquelles em que o phenomeno phy-

siologico *eleição sexual* é tratado por periphrases mais ambiguas e mais remotas do assumpto.

Os livros vedados á delicadeza feminil são aquelles em que o mesmo phenomeno é atacado de mais perto, mais directamente, mais no vivo da sua natureza puramente animal.

Por tal modo — pensemol-o bem — os livros defesos á mulher são os livros mais profundamente concebidos, e acrescentarei mais castamente pensados. Ella ficará desconhecendo a obra monumental dos naturalistas modernos, os livros immortaes de Darwin e de Claude Bernard, as vulgarisações luminosas de Le Bon e de Letourneau, finalmente todas as acquisições scientificas mais proprias para elevarem e para enobrecerem a razão e o pensamento humano.

Os livros que, pelo contrario, lhe permitem e lhe facultam, mantendo o espirito da mulher n'uma ignorancia funesta á sua dignidade de creatura pensante, atacam-a no ponto fraco da sua imaginação desarmada, esbraseam-lhe as faculdades pela excitação febril das curiosidades insaciaveis e promovem as causas secretas da

maioria das enfermidades que devastam o sexo feminino nas sociedades civilisadas.

O que portanto podemos dizer com relação não somente as operetas de Offenbach que são a caricatura burlesca, mas a outras obras de maior alcance artistico como por exemplo *Madame Bavy*, de Gustave Flaubert, e o *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, que são o retrato historico, é que nos costumes actuaes está por crear o criterio que deve julgar essas obras. Não entanto, pelo que diz respeito ao livro de Eça de Queiroz, consagrar-lhe-hemos no nosso proximo numero a attenção a que elle tem direito.

---

O marechal Saldanha, ultimamente fallecido, foi o vulto mais apparatuso e mais brilhante da sua geração, e teve entre os seus contemporaneos uma popularidade incomparavel. Tinha todas

as qualidades que distinguem o homem privilegiado para os triumphos das ruas e das salas. Era valente e era além d'isso bello, ingenuo e bom. Os homens que militaram com elle não conheceram nunca amigo mais fiel, camarada mais generoso e mais dedicado. As mulheres de quem elle uma vez se aproximou, no tempo em que a mocidade radiava nos seus bellos olhos peninsulares e no sorriso espirituoso que sublinhava a curva marcial do seu bigode, nunca mais o esqueceram. A imagem esvelta e aguerrida do joven general povoou muitas imaginações inflammaveis e devia ter apparecido por muitas vezes em sonhos aos cadetes ambiciosos e ás mulheres romanescas. Porque, se ninguem com mais bravura conduzia um exercito na batalha, ninguem com mais perfeita graça conduzia na valsa uma senhora.

Alcançando na mocidade as mais altas honras que pôde appetecer um soldado e a mais subida qualificação politica a que pôde aspirar um cidadão, o marechal Saldanha na força da idade viril, quando quasi todos os outros começam a existir, concluia a sua missão social — e principiava a acabar.

Sem faculdades governativas, sem espirito

organizador, sem methodos philosophicos, sem a previsão scientifica do futuro das sociedades e da evolução dos povos, finalmente sem um *destino mental*, o duque de Saldanha, com pouco mais de trinta annos começou a ser — um velho.

Porque envelhecer não é mais do que isso:— acharmo-nos no mundo sem uma missão que cumprir. Todo o espirito que se encontra n'essas condições entrou no seu periodo senil e por mais eminente e superior que até ali tenha sido, nada mais lhe resta desde esse momento do que desaparecer pela morte ou principiar a estorvar pela sua decadencia os desenvolvimentos da sociedade sobre que possa actuar.

O antigo prestigio militar do guerreiro sem medo e sem mancha entregou em varias crises politicas as redeas do governo ao nobre duque; elle porém deixou-as cair successivamente das suas mãos inhabeis depois de haver tentado inutilmente encaminhar o carro do estado para a cidade ideal, que elle não sabia para que ponto ficava no horisonte enublado.

Na politica todas as virtudes militares que tinham feito a sua gloria aggravavam a sua incompetencia. Nos mais graves e melindrosos ne-

gócios da governação tinha a intrepidez temerária e irascível do antigo commandante de esquadra, e as dificuldades, superiores ao alcance do seu espirito, desatava-as com a ponta do seu sabre.

Nas suas relações particulares, nas suas convivencias de secretaria e de ministerio esquecia pelo contrario os orgulhos de estadista e caia nas suas inclinações de acampamento, tinha a boa fé generosa, a credulidade facil, a complacencia illimitada, a docilidade quasi pueril caracteristica dos temperamentos athleticos, dos homens valentes e dos soldados ingenuos.

Como escriptor — do mesmo modo que como politico — o duque de Saldanha, obedecendo sempre aos effeitos fataes d'essa *senilidade prematura* que é a chave do periodo extra-militar da sua biographia, não soube utilizar a sua pena no interesse do seu tempo, e fez dois livros de superstição: uma dissertação theologica e um tratado de homoeopathia.

Na industria, como na politica e na litteratura, as suas emprezas — o alto forno da Marinha Grande, as piscinas de Cintra, o caminho de ferro Larmanjat — denunciam uma especie de somnambulismo as faculdades dirigentes.



O seu destino era unicamente a guerra. Com a espada na bainha todos os seus passos eram vacilantes e sem rumo. Os seus erros deviam ter contribuido beneficemente para desenganar as gerações guerreiras que saber caminhar impavidamente e heroicamente para a morte nos campos da batalha não é uma razão absolutamente precisa — como suppunham desgraçadamente os companheiros de D. Pedro IV — para caminhar com igual firmeza para a verdade na solução dos problemas sociaes.

Um joven militar, jornalista eloquente e espirito entusiasta, consagrando hoje no *Diario Illustrado* um artigo cheio de sympathia e de dedicação á morte do marechal, escreve a respeito dos sentimentos d'aquelles que o acompanharam á sua ultima morada as seguintes linhas expressivas :

«A uns move-os a curiosidade, a outros o respeito pelas convenções. Não ha uma corrente nervosa que prenda toda aquella gente na mesma commoção, no mesmo affecto, o que é o grande caracteristico da vitalidade de um povo. Vão adormecidos, vão esquecidos de todo. Vae serpeando nas ruas aquelle oceano de impassibili-

dade. Chega a pensar-se que a misericórdia do acaso lhe tirou a luz da consciencia para elle não sentir a enormidade da sua falta, nem a grandeza da sua perda.»

A razão da indifferença e do esquecimento publico a que esses periodos magoados se referem é que ha já quarenta annos que o nobre duque de Saldanha morreu para o seu seculo, deixando desde então de ser um verdadeiro homem publico para ser apenas — um grande personagem official.

É por isso que elle desapareceu da terra sem que o acompanhassem as lagrimas com que se deploram as grandes perdas da humanidade.

Se o marechal tivesse morrido no momento de cumprir a sua missão perante o progresso, se tivesse morrido ao mesmo tempo que acabou, ao embainhar a sua espada posta ao serviço da revolução, em 1834, uma cidade inteira, habitada pelos homens que em Portugal mais teem sabido comprehender, amar e defender a liberdade, — a cidade do Porto — choraria a morte d'elle como a catastrophe mais pungente e mais dolorosa.

Hoje é tarde para fazer vibrar a sensibilidade publica deante dos symbolos, ainda os mais augustos, da gloria militar.

A coragem attributo guerreiro, de todas as qualidades do animo a que mais prestigio lança sobre quem a possui, começa-se a comprehender que pode ser tambem uma virtude paisana.

A coragem burgueza, bem definida nos costumes, acabará por dar um logar subalterno na estimação do publico á coragem militar. E este resultado será uma enorme conquista para a humanidade e para a justiça.

*A coragem burgueza* é indubitavelmente uma virtude civica superior á *coragem militar*. Exerce-se em qualquer estado e em qualquer condição social, — fazendo-se sapatos, escrevendo-se livros, vendendo-se bacalhau, e manifesta-se obscuramente na *lucta pelo dever*.

N'essa peleja de cada dia, de cada hora quantos inimigos para combater!... o desalento; o cansaço; a preguiça; as suggestões da corrupção; a peita do interesse; a ingratição dos que servimos; a calumnia dos que molestamos; o esquecimento a que são geralmente votados os trabalhadores modestos; a hostilidade de que são objecto os caracteres irreconciliaveis com as

infinitas tolerancias; o facil exito da insignificancia ambiciosa que se submette á doblez, á intriga e á trapaça. A tudo isso, resistir pelo trabalho n'um isolamento nobre mas austero e arduo. E a tantas forças combinadas pela natureza e pela sociedade, — quer dentro de nós mesmos pela inclinação egoista, quer fóra de nós pelas sollicitações dissolventes — oppôr a unica força de um braço solido, arregaçado, que maneja um tear ou que carrega um fardo. Resistir pela força do musculo, que produz o trabalho, e triumphar pela força da alma, que produz a alegria. Dar tudo quanto o esforço humano pode dispender — em inergia, em tenacidade, em abnegação, em sacrificio — para conquistar o que ? um castello ? uma villa ? uma provincia ? um paiz estranho ? um continente desconhecido ? Não. Para conquistar unicamente a affirmação da nossa consciencia no dever despremiado dos homens de bem. — Eis o que é ter a coragem burgueza.

Ser corajoso por esse modo não é sómente arriscar a vida n'um transe duvidoso, é sacrificial-a de um modo certo, porque todo o trabalho profundo é um lento suicidio heroico e sublime.

Consagrando estas palavras ao marechal Saldanha julgamos prestar á sua memoria o tributo que se lhe deve. É faltar ao respeito á morte o esconder deante d'ella a verdade.

ESTÁ À VENDA

---

---

EÇA DE QUEIROZ

---

O CRIME

DO

**PADRE AMARO**

---

EDIÇÃO DEFINITIVA

---

UM VOLUME EDIÇÃO NITIDA

1\$000 RÉIS